

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

**Matheus Sampaio de Souza**

**A COBERTURA DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS:**  
estratégias e mensagens do Jornal Nacional em editorias especializadas.

**Juiz de Fora**  
**2019**

**Matheus Sampaio de Souza**

**A COBERTURA DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS:**

estratégias e mensagens do Jornal Nacional em editorias especializadas.

Dissertação apresentada ao curso Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Ademir de Oliveira.

Juiz de Fora  
2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Sampaio de Souza, Matheus.

A COBERTURA DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS :  
estratégias e mensagens do Jornal Nacional em editorias  
especializadas / Matheus Sampaio de Souza. -- 2019.  
249 p.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Ademir Oliveira.

Coorientador: Prof. Dr. Márcio Oliveira Guerra

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós Graduação em Comunicação, 2019.

1. Jornalismo Esportivo. 2. Jornal Nacional. 3. Copa do Mundo. 4. Jogos Olímpicos. 5. Comunicação. I. Oliveira., Prof. Dr. Luiz Ademir, orient. II. Oliveira Guerra, Prof. Dr. Márcio, coorient. III. Título.

Matheus Sampaio de Souza

**A COBERTURA DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS:**  
estratégias e mensagens do Jornal Nacional em editorias especializadas.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Aprovado em 27 de 02 de 2019

BANCA EXAMINADORA



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Luiz Ademir de Oliveira - Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra – Coorientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal  
Universidade Federal de Juiz de Fora



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Anderson Gurgel Campos  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Às pessoas que eu mais amo neste mundo: minha mãe, meu pai e meus dois irmãos,  
muito obrigado por serem o meu porto seguro!

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar o agradecimento deste trabalho vai para Deus e todos os nossos companheiros espirituais. Independente de crença religiosa é com fé que acredito no caminho traçado para nós por forças maiores que regem o nosso universo, por isso, essa conquista deve ser celebrada de maneira espiritual.

Agradeço imensamente a minha mãe e meu pai por me fazerem ingressar no mestrado. Após dois anos, tenho a certeza que a decisão de escutar vocês mais uma vez se mostrou certa. Além disso, a eles agradeço pelo apoio e suporte em toda a caminhada, tornando o percurso mais fácil e, muitas vezes, possível.

Aos meus dois irmãos, Lucas e Maria Antônia, tenho que agradecer pela inspiração e amizade. Vocês são e, sempre serão, os meus melhores amigos, aos qual eu tenho a certeza de recorrer sempre que preciso.

Agradeço a Universidade Federal de Juiz de Fora, instituição PÚBLICA, GRATUÍTA e de QUALIDADE pela minha graduação, meu emprego e, agora, meu mestrado. É uma honra poder carregar o título de um oásis do saber em tempos tão sombrios e nebulosos da nossa história.

Agradeço também ao professor e amigo Márcio Guerra, por me mostrar toda a paixão pelo jornalismo e o esporte, servindo sempre como uma fonte de inspiração profissional e pessoal em minha vida.

Ao professor Luiz Ademir pelo desafio de caminhar junto comigo por um caminho pouco conhecido, muito obrigado pelo suporte nos momentos finais.

Aos professores Paulo Roberto e Anderson Gurgel por aceitarem o convite para compor essa banca de avaliação.

Aos meus amigos que tornaram toda essa trajetória até aqui mais tranquila e divertida. Em especial aos colegas de turma do PPGCOM e aos amigos da Imagem Institucional da UFJF.

Aos professores e funcionários da Facom e do PPGCOM, gostaria de agradecer por todos os conhecimentos compartilhados, com a certeza de que sou quem sou porque aprendi com vocês.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer a todas e todos que continuam acreditando na mudança real do nosso Brasil. Que acreditam que livros são mais importantes do que armas. Que o amor é mais forte que o ódio. Que a inclusão preenche muito mais a alma do que o preconceito. Que o único jeito de realmente vislumbrarmos um futuro prospero e pacífico para o nosso país é investindo mais, mais e mais ainda em educação.

Muito obrigado a todos vocês!

*“Queremos ter certezas e não dúvidas,  
resultados e não experiências, mas nem  
mesmo percebemos que as certezas só  
podem surgir através das dúvidas e os  
resultados somente através das  
experiências.”*

*Carl Jung*

## RESUMO

Tendo se tornado o centro do mundo esportivo durante grande parte da segunda década do século XXI, o Brasil sediou em 2014 e 2016 os dois maiores megaeventos esportivos da era moderna, a Copa do Mundo FIFA e a os Jogos Olímpicos de Verão, respectivamente. O presente trabalho tem como principal objetivo mostrar como o maior conglomerado de comunicação do país se preparou e executou a cobertura jornalística de ambos os eventos, buscando entender qual foi a abordagem dada pelo Jornal Nacional, telejornal de maior audiência no Brasil, à cobertura de ambas as competições. O trabalho tem como base bibliográfica estudos que apresentam a relevância sociológica do esporte e do futebol para o Brasil, além de pesquisas que demonstram o apelo social, político e econômico que megaeventos esportivos apresentam para a sociedade moderna e globalizada. A fim de estudar a atuação do Jornal Nacional dentro dessas coberturas, o estudo também traz uma contextualização histórica deste produto jornalístico, bem como divide a sua análise conteúdo em duas frentes: uma qualitativa e outra quantitativa. Na primeira parte, profissionais que atuaram durante o período foram entrevistados a respeito de temas ligados a cobertura. Já na segunda, todas as edições do telejornal veiculadas durante o período de ambos os megaeventos foram decupadas, com o objetivo de se identificar quais foram as principais mensagens enviadas para o público através dos conteúdos do Jornal Nacional.

Palavras-chave: Jornalismo Esportivo; Jornal Nacional; Copa do Mundo; Jogos Olímpicos; Comunicação.

## **ABSTRACT**

Having become the center of the sports world for much of the second decade of the twenty-first century, Brazil hosted the two largest mega-events in the modern era, the FIFA World Cup and the Summer Olympic Games respectively, in 2014 and 2016. This dissertation aims to show how the biggest conglomerate of mass communication in Brazil has prepared and executed the journalistic coverage of both events, trying to understand what was the approach given by Jornal Nacional, the largest television newscast in the country, to the coverage of both competitions. The work has as bibliographical basis studies that present the sociological relevance of sport and soccer for Brazil, as well as researches that demonstrates the social, political and economic appeal that sports events present for modern and globalized society. In order to study the work of the Jornal Nacional within these coverages, the study also brings a historical contextualization of this journalistic product, as well as divides its content analysis into two fronts: a qualitative and a quantitative. In the first part, professionals who worked during the period were interviewed on topics related to coverage. Already in the second, all editions of the newscast broadcast during the period of both mega-events were studied, with the purpose of identifying which were the main messages sent to the public through the contents of Jornal Nacional.

**Keywords:** Sports Journalism; Jornal Nacional; World Cup; Olympic Games; Communication.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Repórteres Itinerantes na Copa do Mundo .....	104
Figura 02 - Estúdio Copa .....	105
Figura 03 – Repórter responsável pela cobertura da seleção brasileira I .....	106
Figura 04 – Repórter responsável pela cobertura da seleção brasileira II .....	107
Figura 05 – Repórter responsável pela cobertura da seleção brasileira III.....	107
Figura 06 - Repórteres setoristas responsáveis por modalidades específicas I....	111
Figura 07 - Repórteres setoristas responsáveis por modalidades específicas II...	112
Figura 08 – Repórter responsável pela cobertura comportamental dos megaeventos .....	113
Figura 09 – Estúdio Olímpico.....	114
Gráfico 1 – Porcentagem da Natureza dos Conteúdos produzidos em tempo no ar na Copa do Mundo. ....	135
Gráfico 2 - Porcentagem da Natureza dos Conteúdos produzidos em números absolutos na Copa do Mundo .....	136
Gráfico 3 – Porcentagem da Natureza dos Conteúdos produzidos em tempo no ar nas Olimpíadas.....	137
Gráfico 4 - Porcentagem da Natureza dos Conteúdos produzidos em números absolutos nas Olimpíadas .....	138
Gráfico 5 – Frequência do Número Total de VT's por Edição .....	139
Gráfico 6 – Porcentagem da Temática dos VT's produzidos em números absolutos .....	140
Gráfico 8 – Porcentagem da abordagem jornalística dos VT's Copa produzidos em números absolutos .....	144
Gráfico 9 – Frequência do número total de VT's por edição olimpíadas. ....	146
Gráfico 10 – Porcentagem da Temática dos VT's produzidos em números absolutos Olimpíadas. ....	147
Gráfico 11 – Porcentagem da Temática dos VT's produzidos em tempo no ar nas Olimpíadas. ....	148
Gráfico 12 – Porcentagem da abordagem jornalística dos VT's Olimpíadas produzidos em números absolutos. ....	150
Gráfico 13 – Frequência do número total de VIVOS por edição na Copa do Mundo .....	151
Gráfico 14 – Porcentagem da temática dos VIVOS produzidos em números absolutos na Copa.....	152

<b>Gráfico 15 – Porcentagem da temática dos VIVOS produzidos em tempo no ar Copa. ....</b>	<b>153</b>
<b>Gráfico 16 – Porcentagem da abordagem jornalística dos VIVOS Copa produzidos em números absolutos. ....</b>	<b>155</b>
<b>Gráfico 17 – Frequência do número total de VIVOS por edição Olimpíadas. ....</b>	<b>157</b>
<b>Gráfico 18 – Porcentagem da temática dos VIVOS produzidos em números absolutos Olimpíadas. ....</b>	<b>158</b>
<b>Gráfico 19 – Porcentagem da temática dos VIVOS produzidos em tempo no ar Olimpíadas. ....</b>	<b>159</b>
<b>Gráfico 20 – Porcentagem da abordagem jornalística dos VIVOS produzidos em números absolutos Olimpíadas. ....</b>	<b>161</b>
<b>Gráfico 21 – Frequência do número total de NOTAS/LOCOFF's por edição na Copa. ....</b>	<b>162</b>
<b>Gráfico 22 – Porcentagem da temática dos NOTAS/LOCOFF's produzidos em números absolutos Copa. ....</b>	<b>163</b>
<b>Gráfico 23 – Porcentagem da temática das NOTAS/LOCOFF's produzidos em tempo no ar na Copa. ....</b>	<b>164</b>
<b>Gráfico 24 – Porcentagem da abordagem jornalística das NOTAS/LOCOFF's Copa produzidos em números absolutos. ....</b>	<b>166</b>
<b>Gráfico 25 – Frequência do número total de NOTAS/LOCOFF's por edição nas Olimpíadas. ....</b>	<b>168</b>
<b>Gráfico 26 – Porcentagem da temática dos NOTAS/LOCOFF's produzidos em números absolutos Olimpíadas. ....</b>	<b>169</b>
<b>Gráfico 27 – Porcentagem da temática das NOTAS/LOCOFF's produzidos em tempo no ar Olimpíadas. ....</b>	<b>170</b>
<b>Gráfico 28 – Porcentagem da abordagem jornalística das NOTAS/LOCOFF's Olimpíadas produzidos em números absolutos. ....</b>	<b>172</b>

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Natureza dos Conteúdos produzidos em tempo no ar na Copa do Mundo.....	134
Quadro 2 - Natureza dos Conteúdos produzidos em números absolutos na Copa do Mundo.....	135
Quadro 3 - Natureza dos Conteúdos produzidos em tempo no ar nas Olimpíadas .....	137
Quadro 4 - Natureza dos Conteúdos produzidos em números absolutos nas Olimpíadas .....	138
Quadro 5 – Temática dos VT’s produzidos em números absolutos .....	140
Quadro 6 – Temática dos VT’s produzidos em tempo no ar.....	141
Quadro 7 – Abordagem Jornalística dos VT’s Copa produzidos em números absolutos .....	143
Quadro 8 – Temática dos VT’s produzidos em números absolutos Olimpíadas..	146
Quadro 9 – Temática dos VT’s produzidos em tempo no ar Olimpíadas.....	147
Quadro 10 – Abordagem Jornalística dos VT's Olimpíadas produzidos em números absolutos. ....	149
Quadro 11 – Temática dos VIVOS produzidos em números absolutos na Copa.	152
Quadro 12 – Temática dos VIVOS produzidos em tempo no ar na Copa. ....	153
Quadro 13 – Abordagem Jornalística dos VIVOS Copa produzidos em números absolutos.....	155
Quadro 14 – Temática dos VIVOS produzidos em números absolutos Olimpíadas .....	157
Quadro 15 – Temática dos VIVOS produzidos em tempo no ar Olimpíadas.....	158
Quadro 16 – Abordagem jornalística dos VIVOS Olimpíadas produzidos em números absolutos. ....	160
Quadro 17 – Temática das NOTAS/LOCOFF's produzidos em números absolutos na Copa.....	163
Quadro 18 – Temática das NOTAS/LOCOFF's produzidos em tempo no ar na Copa. ....	164
Quadro 19 – Abordagem jornalística das NOTAS/LOCOFF's Copa produzidos em números absolutos. ....	166
Quadro 20 – Temática das NOTAS/LOCOFF's produzidos em números absolutos Olimpíadas. ....	168
Quadro 21 – Temática das NOTAS/LOCOFFs produzidos em tempo no ar Olimpíadas. ....	169

<b>Quadro 22 – Abordagem jornalística das NOTAS/LOCOFF’s Olimpíadas produzidos em números absolutos .....</b>	<b>171</b>
---	------------

## Sumário

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>2 JORNALISMO, ESPORTE E SOCIEDADE .....</b>	<b>22</b>
<b>2.1 O ESPORTE COMO REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE BRASILEIRA. 25</b>	
<b>2.2 EVOLUÇÃO DO JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL .....</b>	<b>30</b>
<b>2.2.1 Futebol e jornalismo no Brasil: o início e a cobertura impressa .....</b>	<b>34</b>
<b>2.2.2 Novas tecnologias e o jornalismo esportivo: o rádio, a televisão e a internet .....</b>	<b>39</b>
<b>3 MEGAEVENTOS ESPORTIVOS E A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO .....</b>	<b>49</b>
<b>3.1 MEGAEVENTOS ESPORTIVOS .....</b>	<b>50</b>
<b>3.2 O BRASIL E OS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS.....</b>	<b>59</b>
<b>3.2.1 A Copa do Mundo de 2014 .....</b>	<b>63</b>
<b>3.2.2 Os Jogos Olímpicos Rio 2016 .....</b>	<b>68</b>
<b>4 JORNAL NACIONAL .....</b>	<b>74</b>
<b>4.1 HISTÓRICO .....</b>	<b>75</b>
<b>4.2 O JORNAL NACIONAL E AS COPAS DO MUNDO .....</b>	<b>85</b>
<b>4.3 O JORNAL NACIONAL E OS JOGOS OLÍMPICOS.....</b>	<b>90</b>
<b>5 A COBERTURA DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS: ESTRATÉGIAS E MENSAGENS DO JORNAL NACIONAL NA COPA DO MUNDO DE 2014 E NOS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016 .....</b>	<b>96</b>
<b>5.1 METODOLOGIA .....</b>	<b>97</b>
<b>5.2 ANÁLISE QUALITATIVA .....</b>	<b>99</b>
<b>5.2.1 Estrutura de Cobertura .....</b>	<b>99</b>
<b>5.2.2 Rotina de Trabalho .....</b>	<b>115</b>
<b>5.2.3 Linguagem Abordada .....</b>	<b>121</b>
<b>5.2.4 Enfoque das Matérias .....</b>	<b>124</b>
<b>5.3 ANÁLISE QUANTITATIVA .....</b>	<b>133</b>
<b>5.3.1 Dados Gerais .....</b>	<b>133</b>
<b>5.3.1.1 Dados Gerais Copa do Mundo.....</b>	<b>133</b>
<b>5.3.1.2 Dados Gerais Olimpíadas .....</b>	<b>136</b>
<b>5.3.2 Dados de VT's.....</b>	<b>139</b>
<b>5.3.2.1 Dados VT's Copa do Mundo .....</b>	<b>139</b>
<b>5.3.2.2 Dados VT's Olimpíadas .....</b>	<b>145</b>

<b>5.3.3</b> Dados de VIVOS .....	<b>151</b>
<b>5.3.3.1</b> <i>Dados Vivos Copa do Mundo</i> .....	<b>151</b>
<b>5.3.3.2</b> <i>Dados Vivos Olimpíadas</i> .....	<b>156</b>
<b>5.3.4</b> Dados de NOTAS/LOCOFF's.....	<b>162</b>
<b>5.3.4.1</b> <i>Dados NOTAS/LOCOFF's Copa do Mundo</i> .....	<b>162</b>
<b>5.3.4.2</b> <i>Dados NOTAS/LOCOFF's Olimpíadas</i> .....	<b>167</b>
<b>6</b> CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	<b>174</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>182</b>

<b>APÊNDICE A: ENTREVISTA FLÁVIO ORRO, EDITOR DE ESPORTES DO JORNAL NACIONAL</b> .....	<b>188</b>
<b>APÊNDICE B: ENTREVISTA ARMANDO OLIVEIRA, CHEFE DE REDAÇÃO ESPORTE BELO HORIZONTE</b> .....	<b>195</b>
<b>APÊNDICE C: ENTREVISTA ARMANDO FREITAS, CHEFE DE REPORTAGEM DO NÚCLEO COPA DA REDE GLOBO</b> .....	<b>197</b>
<b>APÊNDICE D: ENTREVISTA CARLOS GIL, REPÓRTER DO NÚCLEO COPA E OLÍMPICO</b> .....	<b>208</b>
<b>APÊNDICE E: ENTREVISTA MARCELO COURREGÉ, REPÓRTER DO NÚCLEO COPA E OLÍMPICO</b> .....	<b>220</b>
<b>APÊNDICE F: ENTREVISTA GUILHERME ROSEGUINE, REPÓRTER DO NÚCLEO COPA E OLÍMPICO</b> .....	<b>230</b>
<b>APÊNDICE G: ENTREVISTA PEDRO BASSAN, REPÓRTER DO NÚCLEO COPA E OLÍMPICO</b> .....	<b>236</b>
<b>APÊNDICE H: ENTREVISTA LILIA TELES, REPÓRTER DA EDITORIA RIO PARA COBERTURAS NA COPA E OLIMPÍADAS</b> .....	<b>246</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Com a estruturação de uma sociedade mundial globalizada, onde nações se tornam cada vez mais conectadas e dependentes de mecanismos simbólicos (BOURDIEU, 1989) para a projeção de influência e poder perante o mundo, os megaeventos esportivos vêm se consolidando como um grande palco para esse tipo de embate. Sedar, competir ou mesmo ser parte destes marcos globais, têm se mostrado nos últimos anos como uma forte ferramenta para o fomento de práticas ufanistas, expansão de políticas capitalistas e construção de legados nacionais.

A proeminência dos megaeventos dentro do cenário global colocou os holofotes da sociedade moderna sobre essas competições, com um enfoque maior a partir dos anos 80, com a interferência da mídia e suas tecnologias sobre a expansão dos mesmos (HORNE & MAZENRAITER, 2006). Segundo Bourdieu (1990), por meio dos megaeventos esportivos, é possível se fazer um estudo profundo sobre a sociedade, principalmente, quando tomamos como base condutas capitalista de mercado e de uma mídia espetacularizada.

Desde a década de 1990, o Brasil mobilizou esforços políticos, econômicos e sociais para se inserir neste panorama como um *global player* (SÁNCHEZ, BIENENSTEIN, MASCARENHAS e OLIVEIRA, 2012), ganhando o direito de sediar uma destas competições e chamar a atenção do mundo. Com um projeto bem estruturado a partir da segunda metade da primeira década dos anos 2000, o país sul-americano atingiu o ápice desse plano quando foi eleito para sediar a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de Verão de 2016.

É nesse cenário que a dissertação se insere. Com o objetivo de entender como o maior conglomerado de mídia se preparou e executou a cobertura de ambos os megaeventos esportivos, os esforços desta pesquisa foram voltados para se traçar um panorama sobre o trabalho jornalístico envolvido na criação dos produtos midiáticos veiculado no maior telejornal em audiência do país, o *Jornal Nacional*, da Rede Globo, que é líder de audiência há décadas. Essa abordagem levou em conta dois aspectos: o primeiro ligado à atuação dos profissionais envolvidos e, o segundo, com um mapeamento sobre todos os conteúdos produzidos pelo noticiário.

Para cumprir esse objetivo, o primeiro passo foi a realização de um estudo bibliográfico que fornecesse bases para as discussões sobre a relevância dos megaeventos esportivos no cenário global, bem como o Brasil se inseriu neste contexto.

No primeiro capítulo, o trabalho tem como foco demonstrar o forte vínculo que o esporte mantém junto à sociedade, com destaque para os processos de representação construídos nesta relação pela mídia. Com o objetivo de entender como os produtos jornalísticos são construídos e elaborados na cobertura de um megaevento, o primeiro passo foi a própria demarcação e definição do esporte e da mídia como campos sociais (BOURDIEU, 1989), bem como as constantes lutas de poder (FOUCAULT, 1979) que estão presentes no relacionamento de ambos os agentes sociais de cada um deles.

Evoluindo nessa perspectiva, o capítulo traz também uma abordagem sobre de que maneira o esporte se insere na sociedade brasileira, servindo como fator aglutinador de uma identidade nacional, como no caso do futebol (HELAL, 1997). Por fim, com base em autores que são referências dentro desta área acadêmica, como André Ribeiro (2007), Márcio Guerra (2012) e Paulo Vinicius Coelho (2003), o capítulo também mostra um levantamento histórico do jornalismo esportivo no Brasil e a cobertura dos veículos midiáticos a partir do final do século XIX até os dias de hoje.

O segundo capítulo deste levantamento bibliográfico teve como objetivo esclarecer de que maneira os megaeventos esportivos se tornaram palcos simbólicos tão importantes no contexto da sociedade globalizada. Passando por um momento inicial de definição e dimensionamento - Poit (2004), Heinz (2002), Roche (2000) e Hall (2006); os estudos buscam elucidar quais foram os pontos que tornaram as duas principais competições esportivas mundiais, Copa do Mundo e Olimpíadas, em marcos midiáticos (HORNE & MAZENRAITER, 2006).

Ainda dentro deste assunto, uma contextualização histórica foi realizada para situar de que maneira o Brasil recebeu essas competições em 2014 e 2016. A finalidade era compreender em qual situação política, econômica e social o país sul americano desenvolveu seus processos de candidatura, preparação e execução desses megaeventos, além de elencar assuntos que no momento ganharam grande repercussão junto a mídia nacional.

Finalizando o embasamento teórico, o terceiro e último capítulo desta dissertação traz uma contextualização sobre o *Jornal Nacional* como produto jornalístico de grande relevância dentro do cenário político e social do Brasil. No ar na televisão brasileira há 48 anos, o telejornal mantém-se na liderança de audiência entre os produtos jornalísticos do estilo. Além disso, no mesmo capítulo, uma parte dedica-se somente a entender como foi construída a relação entre o JN e as Copas do Mundo e Olimpíadas. A cobertura e estrutura empregada nos megaeventos anteriores foram fontes de análise para futura comparação e compreensão das adaptações realizadas para a cobertura destes megaeventos no Brasil.

Com base em todas as reflexões abordadas anteriormente, o quinto capítulo do trabalho se dedica a análise do objeto de pesquisa proposto: a cobertura do *Jornal Nacional* na Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016. Para estudar o tema a partir de duas perspectivas diferentes, mas que juntas permitiriam uma percepção mais aprofundada sobre o objeto de estudo, o trabalho se dividiu em uma análise qualitativa e outra quantitativa, usando como base a metodologia da análise de conteúdo (BARDIN, 2009).

A primeira parte focou em entrevistar oito profissionais que estiveram envolvidos no processo de produção de todas as 40 edições do telejornal analisadas. A partir de entrevistas em profundidade, o tema pode ser abordado a partir de um questionário base, mas que se modificou para entender a função de cada profissional envolvido em diferentes tarefas nesse processo. Entre os profissionais entrevistados estão os repórteres Marcelo Courrage, Carlos Gil, Pedro Bassan, Lilia Teles e Guilherme Roseguine; o editor de esportes do *Jornal Nacional*, Flávio Orro; o chefe de redação do Núcleo Copa, Armando Freitas; e o editor adjunto de esporte de Belo Horizonte, Armando Nogueira.

A segunda perspectiva se focou em uma análise estatística da amostra escolhida para o trabalho, que foram todas as edições do *Jornal Nacional* no período em que o Mundial e os Jogos Olímpicos estavam acontecendo no país (12 de junho de 2014 a 12 de julho de 2014; 05 de agosto de 2016 a 21 de agosto de 2016 ). Todas as edições do *Jornal Nacional* nesses 47 dias foram decupadas por meio de uma tabela pré-estabelecida, que visava distribuir os conteúdos produzidos nesse período a partir de seu tempo de duração; natureza (VT's, Vivos e Notas); temática (Copa/Olimpíadas, Factual

e Outros); e abordagem jornalística. Depois disso, os dados foram enquadrados em gráficos e quadros para análises e estudos.

Junto deste trabalho também é possível se encontrar na íntegra as entrevistas realizadas com os profissionais do Jornal Nacional e as decupagens de todas as edições da amostra escolhida.

O registro realizado neste trabalho - seja com a reflexão teórica, o apontamento de dados ou o arquivamento de entrevistas - além da pesquisa acadêmica em si, também é uma forma de preservar as narrativas e o legado de um evento importante na história do esporte e do jornalismo brasileiro.

## 2 JORNALISMO, ESPORTE E SOCIEDADE

Para se compreender e analisar o processo de cobertura jornalística em megaeventos esportivos, assim como os seus impactos, seja na atividade profissional ou nas mensagens enviadas para o público através dos conteúdos produzidos pelo Jornal Nacional, torna-se necessário um retrospecto acerca da construção histórica e social que envolve a interseção entre o campo jornalístico e esportivo.

O que observamos como produtos jornalísticos da editoria esportiva atualmente, representam o resultado da construção de diferentes campos sociais baseado nas relações dos seres neles inseridos. Na definição de Bourdieu (2004), esses campos poderiam ser caracterizados como espaços com diferentes dimensões, no qual os indivíduos interagem e disputam em relações de poder. Esse embate entre os agentes objetivariam “conservar ou transformar esse campo de forças.” (BOURDIEU, 2004, p.23).

De acordo com Barros (2003), a partir dessa perspectiva é importante destacar que a construção dos campos sociais deve levar em conta que os indivíduos ocupam posições diferentes nessas relações e combatem os seus interesses entre si. A disputa entre esses “papéis” a serem cumpridos é a luta dos poderes que, em si mesma, contribui para a caracterização deste próprio campo como um estado de relação de forças entre os sistemas engajados na luta.

Dessa forma, a noção de campo pode ser compreendida além da abordagem das relações sociais. Os indivíduos já sabem de seu engajamento social naquele campo independente das abordagens de seus complementares, ou seja, a noção do campo antecede os seus próprios agentes.

As posições que marcam qualquer campo se definem em relação a critérios. Verdadeiros eixos que estruturam o espaço, permitindo que um ocupante realmente possa existir em relação a alguma coisa. Desta forma, falar de um campo é mais do que descrever as posições ocupadas e as lutas e estratégias de conservação ou de subversão do atual estado da relação de forças. É analisar em que medida estes eixos de estruturação foram definidos e redefinidos como tais ao longo da história específica do campo (BARROS, 2003 - p.113).

Para melhor definir esses campos, construídos e reestruturados historicamente a partir do relacionamento entre seus agentes sociais, Bourdieu (1989) delimita algumas características que seriam inerentes a sua existência. Entre elas, o autor destaca uma relativa autonomia entre esses espaços com relação a seus semelhantes, sendo que os

mesmos teriam suas próprias regras e aspectos únicos que os delimitariam como um campo.

O campo dos esportes, assim como o do jornalismo, são espaços sociais independentes, com regras próprias e atores que protagonizam suas construções, mas existem momentos nos quais as ligações entre os seus agentes se cruzam. Por mais que ambos sejam autônomos e apresentem características singulares (BOURDIEU, 1989), partimos do pensamento do filósofo francês, Michel Foucault, para demonstrar que existem relações nas quais os interesses e os poderes inerentes a esses espaços sociais e seus agentes interferem nas ações de seus iguais.

Foucault (1979) aponta em seu pensamento que todas as relações sociais, por menor que sejam, carregam consigo uma expressão de poder. Dessa forma, este se manifestaria diferente da lógica centralizadora do Estado e suas leis, mas sim de forma difusa, fluída e em teia.

A questão do poder fica empobrecida quando é colocada unicamente em termos de legislação, de Constituição, ou somente em termos de Estado ou de aparelho de Estado. O poder é mais complicado, muito mais denso e difuso que um conjunto de leis ou um aparelho de Estado. (FOUCAULT, 1979, p.221)

Imersos nessa "teia" de poder fluído, os campos sociais e seus agentes estariam sujeitos a influenciar outros contextos além daqueles restritos ao seu universo autônomo. Exemplificando essa lógica com os objetos de estudo deste trabalho, podemos apontar para a relação ambígua que existe entre o esporte e o jornalismo durante os seus anos de existência. A transmissão de jogos, a cobertura dos bastidores esportivos e a produção de conteúdos específicos sobre essa temática, modificaram as estruturas deste campo social, uma vez que a mídia passou a influenciar na maneira que o mundo esportivo iria se comportar. Por outro lado, com a expansão dos esportes ao longo dos anos, seja no aspecto comercial ou no interesse pelo público, levou os veículos de comunicação a se reestruturarem para cobrir e transmitir a sua realidade.

Mediante os conceitos expostos, as ideias de Bourdieu (1989) nos ajudam a compreender parte da estrutura social na qual a pesquisa se insere. O esporte e o jornalismo caracterizam-se como campos, uma vez que se apresentam como locais de "(...) práticas específicas, relativamente autônomos, dotados de uma história própria; caracterizado por um espaço de possíveis, que tende a orientar a busca dos agentes, definindo um universo de problemas, de referências, de marcas intelectuais." (LIMA, 2010, p.15)

Historicamente, o Brasil e sua população - sejam de índios, ibéricos, negros ou imigrantes - conviveram com o campo dos esportes em seu cotidiano. Del Priore e Melo (2009) relatam em suas pesquisas que o esporte era um modo de inserção dos membros da sociedade a uma maneira civilizada de convivência, seguindo “princípios de cavalheiros”.

Seja como manifestação da cultura nacional ou local de embate social e político, o esporte sempre esteve presente na história brasileira. Em um retrospecto histórico, Del Priore e Melo (2009) contam que, no processo de colonização, os índios foram apresentados aos "jogos dos meninos do Reino" pelos padres jesuítas na intenção de inseri-los a uma “civilidade pueril”. Durante o império, um código de bons modos indicava que a população de bem deveria praticar os "jogos de cavaleiros" como atividades para se manter uma boa convivência, assim como, no século XX, o futebol foi o cenário de grandes discussões sobre segregação racial no país. Esses apontamentos comprovam, dentro da definição de Bourdieu (1989), que o esporte se caracteriza como um campo social forte dentro do Brasil.

Fazendo uma análise sobre fatos históricos que demonstram a grande relevância do esporte para a compreensão do Brasil enquanto nação, Soares (1998) defende que estudar esses contextos e seus personagens é, também, entender a evolução e as escolhas feitas em cada momento neste país.

Tais histórias possuem como pano de fundo os conflitos entre elites e populares, brancos e negros, amadorismo e profissionalismo, times de subúrbio e times da cidade, numa amálgama na qual é preciso distinguir classificar e ordenar importâncias de questões e oposições. (SOARES, 1998, p.3-4)

Buscando o estudo do esporte e, por consequência, de parte da história brasileira, vale ressaltar que outro fator que ganha grande relevância dentro desse cenário é a representação que o campo e seus atores apresentam dentro da sociedade na qual estão inseridos. Essa ‘imagem’, elaborada e divulgada para a comunidade, muitas vezes é feita pela mídia que cumpre papel de destaque nos processos de projeção e aceitação coletivas.

Sobre os *medias* recaem, em quaisquer circunstâncias, as mais elevadas (e exigentes) expectativas em termos de processos de reconhecimento, através da apropriação quotidiana de que são os objetos as suas mensagens e os seus diversos produtos (ESTEVES, 1999, p.10)

Dessa maneira, é possível constatar a grande influência entre a comunicação e os processos de reconhecimento e adesão da população. Do pensamento de Esteves (1999), é possível ainda se observar o papel ambíguo que existe entre a mídia e os seus objetos de representação, já que a mesma precisa se apropriar das questões do cotidiano para gerar a projeção e aceitação (assim sofrendo influência dos mesmos), mas também é capaz de criar, reforçar e transformar esse mesmo ambiente do qual se apropria.

Mesmo sofrendo influência de outros espaços sociais, uma vez que se apropria de conceitos, normas e atores como objeto de trabalho, o jornalismo também se caracteriza como um campo. Autores como Traquina (2005), Kovach e Rosentiel (2004) e Sodré (1998) demonstram exemplos de aspectos que caracterizariam o jornalismo como um sistema independente, tendo em vista que o mesmo apresenta uma fun o social; apresentam seus atores interagindo em lutas de poder; possui regras próprias (valores notícias) e autonomia.

  nessa intersec o entre as rela es da média e o esporte que a presente pesquisa se insere. A cobertura de megaeventos esportivos envolve atores de dois campos sociais diferentes entre si, mas que apresentam um laço de união forte.   difícil se entender como os atores desses sistemas trabalham, como suas regras se alteram e os embates de poder são traçados, sem entender a forma o e consolida o histórica de ambos esses espaços sociais no Brasil. Os produtos jornalísticos elaborados durante a cobertura midiática da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016 são o resultado de anos de mudanças na rela o de ambos esses campos. Por isso, para sua compreensão mais completa,   necessária uma recapitula o histórica dessa correla o.

Especificamente no Brasil, o esporte e sua representa o midiática, com destaque para o futebol, ganham grande relevância no contexto social da na o. Isso acontece, porque   através desse objeto social que o povo brasileiro desenvolve um sentido de união enquanto na o, ponto que discutiremos a seguir.

## 2.10 ESPORTE COMO REPRESENTA O DA IDENTIDADE BRASILEIRA

Aprofundando o debate sobre os campos sociais, Bourdieu (1989) explica que as rela es dos atores de determinado espaço seriam estabelecidas através da jun o de dois tipos de contato social. O primeiro, sendo de ordem objetiva, estaria ligado às

posições ocupadas pelos indivíduos em uma instituição ou campo e o segundo de ordem individual, relacionado às percepções mentais de observação e análise, constituindo, assim, um *habitus*<sup>1</sup> que permite a experimentação e construção ativa do mundo vivido.

Quando falamos de processos de identificação e projeção dos seres humanos na sociedade, o relacionamento de ordem individual, definido por Boudieu como *habitus*, ganha relevância. É através da análise e observação do universo que o rodeia que os indivíduos constroem a sua noção de realidade. Berger e Luckmann (2001) explicam que esse processo de socialização do ser humano acontece de maneira dialética, por meio do qual a sociedade se torna uma produção humana, da mesma forma, o homem é produto da sociedade.

Berger e Luckmann (2001) afirmam que essa formação da realidade por parte do homem acontece através de processos de socialização primários e secundários. Os primários estariam ligados aquelas experiências que o indivíduo vivencia na infância “e em virtude da qual se torna membro da sociedade” (BERGER e LUCKMANN, 2001, p. 175). Já os secundários, são “qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade” (BERGER e LUCKMANN, 2001, p. 175). É interessante perceber que, assim como outros autores do final do século XX, Berger e Luckmann não acreditam em uma ideia de identidade fixa. Ao longo da vida, de acordo com as suas vivências, o homem forma a sua percepção do mundo.

Buscando melhor compreender o impacto de tais campos sociais no contexto nacional brasileiro temos como base o pensamento de Hall (2006), que assim como Berger e Luckmann, apontou para uma mudança histórica do processo de formação identitária dos indivíduos e nações. Para o autor, mudanças tecnológicas, comportamentais e ideológicas levaram a um processo de deslocamento dos sentidos de identificação do sujeito com o ambiente no qual o circunda na sociedade pós-moderna. A ideia de uma ‘identidade fixa’ foi abandonada, firmando-se um processo no qual a mesma passa a ser mutável, construída.

---

<sup>1</sup> O conceito de *habitus* foi desenvolvido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, relacionando à capacidade de uma determinada estrutura social ser incorporada pelos agentes por meio de disposições para sentir, pensar e agir.

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (HALL, 2006, p. 38).

Desta maneira, o conceito deixa de ser baseado em concepções naturalizantes - que têm como apoio noções biológicas - e se torna uma “celebração móvel”<sup>2</sup>. Também discutindo as questões relacionadas a esse tema, Bauman (2005) defende que as identidades do homem na modernidade líquida<sup>3</sup> são tão fluídas, que podem passar por processos de negociação e revogação de acordo com o ambiente e o tempo no qual aquele indivíduo está inserido. Para o autor, ao longo de sua vida os homens estão em constante elaboração de suas identidades, sendo que antes, o que se herdava, agora está submetido a uma noção individual de cada ser humano.

O mundo construído de objetos duráveis foi substituído pelo de produtos disponíveis projetados para imediata obsolescência. Num mundo como esse, as identidades podem ser adotadas e descartadas como uma troca de roupa. O horror da nova situação é que todo diligente trabalho de construção pode mostra-se inútil; e o fascínio da nova situação, por outro lado, se acha no fato de não estar comprometida por experiências passadas, de nunca ser irrevogavelmente anulada, sempre “mantendo opções abertas”. (BAUMAN, 1998, p.112-113)

Se, com a consolidação da globalização, os indivíduos sociais passaram por um processo de modificação na sua identidade, esse fenômeno também trouxe consigo mudanças na estrutura desse reconhecimento a nível nacional. Usando a lógica de “comunidade imaginada” de Benedict Anderson, Hall (2007) afirma que essas identidades coletivas são construídas em torno de representações simbólicas da cultura de determinada região. Diferente de uma lógica baseada em argumentos genéticos, Hall (2007) defende que são os discursos sobre essa comunidade simbólica que vão gerar o vínculo de pertencimento do indivíduo ao grupo.

---

<sup>2</sup> Termo usado por Stuart Hall para definir as identidades do homem pós-moderno

<sup>3</sup> Conceito elaborado por Zygmunt Bauman para definir o mundo moderno construído e baseado na liquidez das instituições e dos indivíduos modernos, submetidos a grandes avanços tecnológicos que modificaram as estruturas sociais. (2001)

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso (sic) – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto as nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (...) As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com o quais podemos nos identificar (sic), constroem identidades. Estes sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que delas são construídas. (HALL, 2007, p. 50-51)

Remetendo esses conceitos à realidade brasileira, autores como Darcy Ribeiro (1995), Gilberto Freyre (2001), Roberto DaMatta (1986) e Sérgio Buarque de Holanda (1978) descreveram em suas obras o processo de construção da identidade nacional brasileira. Ao contrário de outros países, onde os indivíduos apresentam de forma mais característica elementos que os distinguem de maneira histórica e social enquanto nações, no Brasil, a estruturação cultural se deu de maneira diferente, graças às etapas de ocupação (português, negro e índio), processos políticos, sociais e econômicos, que geraram uma formação identitária heterogênea.

[...] apesar de sobreviverem na fisionomia somática e no espírito dos brasileiros os signos de sua múltipla ancestralidade, não se diferenciaram em antagônicas minorias raciais, culturais ou regionais, vinculadas a lealdades étnicas próprias e disputantes de autonomia frente à nação. (RIBEIRO, 1995, p.20).

Com uma ampla pluralidade de nichos culturais e ideológicos no Brasil, uma formação identitária em torno de estruturas primárias <sup>4</sup>da sociedade não foi consolidada como em nações europeias e anglo-saxônicas. DaMatta (1989) afirma que no Brasil o processo de identificação nacional aconteceu em torno de instituições secundárias, como samba, religião, carnaval e esporte. Na mesma linha de raciocínio, Silva (2000) explica que, no país sul-americano, laços imaginários foram criados para que se constituísse uma noção de coletividade social, unindo dessa forma pessoas que não teriam nada em comum entre si.

Com ênfase nesse contexto para o esporte, principalmente o futebol, Helal (1997), pondera que esse campo social pode ser “entendido como uma forma cultural que promove a integração do país, fazendo com que a sociedade encontre um sentido de totalidade raramente encontrado em outras esferas da vida social”. (HELAL, 1997, p.5).

Em uma análise mais aprofundada sobre os aspectos que tornaram o esporte um vínculo forte da identidade nacional brasileira, DaMatta (2006) aponta que o futebol

---

<sup>4</sup>DaMatta (1989) define como estruturas primárias aquelas que apresentariam um grau de “seriedade” e seriam consideradas essenciais para a formação da solidariedade social. A exemplo dessas teríamos a constituição, o congresso nacional, o sistema universitário, a ordem financeira, a história política, etc.

ganha destaque por ter sido muito bem aceito pelas massas populacionais e, por isso, apropriado como um produto da cultura brasileira.

Essa relação entre povo e futebol tem sido tão profunda e produtiva, que muitos brasileiros se esquecem de que ele foi inventado na Inglaterra e pensam que ele é, como a mulata, o samba, a feijoada, o jogo do bicho, o cafuné, a sacanagem e a saudade, um produto brasileiro. Tal ousadia em mudar, canibalizando, uma história recente e bem documentada apenas indica o quanto o “futebol” foi devidamente apropriado pelas massas que com ele mantêm uma invejável intimidade. (DAMATTA, 2006, p.143)

Foi junto ao futebol que os brasileiros, antes desaglutinados por suas diferenças, puderam encontrar um sentido enquanto nação, já que a modalidade praticada no país era preenchida com características únicas oriundas do seu povo e sistema social, como explica Gutterman (2009).

O Brasil, assim, começava a se enxergar como singular a partir do futebol. A intelectualidade da época não tardou a traduzir o fenômeno. O excelente desempenho da seleção na Copa da França – terminaria em terceiro lugar – levou o sociólogo Gilberto Freyre a considerar o futebol com a expressão das vantagens da democracia racial. “Creio que uma das condições de vitória dos brasileiros nos encontros europeus prende-se ao fato de termos tido a coragem de mandar à Europa desta vez um team francamente afro-brasileiro (GUTTERMAN, 2009, p.83)

Para entender esse fenômeno de pertencimento e singularidade do futebol no Brasil, recorreremos à lógica de Woodward (1997). Para a autora, a identidade é construída em um sistema de símbolos, por meio dos quais são as diferenças que caracterizam um indivíduo frente a outro. Expandindo esse pensamento para uma escala entre países, a identidade nacional poderia ser encontrada pelas diferenças entre as nações, sendo que no Brasil, o proeminente destaque e sucesso na modalidade fazem com que o discurso identitário em torno da ideia do “país do futebol” ganhe muita adesão.

Grande parte dessa aceitação do esporte enquanto fator aglutinador da identidade nacional brasileira passa pelos discursos construídos ao longo dos anos acerca de tal campo social. Como já mencionado, o jornalismo é uma das grandes arenas aonde acontecem essas construções narrativas, sendo que o próximo ponto de estudo desta pesquisa é buscar compreender como aconteceu a evolução do jornalismo esportivo no Brasil.

## 2.2 EVOLUÇÃO DO JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL

Entender a evolução do jornalismo esportivo no Brasil é, em muitos momentos, compreender de que maneira algumas modalidades esportivas foram fundamentais para a consolidação dessa editoria jornalística no país. Seja nos seus primórdios, com as corridas de cavalo e a canoagem, ou durante todo século XX, com a ascensão do futebol, o esporte sempre foi um assunto que ganhou espaço nos jornais brasileiros. Nesse momento, vale ressaltar que a presente pesquisa dá destaque para o futebol enquanto modalidade, motivadora de grandes transformações na abordagem de cobertura dos jornais e ter grande impacto junto ao público durante o desenrolar do século XX e XXI.

Antes do Brasil se consolidar como uma nação independente, atividades culturais e de boa convivência entre a população eram pouco estimuladas na colônia. O principal fato histórico que mudou essa perspectiva foi a vinda da corte portuguesa para o país em 1807, trazendo consigo diversas atividades que faziam parte da dinâmica de diversão e vivência pública da Europa, entre elas as atividades esportivas. Melo (2009), relata que, nessa inserção das novas modalidades ao cenário social brasileiro, os jornais publicavam em suas páginas notícias relacionadas ao assunto.

Nos periódicos da época surgem as primeiras referências e, durante o século XIX, quando o assunto for tratado, serão consideradas como práticas esportivas as mais diversas atividades: aquelas que pioneiramente se organizariam em definitivo (turfe e remo); outras que ainda demorariam um pouco mais para se consolidar (por exemplo, corridas a pé e de velocípedes, primórdios do atletismo e do ciclismo); e, por fim, algumas que, por motivos diversos, nunca se estruturariam como esportes, até mesmo pela imprecisão era de tal ordem que até mesmo banhos de mar e jogo do bicho eram noticiados como esporte. (MELO, 2009, p.37)

Com a inserção de novos esportes no país, graças à chegada da família real portuguesa, duas modalidades se consolidaram como grandes mobilizadoras dos jornais no século XIX, as touradas e o remo. No caso das touradas, Melo (2009) explica que durante muito tempo o país realizava comemorações e festas com essas atividades, sendo que diversos periódicos a descreviam como uma prática esportiva. Nesse caso, com o desenrolar dos anos e os questionamentos acerca dos valores éticos e morais de sua realização, foram nos jornais que muitos pensadores se colocaram contra a

realização das mesmas, sendo que a prática só foi abolida na primeira metade do século XX.

Alguns intelectuais se posicionavam, em maior ou menor grau, contrários à prática. Machado de Assis era um dos mais contumazes críticos. Em crônica publicada na Gazeta de Notícias de 15 de março de 1877, afirma “O certo é que se eu quiser dar uma descrição verídica da tourada de domingo passado, não poderei, porque não a vi. Não sei se já disse alguma vez que prefiro comer o boi a vê-lo na praça. Não sou homem de touradas; e se é preciso dizer tudo, detesto-as”. (MELO, 2009, p.42)

Com o retorno da corte portuguesa para a Europa e o processo de independência do Brasil acontecendo até o ano de 1822, um sentimento de nacionalismo tomou conta da elite brasileira. A intenção dos nobres da época era mostrar para o mundo o Brasil como uma nação desenvolvida, sendo que, para isso, ocorreu um grande processo de importação de costumes europeus, que influenciaram no esporte no país.

A influência dos estrangeiros é um fator de importância a ser considerado no desenvolvimento do campo esportivo no país. Os europeus trouxeram o hábito e o desejo de estruturar clubes, organizar competições e até mesmo ensinar práticas ligadas às atividades físicas/esporte. (MELO, 2009, p.45)

Grande parte da cobertura esportiva no século XIX foi dedicada a práticas importadas da Europa, como: as corridas de cavalo, o turfe e o remo. Melo (2009) comenta que foi de acordo com a aceitação que essas modalidades tinham junto às elites brasileiras que os jornais reproduziam matérias a seu respeito. A influência entre os meios jornalístico e esportivo já se mostravam grandes, sendo que em 1847, foi um manifesto publicado no *Jornal do Comércio* que levou a fundação do primeiro *Club* de turfe no Brasil. “Foi a partir dessa iniciativa que surgiu definitivamente a ideia de desenvolver no país o esporte de acordo com o que já existia na Europa.” (MELO, 2009, p.47)

É possível, nesse momento, se constatar um papel de colaboração que o esporte e a imprensa vão manter durante grande parte de sua história juntos. A consolidação de algumas modalidades esportivas em terras cariocas durante o período são um exemplo.

[...] a relação entre o desenvolvimento do esporte e a imprensa na cidade do Rio de Janeiro se caracterizou por uma via de mão dupla, onde o acréscimo do prestígio social da prática esportiva motivou sua divulgação nas páginas impressas, ao mesmo tempo em que essa progressiva valorização do esporte se deveu às notícias cada vez mais divulgadas pela imprensa guanabarina. (MORELLI, 2014, p. 446)

Assim como o turfe, que, no final da década de 1880, já tinha diversos *clubs* espalhados por todo o país, o remo foi uma prática esportiva muito popular no Brasil durante o século XIX. No país sul-americano, as reformas de saúde aplicadas na população urbana, como os conselhos de banhos diários e os banhos de mar, foram fundamentais para instalação da modalidade. “Inicialmente, a utilização de canoas e barcos não estava ligada à realização de competições, mas sim à contemplação do mar e da praia” (MELO, 2009, p.55).

Foi no final do século XIX que as atividades ligadas ao mar ganharam uma conotação esportiva no Rio de Janeiro. “Nos últimos 25 anos do século XIX já era possível identificar que os banhos de mar passam também a ser encarados como exercícios físicos relacionados à melhoria do padrão estético corpóreo”. (MELO, 2009, p.57). Foi nesse contexto que os clubes de regata começaram a ganhar destaque no meio da elite carioca e, por consequência, nas páginas dos jornais. Em 1861, uma competição de regata movimentou o cenário da cidade do Rio de Janeiro e recebeu divulgação na mídia. “Em um jornal da ocasião, clamava-se que tais competições fossem realizadas outras vezes e com maior frequência, já que faltavam diversões na cidade.” (MELO, 2009, p.58).

Com a sua popularização massiva acontecendo nas últimas duas décadas do século XIX e, a consolidação enquanto maior modalidade esportiva do país no início do século XX, o remo ocupou as páginas dos jornais inúmeras vezes durante esse período. Vale destacar que mesmo essas modalidades recebendo destaque na editoria esportiva da época, o espaço dedicado ao esporte nos periódicos ainda era muito restrito, já que as prioridades jornalísticas de cobertura no período eram outras.

[...] os jornais de São Paulo tinham muito mais com o que se preocupar no início do século XX. O crescimento da cidade não parava, a modernização da recém instalada República estava a todo vapor. Os carros puxados por burros começavam a se aposentar, e em seus lugares surgiam os primeiros bondes elétricos. Prédios e mais prédios eram erguidos a cada dia. A economia cafeeira não parava de fazer novos ricos. (...) Claro que, também no Rio de Janeiro, capital da República, pouco interessava aos principais jornais da época divulgar notícias do futebol. (RIBEIRO, 2007,p.23)

Dentro do contexto social no qual tais modalidades se popularizaram no país, vale destacar que, mesmo apresentando caráter de organização elitista, as camadas populares dos centros urbanos também se fizeram presentes nesse cenário. Isso ocorreu com suas práticas culturais consideradas marginais na sociedade, como as brigas de galo

e as touradas. Um processo de ressignificação constante fez com que essa cultura elitista fosse interiorizada e modificada por essa parcela da população.

[...] a participação das camadas populares não era passiva. Os torcedores e apostadores influenciavam no resultado, levavam as estruturas da cidade a se modificarem para permitir a sua participação e mesmo os clubes a se adequarem a alguns de seus gostos. Quando se sentiam muito ludibriados, reagiam destruindo as instalações esportivas, postura bem próxima de outras iniciativas de resistência observadas no âmbito da cidade do Rio de Janeiro. (MELO, 2009, p.68)

Mesmo nesses primórdios de instalação e consolidação do esporte no país, a imprensa já apresentava um vínculo intenso com esse campo social. Com benefícios mútuos, o esporte alimentava a imprensa, assim como os jornais divulgavam as modalidades e seus líderes.

Desde cedo se estabeleceu uma relação entre os periódicos e os clubes, algo que trouxe lucros para ambos: as agremiações encontravam um meio de difundir suas atividades; a imprensa colhia lucros com o aumento da venda de jornais e com a publicação de anúncios, diretamente dos clubes, ou indiretamente, de produtos que procuravam associar a sua imagem ao esporte. Entretanto, os jornalistas também denunciavam os problemas observáveis nas competições, o que criava conflitos com os clubes e influenciava na readequação de algumas de suas ações. (MELO, 2009, p. 68)

Foi essa via de mão dupla entre a imprensa e os jornais que movimentou grandes mudanças ao longo dos anos, tanto no trabalho jornalístico, como na estruturação das modalidades esportivas. No Brasil, durante o século XX e XXI, nenhuma prática esportiva vai ser tão relevante nesse contexto quanto o futebol. Paixão nacional no país e forte aglutinador social foi o esporte inserido no país por Charles Muller<sup>5</sup> que realmente movimentou grande parte da editoria esportiva brasileira.

Pela grande relevância do futebol nas transformações subsequentes da editoria esportiva no Brasil durante o decorrer do século XX e XXI, o presente estudo visa focar em seu desenvolvimento e consolidação no país para traçar essa narrativa entre as relações da imprensa e do campo esportivo. Tal escolha se mostra necessária para que seja possível se obter um panorama mais completo entre as questões referentes às mudanças de abordagem da prática jornalística junto com transformações sociais expressivas nas diferentes camadas da sociedade brasileira.

---

<sup>5</sup>Registros do Colégio Metodista Granbery, em Juiz de Fora, documentam que em 1893 - ou seja, dois anos antes do jogo registrado por Miller - dois times de alunos disputaram uma partida de futebol nas dependências da escola. John McPhearson Lander, primeiro reitor do Granbery e diretor do colégio na época, foi responsável pelo registro nos Livros de Matrícula do colégio.

### 2.2.1 Futebol e jornalismo no Brasil: o início e a cobertura impressa

Estudiosos do futebol, como os jornalistas André Ribeiro e Paulo Vinicius Coelho, creditam ao paulistano Charles Miller a introdução do esporte no Brasil. Foi em 1895, depois de voltar da Inglaterra, país que já praticava e noticiava amplamente o futebol, que Miller organizou a primeira partida da modalidade no país sul-americano<sup>6</sup>. Na época, segundo Ribeiro (2007), os esportes praticados eram muito diferentes do futebol, o que também se refletia nas notícias que eram publicadas no caderno de esportes de grandes jornais.

[...] Miller logo viu que esse esporte era pouco praticado em São Paulo. Foi um choque. Na Inglaterra, onde jogava num clube escolar, o futebol era amplamente divulgado (...) Em terras brasileiras, porém, não havia jogos oficiais e menos ainda notícias sobre o desconhecido esporte. Nas páginas dos principais jornais da capital paulistana só havia espaço para notícias sobre críquete, turfe, remo e ciclismo (RIBEIRO, 2007, p.19)

Dentro desse panorama pouco vantajoso para a publicação do futebol no país, alguns fatores foram determinantes para a popularização da modalidade no Brasil e, por consequência, uma maior cobertura por parte da mídia. O primeiro deles, ainda no período de inserção do esporte em terras brasileiras, foi a rivalidade entre os clubes de São Paulo e do Rio de Janeiro. O primeiro encontro entre times dessas duas metrópoles aconteceu em 1901 e teve uma cobertura diferenciada.

[...] em outubro de 1901, a equipe de Cox embarcou para São Paulo para o primeiro interestadual entre times das duas metrópoles do país. [...] Nas páginas de *O Estado de S. Paulo*, Cardim escreveu sobre os dois empates ocorridos no campo do SPAC, na região central da cidade, time em que Charles Miller jogava. Falou da presença de 'distintas famílias' e enalteceu a qualidade técnica dos jogadores cariocas, uma grata surpresa para os paulista, que se imaginavam superiores (RIBEIRO, 2007, p.24 e 25)

Nessa cobertura, o jornalista Mário Cardim escreveu sobre um fato que chamou a atenção e repercutiu dentro da imprensa nacional, antecipando as proporções que o futebol tomaria dali para frente:

---

<sup>6</sup> Registros do Colégio Metodista Granbery, em Juiz de Fora, documentam que em 1893 - ou seja, dois anos antes do jogo registrado por Miller - dois times de alunos disputaram uma partida de futebol nas dependências da escola. John McPhearson Lander, primeiro reitor do Granbery e diretor do colégio na época, foi responsável pelo registro nos Livros de Matrícula do colégio.

Cardim mostrou-se surpreso, também, ao constatar que a maioria dos jogadores do Rio Janeiro era formada por brasileiros e não por ingleses. Tudo isso foi passado aos jornalistas amigos de Cardim, no Rio de Janeiro. Em poucos dias, os maiores jornais da capital da República, como o *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã*, noticiaram com orgulho a exibição de seus craques em terras paulistanas. Era o que faltava para o futebol ganhar novo impulso também no Rio de Janeiro (RIBEIRO, 2007, p.25)

Foi essa rivalidade crescente na modalidade entre os dois Estados, que impulsionou mudanças dentro do cenário brasileiro do futebol. Depois disso, em 1902, foi criada a primeira “Liga de Futebol de São Paulo”, fator que potencializou a profissionalização e visibilidade do futebol. Já no Rio de Janeiro acontece o “primeiro Campeonato Carioca de Futebol, em 1906, com a participação de apenas seis clubes formados por atletas da ‘nobre sociedade carioca’” (RIBEIRO, 2007, p.31). Outra questão que também ajudou na cobertura da modalidade junto aos jornais da época foi a proximidade existente entre os praticantes da modalidade (membros da elite) e os jornalistas. Ribeiro (2007) relata que devido a essa influência que os jogos começaram a aparecer nos cadernos esportivos.

Se, a partir de então, o futebol agradou as elites cariocas e paulistanas, o esporte também começou a ganhar espaço entre as camadas mais populares da sociedade brasileira. Esse fato não passou despercebido pela imprensa que também começava a investir na cobertura da modalidade.

Pelos primeiros artigos publicados sobre futebol nos jornais e revistas, ficava clara a divisão do esporte em dois grupos. De um lado, os filhos de boa família, e do outro, os varzeanos humildes. Os primeiros eram considerados dignos representantes do foot-ball, importado da Europa, e os outros vistos como “brutos, incapazes de seguir as regras de conduta, ridicularizados muitas vezes pelos jornalistas como um bando de jogadores que davam chutões para o alto”, sendo chamados de “canelas negras (RIBEIRO, 2007, p. 27)

Assim, o futebol tornou-se parte do cotidiano brasileiro. Seja através da elite ou das camadas mais populares, o esporte passou a ser amplamente praticado nos grandes centros urbanos, sendo que, essa repercussão, também tomava conta das páginas dos jornais. O jornalista Mario Filho foi um dos maiores responsáveis por levar essa realidade nacional para as páginas de periódicos durante grande parte do século XX. Franzini (2009) destaca que, para o jornalista, “o futebol prolongava aquele momento delicioso de depois da missa” (FRANZINI, 2009, p. 119) vivido pela elite brasileira. Já nas camadas mais populares, em 1903, era comum também que os jornais da época anunciassem que “estão combinados para hoje alguns *matches* de *football*, no ponto

final do Tramway da Cantareira, entre os clubes A.A. Cruzeiro Paulista x A.A. Santos Dumont e S.C. Silvio de Almeida x S.C. Guarani” (MAZZONI, 1950, p.77).

Nesse contexto se insere outro fator que foi determinante para a popularização do esporte no país: a quebra do preconceito entre quem poderia ou não praticar a modalidade. Difundido entre as camadas mais pobres na conhecida *várzea*, o futebol começa a ganhar contribuições da população operária e negra do Brasil. No começo do século XX, as ligas constituídas por membros da elite social da época, impediam essa participação dos populares nas competições oficiais.

A partir de fins da década de 1900, os introdutores do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro assumiram-se também como representantes oficiais do jogo, legítimos detentores tanto do direito de praticá-lo quanto do direito de organizá-lo e regulamentá-lo, o que passaram a fazer por meio das ligas que reuniam os principais clubes em ambas as cidades. Daí por diante, foram várias as medidas por elas adotadas no sentido de filtrar, ou impedir, o acesso de jogadores e equipes de origem popular aos campeonatos disputados pelas quadros da elite, como o Fluminense ou o Paulistano (FRANZINI, 2009, p. 122)

Em meio às proibições dos mais diversos tipos, o ápice dessa ruptura, na qual o futebol deixou de ser somente uma modalidade para as elites, aconteceu no Rio de Janeiro, com o clube Vasco da Gama.

A queda da Bastilha do futebol brasileiro ocorreu em 1923, quando comerciantes portugueses, preocupados em promover o Vasco da Gama ao estrelato, sustentaram, na primeira divisão do Rio de Janeiro, um time formado por negros e brancos pobres. [...] As marcas registradas daqueles pés-rapados eram a habilidade e o improviso. Para asco e surpresa dos rivais, foram campeões. Assim, o jogo aristocrático transformou-se, aos poucos, em fenômeno, percorrendo o caminho que conduz da casa grande à senzala. Os excluídos reconheceram os craques vascaínos como ídolos. Perceberam que as regras eram fáceis e que qualquer lugar e qualquer bola serviam. Viram naquele esporte um lazer barato e um meio de driblar o apartheid social. (SOUZA; RITO; LEITÃO, 1998, p.46)

Para Coelho (2003), a inserção oficial dos negros no futebol “era a popularização que faltava. Os negros entravam de vez no futebol, tomavam a ponta do esporte. O Vasco foi campeão carioca pela primeira vez em 1924, apesar da oposição dos outros grandes, que sonhavam tirá-lo da disputa (...)” (COELHO, 2003, p.09).

Com a popularização da modalidade, a cobertura jornalística do futebol se tornou inevitável com o passar dos anos. A paixão pelo esporte estava difundida nas ruas e nas mais diversas classes sociais.

O futebol conquistara definitivamente a sociedade. Jornais e revistas surgiram aos montes pelo país, especialmente no eixo Rio-São Paulo. Nas seções de esporte dos principais jornais, o futebol substituiu as notícias do remo e do turfe, que dominavam o noticiário desde o início do século. (RIBEIRO, 2007, p. 53)

Agora que o preconceito era menor, os desafios passaram a ser mais voltados para o próprio exercício da profissão do que para com o ‘direito’ de se veicular uma matéria na edição diária de determinado jornal. Nos veículos impressos, os desafios começaram junto ao próprio público-alvo dos diários que se propunham a fazer a cobertura do futebol:

Durante o século passado, dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e conseqüentemente ler não constava de nenhuma lista de prioridades. E se o futebol – como os demais esportes – dela fizesse parte, seria necessário ao apaixonado ir ao estádio, isto é, ter menos dinheiro para comprar boas publicações sobre o assunto. (COELHO, 2003, p.9)

Com um panorama que se apresentava pouco atrativo para os proprietários de jornais no começo, a cobertura do jornalismo esportivo impresso no Brasil passou por diversas mudanças ao longo do século XX. Com o advento de novas tecnologias, como o rádio e a televisão, o crescimento desse ramo da profissão se deu com base em eventos esportivos que impulsionaram tanto a paixão dos brasileiros, como a venda de jornais. Ribeiro (2007) destaca alguns desses momentos e suas repercussões, sendo que o primeiro deles foi o mundial de 1938, quando a rivalidade entre os cartolas do Rio de Janeiro e de São Paulo não atrapalharam, pela primeira vez, a participação da seleção brasileira no evento.

A Copa do Mundo de Futebol de 1938 transformou definitivamente a imprensa esportiva brasileira. Desde os preparativos da Seleção até o retorno da França, não se falava em outra coisa nas ruas das grandes capitais do país. Os jornais faturavam alto, e a criatividade de cada um determinou o sucesso nas vendas. (RIBEIRO, 2007, p.98)

Outro momento de grande impacto para a imprensa esportiva do país foi o mundial de 1950, realizado pela primeira vez no Brasil. Para os jornais e seus profissionais, esse foi um momento de grande lucro e expansão.

Desde seu surgimento, no início do século XX, jamais os empresários da mídia esportiva faturaram tanto com o futebol. Participar da cobertura da primeira Copa do Mundo de Futebol realizada no Brasil significava garantir, no futuro, um lugar na história da imprensa esportiva. Ganhando ou perdendo, todos os veículos de comunicação e profissionais da imprensa saíam lucrando. (RIBEIRO, 2007,p.130)

Ainda dentro dessa mesma década, outro fator que alavancou as vendas de jornais e, posteriormente, mudou a forma de enfoque nas coberturas esportivas nos jornais impressos, foi o primeiro mundial conquistado pela seleção brasileira, em 1958. A objetividade e formalidade deram espaço outras abordagens “(...) nos anos 1950, prosas e crônicas esportivas faziam sucesso nos jornais impressos. Tanto que alguns jogos ruins ou violentos podiam virar quase um romance nas linhas desses periódicos”, (BARBEIRO &RANGEL, 2006, p.55).

Essa mudança na forma de abordagem do esporte coincidiu com a própria renovação das redações impressas do país. Novas ideias e produções tomaram conta dos jornais impressos nas décadas de 1960, 1970 e 1980, como o jornalista Maurício Stycer descreve no livro “História do Lance!: Projeto e prática de jornalismo esportivo”.

Outros marcos de ‘modernização’ da imprensa esportiva – evocados, sobretudo, por jornalistas que participaram de alguns desses projetos, a partir da década 60 – coincidem com as fases de renovação geral dos jornais [...] Eles expressam-se na ampliação e ‘humanização’ da cobertura esportiva, levada a cabo pelo *Jornal da Tarde* e pelo *Jornal do Brasil*, nos anos 60, na criação de uma importante revista de futebol, *Placar*, da editora Abril, no princípio da década de 70, e na disseminação do uso de estatística para explicar os resultados das partidas, experimentado pela Folha de S. Paulo, a partir da década de 80 (STYCER, 2009, p. 9)

Com grande destaque dentro do cenário esportivo do país, o lançamento da revista *Placar*, na década de 1970, trouxe novas perspectivas para esse segmento jornalístico no Brasil. “Além de ser amais antiga revista esportiva em circulação no País, é também líder do seu segmento no mercado editorial brasileiro, com cerca de 1.422.000 leitores e uma tiragem mensal de 82.942 exemplares.” (SALDANHA, 2013, p. 282).

A década de 1990 trouxe outro marco para o jornalismo esportivo impresso no Brasil, o lançamento do *Lance!*. Depois de tantas mudanças e adaptações a realidades do próprio fazer jornalístico nas últimas três décadas, a empreitada do empresário carioca Walter Mattos Jr. modificou as estruturas dessa cobertura no país. Com um jornal totalmente dedicado a notícias esportivas, o *Lance!* trazia uma nova concepção de

cobertura e vendas no cenário do jornalismo esportivo impresso. A intenção era fornecer um material dedicado somente aos fãs de esporte no cenário nacional.

Com quarenta páginas totalmente coloridas e formato tabloide, o *Lance!* foi ideia do jovem empresário Walter. A expectativa inicial dos donos do *Lance!* era de em um ano chegar a tiragens de 120 mil exemplares e em quatro anos zerar os investimentos. A estrutura da redação também era ambiciosa: nas duas sedes, paulista e carioca, veteranos da mídia esportiva como Lédio Carmona, Leão Serva e César Seabra misturavam-se a jovens talentos que acabavam de sair das escolas de jornalismo do Brasil, num total de trinta profissionais. A linha editorial Walter Mattos Jr. queria adotar em seu diário esportivo parecia simples: ‘Falaremos pouco de gravatas e muito de chuteiras. Homens de gravata não farão parte de nossas manchetes’ (RIBEIRO, 2007, p.291 e 292).

Na avaliação do desenvolvimento da cobertura esportiva por parte dos jornais impressos no país, o jornalista Paulo Vinicius Coelho (2003) aponta a abrangência que os jornais passaram a creditar a essa editoria, que no seu começo era discriminada por parte dos próprios profissionais que frequentavam as redações “De todo jeito, a partir da segunda metade dos anos 60, com cadernos esportivos mais presentes e de maior volume, o Brasil entrou na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão” (COELHO, 2003, p. 10).

Ao longo do tempo, a difusão da tecnologia também foi um dos fatores fundamentais para a ampliação da imprensa esportiva no Brasil. O advento do rádio, da televisão e da Internet, modificou a produção e o consumo da notícia esportiva no país, como veremos na próxima parte desse capítulo.

### **2.2.2 Novas tecnologias e o jornalismo esportivo: o rádio, a televisão e a internet.**

Com o crescimento contínuo do futebol no Brasil a partir da década de 20, outra paixão também era inserida na vida da população no mesmo período: o rádio. A tecnologia que surgiu em 1901, quando aconteceu a primeira transmissão de uma mensagem através de ondas radiofônicas entre Europa e Estados Unidos, teve a sua inserção no país em 1922, com o discurso do presidente Epitácio Pessoa. Roquette Pinto, que foi uma grande personalidade do rádio no país, relatou que esse primeiro contato com o veículo de comunicação não teve grande recepção: “(...)a transmissão feita em 1922 foi precária, com a qualidade de som muito ruim e que despertou pouco interesse da população” (GUERRA, 2012, p. 21 e 22).

Se assim como o futebol o rádio também apresentou resistência no começo de sua inserção no Brasil, o tempo provou que ambos conquistariam de forma inigualável a atenção dos brasileiros. Guerra (2012), em seu livro “Rádio x TV: O jogo da narração”, conta que Roquette Pinto, em 20 de abril de 1923, fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e “A partir daí, uma série de outras emissoras começam a surgir em todo o país” (GUERRA, 2012, p.22)

Ribeiro (2007) também destaca a relevância do veículo, mesmo que nesses seus primeiros momentos, para a divulgação do futebol: “O rádio apenas engatinhava, mas o poder de grandes grupos de comunicação e o talento de alguns empresários fariam do novo veículo o mais importante aliado do futebol”. (RIBEIRO, 2007, p.59)

Foi em 1931 que o rádio e o futebol se encontraram oficialmente. O jogo entre as seleções de São Paulo e Paraná foi transmitido pela Rádio Educadora e oficializou a união dessas duas paixões nacionais.

Foi na oitava edição do Campeonato Brasileiro de Futebol, na partida entre as seleções de São Paulo e Paraná, que aconteceu a primeira transmissão de um jogo de futebol da forma como se conhece hoje. [...] Nicolau Tuma, locutor da Rádio Educadora Paulista, recebeu a missão de transmitir o espetáculo que tanto interesse estava despertando nas pessoas. Era o rádio reconhecendo a importância do futebol e vendo ali uma possibilidade de ampliar seu campo de ação. (GUERRA, 2012, p.25).

Essa primeira transmissão foi o pontapé inicial de uma união que continua firme até o hoje. O destaque desse momento protagonizado por Nicolau Tuma foi o que também impulsionou a junção e profissionalização posterior da cobertura esportiva no rádio. “O sucesso obtido por Tuma nas transmissões da Rádio Educadora despertou rapidamente o interesse da concorrência.” (RIBEIRO, 2007, p.77).

Outros profissionais e emissoras passaram a investir na cobertura do esporte e, de seu modo, contribuíram para o avanço da mesma. Um exemplo disso é o surgimento de programas voltados somente para o futebol na programação das rádios, assim como a inserção de novos profissionais nas transmissões, como o comentarista e o plantonista. Nesse cenário, Ribeiro (2007) destaca o trabalho da Rádio Record que, ainda na década de 30, passou a separar horários especiais em sua programação dedicados somente ao futebol.

José Augusto Siqueira, comandante técnico das transmissões, recebia telefonemas dos repórteres que acompanhavam os jogos nos estádios e os colocava no ar: na emissora, “não era nada mais do que uma série de telefones, daqueles de manivela em que se falava do campo”. De lá se dava uma notícia. Siqueira pegava, escrevia num papel e o locutor dizia: “Agora acabou-se de marcar um gol no Parque Antártica”. Pode parecer simples hoje, mas na época o primeiro plantão esportivo do rádio brasileiro, batizado de *Esportes nas Antenas*, foi uma revolução. Na Record, o futebol também era notícia todas as tardes da semana, no programa *Record nos Esportes*, com boletins produzidos em parceria com a equipe comandada por Thomaz Mazzoni no jornal *A Gazeta Esportiva*. Um ano depois de sua criação, a Record já era a maior rádio de São Paulo, considerada modelo pela qualidade de sua programação moderna e popular. (RIBEIRO, 2007, p. 78)

Assim como no jornalismo impresso, um marco dessa expansão da cobertura esportiva no rádio foi a Copa de 1938, disputada na França. O Brasil chegou ao fim da competição com o terceiro lugar e, pela primeira vez, a imprensa esportiva acompanhou e noticiou de forma abrangente o evento. Na rádio, o brasileiro Gagliano Neto foi o único narrador sul-americano a transmitir os jogos da seleção.

A Copa do Mundo de Futebol de 1938 transformou definitivamente a imprensa esportiva brasileira. [...] Não eram apenas os jogadores que se beneficiavam da conquista do terceiro lugar no mundial. A popularidade do futebol fazia empresários da comunicação investirem cada vez mais no esporte. O lucro era praticamente certo, tanto para os que decidiam criar novos jornais como para os que apostavam alto no talento de jovens jornalistas que surgiam na imprensa esportiva. (RIBEIRO, 2007, p. 98 e 102)

Com os investimentos se consolidando e as audiências não parando de atingir níveis recordes, as emissoras de rádio não economizaram investimento no segmento. Na década de 40, a fundação da Rádio Panamericana personificou esse crescimento do jornalismo esportivo no rádio, que buscava cada vez mais a novidade e a diferenciação da concorrência.

Em 1940 é fundada a Rádio Panamericana, hoje conhecida como Jovem Pan. Ela tem um papel importante na história da transmissão esportiva pelo rádio. Foi a primeira emissora a se especializar em esportes. Criou seu departamento de esportes e trouxe, entre outras novidades para a narração do futebol, a figura do comentarista de arbitragem [...]. Também foi a Pan que criou o seu plantão esportivo (profissional que atua nos bastidores, no estúdio, acompanhando outros jogos e dando suporte para a transmissão). [...] Outra novidade criada pela Jovem Pan foi a presença do repórter de campo, que antes era conhecido como narrador de campo, uma vez que ele narrava o lance quando acontecia um escanteio ou falta mais próxima da área. (GUERRA, 2012, p. 30 e 31)

A inserção da Rádio Panamericana no mercado significou que todas as emissoras concorrentes que não começassem a especificar os conteúdos e os profissionais para o jornalismo esportivo, ficariam para trás. “A programação da Rádio Panamericana serviu de modelo e inspiração para muitos programas esportivos que surgiriam anos mais tarde. (...) Uma nova escola de jornalismo esportivo estava nascendo”. (RIBEIRO, 2007, p. 114 e 115).

Em 1950, a Copa do Mundo chegava ao Brasil. Com a proximidade e com as estruturas já instaladas próximas aos locais de partidas, a cobertura das emissoras de rádio brasileira foi massiva. O evento que enaltecia os profissionais que tinham muito tempo de carreira estava ao alcance de praticamente todas as emissoras do país.

Participar da cobertura da primeira Copa do Mundo de Futebol realizada no Brasil significava garantir, no futuro, um lugar na história da imprensa esportiva. Ganhando ou perdendo, todos os veículos de comunicação e profissionais da imprensa saíram lucrando (RIBEIRO, 2007, p. 130)

A derrota contra o Uruguai, por 2 a 1, na final do campeonato, foi um ‘balde de água’ fria nos torcedores brasileiros. “Muitos torcedores apaixonados pelo futebol e que sentiram de perto, pela rádio ou pelos jornais, a dor daquela derrota tinham tudo para riscar de seus calendários o ano de 1950” (RIBEIRO, 2007, p.135).

Mas, se por um lado o começo dessa década trouxe decepções para os torcedores, os próximos anos guardavam grandes surpresas para os apaixonados pelo esporte e para os profissionais da área. A primeira delas veio dois meses depois da derrota do Brasil no mundial, a inauguração da televisão no país.

No dia 18 de setembro de 1950 entrou no ar a TV TUPI, canal 3 de São Paulo. Seu proprietário era o maior empresário das comunicações do país, Assis Chateaubriand [...] Chatô gastou 5 milhões de dólares em trinta toneladas de equipamentos para serem utilizados na televisão, mas apesar do investimento milionário a qualidade de transmissão era péssima, com chuviscos eletrônicos permanentes. (RIBEIRO, 2007, p. 135).

Se a televisão no começo ainda não tinha grande qualidade e apelo para o público, no mesmo período o rádio já tinha se tornado uma paixão nacional, assim como o futebol. Com o rápido processo de urbanização que se instalou no Brasil na década de 50, um hábito que perdura até hoje nos mais diversos campos espalhados pelo país se consolidou: o rádio presente também dentro do campo de futebol.

Levar o rádio para o estádio tornou-se mais que um hábito. Era o acessório e o companheiro de futebol imprescindível. (...) o rádio passou a fazer parte da ‘bagagem’ que cada torcedor leva para o estádio. Já não bastava apenas assistir, era preciso acompanhar a narrativa. Uma expressão que logo foi incorporada e explorada pelos narradores de futebol foi a de que “brasileiro não vive sem rádio”. (GUERRA, 2012, p. 35 e 36)

Diferente dos outros veículos que demoraram a cobrir o futebol enquanto esporte, quando a televisão chegou ao Brasil, a modalidade já tinha um grande apelo com o público, por isso teve espaço desde o começo na programação do veículo. “Desde o primeiro dia que a televisão entrou no ar, o esporte teve espaço privilegiado.” (RIBEIRO, 2007, p.135). Programas como o *Vídeo Esportivo* e *Imagens do Dia* traziam o futebol em destaque dentro dos seus assuntos.

Dentro dessa realidade, uma das primeiras ações dos empresários que investiram na instalação da TV no Brasil foi a importação de profissionais do rádio para o novo veículo.

Programas, apresentadores, músicos, diretores, todos migram para o novo veículo. Até por isso, o surgimento da televisão na vida do brasileiro passa a impressão de um rádio com imagem. Claro, com o tempo, tal qual o rádio, a linguagem televisiva foi encontrando também sua forma própria, [...] (RIBEIRO, 2012, p.96)

A primeira cobertura do futebol para televisão no Brasil foi feita pelos cinegrafistas Jorge Kurkjian, Paulo Salomão e Alfonso Zibas, que acompanharam um partida entre São Paulo e Portuguesa no estádio do Pacaembu. “Sem avisar ao árbitro do jogo, posicionou-se [Zibas] à beira do gramado e passou a gravar as imagens. O juiz não concordou e Zibas acabou sendo expulso de campo” (RIBEIRO, 2007, p.135).

Ainda nessa década, um marco para o jornalismo esportivo foi a vitória do Brasil na Copa do Mundo de 1958. “Veículos para divulgar o que acontecia nas distantes cidades de Gotemburgo e Estocolmo era o que não faltava. Em 1958 existiam 708 estações de rádio, oito de televisão e mais 252 jornais diários” (RIBEIRO, 2007, p.165).

A cobertura desse evento por parte das emissoras de rádio foi enorme, mas o destaque desse momento talvez fique para a própria televisão, que recebeu grandes retornos financeiros e numéricos após o evento. “Até a Copa havia no Brasil, no máximo, mil receptores de TV. Em 1960, o número chegava a 621.919 unidades” (RIBEIRO, 2007, p.170). E para o veículo que começou tímido, com apenas uma emissora em 1950, os avanços foram consideráveis nos dez primeiros anos de

funcionamento “No final da década de 1950, estavam em funcionamento dez emissoras no Brasil” (GUERRA, 2012, p.98).

No começo da década de 60, a televisão já tinha se tornado um grande fenômeno comercial no Brasil. “Fazer televisão no Brasil começava a ser um grande negócio. A disputa entre Paulista, Tupi e Record, as principais emissoras do país, obrigava seus proprietários a modernizar rapidamente suas estruturas [...]” (RIBEIRO, 2007, p.180).

A Copa de 1962, no Chile, foi marcada pela conquista de mais um título mundial pela seleção brasileira. O rádio ainda era o veículo de maior audiência no país e que efetivamente transmitiu em tempo real o evento, mas o fenômeno da televisão não deixou de aproveitar o momento e trazer novidades tecnológicas e motivar o público brasileiro.

Os jogos do Mundial do Chile só eram exibidos na televisão com dois dias de atraso. Pode parecer muito, mas pela primeira vez o torcedor brasileiro, que antes só via lances dos jogos nos cinejornais uma semana depois, começava a ver a partida inteira, em videoteipe. (RIBEIRO, 2007, p.187)

Esses avanços tecnológicos foram colocando a televisão no cenário da comunicação do país. Ainda em 1962, o novo veículo conseguiu superar, pela primeira vez, o rádio e os jornais impressos em captação de verbas publicitárias, fato esses que estimulou os investimentos na busca de cativar novos públicos para o veículo. “Investir em novas ideias significava ampliar ainda mais o poderio da televisão diante do público consumidor do esporte, especialmente dos fanáticos torcedores”. (RIBEIRO, 2007, p. 190).

Dentro desses investimentos, o destaque da década talvez fique para o advento do modelo de programa ‘mesa-redonda’ na televisão brasileira. O programa *Grande Resenha Facit*, da TV Rio, entrou no ar no final de 1963. “(...) a mesa-redonda transformou-se em um programa obrigatório aos domingos para o torcedor carioca e eterno modelo para gerações futuras.” (RIBEIRO, 2007, p.191).

Em 1965, uma nova emissora de televisão entrava no ar no Brasil. A TV Globo reformulou a maneira de se fazer televisão no país e logo atingiu retornos surpreendentes em níveis comerciais e de público. “Em 1965 surge a TV Globo, que em pouco tempo se tornou o maior império televisivo do país, derrubando os Associados e dominando a audiência até hoje.” (GUERRA, 2012, p.100)

Foi na década de 1960 que os brasileiros e, também, os jornalistas passaram a conviver com um dos momentos históricos mais conturbados de nossa história: a

ditadura militar. A intervenção do poder público nas redações através da censura trouxe mudança também para o jornalismo esportivo.

A crise política no país, que impedia a liberdade de imprensa em diversas redações, fazia das secções esportivas de jornais, rádios e televisões um espaço aberto para desafogar a criatividade e a ousadia reprimidas em outras editorias. (RIBEIRO,2007, p.204)

Os avanços tecnológicos e os investimentos financeiros no meio televisivo levaram a primeira transmissão ao vivo de uma Copa do Mundo para o Brasil: a de 1970, no México. “A Copa de 1970 tem importância não só pela conquista do tricampeonato pela Seleção Brasileira, mas também pelo fato da televisão estar transmitindo (...)”.(GUERRA, 2012, p.102). Mesmo com poucos aparelhos ainda em circulação no Brasil, o momento foi celebrado e marcou a história da comunicação no país. “Apesar da força da rádio, quem poderia deixar de assistir à primeira Copa transmitida ao vivo pela televisão?” (RIBEIRO, 2007, p. 210).

Agora que a transmissão de partidas de futebol ao vivo era uma realidade no Brasil, uma polêmica que se iniciou junto com o processo de instalação da TV no país ganhava mais força: os jogos mostrados na televisão levavam a uma fuga do público nos estádios? Se nos anos 50 e 60 as emissoras de televisão chegaram a ser proibidas de entrar nos estádios, agora as instituições envolvidas nessa relação viam uma nova ‘alternativa’ para o problema.

Dirigentes de clubes começavam a enxergar um novo caminho para arrumar dinheiro para suas agremiações, ou quem sabe para seus próprios bolsos. Era o início das negociações sobre os direitos de transmissão que, pela sobrevivência, levariam os clubes a uma crônica dependência da televisão. (RIBEIRO,2007, p. 246)

Se as emissoras de televisões, a partir da década de 70, passaram a brigar pelos direitos de transmissão das partidas, as rádios ainda recebiam retornos enormes do público e dos anunciantes pelas transmissões das partidas de futebol pelo país. “No final da década de 70, as rádios davam show todo domingo nas principais capitais do país. (...). As emissoras tinham faturamento condizente com o que punha em prática.” (COELHO, 2003, p.28 e 29)

O mercado tornou-se mais agressivo para as emissoras de televisão na década de 80, que passaram a protagonizar uma grande disputa pela audiência. Nesse sentido, a TV Globo investiu pesado para garantir a hegemonia das transmissões esportivas no Brasil. “No Mundial da Espanha, em 1982, a emissora carioca demonstrou seu poderio

ao comprar com exclusividade os direitos de transmissão para o Brasil por 14 milhões de dólares” (RIBEIRO, 2007, p. 254).

Esse fato não se repetiu no Mundial de 1986, no México, já que a TV Globo não conseguiu a exclusividade de transmissão para o evento. “(...) um *pool* de emissoras foi formado para transmitir os jogos. Record, Bandeirantes e SBT criaram até um slogan para o trabalho: ‘Unidos Venceremos’” (RIBEIRO, 2007, p. 263).

Foi no final da década de 80 que a disputa entre os dirigentes de clubes e as emissoras de televisão, pelos direitos de transmissão de partidas ao vivo no Brasil, chegou ao fim. “(...) a partir de 1987 a televisão voltou a ter o direito de televisar jogos ao vivo. O novo Campeonato Brasileiro teve dezesseis clubes, patrocinador forte, e na mídia, espaço suficiente para faturar e noticiar” (RIBEIRO, 2007, p. 266)

A década de 90 começou com grandes transformações para a televisão no Brasil. Logo em 1991 foi criada a Globosat, que permitiu o acesso do público a canais de TV por assinatura no país. O ‘Sportv’ foi o primeiro canal por assinatura com programação exclusiva dedicada ao esporte no país. A concorrência para a Globosat na transmissão esportiva dentro da TV por assinatura chegou em 1993, com a criação da TVA Esportes, do Grupo Abril. “Os dois canais, ligados a grandes grupos de comunicação do país, travaram um duelo de titãs nos bastidores, para obter a exclusividade das transmissões dos principais campeonatos estaduais e nacionais” (RIBEIRO, 2007, p.278),

Nos canais da TV aberta a disputa pelas transmissões esportivas no país estava também dividida entre dois canais. “ (...) Globo e Bandeirantes eram detentoras dos direitos de transmissão dos principais eventos esportivos do mundo da bola. A concorrência entre as duas era acirrada.” (RIBEIRO, 2007, p.278)

Em uma avaliação desse cenário na primeira metade da década de 90, o jornalista André Ribeiro revela a contradição que toda essa disputada pelo mercado da transmissão esportiva significava.

[...] a cada dia a televisão, sempre considerada vilã para os dirigentes esportivos, passou a ser o principal instrumento de sobrevivência para os clubes brasileiros. O surgimento de canais por assinatura no Brasil e a disputa pelos direitos exclusivos de transmissão aumentavam ainda mais a receita que dirigentes esportivos poderiam embolsar sem fazer nenhuma força. (RIBEIRO, 2007, p. 278).

Assim como em momentos anteriores de sua história, foi depois da primeira metade da década de 90 que o jornalismo esportivo sofreu grande transformação com a chegada de um novo meio de comunicação de massa: a internet. O veículo trouxe uma

reviravolta para os jornais impressos, rádios e, inclusive, canais de televisão, que se viram obrigados a adaptar os seus conteúdos aos moldes do mundo digital e, também, profissionalizar os seus trabalhadores pensando nessa forma de notícia.

A informação passava a ser praticamente instantânea. A velocidade com que uma notícia podia chegar ao público acirrava a competição e obrigava qualquer jornal ou revista a entrar no mundo da internet. Foi uma autêntica febre. Grandes investidores passaram a viabilizar a estruturação da informação via sites, tornando cada vez maiores os investimentos nesse segmento da mídia, e cada vez mais atrativas as vagas nessas redações (RIBEIRO, 2007, p. 295).

Após o surgimento da internet, se inserir no mundo online era quase que uma ‘obrigação’ para grande parte dos veículos de comunicação.

A internet se transformou em veículo parceiro e, às vezes, tão forte quanto os antecessores. [...] Em 1998, o jornal Lance! surgiu já com o Lancenet. Em 1999, foi criado o canal a cabo PSN, cujo portal captou jornalistas em outras redações, pagando salários altíssimos.(OLIVEIRA, 2013, p.106)

Em uma avaliação sobre a inserção da internet no cenário do jornalismo esportivo do Brasil, Coelho (2003) aborda também os pontos negativos que o mundo online trouxe para o mercado.

A estabilidade chegou em 2002. Quem tinha que continuar investindo, continua até hoje. Quem não tinha, deixou a área e já não causa grandes rebuliços. Mas o estrago foi considerável. Bons profissionais deixaram o mercado e têm dificuldade para retornar. Alguns desistiram. Quem continua trabalhando produz notas diárias, com informações que causam no jornal do dia seguinte o sabor de pão amanhecido. Claro, para quem tem o hábito de acompanhar a todos os noticiários dos sites. (COELHO, 2003, P.61-62)

Se pelo lado profissional a internet trouxe novos dilemas internos para o jornalismo durante a sua consolidação no Brasil, o novo meio de comunicação também trouxe impactos na relação entre os campos sociais do esporte e da mídia. Rebutine (2012) avalia que as redes sociais levaram a um deslocamento do relacionamento entre o jornalista e a fonte, já que com o advento da internet os próprios atletas e clubes passaram a ser produtores constantes de conteúdo e têm acesso direto ao público, sem o intermédio da mídia. “Juntamente com os grandes artistas, os atletas (celebridades) têm utilizado intensamente as novas mídias como forma de aproximação e divulgação de seus nomes, das equipes e marcas associadas.” (REBUSTINE, 2012, p. 72).

Outra mudança relevante inserida pela internet no encontro desses dois campos sociais foi o surgimento de novos canais de comunicação com o público: os blogs, redes sociais e microblogs. Foram esses novos espaços de diálogo entre produtores de

conteúdo e o público, que permitiram uma quebrar com a lógica dos canais de comunicação das mídias massivas até então conhecidas, como o rádio e a televisão.

O aparecimento das redes sociais, dos blogs e microblogs alteram as dinâmicas clássicas da mídia televisiva, do rádio e jornais. O impacto dessas mídias é instantâneo, possibilitando que aqueles que estão conectados, em uma rede, tenham contato imediato com novos fatos, informações, acontecimentos, inclusive, banalidades. Os atletas, equipes, dirigentes, clubes e patrocinadores passam a utilizar massivamente estes novos instrumentos para propagar novas ações de marketing e publicidade, afazeres, negociações (REBUSTINI et al., 2011b; BLASZKA, 2011), o que inclui também desavenças e a exposição da intimidade, que passa a ser compartilhada entre os seguidores da rede e os seguidores dos seguidores, em um efeito cascata no ciberespaço. (REBUSTINE, 2012, p. 72).

Além dessas mudanças estruturais na cobertura jornalística, a internet também trouxe novos dilemas para os demais meios de comunicação. Com a possibilidade de uma maior interatividade com os conteúdos produzidos, a narrativa esportiva passou por modificações para se enquadrar na era transmídia<sup>7</sup>. Américo (2014) aponta que esse novo ambiente abriu portas para a produção de diversos conteúdos que antes não eram colocados nos formatos da mídia tradicional.

Diante do ambiente tecnológico que se configura, cabe aos jornalistas esportivos refletirem sobre possibilidades de coberturas jornalísticas assim como novas e polêmicas modalidades (de jogos e esportes) que surgem com a convergência digital e que provocam a recuperação das discussões sobre o próprio conceito de esporte e suas variações como jogos e esportes eletrônicos, objetos deste trabalho. (AMÉRICO, 2014, p. 318)

Desde a sua introdução no Brasil, o futebol tem sido peça fundamental para o desenvolvimento do jornalismo esportivo no país. A seu modo, o esporte, jornalistas, jogadores, veículos e o público, têm construído juntos a história dessa grande paixão nacional. O estudo completo da cobertura de megaeventos esportivos, pelo jornal de maior audiência no país, depende da compreensão histórica de que o que vemos hoje como jornalismo esportivo, é o resultado de um processo de mudanças e transformações ao longo dos anos.

---

<sup>7</sup> Entendemos o conteúdo transmídia na perspectiva de Reno & Reno (2013) que o definem como uma forma de linguagem jornalística que contempla ao mesmo tempo distintos meios com várias linguagens e narrativas a partir de inúmeros meios e para uma infinidade de usuários.

### 3 MEGAEVENTOS ESPORTIVOS E A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

Para que a análise proposta por essa pesquisa seja feita de forma mais abrangente, entendendo-se de que maneira um conglomerado de comunicação se prepara e cobre um evento de proporções globais no meio do esporte, precisamos debater os aspectos que rodeiam a própria lógica e definição deste acontecimento, ou seja, é preciso se fazer uma digressão sobre os megaeventos em si. Nesse momento, é importante se destacar que mesmo fazendo uma significação mais ampla dos conceitos de megaeventos, o presente trabalho tem como foco a evolução e consolidação destes no meio esportivo, com destaque para as Olimpíadas de Verão e a Copa do Mundo FIFA.

Antes mesmo de se trazer conceitos que elucidam pontos de forte relevância para a fundamentação da pesquisa, cabe um parêntese no que tange a própria materialização dos megaeventos esportivos como rica fonte de estudos para o campo sociológico e da comunicação. Bourdieu (1990) foi um dos primeiros sociólogos a destacar o esporte como campo de estudo e análise para a sociologia. No seu livro “*Programme for a Sociology of Sports*”, o autor defende que, uma vez que os megaeventos esportivos estão cada vez mais alinhados com a lógica do capitalismo moderno, constituem excelentes objetos para se compreender a sociedade moderna. Nessa mesmalinha de raciocínio, Horne e Manzenreiter (2006) argumentam que “As media events, the Summer Olympic Games and the FIFA Association Football World Cup provide cultural resources for reflecting upon identity and enacting agency.” (HORNE & MANZENREITER, 2006 p.1).

Com um elevado número de pesquisas chegando à área a partir dos anos 2000, o Brasil viu os megaeventos esportivos entrarem no seu contexto social e político no mesmo período. Com o desenvolvimento de um projeto urbanístico e social no Rio de Janeiro durante os anos 90 (SÁNCHEZ, 2000), a cidade foi a responsável por guiar um movimento de colocar o país na disputa pelo direito de sediar uma dessas competições, como um *global player* (SÁNCHEZ, BIENENSTEIN, MASCARENHAS e OLIVEIRA, 2012, p. 138). Com candidaturas frustradas para os Jogos Olímpicos de Verão em 2004 e 2012, a realização dos Jogos Pan-Americanos de 2007 foi um dos catalisadores das conquistas da Copa do Mundo FIFA 2014 e os Jogos Rio 2016.

É nesse contexto que inserimos alguns conceitos e fazemos um retrospecto histórico para elucidar pontos de importância no estudo de megaeventos esportivos. A partir da definição, processos de evolução e interlocução com uma sociedade midiática, é que o estudo se propõe a fazer uma análise da cobertura do *Jornal Nacional* na Copa do Mundo e Olimpíadas sediadas no Brasil, em 2014 e 2016 respectivamente.

### 3.1 MEGAEVENTOS ESPORTIVOS

Como ponto de partida para essa exposição de conceitos acerca de nosso objeto de estudo, iniciamos o debate com a própria definição do que caracteriza um evento. Antes mesmo de enquadrar a lógica do “mega”, torna-se necessário apontar que um evento por si só já quebra com a continuidade dos hábitos rotineiros na vida de quem o pratica ou assiste. Poit (2004) define que evento é:

(...) um conjunto de ações profissionais previamente planejadas, que segue uma sequência lógica de preceitos e conceitos administrativos, com o objetivo de alcançar resultados que possam ser qualificados e quantificados junto ao público alvo. (POIT, 2004, p.19)

Podendo apresentar diferentes perfis (esportivo, social, filantrópico, religioso e etc.), Poit (2004) ainda destaca que eventos têm entre os seus requisitos a necessidade de interação entre seus “participantes, público, personalidades e entidades” (POIT, 2004, p.19).

Elaborando um processo de diferenciação dos tipos de eventos, Heinze (2002) afirma que eles podem ser classificados por indicadores físicos (o número de visitantes, demanda por espaço), financeiros (investimentos realizados, lucro atingido) ou por seu significado sócio-psicológico. Seguindo nessa abordagem, existem três possíveis categorias, sendo elas: micro eventos; meso-eventos; e megaeventos.<sup>8</sup>

Tendo em vista tal significação, avançamos no debate procurando entender quais seriam as definições que englobariam um megaevento.

---

<sup>8</sup> - Micro-eventos: eventos com importância local, os quais não precisam de muita preparação. (Como exemplo servem festas de rua, as quais atraem um número limitado de visitantes.)

- Meso-eventos: eventos com importância maior (além do regional) que precisam de longa preparação. (Os jogos de futebol da Primeira Divisão são um exemplo para este tipo de evento.)

- Mega-eventos: eventos com importância nacional ou internacional, os quais têm um efeito significativo para a imagem de toda uma região ou de um país. Alguns exemplos são as Copas Mundiais de Futebol e os Jogos Olímpicos.

Nessa perspectiva, o pensamento de Roche (2000) norteia muitas pesquisas na área. Para o autor, megaeventos são “large-scale cultural (including commercial and Sporting) events, which have a dramatic character, mass popular appeal and international significance.”(ROCHE, 2000, p.1).

De maneira complementar, Hall (2006) aponta que os megaeventos teriam como princípios básicos apresentar:

(...) grandiosidade em termos de público, mercado alvo, nível de envolvimento financeiro do setor público, efeitos políticos, extensão de cobertura televisiva, construção de instalações e impacto sobre o sistema econômico e social da sociedade anfitriã (HALL, 2006, p. 59)

É com base nesses conceitos expostos por Roche (2000) e Hall (2006), que se torna do interesse de nosso estudo destrinchar alguns destes pontos citados como característicos de um megaevento. Vale novamente reiterar que, a partir de agora, o destaque de nossas exposições teóricas traz como foco esses acontecimentos globais no campo do esporte, aproximando o debate dos objetos da pesquisa.

O primeiro aspecto a ser analisado dentro das definições apontadas diz respeito ao grande público que os megaeventos atraem para si. Em dados divulgados pela FIFA em 2014, a Federação aponta que ao todo 3.429.873 torcedores foram aos 64 jogos do mundial no Brasil, mantendo assim uma média de 53.591 por partida.<sup>9</sup>Recebendo um total de 1,17 milhões de turistas durante os Jogos Olímpicos, a cidade do Rio de Janeiro conviveu com uma movimentação de 80 mil pessoas/dia em pontos turísticos do município, como o Boulevard Olímpico.<sup>10</sup>

Somente os números de público presenciais nesses megaeventos esportivos já chamam atenção pela sua grande escala, mas Horne e Mazonreiter (2006) destacam que foi, principalmente, nos últimos 20 anos que o *boom* no setor tecnológico de transmissões permitiu elevar esses dados a valores ainda mais altos.

(...) new developments in the technologies of mass communication, especially the development of satellite television, have created unprecedented global audiences for events like the Olympics and the World Cup.” (HORNE e MANZENREITER, 2006 p.3).

<sup>9</sup> Informação divulgada no site globoesporte.com, disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2014/07/copa-de-2014-recebe-o-segundo-maior-publico-da-historia-do-torneio.html>

<sup>10</sup> Informações divulgadas pela Prefeitura do Rio de Janeiro, disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/08/prefeitura-faz-balanco-da-olimpiada-e-paes-diz-que-o-rio-calou-criticos.html>

Em dados divulgados pela FIFA sobre a partida entre Alemanha e Argentina na final da Copa do Mundo de 2014, estima-se que um total de 3,2 bilhões de espectadores passaram pela transmissão do jogo em algum momento, sendo que 1,013 bilhão viu ao menos um minuto da final.<sup>11</sup>

Horne e Mazonreiter (2006) defendem que foi essa mudança tecnológica que trouxe uma nova perspectiva para a própria estruturação dos megaeventos esportivos. Com a consolidação de uma nova fonte substancial no que se diz respeito à arrecadação financeira, empresas de transmissão passaram a lutar pelo direito de exclusividade na distribuição de imagens e transmissões envolvendo a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Em uma análise sobre os percentuais envolvendo as receitas financeiras do Jogos Olímpicos no período de 2001-2004, os autores apontam que:

In the case of the Olympic Games, TV rights accounted for 53 per cent (US\$2.229 billion) of total revenue, followed by sponsorship (34 per cent, US\$1.459 billion), ticketing (11 per cent, US\$441 million) and merchandizing (2 per cent, US\$86.5 million) in the period 2001–2004. (HORNE & MANZENREITER, 2006 p.5).

Os dados relativos à predominância dos direitos de transmissão como principal fonte de arrecadação também se repetem quando analisado a Copa do Mundo FIFA no período de 1990 a 2006:

With respect to the Football World Cup, in 1990 sales of television rights were estimated to amount to US\$65.7 million (41 per cent), sales of tickets for US\$54.8 million (34 per cent) and sales of advertising rights for US\$40.2 million (25 per cent). Twelve years later the world TV rights (this time excluding the US) for the 2002 and 2006 Football World Cup Finals were sold for US\$1.97 billion. This was a six-fold increase on the US\$310 million paid by the EBU for the three tournaments held in the 1990s. (HORNE & MANZENREITER, 2006 p.5).

É interessante destacar, nesse momento, o papel que a tecnologia e a comunicação cumprem no processo de mediação e aumento da abrangência relativa às mensagens transmitidas ao público sobre megaeventos esportivos. O maior acesso a imagens e direitos de transmissão por parte dos veículos de comunicação ao redor do mundo, impacta de maneira significativa na forma de se produzir conteúdos relativos a essas competições. Como discutiremos mais à frente, entender a relevância que a Copa do Mundo e as Olimpíadas apresentam para a sociedade moderna passa intrinsecamente

---

<sup>11</sup> Informação divulgada no site globoesporte.com, disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2015/12/fifa-divulga-numeros-de-audiencia-da-copa-de-2014-mais-de-1-bi-na-final.html>

pelo processo de compreensão das mensagens e discursos veiculados, além do próprio direito de se veicular notícias sobre tais assuntos.

Acompanhando a definição de Hall (2006), Horne e Mazonreiter (2006) também destacam como outro ponto característico dos megaeventos esportivos o amplo investimento do mercado no que se relaciona a direitos exclusivos de transmissão, patrocínio e merchandising. É baseado no que os autores chamam de tripé “*sport-media-business*” (HORNE e MAZENREITER, 2006, p.5) que eventos como as Olimpíadas e a Copa do Mundo passaram por um grande processo de crescimento nos últimos vinte anos.

Com o aumento das audiências promovidos pelos avanços tecnológicos, Horne&Mazonreiter (2006) apontam em seus estudos que uma crescente que tomou conta de megaeventos esportivos foi a venda de direitos de exclusividade para um certo número de patrocinadores, arrecadando mais verbas e trazendo para mais próximo deles a perspectiva capitalista.

The idea of selling exclusivity of marketing rights to a limited number of sponsoring partners began in Britain in the 1970s with Patrick Nally and his associate, Peter West, as the media agency WestNally. In the early 1980s the idea was taken up by Horst Dassler, son of the founder of Adidas, and at the time chief executive of the company” (HORNE & MANZENREITER, 2006 p.7).

Assim como Horne e Mazonreiter, Mascarenhas (2009) defende que esse processo de mercantilização dos megaeventos esportivos não é algo da modernidade, mas que teve seus números extremamente amplificados no processo conhecido como “virada dos 80”.

(...) podemos falar em uma “virada dos 80”, quando as duas entidades – Federação Internacional de Futebol Associação (Fifa) e o Comitê Olímpico Internacional (COI) – reorganizaram-se profundamente, adotando novos princípios gerenciais, abrindo mão de velhos princípios para aderir à inserção plena do esporte no capitalismo e tornando-se duas das maiores multinacionais do mundo. Desde então, passaram a atrair poderosos patrocinadores e a vender direitos de transmissão dos eventos em bases monetárias que crescem em progressão geométrica. (MASCARENHAS, 2009. p.507)

É possível se compreender a relevância de tais investimentos para o mundo esportivo quando trazemos para nossa análise autores que demonstram o papel que a comunicação exerce sobre as audiências quando o ponto de abordagem é o consumo.

Enne (2006) diz que o consumo é fator preponderante na formação de identidades, sendo que a mídia tem grande influência sobre o processo de motivação do mesmo.

(...) consumo e cultura são palavras-chave para compreendermos os processos de formação das identidades na contemporaneidade (...) Dessa forma, a não adequação do indivíduo a esse padrão consumista imposto, levaria, em muitos casos, à sua exclusão e estigmatização social. (ENNE, 2006, p.13-16 apud. SILVEIRA, 2010, p.41).

Com modelos identitários reproduzidos massivamente pela mídia, torna-se comum que o mercado se utilize da publicidade, moda e personagens midiáticos para vender mais produtos. Silverstone (2002) destaca esse poder de convencimento, sendo que “aprendemos como e o que consumir pela mídia. Somos persuadidos a consumir pela mídia.” (SILVERSTONE, 2002, p.150)

Lançando mão das teorias apresentadas, torna-se mais fácil entender o processo de avanço do mercado sobre os megaeventos esportivos. Com os holofotes da audiência mundial voltados para esses espetáculos, marcas e patrocinadores obtêm uma oportunidade única para verem seus produtos veiculados em larga escala para o mundo inteiro. Para isso, valores como nacionalismo, competitividade, *fair-play* e personagens do próprio meio, como jogadores e atletas, são amplamente utilizados afim de se aproveitar dos megaeventos como um amplificador dos sistemas de consumo.

Tendo em vista esse grande momento de potencialização midiática proporcionado pelas novas tecnologias, tornou-se outro fator característico dos megaeventos esportivos os interesses políticos e os impactos urbanos/sociais dos países sedes que recebem tais celebrações.

O uso de competições esportivas como forma de demonstração de poder político e nacionalista ganhou grande força em conjunturas sociais da história moderna. Soares e Vaz (2009) defendem que este é um processo que está amplamente ligado a reafirmação de países e povos para além dos jogos.

A estrutura das competições nos Jogos Olímpicos, nas Copas do Mundo de Futebol e nos *meetings* e *derbies* locais, regionais, nacionais e mundiais, coloca relacionalmente as identidades dos grupos de pertencimento em um jogo de contrastes no qual a vitória e derrota se transformam em elementos simbólicos para reposicionar hierarquicamente as identidades individuais e coletivas não só nas quadras e pistas. (SOARES; VAZ, 2009, p.482)

Trazendo essa perspectiva simbólica da reorganização de hierarquias identitária proporcionadas por competições esportivas, Horne&Mazenreiter (2006) argumentam

que o direito de sediar uma Copa do Mundo ou Olimpíadas também é uma forma de colocação e reafirmação no mundo global. Para eles, os megaeventos “(...) become seen as valuable promotional opportunities for cities and regions.” (HORNE & MANZENREITER, 2006 p.8).

É na mesma linha de pensamento que Mascarenhas (2011) pondera o poder dos megaeventos como fator de propaganda política para países que os recebem. “Desfrutando de bilhões de espectadores, tais cidades se transformam, momentaneamente, no admirado centro das atenções em escala planetária.” (MASCARENHAS, 2011, p.27).

A partir destes raciocínios, é possível se inferir que, no contexto de um mundo globalizado em que as relações geopolíticas se tornaram muito mais complexas do que a divisão bipolar da Guerra Fria (HOBSBAWN, 1995), os megaeventos tornam-se um grande palanque de propaganda de um país/cidade para o mundo. Eles vão muito além da própria competição esportiva em si e transcendem para um patamar simbólico demonstrando a capacidade e força de uma nação na sua organização.

Um exemplo que personifica o simbolismo que tais acontecimentos têm para a geopolítica nacional pode ser observado no pronunciamento do então presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, quando o Rio de Janeiro foi eleito sede dos Jogos Olímpicos de 2016:

Hoje me sinto mais orgulhoso de ser brasileiro do que em qualquer outro dia. Hoje é o dia em que o Brasil ganhou sua cidadania internacional. Hoje é o dia em que superamos os últimos vestígios de preconceito contra nós. Acho que este é o dia de comemorar porque o Brasil deixou para trás a categoria de países de segunda classe e entrou para a dos países de primeira classe. Hoje conquistamos respeito. O mundo finalmente reconheceu que agora é a hora do Brasil. (ZIRIN, 2014, p.27)

Parte dessa força é demonstrada na própria transformação urbana e social do país sede. Mascarenhas (2011) defende que essa é mais uma das ações do mercado e do capital avançando frente aos megaeventos e seus legados, uma vez que eles são utilizados como uma oportunidade para a implementação de um “(...) modelo de planejamento e gestão das cidades, calcado na lógica do mercado” (MASCARENHAS, 2011, p.27).

É importante destacar que essas modificações urbanísticas proporcionadas por megaeventos esportivos ganham um novo significado com o fim da Segunda Guerra mundial e o acirramento da Guerra Fria (MASCARENHAS, 2011) em governos neoliberais se aproveitavam dos mesmos para aproximar o mercado das cidades, afastando-se assim de alguns princípios do próprio discurso da prática esportiva nestes ambientes de competição internacional.

Organizar tais eventos implica o complexo concerto logístico de recursos e ampla coalização política. Para conquistar o direito de se tornar provisoriamente o grande "centro midiático global", países e cidades (representando governos nacionais e locais) esmeram-se na construção de projetos fabulosos. (MASCARENHAS, 2009, p.506)

Aprofundando sua análise sobre as mudanças urbanísticas oriundas de um megaevento esportivo, Mascarenhas (2011) aponta que as transformações vão muito além da construção de estádios ou centros esportivos, mas as adaptações englobam também a infraestrutura completa para receber atletas, imprensa e turistas. Além disso, as modificações também atingem setores como o das telecomunicações, dos transportes e outros. “Trata-se, enfim, de um amplo conjunto de intervenções urbanísticas; um momento-chave na evolução e no planejamento das cidades” (MASCARENHAS, 2011, p.28).

Outra característica de destaque na descrição de Hall (2006) sobre os megaeventos, e com grande relevância nessa presente pesquisa, é a ampla cobertura midiática dessas celebrações esportivas. Segundo levantamento realizado pela FIFA, cerca de 20 mil profissionais de TV, rádio, jornal e internet trabalharam na Copa do Mundo de 2014 no Brasil, sendo 80% deles estrangeiros<sup>12</sup>. Já o Comitê Olímpico Internacional divulgou que os Jogos Olímpicos do Rio atraíram 25 mil jornalistas de 105 países diferentes.<sup>13</sup>

Ligados quase que intrinsecamente pela sua essência de valor-notícia (TRAQUINA) e desejo de informações pela audiência, Horne&Mazenreiter (2006) defendem, na mesma linha de raciocínio, que “(...) an unmediated mega-event would be a contradiction in terms (...)” (HORNE & MAZENREITER, 2006, p.2)

<sup>12</sup> Informação divulgada no site g1.com, disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/05/cerca-de-20-mil-jornalistas-vaio-trabalhar-na-copa-do-mundo.html>

<sup>13</sup> Informação divulgada no Jornal Nacional, disponível em: <http://g1.globo.com/jornalnacional/noticia/2016/08/olimpiada-do-rio-atrai-25-mil-jornalistas-de-105-paises.html>

Pensando na própria definição dos megaeventos esportivos como aqueles capazes de quebrarem com a continuidade da rotina dos homens e mulheres da sociedade, Kenneth Roberts (2004) coloca a mídia como a grande responsável por essa possibilidade. Em resumo de Esteraciocínio, Horne & Mazonreiter (2006) dizem: “What Roberts refers to as ‘megas’ have the ability to transmit promotional messages to billions of people via television and other developments in telecommunications” (HORNE e MAZENREITER, 2006, p.2).

O que talvez mereça mais destaque nesse ponto é de que maneira esses meios de comunicação vêm cobrindo os megaeventos esportivos. Atingindo patamares de envolvimento mercadológico cada vez maiores ao longo das edições, Mascarenhas (2009) pondera que os a lógica capitalista também atingiu esse envolvimento midiático na cobertura destas celebrações.

Contando com volumosos recursos públicos e privados, e dispondo de fabulosa cobertura midiática, os megaeventos esportivos se tornaram, nas últimas três décadas, em uma das estrelas principais da atual "sociedade do espetáculo". (MASCARENHAS, 2009, p.506)

Gurgel (2012) também segue na mesma linha de pensamento acerca desta relação entre mídia e megaeventos, apontando que a presença do espetáculo é inclusive comum graças a magnitude de tais celebrações e o próprio contexto da sociedade moderna.

Os meios de comunicação de massa interferiram significativamente na construção do esporte-espetáculo como conhecemos. Há uma relação direta disso tudo com a sociedade do espetáculo, como conceituada por Debord (1997). Cabe pontuar que é comum a associação entre esporte e espetáculo, principalmente quando se fala de grandes eventos esportivos ou megaeventos esportivos, conceito usado para definir tais eventos atualmente. Inferimos que há muito tempo as práticas esportivas tornaram-se um dos nichos de negócios mais rentáveis dentro da ascendente economia do entretenimento, e a espetacularização, como Debord deixa claro, representa um importante elemento desse processo. (GURGEL, 2012, p.7)

Destrinchando um pouco mais esse raciocínio, Horne (2017) defende que a mídia chega a cumprir um papel crítico na cobertura de megaeventos esportivos, uma vez que, os serviços de broadcasting não falariam mal de tais celebrações após terem pago fortunas pelo direito de transmissão deles. É nesse processo de construção discursiva por parte da mídia acerca de megaeventos esportivos que essa pesquisa se insere.

Com os megaeventos esportivos atraindo diversas mudanças estruturais, logísticas, comportamentais e simbólicas nas cidades e países que os sediam, vale levantar um breve debate neste momento sobre o termo legado e seus impactos. Em um documento produzido pelo Ministério do Esporte e o Conselho Federal de Educação Física, intitulado “Legados de Megaeventos Esportivos” (DACOSTA, 2008), existe a identificação de cinco categorias de legados oriundos de megaeventos, sendo elas: os legados do evento propriamente dito; os legados gerados pela candidatura; os legados para a imagem do país; legados de governança; e legados de conhecimento.

A questão que se coloca como central nesse ponto de análise é para quem esse legado é construído e quem se beneficia dele. Com a perspectiva empresarial tomando conta de tais celebrações esportivas, assim como uma presença quase hegemônica dos interesses comerciais e políticos das instituições organizadoras (FIFA e COI) junto aos anfitriões destes eventos, vale se questionar acerca das verdadeiras intenções envolvendo a execução de espetáculos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

Zirin (2014) defende que os megaeventos são na verdade a expressão moderna do que a jornalista canadense, Naomi Klein, chama de Doutrina de Choque, questionando assim quem seriam os verdadeiros beneficiados com a realização dos mesmos.

Megaeventos globais como a Copa do Mundo e as Olimpíadas se tornaram ferramentas extremamente eficazes para reorganizar a economia em termos neoliberais. Não é que esses eventos não sejam lucrativos. A questão é quem vê o dinheiro e quem paga o preço. (ZIRIN, 2014, p. 154)

Em sua obra Zirin (2014) destaca que os verdadeiros beneficiados com essas celebrações esportivas globais são as instituições organizadoras e empresas que comandam as obras faraônicas nos países sedes. As comunidades mais carentes muitas vezes se veem privadas de acesso a tais eventos e são vítimas de um ‘Estado de Exceção’, no qual a repressão policial é intensa e direitos fundamentais, como o de moradia e livre trânsito, são retirados em nome do desenvolvimento de tais competições. Para definir esse contexto político/social, Zirin usa a expressão capitalismo de celebração.

Capitalismo de celebração é o primo amável do capitalismo de desastre. Os dois ocorrem em um estado de exceção que permite aos políticos impetuosos e seus colegas corporativistas a promover políticas com as quais jamais sonhariam em tempos normais. Mas enquanto o capitalismo do desastre extrai as entranhas do Estado, o capitalismo de celebração determina que os protagonistas sejam parceiros, impulsionando a economia enraizada nas chamadas parcerias público-privadas. Com demasiada frequência essas parcerias são desiguais: o público paga e o privado lucra. Em um engodo que vem envolvido em bonomia, o público assume os riscos e os grupos privados colhem os frutos. (ZIRIN, 2014, p.155)

Em posicionamento divergente, os estudos multidisciplinares elaborados pelo Ministério dos Esportes (DACOSTA, 2008) defendem que os megaeventos são agentes de transformações benéficas em vários países onde se inserem. A construção dos “legados” atingem diversas áreas, como: esporte, educação, infra estrutura, cultura e economia.

Em termos de legados sociais, os megaeventos esportivos, ao modificarem a estrutura e o cotidiano de uma cidade, precisam beneficiar toda a população. Ou seja, mesmo que o espetáculo esportivo “ao vivo” não tenha como expectador o indivíduo mais pobre, esse pode ser beneficiado pelas inúmeras ações que fazem parte do megaevento (operários que trabalharam na construção e manutenção dos equipamentos esportivos e de infra-estrutura em geral, cidadãos que passam a utilizar um transporte coletivo de melhor qualidade, equipamentos públicos de esporte e lazer...). Isso faz parte do capital simbólico acumulado no processo. (DACOSTA, 2007, p.24)

Com estruturas que se reinventaram ao longo dos anos e dicotomias claras no que diz respeito aos interesses políticos e sociais, os megaeventos esportivos apresentam uma forte relação com o Brasil, principalmente nos últimos anos. Avançando nas exposições históricas e teóricas deste capítulo, a próxima parte do estudo objetiva mostrar como foi o processo de pleito, preparação e execução da Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016.

### 3.2 O BRASIL E OS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS

Mesmo apresentando contradições históricas a respeito do uso do termo “ressurgimento”<sup>14</sup> para se tratar dos Jogos Olímpicos da Era Moderna (RUBIO, 2001), existe quase um consenso nas pesquisas acadêmicas que consideram este como o maior

---

<sup>14</sup> As diferenças históricas, políticas e sociais entre as Olimpíadas da Era Moderna e os Jogos praticados na antiga Grécia, levam diversos pesquisadores a não aplicarem o termo ressurgimento, já que, para eles, o evento criado pelo Barão de Coubertin trata-se de uma tradição inventada.

megaevento esportivo da atualidade. Reinserido na sociedade global através de um projeto do francês Charles Freddye Pierre, conhecido como Barão de Coubertin, os Jogos Olímpicos de verão tiveram a sua primeira edição realizada em Atenas, no ano de 1896. Contando com a participação de 295 atletas de 13 países em seu primeiro evento (RUBIO, 2007, p.2), os Jogos passaram por grandes transformações ao longo dos últimos 122 anos, atingindo a marca de mais de 12 mil atletas participantes - representando 206 países eo time dos refugiados olímpicos -na edição da Rio 2016.<sup>15</sup>

Sem mandar atletas representantes para as cinco primeiras edições dos Jogos Olímpicos <sup>16</sup>(Atenas, 1896; Paris, 1900; St. Louis, 1904; Londres, 1908; e Estocolmo, 1912), o Brasil teve a sua primeira participação no evento no ano de 1920, na Antuérpia, quando:

(...)mandou 22 atletas e trouxe três medalhas, todas no tiro: uma de ouro com Guilherme Paraense; uma de prata, com Afrânio Costa – a primeira medalha olímpica do país, conquistada em 2 de agosto de 1920 -; e bronze para a equipe de cinco integrantes. (NEGREIROS, 2009, p.317)

Depois de mandar sua primeira delegação para Antuérpia, o Brasil não participou somente dos Jogos de Amsterdam, em 1928, sendo que nos demais eventos as delegações foram compostas da seguinte forma: Paris, em 1924 (11 atletas); 1932, Los Angeles (82 atletas); Berlim, em 1936 (94 atletas); Londres, em 1948 (81 atletas); Helsinque, em 1952 (108 atletas); Melbourne, em 1956 (48 atletas); Roma, em 1960 (81 atletas); Tóquio, em 1964 (68 atletas); México, em 1968 (82 atletas); Munique, em 1972 (89 atletas); Montreal, em 1976 (81 atletas); Moscou, em 1980 (109 atletas); Los Angeles, em 1984 (166 atletas); Seul, em 1988 (172 atletas); Barcelona, 1992 (198 atletas); Atlanta, em 1996 (221 atletas); Sidney, em 2000 (205 atletas); Atenas, em 2004 (247 atletas); Pequim, em 2008 (277 atletas); Londres, em 2012 (259 atletas); e Rio de Janeiro, em 2016 (465 atletas). (NEGREIRO, 2011).Com um total de 22 participações nos Jogos Olímpicos de Verão, o Brasil conquistou um total de 128 medalhas, sendo 30 de ouro, 36 de prata e 62 de bronze (NEGREIRO 2011).

Vendo sua relevância econômica, política, social e esportiva aumentar exponencialmente a partir do final do século XX, o Brasil começou no mesmo período a

<sup>15</sup> Informação divulgada pela Agência Brasil, disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/rio-2016/noticia/2016-08/atletas-de-206-paises-desfilam-na-abertura-da-rio-2016>

<sup>16</sup> Existem registros apontam Francis Leroy Holmes como o primeiro brasileiro a participar de uma edição dos Jogos Olímpicos. Holmes disputou a prova de salto em distância parado, representando a equipe de atletismo dos Estados Unidos da América nas Olimpíadas de Londres, em 1908.

pleitear a possibilidade de se tornar o primeiro país sede dos Jogos Olímpicos na América do Sul. Administrações do âmbito municipal, estadual e federal, sintonizadas a cidade do Rio de Janeiro, observaram no processo de modificação urbana que acontecia na capital carioca, uma oportunidade de inseri-la como um *global player* pelo direito de sediar o evento (SÁNCHEZ; BIENENSTEIN, 2009).

Com candidaturas fracassadas para os Jogos de 2004 e 2012, o Rio de Janeiro foi eleito sede das Olimpíadas de Verão 2016 no dia 2 de outubro de 2009. Como veremos mais detalhadamente à frente, o processo de tornar o Rio em uma “cidade olímpica” trouxe diversas implicações econômicas, sociais e políticas que impactaram diretamente no processo de cobertura dos megaeventos esportivos pela mídia, por isso, dedicamos uma parte desta reflexão teórica somente para a contextualização das Olimpíadas Rio 2016.

Diferente dos Jogos Olímpicos, nos quais o Brasil viu a sua participação e relevância ganharem força com o tempo, quando falamos da Copa do Mundo o país sul-americano é uma referência mundial. A seleção canarinha ostenta títulos relevantes dentro do meio futebolístico mundial, como o de única nação que participou de todos os torneios realizados pela FIFA, além da superioridade de títulos mundiais, com cinco conquistas de Copas do Mundo.

Com tentativas falhas de implementação de uma Copa do Mundo de Futebol ainda nas primeiras décadas do século XX<sup>17</sup>, foi somente em 1930 que o então presidente da FIFA, Jules Rimet, conseguiu inaugurar o torneio mundial de futebol, no Uruguai, desvinculando assim, a competição entre nações na modalidade dos Jogos Olímpicos. Com a participação de doze seleções, este primeiro evento inaugurou uma tradição que criaria um dos maiores megaeventos esportivos do mundo, como afirma Brinati: “Estava lançada a competição que evidenciaria as disputas entre países, com um forte sentimento nacionalista, carregada de simbolismos sobre as nações participantes.” (BRINATI, 2016, p.31).

Com a política interna influenciando diretamente no desempenho do Brasil nos primeiros anos de competição, um dos marcos mais relevante para o futebol nacional,

---

<sup>17</sup>Existiu a tentativa de se realizar o primeiro campeonato mundial de futebol em 1906, na Suíça. Como nenhuma das nações interessadas apresentou um requerimento formal para participar do torneio, a ideia foi deixada de lado e retomada novamente em 1924 pelo então presidente da FIFA, Jules Rimet.

em termos mundiais, foi a recepção da Copa de 1950 no país. Entrando para a história brasileira não só pelas transformações no que tocam a infraestrutura do país, mas também, como uma das derrotas mais marcantes da nação do futebol (Maracanazo), este é um capítulo que ficou marcado na memória do povo. (BRINATI, 2016).

O grande desempenho do Brasil a partir do mundial de 1958, na Suécia, quando conquistou seu primeiro título em Copas do Mundo – a seleção voltaria a vencer outras quatro vezes: Chile (1962), México (1970), Estados Unidos (1994) e Coreia/Japão (2002) – colocou a nação em um patamar de destaque no esporte global. (RADNEDGE, 2012)

Recebendo o apelido de “pátria das chuteiras”<sup>18</sup>, o Brasil viu o futebol ganhar proporções arrebatadoras dentro do seu contexto social, político e econômico ao longo dos anos, como mostramos no capítulo anterior. Após mais de meio século de espera, o país reconhecido mundialmente pelo esporte ganhou o direito de sediar novamente a Copa do Mundo de Futebol.

A responsabilidade de sediar a competição foi atribuída ao Brasil no dia 30 de outubro de 2007. A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) acabou se beneficiando de um rodízio estabelecido pela FIFA em 2003, que determinava uma migração obrigatória para a realização da Copa do Mundo entre as Confederações continentais (RADNEDGE, 2012). Com esta definição, o país iniciou a preparação para a realização do megaevento, sendo que no caminho enfrentou diversas situações que merecem destaque singular como veremos mais à frente neste capítulo.

Tendo em vista este panorama preliminar sobre a participação do Brasil nos principais megaeventos esportivos do mundo, passamos para um momento de análise mais detalhado sobre a organização de duas competições em específicas sediadas no país: a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016<sup>19</sup>. Destacamos de maneira particular estes eventos por buscar entender historicamente de que forma o Brasil se comportou para organizar e receber ambas as competições em seu território, aproximando a fundamentação teórica do trabalho dos objetos que são alvos da pesquisa executada no presente trabalho.

---

<sup>18</sup> Termo utilizado pelo cronista Nelson Rodrigues para descrever o Brasil em alguns de seus trabalhos.

<sup>19</sup> Vale destacar que o Brasil também já foi palco de outros grandes megaeventos esportivos, como: a Copa do Mundo de 1950; os Jogos Pan-americanos de 1963 (São Paulo) e 2007 (Rio de Janeiro); a Copa América nos anos de 1919, 1922, 1949, 1989 e 2019.

### 3.2.1A Copa do Mundo de 2014

Foi a partida entre Brasil e Croácia, no dia 12 de junho de 2014, que deu o pontapé inicial no mundial da FIFA, que acontecia pela segunda vez na história do esporte em terras brasileiras, mas as negociações e a preparação para sediar o evento tiveram início bem antes, no começo dos anos 2000. Com a última Copa do Mundo na América do Sul tendo acontecido em 1978, na Argentina, existia um movimento dentro das Confederações continentais que apoiava a candidatura de um país sul americano a receber o mundial na edição de 2010 ou 2014. (RADANEDGE, 2012)

Após a Alemanha conquistar o direito de sediar o mundial no ano de 2006, em uma disputa acirrada contra a candidatura da África do Sul, vencendo por somente um voto a eleição do ano de 1999, o então presidente da FIFA, Joseph Blatter, decidiu instaurar um rodízio entre os continentes para receber o direito de sediar a Copa do Mundo FIFA<sup>20</sup>. Em grande parte, o movimento político da instituição visava a levar o mundial para o continente africano em 2010, mas o Brasil acabou se beneficiando da norma, já que, o próximo continente na lista para sediar o megaevento no ano de 2014 seria a América do Sul (RADNEDGE, 2012).

Com a candidatura prévia de três países na Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) para sediar a Copa do Mundo de 2014 (Brasil, Argentina e Colômbia), em 2006 foi decidido por unanimidade que representante sul americano seria o Brasil. Com a ocorrência de encontros constantes entre o então presidente do país, Luiz Inácio Lula da Silva, e representantes da FIFA, a oficialização do Brasil como país sede do mundial de 2014 aconteceu no dia 30 de outubro de 2007.

A partir de então, iniciou-se o processo de obras, reestruturação urbana e logística para tornar o Brasil palco deste megaevento esportivo. Para o presente trabalho, buscamos abordar de que forma a realização da Copa do Mundo de 2014 trouxe impactos em três pontos, sendo eles: político, social e urbano.

Num primeiro momento de análise vamos abordar de que maneira o mundial da FIFA efetuou uma reestruturação urbana dentro das cidades sedes. Foi em 2009 que 12 cidades brasileiras foram eleitas para receber jogos da Copa, sendo elas: Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Belo Horizonte (MG), Porto Alegre (RS), Brasília (DF), Cuiabá

---

<sup>20</sup>Informação divulgada pela Folha de São Paulo, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1603200112.htm>

(MT), Curitiba (PR), Fortaleza (CE), Manaus (AM), Natal (RN), Recife (PE) e Salvador (BA). Além das 12 cidades escolhidas, participaram da disputa Rio Branco (AC), Belém (PA), Maceió (AL), Goiânia (GO), Florianópolis (SC) e Campo Grande (MS).

Com essa definição, diversas mudanças passaram a ocorrer nas cidades-sedes do mundial, como afirma Soares (2013):

A designação das cidades-sede dos jogos da Copa do Mundo de 2014 desencadeou uma série de intervenções urbanas visando preparar o espaço destas cidades para receber os jogos. A inflexão das políticas urbanas, verificada desde os anos 1990, torna-se mais evidente. Estas transitam das políticas de planejamento e gestão do espaço da cidade, para as políticas de gerenciamento e empresariamento urbano, ou do conceito de cidade funcional - da cidade como espaço de reprodução do capital e da força de trabalho - para o conceito de cidade-empresa, a cidade eficiente para os negócios. (SOARES, 2013, p. 197)

Com custos que atingiram valores próximos aos R\$28 bilhões de reais<sup>21</sup>, projetos dos mais diferentes portes foram realizados nas cidades que receberiam o megaevento no Brasil. A construção e reforma das Arenas, que seriam palco dos jogos da Copa do Mundo, chegaram a custar R\$8,03 bilhões de reais<sup>22</sup>, sendo que projetos de mobilidade urbana e aeroportos atingiram valores de R\$8.9 bilhões.

Dentro deste panorama, destacamos dois pontos que ganharam repercussão direta junto à mídia e levaram a impactos sobre a recepção do mundial no Brasil: a reorganização urbana feita nas cidades-sedes afetou diretamente uma parcela carente da comunidade brasileira, chegando a causar despejos e revoltada; e o gastos excessivo de dinheiro público, aliado a escândalos de corrupção envolvendo a realização do mundial no Brasil, foi usado como mote para diversos protestos que se espalharam no país.

Sobre essa primeira consequência, Zirin (2014) realiza um debate mais profundo em sua obra, “O Brasil Dança com o Diabo”, questionando a quem se destina o “legado” de um megaevento esportivo. Para o autor, a Copa do Mundo ofereceu um risco direto a comunidades carentes brasileiras, principalmente aquelas situadas nos centros urbanos que receberam jogos, uma vez que a competição não estava centralizada somente em uma cidade do país.

---

<sup>21</sup> Informação divulgada pelo Ministério do Esporte, disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/custo-da-copa-do-mundo-passa-de-r-28-bilhoes/>

<sup>22</sup> Informação divulgada pelo Ministério do Esporte, disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2015/01/governo-divulga-valores-finais-da-copa-r-83-bilhoes-em-estadios.html>

A Copa do Mundo, apesar de ser uma operação menor e menos dispendiosa do que as Olimpíadas, é, na verdade, um perigo maior para estas comunidades, precisamente porque, como mencionado, ela se espalha como um polvo, com os seus tentáculos em cidades e vilas por todo o país. (ZIRIN, 2014, p.213)

Em especial, a cidade do Rio de Janeiro, local que concentrou obras tanto para a Copa do Mundo como para as Olimpíadas a partir do ano de 2010, os casos de remoções de famílias de seus lares chegaram a ganhar destaque junto a mídia local e nacional. O caso mais emblemático dessa repercussão foi o da Vila Autódromo (ZIRIN, 2014).

Em uma análise mais abrangente sobre o assunto, Soares (2013) aponta para um processo de disputa urbana nessas sedes do mundial, em que as parcelas mais vulneráveis da sociedade saíram prejudicadas.

Como resultado, as cidades brasileiras (especialmente as cidades-sede da Copa) estão se tornando mais divididas, com a retração dos espaços públicos, cada vez mais normatizados e privatizados. O momento, contudo, não é apenas de mudanças nas cidades. A atual conjuntura se caracteriza por intensas lutas urbanas que questionam o modelo de cidade que está se implantando. Podemos nos referir a "projetos de cidade distintos e em disputa", nos quais uma plêiade de movimentos sociais e populares reivindica uma cidade mais justa e democrática, na qual a sua produção não se dê apenas visando à acumulação de capital via negócios imobiliários, mas que vise à qualidade de vida da população. Os acontecimentos recentes em termos de mobilizações sociais no Brasil evidenciam este embate. (SOARES, 2013, p. 197).

Para compreendermos o segundo ponto de impacto que destacamos em decorrência das obras para realização da Copa do Mundo de 2014, é necessário se realizar uma contextualização política e social do Brasil no momento em que esse megaevento era organizado no país. Desde os seus primórdios, a candidatura do Brasil para sediar o mundial continha em si uma carga política muito forte.

A candidatura fazia parte de um projeto político do então presidente Luís Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, que estava no poder desde 2003. Lula via nos megaeventos esportivos uma forma de dar visibilidade às conquistas sociais do seu Governo, além de fortalecer a imagem brasileira fora do país, fomentando áreas da economia como o Turismo, por exemplo. (BRINATI, 2016, p.193)

Se pelo âmbito nacional o então presidente Lula observava um benefício político forte na recepção desse megaevento esportivo, nos âmbitos estaduais e municipais não era diferente.

Articulações políticas envolvendo prefeitos, governadores, senadores e representantes do poder central se criaram ou renovaram, na expectativa de fazer prevalecer interesses locais. Interessante observar como velhos discursos são retomados, fazendo emergir tradicionais regionalismos, em prol das candidaturas locais. E mais uma vez, a sociedade civil, pouco participa dos debates, dos planos e das negociações. (MASCARENHAS, 2009, p. 527).

Terminando o seu mandato com uma aprovação de 87%<sup>23</sup> e altos índices econômicos, como a menor taxa de desemprego (5,7%) em oito anos e uma previsão de crescimento do PIB brasileiro em 7,5% para o ano de 2010<sup>24</sup>, a realização da Copa do Mundo parecia ser a maior celebração do sucesso do governo do então presidente Lula e sua sucessora, a presidenta Dilma Rousseff. Somando-se a esse panorama positivo, em 2009 o Brasil conquistou o direito de sediar os Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro, aumentando ainda mais esse sentimento de orgulho nacional em torno da realização dos megaeventos esportivos. (MASCARENHAS, 2011).

O que o próprio governo não esperava era uma mudança drástica nesse panorama, com protestos intensos da população contra a realização da Copa do Mundo e críticas severas a gestão política e econômica do país.

Com índices econômicos não atingindo bons resultados nos anos subsequentes à saída do presidente Lula, escândalos de corrupção que se espalhavam pelos noticiários de todo país<sup>25</sup> – alguns deles envolvendo os estádios e planos de mobilidade urbana -, e gastos excessivos com obras do mundial que extrapolavam todos os orçamentos previstos pelos órgãos de controle, a Copa do Mundo no Brasil viu uma boa parcela da população criticar o megaevento indo para as ruas com palavras de ordem como “Não vai ter Copa” e o “Padrão FIFA de Qualidade”. (ROMÃO, 2013).

O estopim deste movimento de manifestações contra o governo aconteceu muito próximo a Copa das Confederações, em 2013, quando o então Movimento Passa Livre (MPL) conseguiu levar milhares de pessoas a rua para manifestar contra o aumento das passagens do transporte público. Em meio à polêmica, o então secretário geral da FIFA, Jérôme Valcke, também pressionava o Brasil a aprovar a “Lei Geral da Copa” que criaria um estado de exceção em várias cidades sedes. Todos esses fatores, aliados ao

---

<sup>23</sup> Pesquisa divulgada pelo Ibope, disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2010/12/popularidade-de-lula-bate-recorde-e-chega-87-diz-ibope.html>

<sup>24</sup> Dados do Ministério do Trabalho e do Desenvolvimento, disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/12/101227\\_eralula\\_economia](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/12/101227_eralula_economia)

<sup>25</sup> O presidente da CBF, Ricardo Teixeira, e o ex-presidente da FIFA, João Havelange foram dois grandes cartolas que viram os seus nomes envolvidos em escândalos de corrupção no Brasil, sendo que Teixeira chegou a deixar a presidência da instituição e se mudar para os Estados Unidos para evitar a sua prisão.

alto custo para a realização da Copa do Mundo no Brasil, levou grande parte dos manifestantes a voltarem o foco de seus protestos para os megaeventos esportivos.

Este período da Copa das Confederações também foi marcado pelas manifestações populares pelas ruas do país. Cerca de dias semanas do início do evento, a tarifa do transporte público de São Paulo teve um aumento de R\$0,20. Manifestantes, na maioria jovens, foram para as ruas questionar. O que parecia um movimento isolado, reivindicando apenas o não aumento da tarifa, desencadeou uma série de atos por todo o Brasil. Em poucos dias, as manifestações chegaram a ter até centenas de milhares de pessoas. Ao mesmo tempo em que foram registrados casos de repressão desproporcional da polícia, tivemos atos de vandalismo realizados por manifestantes. As críticas à organização do Mundial do Brasil e o dinheiro público gasto com o evento estavam entre as principais causas dos protestos, muitos com a expressão “Não vai ter Copa!”, que viralizou nas redes sociais, colocando em dúvida a realização do evento. Pedia-se o “padrão Fifa” para serviços sociais básicos como educação, saúde e transporte. Essas manifestações acabaram mudando o olhar sobre a Copa no país. (BRINATI, 2016, p.199)

As manifestações tomaram conta de todos os noticiários do país e, passaram a ser uma das maiores preocupações para os organizadores do mundial. O impacto inicial dos protestos foi à queda na popularidade da presidente Dilma Rousseff, das instituições políticas do Brasil e até do apoio à realização dos megaeventos esportivos (BRINATI, 2016, p.199). A partir de então foi elaborado um novo esquema de segurança para a Copa do Mundo de 2014, uma vez que, a FIFA temia pela segurança do evento.

Foi em meio a esse cenário político, social e econômico que o Brasil recebeu pela segunda vez em sua história o mundial de futebol da FIFA. Deixando para a análise da pesquisa os pontos de destaque da cobertura, como a própria derrota da seleção brasileira contra a Alemanha pelo placar inédito de 7 x 1, vale destacar que, mesmo com grandes críticas prévias a realização da Copa do Mundo, o megaevento recebeu altos índices de avaliação pela população, turistas e órgãos organizadores. No balanço feito pela Federação Internacional de Futebol (Fifa) após o fim da Copa, o Brasil recebeu a nota de 9,25 do então presidente da instituição, Joseph Blatter.<sup>26</sup> Em pesquisa de avaliação realizada com os turistas estrangeiros que visitaram o país, 83% deles disseram que o Brasil foi aprovado pela realização do mundial.<sup>27</sup>

Dois anos depois da realização da Copa do Mundo, o Brasil já se via recebendo outro megaevento, os Jogos Olímpicos de verão. Ocorrendo pela primeira vez em um

<sup>26</sup> Informação divulgada pela FIFA, disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/copa-do-mundo-2014/noticia/2014/07/bnota-925b-para-fifa-copa-no-brasil-foi-025-melhor-que-na-africa-do-sul.html>

<sup>27</sup> Informação divulgada pelo Datafolha, disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/2014/07/15/copa-do-mundo-no-brasil-ganha-aprovacao-de-83-dos-estrangeiros\\_a\\_21670460/](https://www.huffpostbrasil.com/2014/07/15/copa-do-mundo-no-brasil-ganha-aprovacao-de-83-dos-estrangeiros_a_21670460/)

país sul-americano, o Rio de Janeiro passou por transformações drásticas para sediar os jogos, como veremos a seguir.

### 3.2.2 Os Jogos Olímpicos Rio 2016

Foi na presença de um público de quase 78.000 pessoas, no Estádio do Maracanã, em 05 de agosto de 2016, que a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016 deu início às competições que duraram dezesseis dias. Mas antes de chegar neste momento de concretização dos Jogos, sobre o qual a presente pesquisa busca se debruçar e analisar de que maneira eles foram noticiados pelo maior telejornal do país, é preciso se entender quais foram as circunstâncias no qual os Jogos Olímpicos aconteceram no Brasil.

Assim como na Copa do Mundo, a candidatura brasileira para sediar a os Jogos Olímpicos fazia parte de um plano político, econômico e social que buscava alavancar a imagem do país perante o mundo. Com o foco em uma cidade, neste caso o Rio de Janeiro, o trabalho para transformá-la em um *global player*, sendo a representante do Brasil pelo direito de receber esse megaevento, teve início ainda nos anos 90.

Com a eleição de César Maia para a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro em 1992, foram iniciados diversos projetos que buscavam sintonizar a capital carioca com um modelo urbano internacional de metrópole, como a Linha Amarela e programas como Rio Cidade e Favela-Bairro (SÁNCHEZ, BIENENSTEIN, OLIVEIRA, CRUZ, GUTERMAN, SANTOS, SOUZA, 2011, p.103). Na visão desta administração e das posteriores, que seguiam uma mesma linha política, trazer megaeventos esportivos para o Rio significaria atingir desdobramentos vantajosos no campo político, econômico e social.

Tais desdobramentos seriam socioeconômicos – como a criação de empregos, especialmente na área da construção civil, o desenvolvimento esportivo e cultural, o marketing urbano para incrementar a economia de serviços ligados ao turismo e ao entretenimento, dentre outros – e estratégicos, porque poderiam lançar as bases para a transformação da cidade em um consistente polo esportivo (“paraíso do esporte”). (SÁNCHEZ, BIENENSTEIN, OLIVEIRA, CRUZ, GUTERMAN, SANTOS, SOUZA, 2011, p.103).

Ainda sob o mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso, no ano de 1996, o Rio de Janeiro lançou a sua primeira candidatura como cidade sede para receber

os Jogos Olímpicos de 2004. Com um projeto que tinha como principal eixo de competições a Ilha do Fundão<sup>28</sup>, o Rio viu a sua proposta ser eliminada ainda no processo de seleção das cinco finalistas, no qual Buenos Aires foi eleita a representante sul-americana para competir pelo continente.

Mantendo a mesma linha política de buscar trazer esses eventos para cidade como capital político e econômico, a administração municipal do Rio de Janeiro resolveu mudar a estratégia antes de postular uma nova tentativa aos Jogos Olímpicos. César Maia, então prefeito da capital carioca resolveu candidatar a cidade a sediar os Jogos Pan Americanos de 2007. (SÁNCHEZ, BIENENSTEIN, OLIVEIRA, CRUZ, GUTERMAN, SANTOS, SOUZA, 2011).

Competindo contra a cidade de San Antonio, nos Estados Unidos, o Rio de Janeiro ganhou o direito de sediar os Jogos Pan Americanos no ano de 2002. Na visão dos organizadores do projeto, sediar um evento considerado uma competição de porte olímpico, permitiria a cidade provar as instituições internacionais que o Rio estava pronto para receber eventos de grande porte, já que:

(...) em âmbito mundial, respaldaria a candidatura do Rio de Janeiro aos Jogos Olímpicos de 2012 e de 2016, bem como, efetivamente, respaldou a consolidação da candidatura, e posterior escolha do Brasil, para a Copa do Mundo de 2014. (SÁNCHEZ, BIENENSTEIN, OLIVEIRA, CRUZ, GUTERMAN, SANTOS, SOUZA, 2011, p.103).

Assim sendo, tendo conquistado o direito de sediar um megaevento esportivo de nível continental, o Rio de Janeiro lançou novamente uma candidatura para receber os Jogos Olímpicos, agora no ano de 2012. Competindo com outras 9 cidades (Paris, Londres, Moscou, Madri, Nova York, Leipzig, Havana e Istambul), o Rio de Janeiro novamente não chegou entre as cidades finalistas, tendo seu pleito negado pelo COI ainda na fase inicial de avaliações.

É interessante destacar que, em entrevista coletiva realizada após a derrota do projeto carioca RIO-2012, o prefeito da cidade, César Maia, avaliou que as notas baixas do Brasil vieram graças à presença de instalações medianas e pouca experiência na realização de eventos prévios. Neste caso, nas palavras do então prefeito, só existia um caminho para se obter o tão desejado direito de sediar os Jogos Olímpicos: "Se

---

<sup>28</sup> Informação divulgada pelo jornal O Globo, disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/20-anos-depois-candidatura-rio-2004-tinha-fundao-como-eixo-esportivo-18914575>

quisermos a candidatura olímpica, só temos um caminho, que é o equipamento de padrão olímpico”.<sup>29</sup>

A partir deste momento o Pan Americano do Rio 2007 ganhou uma importância fundamental para os governos em âmbito municipal, estadual e federal. Como já dito anteriormente, o presidente do Brasil naquele momento, Luiz Inácio Lula da Silva, viu nesses megaeventos esportivos uma chance de divulgar conquistas de seu governo no campo social e inserir a imagem do país no campo político/econômico mundial de maneira competitiva, assim como o prefeito do Rio, César Maia, usava dos mesmos para manter seu poder político na cidade. (ZIRIN, 2014)

Foi então que os gastos e a preparação para a realização do Pan Americano ganharam proporções gigantescas. Chegando a custar mais de 3,4 bilhões de reais (quase oito vezes mais do que o valor estipulado pelo projeto inicial em 2002), os Jogos Pan Americanos de 2007 aconteceram no Rio de Janeiro e significaram uma grande mudança para o panorama da cidade até então.

A cidade do Rio de Janeiro se preparou intensivamente para realizar o maior evento esportivo de sua história. Na condição de Grande Projeto de Desenvolvimento Urbano (GPDU), os Jogos Pan Americanos envolveram uma ampla coalização de interesses: as três esferas do poder público (federal, estadual e municipal), o Comitê Olímpico Brasileiro e diversas empresas privadas. Considerando o conjunto das intervenções urbanísticas e seus impactos, um rearranjo na geografia da cidade foi se consubstanciando. (MASCARENHAS, 2009, p.524)

Com uma avaliação positiva junto ao público e os Comitês Organizadores, o Pan Americano significou um grande passo rumo à conquista pelo direito de sediar os Jogos Olímpicos de 2016. Estruturas construídas para a competição, assim como um rearranjo na logística do evento (inserindo os bairros de Jacarepaguá e Barra da Tijuca ao projeto de recepção para megaeventos esportivos) serviram como base para a submissão da nova candidatura do Rio de Janeiro como cidade postulante as Olimpíadas de 2016.

Oficialmente, o primeiro passo para a concretização do projeto RIO-2016 foi dado em setembro de 2007, quando o Brasil encaminhou ao Comitê Olímpico Internacional uma carta de intenção demonstrando a vontade de sediar os Jogos Olímpicos de 2016. Com outras seis inscrições em três continentes, foi em 2008 que o Rio de Janeiro foi anunciado formalmente como uma cidade candidata a sede dos Jogos,

---

<sup>29</sup> Entrevista coletiva concedida após a derrota do projeto RIO-2012, disponível em: <https://olharolimpico.blogosfera.uol.com.br/2017/07/13/ha-10-anos-pan-de-2007-deixava-rio-olimpico-como-legado/>

ao lado de Chicago, Tóquio e Madrid. Esse, por si só, já era um marco histórico para o Brasil, já que foi a primeira vez que a capital fluminense passou da primeira fase do processo do COI.

Com essa conquista em mãos, o Rio de Janeiro e o Brasil passaram um ano no processo de melhorar o projeto de candidatura, receber a Comissão Avaliadora na cidade, além de viajar o mundo apresentando e vendendo a proposta na intenção de angariar apoiadores internacionais.

A escolha da cidade sede dos Jogos Olímpicos de 2016 foi realizada no dia 2 de outubro 2009, em Copenhague, na Dinamarca. Após eliminação de Chicago e Tóquio, a candidatura do Rio de Janeiro se tornou finalista ao lado da capital espanhola, Madri. Em um dia considerado “histórico” para o então presidente do país, Lula, (ZIRIN, 2014) o Rio de Janeiro derrotou por 66 votos a 32 a cidade de Madrid e ganhou o direito de sediar os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016.

O projeto RIO-2016 foi estruturado com base em modificações significativas as postulações anteriores, sob as quais é interessante se fazer algumas ponderações. Em primeiro lugar a logística estrutural para o recebimento das competições foi totalmente repensada. Com a presença de quatro principais complexos (Barra, Copacabana, Maracanã e Deodoro), 34 instalações esportivas receberiam provas de modalidades olímpicas durante os jogos. Ainda no plano de obras é importante destacar a reforma proposta para o Estádio do Maracanã, após a realização da Copa do Mundo, a concretização do VLT Carioca e a revitalização da área portuária da cidade, que recebeu o nome de Boulevard Olímpico<sup>30</sup>. Todas essas mudanças transformaram o contexto urbano do Rio nos anos seguintes, já que canteiros de obras se espalharam por toda a cidade (ZIRIN, 2014).

No campo político e econômico, a candidatura RIO-2016 trazia consigo o peso e os esforços do então presidente do país, Luiz Inácio Lula da Silva, que promoveu uma intensa campanha em prol da conquista brasileira. Com previsões de crescimento astronômicas para o mercado em meio a um cenário de crise mundial (PIB brasileiro

---

<sup>30</sup> Informações presentes nos Cadernos de Legado Olímpico do Ministério do Esporte, disponível em: <http://www2.esporte.gov.br/snear/rio2016/>

cresceu 7,5% em 2010 <sup>31</sup>), a conjuntura nacional ajudou o consolidar o projeto de interesse do Rio em se tornar a sede dos Jogos em 2016.

Óbvio que o envolvimento governamental, a convergência e a coalizão de interesses em prol da candidatura olímpica brasileira, em grande medida, definiram-se a partir da vontade e empenho do condottiere e do mito, isto é, do chamado lulismo. Contudo, no sentido de decompor a totalidade relacional e nexos de determinação que dinamizam tal processo, há de se observar o projeto Rio 2016 na sua articulação com o projeto mais geral de soberania e desenvolvimento nacional matizados pelo governo de Lula. Queremos dizer com isso que os estudos e pesquisas sobre o projeto olímpico brasileiro devem considerar, de um lado, o modelo econômico em curso – ou seja, o neodesenvolvimentismo – e, de outro, a política externa de reposicionamento do país na geopolítica mundial. (MASCARENHAS, ATHAYDE, SANTOS, MIRANDA, 2012, p.19-20)

Assim como na Copa do Mundo, os Jogos Olímpicos também se tornaram alvo de protesto em 2013. Com grupos sociais se mobilizando em torno do movimento “Passe Livre”, os megaeventos esportivos foram focos de manifestações por escândalos de corrupção, bem como pelos gastos considerados excessivo por uma parcela da população. No caso do projeto RIO-2016, o custo atualizado do evento foi estipulado em R\$41,03 bilhões de reais<sup>32</sup>. Na época, o questionamento era o porquê deste investimento não estar sendo utilizado em serviços base a população, como saúde e educação. (ZIRIN, 2014)

Em relação à cobertura midiática nacional e mundial, alguns temas se tornaram foco de pauta ao longo da preparação, com destaque para três: a violência na cidade do Rio de Janeiro, a poluição na Baía de Guanabara e o surto do vírus Zica às vésperas da competição. Jornais de todo o mundo colocavam esses pontos em destaque, repercutindo amplamente se o Brasil seria capaz de lidar com esses problemas durante a realização de um megaevento esportivo na sua principal cidade turística. Como último ponto relevante desses momentos prévios à realização dos Jogos, vale destacar a crise política que se instaurou no país após as eleições presidenciais de 2014. Sob forte ataque político de grupos de oposição à época, a então presidenta do país, Dilma Rousseff, foi afastada do cargo no dia 05 de maio de 2016, temporariamente, até que o seu processo de impeachment tivesse a sua votação final no dia 31 de agosto de 2016, quando ela foi cassada pelo Senado Federal. Neste período, o então vice-presidente

---

<sup>31</sup> Informação divulgada pelo IBGE, disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/pib-brasileiro-fecha-2010-com-crescimento-de-75-maior-desde-1986-aponta-ibge-2815938>

<sup>32</sup> Dados divulgados através da Matriz de Responsabilidade, disponível em: <https://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/custo-dos-jogos-olimpicos-do-rio-e-atualizado-e-chega-a-r-41-bilhoes.ghtml>

Michel Temer (PMDB) assumiu interinamente e, a partir do dia 31, tornou-se o presidente.

Como veremos no processo de análise da pesquisa, todos esses temas continuaram a repercutir de maneira ampla e profunda durante a cobertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016, ganhando destaque no principal telejornal do país, *Jornal Nacional*, assim como na mídia estrangeira.

Foi em meio a esse cenário que o Rio de Janeiro iniciou os Jogos Olímpicos no dia 05 de agosto de 2016. Durante 16 dias a capital fluminense viu todas as atenções do mundo voltadas para o seu território, com turistas, atletas e jornalistas de vários países desembarcando para mais uma edição do maior megaevento esportivo da modernidade. Antes de inserir a análise da presente pesquisa, entendemos ser fundamental para uma compreensão mais abrangente do estudo, uma contextualização acerca do *Jornal Nacional*, buscando entender quais são os fatores que o transformaram no telejornal de maior audiência no país.

#### 4 JORNAL NACIONAL

No dia 1º de setembro de 1969 entrava no ar a primeira edição de um marco da televisão brasileira: o Jornal Nacional. O JN foi o primeiro telejornal transmitido em rede nacional no Brasil e tinha o objetivo de fazer frente a outro fenômeno televisivo da época, o *Repórter Esso*.

O Jornal Nacional, lançado para competir com o Repórter Esso, da TV Tupi, em pouco tempo se tornaria campeão de audiência, o maior destaque da programação jornalística da televisão brasileira. O telejornal era parte estratégica de um ambicioso projeto de Walter Clark e José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, Boni, para transformar a Globo na primeira rede de televisão do Brasil. (S/A, 2004, p.28).

Toda inovação de se colocar no ar um programa de alcance nacional só foi possível graças ao desenvolvimento tecnológico da televisão no país. Os militares que estavam no poder desde 1964, após um golpe de estado, queriam mostrar que o Brasil já era um país desenvolvido e, por isso, passaram a criar e investir em empresas que pudessem transmitir essa imagem, como a *Embratel*. “Em março de 1969, a Embratel inaugurou o Tronco Sul, rota terrestre de sinais de TV que permitiu, por um sistema de micro-ondas, a integração de Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Curitiba”. (S/A, 2004, p.28). Após essa obra, o sistema de gravação e entrega de videotapes, que era o responsável por levar os materiais produzidos pela Rede Globo, no Rio de Janeiro, para o resto do país não era mais necessário. A ligação direta entre esses polos permitiu a TV Globo colocar no ar um programa como o Jornal Nacional. “Essa rede proporcionou à TV Globo a capacidade técnica de colocar no ar o primeiro programa verdadeiramente de alcance nacional” (S/A, 2004, p.28).

O Jornal Nacional passou a fazer parte da rotina diária dos brasileiros, que durante os anos criaram o hábito de se reunir para assistir as principais notícias do dia no Brasil e no mundo. O sucesso desse produto da televisão brasileira é uma mistura de fatores. “O Jornal Nacional representa o conjunto mais bem-acabado de marcas que caracterizariam um telejornal: a temática, o formato, o cenário, os apresentadores, tudo contribui para a identificação do programa com o gênero.” (GOMES, 2005, p.6)

Se hoje o Jornal Nacional é considerado um marco da televisão brasileira, muito disso se deve a sua construção histórica ao longo dos anos. Para entender a relevância que esse produto tem no cotidiano dos brasileiros e como ele estabelece uma relação

com o seu público alvo, temos que entender como esse laço foi construído com o passar do tempo.

#### 4.1 HISTÓRICO

Em suas primeiras edições, o Jornal Nacional foi apresentado pelos jornalistas Hilton Gomes e Cid Moreira. Em seu formato inicial o JN tinha duração de 15 minutos divididos entre três blocos. Mesmo representando uma inovação tecnológica para o ano de sua estreia, 1969, o trabalho e os equipamentos usados na produção do JN ainda traziam grandes dificuldades para os profissionais envolvidos.

Na produção das reportagens, o jornalismo usava o suporte técnico do cinema, ou seja, o filme em 16mm, uma vez que ainda não existia o videoteipe portátil. Os equipamentos eram muito pesados, não permitindo a agilidade necessária à reportagem de rua (S/A, 2004, p.29)

Criado em um período de grandes mudanças, o Jornal Nacional representou não somente uma transformação tecnológica na maneira de se produzir e transmitir um telejornal no Brasil, mas também uma modificação conceitual no formato estabelecido para esse tipo de programa jornalístico. “O que caracterizava o nosso jornal era o som direto. [...] além de imagens cobertas com áudio do locutor, inseríamos depoimentos, com voz direta da pessoa falando”<sup>33</sup> (S/A, 2004, p.34). O *Repórter Esso*, programa de referência para o jornalismo na televisão nacional, logo foi perdendo espaço para esse novo modelo que se caracterizava não por um grande volume de matérias curtas, mas pelo desenvolvimento maior de assuntos e a reportagem sempre presente no local do fato. “Nós contamos no *Repórter Esso* 20 notícias e no *Jornal Nacional* só oito [...] e eu sempre tinha que explicar que nós estávamos fazendo uma revolução na linguagem televisiva”<sup>34</sup> (S/A, 2004, p.34).

Outro ponto de destaque dentro da mudança de formatação dos noticiários brasileiros, incorporado pelo Jornal Nacional, está o conceito de um telejornal realmente nacional.

---

<sup>33</sup> Entrevista de Armando Nogueira, idealizador do Jornal Nacional, para o projeto ‘Memória Globo’.

<sup>34</sup> Entrevista de Armando Nogueira, idealizador do Jornal Nacional, para o projeto ‘Memória Globo’.

As matérias deveriam ser de interesse geral e não regionais ou particularistas. Os assuntos tinham que chamar atenção tanto do telespectador de Manaus quanto de Porto Alegre. Era necessário não superdimensionar uma região em detrimento de outra, pensar sempre em como determinada nota poderia repercutir em estados diferentes. (S/A, 2004, p.39).

Nos três primeiros anos de Jornal Nacional diversas mudanças chegaram até o programa, que nesse período já tinha se tornado líder de audiência do gênero no país. Em 1971 o apresentador Hilton Gomes deixou a bancada do JN para dar lugar ao jornalista Ronaldo Rosas, que um ano depois também cedeu espaço para Sérgio Chapelin, que junto com Cid Moreira apresentou o telejornal até 1983.<sup>35</sup>

Em 1972 a cor chegou à televisão brasileira. A primeira transmissão foi realizada na Festa da Uva, no Rio Grande do Sul, pela TV Difusora. No começo, a implementação da tecnologia não estava nos planos da TV Globo, mas por pressões políticas o sistema aos poucos foi entrando na programação da emissora. “[...] para os militares, a televisão colorida era importante porque representava um sinal de progresso, mas a iniciativa não interessava à TV Globo no momento pelo investimento necessário.” (S/A, 2004, p.52). A partir de 1973, as reportagens do Jornal Nacional passaram a ser regularmente feitas em filme colorido. “A primeira foi em 19 de julho, nos funerais do senador Filinto Muller.” (S/A, 2004, p.52).

Durante os seus seis primeiros anos no ar o Jornal Nacional conviveu com um forte período de censura por parte da ditadura militar, que desde 1968, ano de implementação do Ato Institucional nº 5, passou a controlar fortemente os veículos de comunicação do país. “Quando mais poder e mais popular era a Rede Globo, maior era a pressão dentro da redação”<sup>36</sup>. Como o Jornal Nacional em pouco tempo se tornou o noticiário de maior audiência do país oficiais da SNI (Serviço Nacional de Informação) passaram a exercer maior controle sobre o que era veiculado diariamente.

---

<sup>35</sup> Memória Globo, disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/evolucao.htm>

<sup>36</sup> Depoimento de Renan Soares, ex-editor do Jornal Nacional, para o especial comemorativo dos 50 anos de Jornalismo da TV Globo., disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/4124120/>

Nós tínhamos todos os dias na redação à lista dos assuntos que não poderiam ser tocados no JN, sendo que essa lista era estabelecida pelo censor. Então nós muitas vezes não sabíamos de fato das coisas, porque de repente um assunto não podia mais entrar na edição<sup>37</sup>

Além dos temas que eram censurados diariamente, a intervenção nos textos de repórteres e apresentadores também era comum na rotina do Jornal Nacional durante a época. “Não eram só os temas que eram censurados, as palavras também eram. Em particular eu lembro da palavra ‘fome’. Eu não podia mostrar nem dizer que três milhões de pessoas estavam morrendo de fome no sertão do nordeste”<sup>38</sup>

Com a pressão enorme dentro das redações brasileiras por conta da censura, uma das alternativas para elaborar as edições do Jornal Nacional foi o desenvolvimento do noticiário internacional dentro do telejornal. Correspondentes brasileiros foram enviados a várias partes do mundo nos anos 70. “Eles personalizavam as notícias, tinham a visão brasileira, sabiam o que era interesse nacional” (S/A, 2004, p.42). Outro fato que também contribuiu para esse crescimento na cobertura internacional do JN foi um contrato assinado com a agência de notícias *United Press Intenational*, em 1973. Imagens passaram a ser geradas diariamente via satélite para o JN, o que resolveu um grande problema de logística na redação, já que, antes os materiais vinham por aviões e o conteúdo chegava com cerca de três dias de atraso.

Em 1974, com a chegada do general Ernesto Geisel ao poder, o Brasil começou a passar por um processo de abertura, definida por ele mesmo com “lenta, gradual e segura”. “A chegada de Geisel ao poder representou um novo tempo para o Jornal Nacional. [...] A partir desse momento, os repórteres da Rede Globo passaram a cobrir diariamente o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e os ministérios” (S/A, 2004, p. 69 e 70). Ainda em seu mandato, o general Geisel concedeu uma entrevista para a equipe de jornalismo da Rede Globo durante uma viagem oficial para o Japão pela presidência. “O presidente naquela época não dava entrevistas, foi um grande furo de reportagem nosso”<sup>39</sup>.

Em 1976 um novo *boom* tecnológico chegou até a Rede Globo e impactou profundamente a rotina de produção do Jornal Nacional: o jornalismo eletrônico. Os

<sup>37</sup> Depoimento de Gloria Maria, repórter do Jornal Nacional, para o especial comemorativo dos 50 anos de Jornalismo da TV Globo, disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/4124120/>

<sup>38</sup> Depoimento de Francisco José, repórter do Jornal Nacional, para o especial comemorativo dos 50 anos de Jornalismo da TV Globo, disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/4124120/>

<sup>39</sup> Depoimento de Heraldo Pereira, repórter do Jornal Nacional, para o especial comemorativo dos 50 anos de Jornalismo da TV Globo, disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/4124120/>

novos equipamentos trouxeram uma revolução prática no modo de se produzir as reportagens do JN, principalmente para os repórteres e cinegrafistas.

O equipamento eletrônico permitia ao cinegrafista constatar na hora, olhando no monitor, se havia cometido algum erro. [...] Depois que a nova tecnologia foi implantada, o repórter passou não só ir ao local dos acontecimentos e apurar as informações, mas também a fazer o texto e ele mesmo apresentar. (S/A, 2004, p.90)

A partir de 1979 o Jornal Nacional começou a passar por diversas modificações de cenário e vinhetas, tudo sobre a responsabilidade do designer Hans Donner. Em quatro anos, o JN sofreu três alterações no seu cenário “o que possibilitou um jogo de câmeras e maior movimentação dos apresentadores” (S/A, 2004, p.92) e trocou sua vinheta quatro vezes no mesmo período. A última delas, colocada no ar em 1983, foi à primeira vinheta de abertura no Jornal Nacional feita a partir de recursos de computação gráfica. “Para fazer essa vinheta, que mostrava um globo flutuando na tela, de onde saíam diversos ‘JN’s, Hans Donner usou apenas imagens geradas por computador” (S/A, 2004, p.96).

Ainda em 1983 uma nova mudança chega à bancada do Jornal Nacional: o apresentador Sérgio Chapelin é contratado pela SBT e deixa seu lugar como âncora no Jornal Nacional. Quem assume o posto de Chapelin é o jornalista Celso Freitas, que fica na apresentação do JN até 1989 quando o próprio Chapelin retorna para o telejornal.<sup>40</sup>

Pensando em dinamizar os trabalhos dentro da redação do Jornal Nacional e também facilitar o acesso do editor responsável a tudo que estava sendo produzido para a edição diária, Armando Nogueira, em 1985, resolveu criar editorias especializadas. “Inicialmente, as editorias eram quatro: Brasil (Carlos Henrique Schroder) Política (Ronald Carvalho), Economia (Paulo Henrique Amorim) e Internacional (Henrique Coutinho).” (S/A, 2004, p.150). Essa é uma concepção que funciona até hoje na produção diária do JN, com o acréscimo de novas editorias que chegaram ao longo dos anos.

Após as mudanças estruturais e conceituais trazidas pela implementação da tecnologia digital em 1976, treze anos depois, em 1989, uma segunda etapa de transformações chega ao Jornal Nacional. No campo estético das mudanças, o JN

---

<sup>40</sup>Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/mudanca-na-apresentacao-e-no-tempo.htm>

passou a contar com dois novos estúdios para a apresentação do telejornal, um fixo e um móvel.

O fixo foi criado por Hans Donner. Era uma mesa de acrílico com ares futuristas, iluminada por luz néon vermelha, onde ficavam os locutores. [...] O cenário móvel, criado pelo diretor de arte da CGJ, Delfim Fujiwara, ao lado de Alexandre Arrabal e Luis Felipe Cavalleira. era composto de desenhos feitos num computador. [...] Mais de 50 novos selos foram criados para ilustrar assuntos relacionados às editorias de economia, política, esporte e geral (S/A, 2004, p. 186) .

Nas mudanças de concepção jornalística, o JN passou a investir em uma prática pouco utilizada até o momento: o comentário.

Em 1989, buscando aprofundar o novo conceito de jornalismo denso, o Jornal Nacional começou a somar análise ao noticiário, com a participação de comentaristas especializados, como Paulo Henrique Amori, Joelmir Beting, Lillian Witte Fibe e Alexandre Garcia. Eles contextualizavam e explicavam para os telespectadores, numa linguagem simples, as informações políticas e econômicas. (S/A, 2004, p.188)

No começo da década de noventa a redação do JN foi totalmente informatizada. Os computadores passaram a interligar, em um espaço virtual, todas as praças e profissionais que trabalhavam na produção de uma edição do telejornal. Esse avanço representou mais rapidez nos trabalhos e também um sistema de controle de informação mais rígido por parte dos editores gerais do Jornal Nacional. “Antes, era tudo no papel: cada alteração no script exigia dez cópias. Você batia à máquina, ia correndo na Xerox, tirava dez cópias, saía distribuindo para o operador do teleprompter, para o apresentador, etc. Era uma loucura” (S/A, 2004, p.236)

Em 1991 estreia o primeiro quadro fixo apresentado por uma mulher no Jornal Nacional. Sandra Annenberg diariamente trazia as informações sobre a previsão do tempo no telejornal. “O quadro do tempo era produzido em São Paulo e gerado para o Rio por volta das 19h. Mas, naquela época, os equipamentos meteorológicos no Brasil eram ainda precários e o índice de erro nas previsões, muito grande” (S/A, 2004, p. 232).

Nesse mesmo ano, um fato em específico trouxe uma nova abordagem para as entradas ao vivo dos repórteres que participavam das coberturas pelo mundo: a Guerra do Golfo. Com transmissão simultânea pela Rede Globo, quatro equipes completas foram enviadas para cobrir e alimentar os telejornais da emissora com informações e

reportagens. Dentro do Jornal Nacional essa foi a primeira vez na história que os repórteres conversaram entre si em uma entrada ao vivo. “Numa época em que a transmissão ao vivo ainda era uma operação arriscada, sujeita a inúmeras falhas, aquilo foi uma ousadia” (S/A, 2004, p.242).

Ainda na primeira metade da década de 90 um novo setor começa a trabalhar em peso dentro das redações do JN: o subdepartamento das reconstituições. Eram ao todo vinte profissionais voltados somente para reconstituição de casos que iriam entrar na edição do Jornal Nacional, sendo que elas poderiam ser feitas com gravações junto a figurantes ou mesmo por desenhos e ilustrações.

A dificuldade estava diretamente ligada ao evento. Se era um assalto a banco, joalheria, a gente já tinha os movimentos, as ações mais ou menos codificadas dentro da cabeça. A gente sabia como fazer a sequência. Se fosse alguma coisa nova, inusitada, tinha que partir do zero, da descrição do repórter que estava no local, isso quando havia repórter.<sup>41</sup>(S/A, 2004, p. 232)

Evandro Carlos de Andrade assume a Direção de Jornalismo da Rede Globo em 1995. Ex-diretor do jornal *O Globo*, Evandro tinha ficado a mídia impressa por 40 anos. Com o lema “Mais Brasil e menos Brasília” o jornalista junto com uma equipe de profissionais passou a executar diversas mudanças no JN. “Sua gestão foi marcada pelo aprofundamento da linha investigativa no noticiário, pela ênfase nas questões relativas à cidadania e pelo fortalecimento do jornalismo comunitário” (S/A, 2004, p.285). Entre as mudanças de maior impacto durante a gestão de Evandro a frente da Direção de Jornalismo está à alteração na apresentação do JN: em 1996 saíram da bancada os então consagrados locutores Cid Moreira e Sérgio Chapelin, para a entrada de dois jornalistas, William Bonner e WitteFibe. “O objetivo da mudança era colocar à frente do telejornal jornalistas profissionais, envolvidos com a produção de matérias. Buscava-se, assim, dar maior credibilidade às notícias e dinamizar as coberturas” (S/A, 2004, p. 287 e 288).

Em 1996 novos quadros também entraram no ar dentro do Jornal Nacional, priorizando os comentários de jornalistas especializados em determinados assuntos. Galvão Bueno passou a comentar esporte, Carlos Magno a previsão do tempo e Arnaldo Jabor os mais diversos temas. Em 1997 o JN passou a contar com o sistema de *closedcaption*, tecnologia que legenda tudo que é dito no telejornal. “A utilidade do

---

<sup>41</sup>Entrevista de Roberto Simões, responsável pelo subdepartamento de reconstituições do JN durante sua implementação, para o projeto ‘Memória Globo’.

serviço é enorme: de acordo com o IBGE, existiam cerca de seis milhões de pessoas com deficiência auditiva no país” (S/A, 2004, p. 292).

Uma nova mudança na apresentação do Jornal Nacional foi feita em 1998, quando Fátima Bernardes assumiu o posto de Lillian Witte Fibe. Junto com William Bonner, Fátima Bernardes apresentou o JN por 14 anos, formando a segunda dupla de apresentadores que mais tempo passaram à frente do noticiário.

Pesquisas de opinião indicavam Fátima como a favorita do público para substituir Lillian. Com a experiência adquirida como editora-chefe do Jornal Hoje, Fátima chegava ao JN não só como parceira de Bonner na apresentação do jornal, mas também como editora executiva. Nos 14 anos à frente do Jornal Nacional, Fátima Bernardes participou de grandes e inesquecíveis coberturas. Edições históricas que mobilizaram todo o jornalismo da TV Globo. Como a dos atentados de 11 de setembro de 2001.<sup>42</sup>

Em 1999 William Bonner acumula o cargo de editor-chefe do Jornal Nacional e começa um processo de mudanças na estética do JN, que culmina em 26 de abril de 2000, na comemoração de 35 anos de do telejornal no ar, em uma completa reformulação no cenário.

O telejornal deixou o estúdio tradicional para ser apresentado de dentro da redação. A bancada dos apresentadores – totalmente modificada e transformada em área de trabalho dos jornalistas, com um monitor e um computador – foi transferida para um mezanino, construído em uma das extremidades da redação, a três metros e meio de altura do chão. Na abertura do telejornal, uma grua passou a mostrar as atividades da redação, passeando, lentamente, no sentido da bancada. Nesse movimento, entram em cena sete painéis de 12 metros de largura presos ao teto que, no final, formam um grande planisfério estilizado, com o Brasil no centro. (S/A, 2004, p.293).

No dia 11 de setembro de 2001 o mundo inteiro parou com os atentados terroristas contra as torres gêmeas de World Trade Center, em Nova York, nos Estados Unidos. A Rede Globo transmitiu ao vivo os ataques que mataram 2996 pessoas. Durante quatro horas no ar, Carlos Nascimento e Ana Paula Padrão mostraram os fatos ao mesmo tempo em que aconteciam em Nova York. Naquele dia os esforços foram completamente voltados para a produção de um Jornal Nacional especial, que ficou durante uma hora no ar, trazendo todas as informações sobre os atentados e suas repercussões em todo o mundo.

---

<sup>42</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/fatima-bernardes/trajetoria.htm>

O JN foi feito em poucas horas. A gente foi muito ágil e conseguiu fazer um jornal inteiro voltado para aquele assunto. Tinha toda a dificuldade de você tentar chegar ao local, o isolamento da área. Os repórteres não chegavam muito perto, mas a gente conseguiu ouvir brasileiros que estavam por ali. Foi um marco para nós, [um exemplo] do que pode ser uma ampla cobertura. Tinha toda a dramaticidade, a crueza do fato, mas não era um jornal apelativo, era informativo. As pessoas perderam o fôlego e a audiência foi assombrosa.<sup>43</sup>

Essa edição especial do Jornal Nacional valeu a indicação a final da Academia Nacional de Artes e Ciências da Televisão dos Estados Unidos ao prêmio do Emmy Internacional. “Trabalhos do mundo inteiro concorreram ao prêmio, uma espécie de Oscar da televisão para emissoras estrangeiras. A TV Globo foi uma das quatro finalistas, ao lado da alemã RTL e das britânicas ITN e BBC”. (S/A, 2004, p.342).

Em 2002 o Jornal Nacional decidiu investir em um projeto que dura até hoje em anos de eleições presidenciais no país: as entrevistas ao vivo com os aspirantes ao cargo. Esse foi um projeto elaborado desde 2001, onde a intenção era levar para a bancada do JN os candidatos a presidência, com o intuito de esmiuçar seus programas de governos e discutir contradições de suas candidaturas.

Essa inovação de 2002 permitiu que em horário nobre, ao vivo, os candidatos fossem confrontados com questões desconfortáveis. Perguntas que eles preferiam que nós não tivéssemos feito. Às vezes o fato de haver perguntas difíceis pode dar a ideia errônea de que o clima daqueles momentos era sempre horrível, mas não era nada disso. Quando terminava nós nos cumprimentávamos e conversamos.<sup>44</sup>

Nesse mesmo ano, após o período eleitoral, outra novidade foi incorporada as edições diárias do JN: o uso de videocharges de Chico Caruso. “Com 30 segundos de duração, em média, as charges satiriza, os fatos políticos de maior relevância para o noticiário” (S/A, 2004, p.376),

Com a chegada de mais um ano eleitoral para a escolha do cargo máximo do poder executivo no Brasil, a presidência, em 2006, o Jornal Nacional decidiu por lançar uma nova empreitada para mostrar os desejos da população brasileira para o futuro: a *Caravana JN*. Uma equipe de 15 profissionais, liderados pelo jornalista Pedro Bial, visitaram os 27 estados do país, percorrendo o total de 16.409 km e produzindo um total de 52 reportagens de uma série intitulada “Desejos do Brasil”.

<sup>43</sup>Depoimento de Fátima Bernardes ao projeto Memória Globo, disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/atentados-de-11-de-setembro.htm>

<sup>44</sup> Depoimento de William Bonner, editor-chefe e apresentador do Jornal Nacional, para o especial comemorativo dos 50 anos de Jornalismo da TV Globo, disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/04/jornalistas-lembram-decada-marcada-pelo-maior-atentado-da-historia.html>.

A partir do dia 31 de julho, Pedro Bial apresentou as reportagens da série *Desejos do Brasil*, exibida no JN de segunda a sábado. A série traçou um panorama dos anseios dos brasileiros e dos contrastes do território nacional. As matérias foram produzidas, realizadas e editadas pela equipe da Caravana JN. As cidades foram escolhidas de acordo com a representatividade na história da região. As apresentações foram realizadas ao ar livre.<sup>45</sup>

Com o mesmo objetivo de ‘introduzir’ o período eleitoral no país, em 2010, o Jornal Nacional apostou na mesma proposta de viajar o Brasil, mas agora de outra maneira, com um avião. Ernesto Paglia foi o repórter responsável por comandar a equipe do *JN no Ar*. “As reportagens mostraram o que os moradores gostariam de melhorar em sua região e o que eles achavam que podia servir de exemplo para outras localidades do país”<sup>46</sup>. Depois de viajar 26 estados brasileiros, visitando cidades definidas por um sorteio feito ao vivo durante uma das edições do Jornal Nacional, graças ao seu grande sucesso o quadro se tornou fixo dentro da programação do telejornal.

Ainda em 2010, uma cobertura em especial realizada pela Rede Globo, e que ganhou grande repercussão dentro do Jornal Nacional, foi à ocupação do complexo de favelas da Vila Cruzeiro e do Alemão. Em uma de suas edições especiais o noticiário trouxe todas as informações do fato e seus impactos dentro da cidade do Rio de Janeiro e no Brasil.

O Jornal Nacional começou com os apresentadores Fátima Bernardes e Márcio Gomes anunciando o dia histórico na cidade: “Rio de Janeiro, vinte e cinco de novembro de 2010. A maior operação já feita contra o crime no Estado. Tiros, explosões, incêndios. E o lugar onde a polícia não entrava é ocupado pelo poder público. Traficantes acuados e armados fogem em desespero por um caminho de terra na Vila Cruzeiro.” O comandante-geral da PM do Rio, Coronel Mário Sérgio, participou ao vivo, assim como o ex-oficial Rodrigo Pimentel, comentarista de segurança da Rede Globo.<sup>47</sup>

Essa cobertura, com imagens exclusivas que rodaram todo o mundo, renderam ao Jornal Nacional a conquista do Emmy Internacional. “Foi a primeira vez que um telejornal brasileiro conquistou o prêmio, considerado o Oscar da televisão.”<sup>48</sup>

<sup>45</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/caravana-jn-e-desejos-do-brasil.htm>

<sup>46</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/jn-no-ar.htm>

<sup>47</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-do-alemao/a-ocupacao-da-vila-cruzeiro.htm>

<sup>48</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/ocupacao-do-alemao/desfecho.htm>

Depois de 14 anos dividindo a bancada do Jornal Nacional junto com William Bonner, Fatima Bernardes deixa a apresentação do telejornal em dezembro de 2011. Quem assumiu o seu lugar foi a jornalista Patrícia Poeta, que até então apresentava o *Fantástico* aos domingos. “No último bloco do Jornal Nacional do dia 5, Fátima se despediu do público e, junto a William Bonner, deu as boas-vindas à Patrícia Poeta. O telespectador conferiu, em uma matéria especial, episódios que marcaram a trajetória das carreiras das duas jornalistas”.<sup>49</sup> Três anos depois uma nova mudança chegou para a bancada do JN: deixava a apresentação Patrícia Poeta e entrava no seu lugar Renata Vasconcelos.

Em termos de mudanças estruturais o Jornal Nacional passou por uma nova reformulação em 2015. No ano de comemoração dos 50 da Rede Globo um novo cenário foi montado para o noticiário, que passou a ter uma abordagem mais informal na apresentação e na linguagem usada durante as matérias.

Como parte das comemorações pelos 50 anos da Globo, no dia 27 de abril de 2015 o Jornal Nacional entrou no ar com novo cenário. Renata Vasconcelos e William Bonner começaram a apresentar o telejornal em uma nova bancada, mais moderna. O espaço, mais amplo e claro, garante mobilidade e permite que os jornalistas circulem livremente pelo estúdio, transmitindo notícias na bancada e também de pé, em diversos ângulos. As conversas em tempo real com correspondentes e equipes de reportagem, feitas pelo telão, estão mais livres e interativas. As informações meteorológicas passam a ser dadas ao vivo e direto da redação de jornalismo da Globo, em São Paulo. Com uso de tecnologia de ponta, a redação do Jornal Nacional conta, ao fundo, com um segundo telão ainda maior, no qual são exibidas imagens em alta resolução.

Em seus 46 anos de história o Jornal Nacional se tornou parte do dia a dia de muitos brasileiros. Presente em grandes coberturas e momentos marcantes para a construção de nossa sociedade atual, o telejornal apresenta grande relevância, não somente pelos altos índices de audiência que consegue atingir, mas também pelo significado que traz para o telespectador, que muitas vezes chega a se sentir íntimo dos apresentadores e jornalistas que todos os dias trazem as notícias mais relevantes no Brasil e no mundo. A história do JN muitas vezes também se mistura com a das grandes coberturas esportivas da TV Globo, como a de megaeventos esportivos. Na próxima parte desse capítulo, vamos poder observar como foi construída a relação entre esse

---

<sup>49</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/mudanca-na-apresentacao-e-no-tempo.htm>

produto jornalístico e os dos maiores eventos esportivos do mundo que são objetos de análise da pesquisa: a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

#### 4.2 O JORNAL NACIONAL E AS COPAS DO MUNDO

Seria contraditório se o telejornal de maior audiência do Brasil, considerado o país do futebol, não tivesse construído ao longo de seus anos uma relação com um dos maiores eventos esportivos do planeta, a Copa do Mundo. O evento que reúne as melhores seleções e jogadores do futebol mundial, sempre foi foco de cobertura por parte do Jornal Nacional, que muitas vezes trazia as informações esperadas pelos telespectadores. Como o JN entrou no ar somente em 1969, a primeira experiência com esse mundial foi uma Copa marcante para os brasileiros: a conquista do tricampeonato em 1970, no México.

Considerada um marco para a história da televisão brasileira, por ter sido a primeira Copa do Mundo transmitida ao vivo no país, o mundial do México iniciou a relação entre esses eventos e a cobertura do Jornal Nacional. “No Jornal Nacional, era exibido um bloco especial apresentado por Armando Nogueira diretamente da Cidade do México, mostrando os preparativos da seleção brasileira para os jogos e os principais destaques da competição” (S/A, 2004, p.57).

Nessa época o esporte ainda era considerado uma editoria da Central Globo de Jornalismo, o que conferia pouca autonomia e espaço para os assuntos. Em 1973, mesmo que ainda funcionando precariamente, foi criada a Divisão de Esportes da Rede Globo, fato que trouxe mais independência para a cobertura dos temas e eventos esportivos. “A proposta era incrementar a cobertura com modalidades esportivas [...] A Divisão tinha equipe própria, ocupando uma sala numa casa vizinha à emissora, no Jardim Botânico. O principal problema era a falta de recursos” (S/A, 2004, p.59 e 60)

Como a década de 70 foi um período onde os jornais passaram a manter uma vida regular para os cadernos de esporte, essa divisão criada dentro da Rede Globo também ganhou espaço durante o período. Essa consolidação significava que os materiais esportivos passariam a ganhar mais espaço dentro dos telejornais da casa, entre eles o Jornal Nacional. O começo desse investimento na editoria se deu na própria Copa do Mundo de 1974, na Alemanha.

A Rede Globo enviou para a Alemanha uma equipe de eventos, chefiada por Rui Viotti, e outra de jornalismo para produzir reportagens para o Jornal Nacional e outros telejornais, sob o comando de Armando Nogueira. [...] Naquela época, as entrevistas e matérias eram feitas em filmes e havia apenas dez minutos de satélite para enviar todas as imagens para a emissora no Rio. Para Armando Nogueira, a Copa da Alemanha Ocidental foi a primeira experiência de cobertura jornalística em equipe realizada pela emissora. Até então, o trabalho no Mundial se resumia apenas à transmissão dos jogos. (S/A, 2004, p.347)

Se a Copa do Mundo na Alemanha Ocidental foi um pontapé inicial para esse investimento na cobertura esportiva dentro do JN, o mundial de 1978, na Argentina, foi aquele que concretizou um padrão que se seguiria a partir daquela data. O Jornal Nacional passou a dedicar um grande espaço para a Copa, que agora não falava mais somente dos resultados de partida, mas também trazia os desdobramentos de cada jogo no público, no Brasil e também entre as outras seleções.

O evento que marcou essa mudança foi a Copa do Mundo da Argentina, em 1978. Armando Nogueira afirma que na época já não era mais possível se restringir à transmissão dos jogos, era necessário mostrar os detalhes, falar sobre os desdobramentos das competições e apontar a consequência dos resultados. A Globo passou então a apresentar para o telespectador brasileiro tudo sobre a seleção e a competição, desde os preparativos das partidas até a análise completa dos jogos. (S/A, 2004, p.130)

Para a realização desse tipo de cobertura, que se tornaria padrão desde então, foi necessário um grande investimento na parte operacional. O jornalista Leonardo Gryner, em seu depoimento ao projeto *Memória Globo*, relembra que como aquele momento foi um marco para a expansão da cobertura esportiva. “Na época foi um recorde porque nós fomos com 63 pessoas na equipe para montar a produção da cobertura da Copa do Mundo. Nós tínhamos equipe espalhadas em todas as sedes aonde se ia disputar o mundial”.<sup>50</sup> O resultado de todo esse investimento foram cerca de 4 horas diárias, ao vivo, sobre a Copa da Argentina na programação da emissora durante o evento.<sup>51</sup>

Com um modelo de transmissão e cobertura já definido, o próximo mundial, em 1982, na Espanha, trouxe um diferencial na cobertura da Rede Globo: a exclusividade na transmissão da Copa do Mundo. A Globo era a única emissora de televisão brasileira que tinha o direito sobre as transmissões, por isso não poupou investimentos para trazer para o Brasil todas as informações da Copa. O centro de operações da emissora,

<sup>50</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/copa-do-mundo-da-argentina-1978.htm>

<sup>51</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/copa-do-mundo-da-argentina-1978/transmissao-e-cobertura.htm>

construído em Madri, ocupava dois andares do centro de imprensa. 150 profissionais e 20 toneladas de equipamentos foram mandados para a capital da Espanha. Dentro do Jornal Nacional o mundial ganhou grande repercussão e espaço.

O JN deu um grande destaque à competição. Um bloco especial com as últimas notícias da Copa era apresentado por Léo Batista e Fernando Vannucci, ao vivo, diretamente dos estúdios da Rede Globo na Espanha. O Brasil era favorito para vencer o Mundial, mas acabou eliminado nas quartas-de-final pela Itália. No JN, o repórter Tonico Ferreira registrou a tristeza da torcida brasileira. (S/A, 2004, p.349)

A Copa do Mundo de 1986 aconteceu no México depois que a Colômbia decidiu abrir mão de sediar o evento após uma grande crise econômica que se instalou no país. Novamente outras emissoras de televisão brasileira puderam transmitir o Mundial, mas para se diferenciar das demais a Rede Globo optou por investir em tecnologia: um satélite exclusivo “que permitia a entrada de entrevistas ao vivo a qualquer momento da programação” (S/A, 2004, p.349). O recurso foi amplamente utilizado durante os telejornais da emissora, inclusive no Jornal Nacional.<sup>52</sup>

Após a implementação do Plano Collor, em 1990, um grave crise se instalou no Brasil, o que levou a um corte de gastos para a cobertura Copa do Mundo pela Rede Globo. O Mundial, que aconteceu na Itália, contou com o trabalho de 35 profissionais sob o comando de Ciro José. Dentro do Jornal Nacional uma novidade foi inserida. “Uma novidade na cobertura da Copa foi à apresentação do Boletim da Copa, um bloco especial exibido no Jornal Nacional”. (S/A, 2004, p.349)

O Mundial de 1994, nos Estados Unidos, trouxe uma inovação para o Jornal Nacional que perdura até hoje em suas coberturas de Copa: o telejornal é ancorado do local de permanência da seleção brasileira. Um dos apresentadores é o responsável por acompanhar o time brasileiro e trazer as notícias da competição direto do local. O jornalista Carlos Nascimento foi o primeiro ancora do JN a cumprir esse papel.

“Essa foi a primeira Copa em que ancoramos telejornais de fora. [...] Depois virou uma tendência. Nós começamos a levar o apresentador do Jornal Nacional para os pontos de cobertura da Seleção Brasileira: na porta da concentração, na porta do estádio”. (BONNER, 2009, p.169 e 170)

Com essa nova proposta de cobertura o Jornal Nacional esteve presente em todos os locais de relevância para a seleção brasileira durante o mundial. “Os melhores

---

<sup>52</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/copa-do-mundo-do-mexico-1986/transmissao-e-cobertura.htm>

momentos, as vitórias apertadas da seleção brasileira e a comemoração da torcida em diversas partes do país foram mostradas com destaque no Jornal Nacional” (S/A, 2004, p.350). Após a vitória contra a seleção italiana nos pênaltis, uma edição especial para o JN foi preparada no dia 18 de julho de 1994.

A conquista do tetracampeonato foi ao ar no Jornal Nacional em 18 de julho, dia seguinte da vitória sobre a seleção italiana. No telejornal, a repórter Lenise Figueiredo, direto da Itália, mostrava a tristeza dos italianos contrastando com a festa da torcida brasileira em diversas capitais do país durante toda a madrugada. No encerramento do JN, foi apresentado um clip com as imagens mais marcantes da Copa. (S/A, 2004, p.350)

Para a cobertura do último Mundial do século a Rede Globo não poupou gastos enviando cerca de 160 profissionais para a França cobrir a Copa do Mundo. “No Brasil, a apresentadora Fátima Bernardes chamava William Bonner, que noticiava as informações no Jornal Nacional, diretamente do estúdio da emissora, no Centro de Imprensa, no Parque de Exposições na Porta de Versailles, e Paris” (S/A, 2004, p.350). Após o corte de Romário no mundial, amplamente coberto pelo JN, a polemica da escalação de Ronaldinho para a final também ganhou destaque dentro da cobertura do telejornal nessa Copa. “O JN do dia seguinte da decisão exibiu imagens da festa francesa na avenida Champs Elysées e entrevistas com dirigentes, médicos, e jogadores que tentavam responder à pergunta: o que, de fato, acontecera com Ronaldinho?” (S/A, 2004, p.351).

A Copa do Mundo de 2002 trazia diversas novidades para o evento, já que essa era a primeira vez que um Mundial era disputado no continente asiático e, também, simultaneamente em dois países, Japão e Coreia do Sul. O Jornal Nacional enviou para apresentar o telejornal do local Fátima Bernardes, que realizou um trabalho elogiado pela imprensa e de grande repercussão nacional no público brasileiro.

Fátima Bernardes chegou ao final da cobertura com o status de “musa da Copa”, título dado pelos próprios jogadores brasileiros. A grande novidade foi que Fátima foi para a rua ancorar o Jornal Nacional, tendo a oportunidade de entrevistar jogadores e técnicos, dando furos ao vivo, graças ao fuso horário: na hora em que o jornal ia ao ar, os jogadores estavam saindo para o treino. O curioso é que a expectativa não era essa. A TV Globo montara um estúdio na Coreia, e Fátima apresentaria o jornal de lá. No primeiro dia, no entanto, Schroder, assistindo ao telejornal, não gostou, achou que ela estava muito presa e que, para o espectador, tanto fazia que o estúdio fosse na Coreia ou no Rio de Janeiro. (S/A, 2004, p.352)

A mudança diária do local de apresentação do jornal por Fátima Bernardes permitiu a criação de um bordão que ficou famoso na época, quando William Bonner começava todas as edições do JN perguntando: “Onde está você Fátima Bernardes?”<sup>53</sup> Outra novidade do mundial foi à entrevista feita com o jogador Ronaldo na bancada do JN, dias antes da estreia do Brasil na Copa do Mundo. “A entrevista foi gravada antes de o telejornal ir ao ar e exibida, sem cortes, no seu encerramento. [...] Foi a primeira vez que um convidado sentou-se na bancada do JN.” (S/A, 2004, p.353)

Em 2006 a programação para o Mundial trouxe uma nova abordagem para a cobertura do evento, já que a Rede Globo decidiu enviar uma equipe completa para morar na Alemanha, um ano antes da Copa, com o objetivo de produzir matérias que mostrassem a preparação e a cultura do país. O enviado foi o repórter Renato Ribeiro, que produziu diversas matérias para o Jornal Nacional.

Em 9 de maio de 2005, foi ao ar no Jornal Nacional a primeira de uma série de reportagens de Renato Ribeiro, então correspondente especial na Alemanha. Durante todo aquele ano, o jornalista percorreu as 12 cidades que iriam sediar os jogos e revelou detalhes sobre o país-sede e os preparativos para a Copa.<sup>55</sup>

Ao todo 160 profissionais foram enviados para a transmissão e cobertura da Copa do Mundo na Alemanha. Para melhor cobrir os movimentos da seleção e, ao mesmo tempo, acompanhar as demais equipes participantes do Mundial um esquema foi montado.

Na Alemanha, a equipe da emissora se dividiu em dois grupos. Um ficou em Munique, onde funcionava o escritório oficial da TV Globo, responsável pela coordenação jornalística e pela cobertura das seleções estrangeiras. O outro grupo formou uma redação itinerante para acompanhar a Seleção Brasileira pelas cidades alemãs. Sete equipes de reportagem ficaram dedicadas ao dia-a-dia dos jogadores e da comissão técnica durante o Mundial.<sup>56</sup>

Para a próxima Copa do Mundo, realizada em 2010, na África do Sul, os preparativos começaram antes. Para o Jornal Nacional, o mesmo esquema realizado no mundial anterior foi usado: enviar um correspondente para o país do evento antes.

---

<sup>53</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/copa-do-mundo-da-coreia-e-do-japao-2002/transmissao-e-cobertura.htm>

<sup>54</sup> O bordão fazia maior sentido e gerou uma boa aceitação por parte do público brasileiro porque os apresentadores eram um casal, então a pergunta “Onde está você Fátima Bernardes?” transmitia além de uma referência a localização da âncora, uma conotação de preocupação do marido.

<sup>55</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/copa-do-mundo-da-alemanha-2006/transmissao.htm>

<sup>56</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/copa-do-mundo-da-alemanha-2006/transmissao.htm>

Em 2008, dois anos antes de a Copa começar, nós mandamos o Renato Ribeiro para lá. Durante dois anos nós tivemos um correspondente no país aonde a coisa vai se dar. Ele foi produzir material sobre o país e os arredores e aos poucos, estabelece uma familiaridade do público brasileiro com os cenários, as problemáticas e as curiosidades do local onde ele está.<sup>57</sup>

Ao todo 170 profissionais foram fazer a cobertura do evento, sendo que a Rede Globo manteve uma equipe fixa em cada uma das cidades sedes para produzir materiais diários para o Jornal Nacional e outros programas da emissora. “A base da Globo no Centro de Imprensa contava com uma redação, ilhas de edição, cabines de narração e uma central técnica, na qual eram recebidos e transmitidos para a sede da emissora no Rio todos os sinais dos jogos e do jornalismo”.<sup>58</sup>

Desde a sua criação em 1969 é possível observar uma grande relação entre o Jornal Nacional e a Copa do Mundo. A paixão dos brasileiros pelo futebol leva esse evento a se tornar um poderoso objeto de cobertura por parte da mídia nacional, o que se exponencia quando estamos falando do telejornal de maior audiência do país.

#### 4.3 O JORNAL NACIONAL E OS JOGOS OLÍMPICOS

Com grandes atletas brasileiros fazendo história durante as competições olímpicas, o Jornal Nacional também mantém uma trajetória de coberturas dedicadas a esta competição internacional. Se apresentando como uma rica fonte para a produção de materiais jornalísticos, bem como sendo um fato que atrai a atenção do público pela sua grandiosidade enquanto celebração mundial, as Olimpíadas tiveram a sua primeira cobertura executada pelo Jornal Nacional em 1972, na edição de Munique.

Com o sucesso do bloco esportivo apresentado durante a Copa do Mundo do México em 1970, o Jornal Nacional fez a mesma coisa com os Jogos de Munique, só que, neste caso, as informações vinham direto de Madri, já que o Centro de Transmissão da emissora foi construído na capital espanhola. Esta foi uma cobertura marcada pela inauguração de diversas tecnologias que auxiliaram na produção de conteúdos jornalísticos mais interessantes para o público.

---

<sup>57</sup> Depoimento de William Bonner, editor chefe e apresentador do Jornal Nacional, para o projeto Memória Globo, disponível em: <http://globotv.globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/webdoc-esporte-copa-da-africa-do-sul-2010/2110810/>

<sup>58</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/copa-da-africa-do-sul-2010/transmissao-e-cobertura.htm>

“Foram geradas imagens de alta qualidade, graças ao uso de diferentes recursos técnicos, como o posicionamento de câmeras em diversos ângulos, inclusive embaixo d’água, e o slowmotion (câmera lenta). Merece destaque também a instantaneidade das transmissões de algumas provas, exibidas ao vivo” (S/A, 2004, p.57).

Com um desempenho fraco da delegação brasileira nas competições de Munique, o fato que marcou esta cobertura no JN foi o atentado terrorista contra a delegação israelense. “O atentado suspendeu as competições durante um dia e provocou uma consternação mundial. O ataque fora tão bem planejado que, na hora, nenhum jornalista desconfiou de nada”(S/A, 2004, p.57).

Com a divisão de esportes mais estruturada a partir de 1973, os Jogos Olímpicos de Montreal apresentaram um novo enfoque por parte das equipes do Jornal Nacional que foram ao Canadá. A competição olímpica mundialmente famosa por feitos históricos como o a nota 10 da romena Nadia Comaneci, trouxe como principal inovação as cem câmeras a cores que conferiram um novo olhar para a cobertura. “Cem câmeras a cores instaladas nos locais de competição registravam, em detalhes, as reações de cansaço, dor, alegria e sofrimento dos atletas no fim das provas, enfatizando o “lado humano” dos Jogos”.<sup>59</sup>

Assim como no ano de 1972, os Jogos Olímpicos de Moscou, 1980, trouxeram como principal marca de cobertura um fato político: o boicote realizado pelos Estados Unidos às competições após a invasão da União Soviética ao Afeganistão. Esta foi a primeira vez que a Rede Globo decidiu mandar uma equipe de reportagem exclusiva para produzir matérias para o Jornal Nacional.

A Globo e a TV Cultura foram as únicas emissoras brasileiras que cobriram a competição. Pela primeira vez, foi enviada uma equipe de reportagem encarregada de fazer matérias exclusivas para o Jornal Nacional. O repórter Roberto Feith, então correspondente em Londres, realizou várias matérias que retratavam o contexto político e as dificuldades econômicas enfrentadas pela população da URSS naquele momento. (S/A, 2004, p.266).

Retribuindo o boicote, a URSS decidiu não comparecer aos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984. Esta competição foi marcante para o Jornal Nacional porque foi a primeira vez que as Olimpíadas ganharam um grande espaço dentro do telejornal. Diariamente uma reportagem especial com os enviados aos Estados Unidos encerrava as edições do JN durante o período de provas. Além disso, no dia da abertura, 13 minutos

---

<sup>59</sup>Disponível em:<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/olimpiada-de-montreal-1976/transmissao-e-cobertura.htm>

inteiros do telejornal foram dedicados a informações sobre a cerimônia de abertura do megaevento esportivo. “Os locutores Galvão Bueno e Osmar Santos entraram ao vivo direto do estádio de Los Angeles, com informações sobre a cerimônia de abertura.”(S/A, 2004, p.269).

A transmissão da Olimpíada de Seul, 1988, foi realizada por um pool de TVs brasileiras que reunia Globo, Bandeirantes, Manchete e SBT. A preparação da equipe de 66 profissionais enviados pela Rede Globo começou quatro meses antes, com palestras sobre a Coreia, além de apresentação de exposições de especialistas para capacitar os jornalistas nas regras e termos das principais modalidades<sup>60</sup>. Para o Jornal Nacional, um estúdio exclusivo foi elaborado para trazer os melhores momentos da competição para o telespectador.

“Os dois últimos blocos do Jornal Nacional eram apresentados por Valéria Monteiro e Sérgio Éwerton, em um estúdio montado para as Olimpíadas no Rio de Janeiro. Uma crônica do jornalista e diretor da CGJ, Armando Nogueira, era apresentada diariamente no telejornal.” (S/A, 2004, p.268).

Com um grande desempenho de atletas brasileiros, como as medalhas de ouro conquistadas pela seleção masculina de vôlei e pelo judoca Rogério Sampaio, o Jornal Nacional também dedicou grandes esforços para a cobertura dos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992. Com a sua disposição tecnologias que possibilitavam a câmera lenta ao vivo, além de um canal de satélite exclusivo 24 horas para a transmissão de materiais produzidos na cidade espanhola, essa foi a primeira vez que o bloco olímpico do JN foi ancorado no país sede da competição. Outro destaque foi o enfoque diferenciado que as matérias veiculadas no Jornal Nacional receberam durante a competição. “As reportagens não se limitavam às provas e abordaram também o que acontecia fora dos Jogos: a cidade, a torcida, as acomodações e o dia-a-dia dos atletas.” (S/A, 2004, p.268).

Com a maior equipe enviada para uma edição dos Jogos Olímpicos até então, em 1996, a Rede Globo encaminhou 100 profissionais da Central de Jornalismo para a cobertura dos Jogos de Atlanta. No ano em que era comemorado o centenário da realização dos primeiros Jogos da era moderna, algumas inovações marcaram a cobertura do Jornal Nacional nesta competição. A primeira delas foi o envio de uma

---

<sup>60</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/olimpiada-de-seul-1988/transmissao-e-cobertura.htm>

equipe exclusiva para a cobertura do futebol como uma modalidade separada. Os repórteres Tino Marcos e Mauro Naves acompanharam o técnico Zagallo e os jogadores, sendo que as partidas eram narradas por Galvão Bueno<sup>61</sup>. Além disso, essa foi a primeira vez que ex-atletas participaram das transmissões e matérias da emissora na posição de comentaristas. Alguns exemplos são a ex-jogadora de vôlei, Isabel; Arnaldo Cezar Coelho e Paulo Roberto Falcão comentando o futebol; o técnico Bebeto de Freitas responsável pelo vôlei masculino, e o ex-jogador Marcel de Souza, como comentarista do basquete masculino<sup>62</sup>.

Com 14 horas de diferenças no fuso horário entre Sydney e Brasília, os Jogos Olímpicos de Sydney tiveram a maioria das suas transmissões centralizadas durante a madrugada. O Jornal Nacional serviu para dar o pontapé na programação de coberturas que seguiriam o resto da noite. “A programação durante as Olimpíadas começava no Jornal Nacional, que apresentava a relação das próximas competições a serem transmitidas durante a madrugada e o resumo dos resultados do dia anterior” (S/A, 2004, p.270). Sem um estúdio para apresentadores ancorarem as transmissões de Sydney, os dois blocos diários dos Jogos Olímpicos no JN eram apresentados por William Bonner e Fatima Bernardes do Rio de Janeiro. Um artifício muito utilizado foram às entrevistas ao vivo com atletas, direto da Vila Olímpica, através das videoconferências.<sup>63</sup>

As Olimpíadas de 2004 levaram os Jogos novamente ao berço da competição, a cidade de Atenas, na Grécia. Com astros atuais do esporte surgindo neste ano, como o nadador norte-americano Michael Phelps, a Rede Globo investiu bastante na cobertura de provas e modalidades. Ao todo 10 equipes completas foram enviadas para Atenas, sendo que o Jornal Nacional teve uma atenção especial na grade de programação.

---

<sup>61</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/olimpiada-de-atlanta-1996/equipe.htm>

<sup>62</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/olimpiada-de-atlanta-1996/equipe.htm>

<sup>63</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/olimpiada-de-sydney-2000/transmissao-e-cobertura.htm>

No *Jornal Nacional*, Tino Marcos fez matérias sobre as medalhas de bronze dos judocas brasileiros Leandro Guilherme e Flavio Canto. Renato Ribeiro acompanhou os dois fenômenos da natação mundial: o australiano Ian Thorpe e o norte americano Michael Phelps. João Pedro Paes Leme acompanhou a conquista da medalha de ouro da seleção masculina de vôlei, que derrotou a seleção italiana na final.<sup>64</sup>

Com o objetivo de se apresentar para o mundo como uma nação desenvolvida e uma potencia cultural, a China não economizou gastos e preparação para a elaboração dos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008. Sendo a primeira competição a ocorrer na era da televisão digital, um estúdio com uma área de 520 m<sup>2</sup> foi montado em Pequim para abrigar a equipe de 190 profissionais envolvidos na cobertura da Globo. Uma preparação extensiva foi pensada para trazer ao telespectador do *Jornal Nacional* matérias elaboradas sobre astros do esporte que se consolidaram na competição, como Michael Phelps, na natação; Usain Bolt e Yelena Isinbayeva, no atletismo; e a brasileira Maurren Maggi no salto em distância<sup>65</sup>. A diferença de 11 horas no fuso horário impôs uma nova abordagem por parte dos telejornais da emissora, no qual se inclui o JN.

Com a diferença de fuso horário de 11 horas, algumas competições aconteceram durante a exibição do *Bom Dia Brasil*, o que permitiu que os repórteres entrassem ao vivo com as últimas informações e imagens mais recentes das provas. O *Globo Esporte* era exibido depois do encerramento do dia olímpico, atualizando o telespectador com os últimos resultados e a agenda do dia seguinte. O *Jornal Hoje* e o *Jornal Nacional* produziam matérias mais elaboradas, enquanto o *Jornal da Globo* informava as próximas competições, assistidas pelo público brasileiro durante a madrugada.<sup>66</sup>

Sendo a última edição dos Jogos Olímpicos acontecendo antes da Rio 2016, Londres recebeu em 2012 o megaeventos esportivo. Com os direitos de transmissão adquiridos pela Rede Record, a Globo apresentou diversas limitações para a exibição de imagens e cobertura das competições.

No dia 25 de julho de 2012, William Bonner leu uma nota no *Jornal Nacional*, explicando a limitação no uso de imagens da Olimpíada de Londres. O apresentador enfatizou que a Globo faria uma cobertura jornalística esportiva do evento, levando ao telespectador informações diárias dos Jogos.<sup>67</sup>

<sup>64</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/olimpiada-de-atenas-2004/equipe.htm>

<sup>65</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/olimpiada-de-pequim-2008/transmissao-e-cobertura.htm>

<sup>66</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/olimpiada-de-pequim-2008/transmissao-e-cobertura.htm>

<sup>67</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/olimpiada-de-londres-2012/olimpiada-de-londres-2012-cobertura.htm>

Para burlar a limitação imposta por não ter os direitos de imagem para a transmissão do evento, os repórteres da emissora usaram de contatos com fontes para marcar entrevistas com atletas fora das áreas de delimitação da competição, além de fotos para cobrir conteúdos elaborados sobre as competições.

Com uma forte ligação com os Jogos Olímpicos, o *Jornal Nacional* desde a sua criação despendeu grandes esforços para a cobertura deste megaevento esportivo. Com a maior equipe envolvida na produção de conteúdos para os telejornais e transmissões da emissora, cerca de 2000 jornalistas atuaram na cobertura dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, como veremos no próximo capítulo.

## **5 A COBERTURA DE MEGAEVENTOS ESPORTIVOS: ESTRATÉGIAS E MENSAGENS DO JORNAL NACIONAL NA COPA DO MUNDO DE 2014 E NOS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016**

Após a realização das reflexões teóricas apresentadas anteriormente, que lançam base para uma análise mais sólida do estudo proposto, temos como enfoque apresentar a pesquisa realizada sobre a cobertura do maior telejornal da TV aberta brasileira, *Jornal Nacional*, nos dois megaeventos esportivos que aconteceram no Brasil em 2014 e 2016.

Com esse estudo de caso, objetivamos demonstrar de que forma o *Jornal Nacional* se estruturou e, também, se comportou para realizar a cobertura da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos, respondendo a alguns questionamentos que deram origem a o trabalho, como: quais são os mecanismos de cobertura em eventos esportivos utilizados pelo maior conglomerado de comunicação do país? Como a estrutura física e logística empregadas na cobertura de megaeventos influencia nos produtos finais apresentados? De que forma o profissional da área jornalística se insere em uma cobertura de grandes proporções? E qual é o principal enfoque de uma cobertura esportiva na TV aberta: a informação ou o comportamento/entretenimento?

Diferente das coberturas de grandes eventos esportivos que aconteceram em outros países, dessa vez os dois maiores eventos do esporte mundial estavam acontecendo em terras brasileiras. Além de ser um chamariz para o trabalho jornalístico por si mesmo, a Copa do Mundo FIFA 2014 e os Jogos Olímpicos Rio 2016 estavam transformando a realidade dos brasileiros, que durante os eventos tiveram que lidar com turistas, transformações de rotina e, também, com a própria torcida pelo futebol e outras modalidades que tomaram conta do país. Dessa forma, os eventos que antes poderiam ser limitado à determinada parte da população, passaram a atingir a maioria dos brasileiros.

A fim de sistematizar essa pesquisa, o estudo aqui apresentado divide a análise dos trabalhos realizados pelo *Jornal Nacional* sob dois aspectos: um qualitativo e outro quantitativo. Na primeira parte, vamos mostrar de que forma os profissionais ligados a estas coberturas se organizaram e colocaram em prática todas as atividades ligadas aos dois megaeventos esportivos. Já no segundo momento, vamos focar nos números que representam as principais mensagens transmitidas pelo telejornal aos telespectadores em casa.

Para a Copa do Mundo no Brasil<sup>68</sup>, em 2014, a Rede Globo preparou o maior esquema de cobertura já feito na emissora para um evento esportivo. Ao todo, 2500 profissionais foram envolvidos dentro das 5 emissoras e das 117 afiliadas que compõem a Rede Globo de televisão pelo país. Para o *Jornal Nacional*, o telejornal de maior audiência do canal, um esquema específico de abordagem foi pensado. O Núcleo Copa, setor responsável pela organização da cobertura no mundial, foi quem, junto com a edição geral do jornal, estruturou e colocou em prática todos os aspectos desse planejamento.

Nos Jogos Olímpicos Rio 2016<sup>69</sup>, a Rede Globo novamente bateu recordes com a cobertura do megaevento esportivo. Colocando uma média de 10 horas diárias de programação esportiva no ar, cerca de 2000 profissionais trabalharam durante os 16 dias de competição na capital fluminense. Dividido em duas principais equipes, uma com sede no Parque Olímpico e outra na própria central de jornalismo da emissora no bairro do Jardim Botânico, o Núcleo Olímpico foi o responsável por administrar e colocar no ar as matérias relacionadas as competições da Rio 2016 nos telejornais da emissora.

## 5.1 METODOLOGIA

Como metodologia de pesquisa, o presente artigo utilizará a Análise de Conteúdo. A vertente desta metodologia que escolhemos foi a proposta por Bardin (1977). O autor compreende a análise de conteúdo como um método que aplica tanto técnicas quantitativas como qualitativas e visa a obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, a partir de indicadores que permitam ao pesquisador fazer inferências sobre o objeto investigado.

Para uma aplicabilidade coerente do método, de acordo com os pressupostos de uma interpretação das mensagens e dos enunciados, a Análise de Conteúdo deve ter como ponto de partida uma organização. As diferentes fases da análise de conteúdo organizam-se em torno de três tópicos, conforme Bardin: (a) a pré-análise; (b) a exploração do material; e, por fim, (c) o tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação (2009, p.121).

---

<sup>68</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas/copa-do-brasil-2014.htm>

<sup>69</sup> Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/main.jsp?lumPageId=FF8080813B2DDA1D013B2E2530B920C0&query=olimpiada>

Nesse sentido, Bardin ainda afirma que “Nem todo o material de análise é susceptível de dar lugar a uma amostragem, e, nesse caso, mais vale abstermo-nos e reduzir o próprio universo (e, portanto, o alcance da análise) se este for demasiado importante” (BARDIN, 2009, p.123).

Para buscar entender como funcionaram os trabalhos e a estrutura de cobertura do *Jornal Nacional* na Copa e nas Olimpíadas, a meta era entrevistar profissionais que estivessem diretamente ligados às atividades do telejornal durante o período do evento. Ao todo, quinze jornalistas<sup>70</sup>, das mais diversas áreas de atuação, foram procurados para as repostas, sendo que somente 8 deles responderam à solicitação e aceitaram dar o seu depoimento no prazo necessário para o término desse trabalho. As entrevistas foram gravadas de maneira presencial, ou através do telefone.

Os questionários base de perguntas realizadas (ANEXO 1 e ANEXO 2) buscavam abordar alguns aspectos específicos da cobertura, com destaque para cinco deles, sendo eles: estrutura de cobertura; rotina de trabalho; linguagem abordada; foco das matérias; e produção da edição. Nessa primeira parte do trabalho serão apresentadas as respostas dos 8 jornalistas sob essas perspectivas, além de outros assuntos que se correlacionam com esses focos principais do estudo.

Além disso, com o intuito de aprofundar a pesquisa e criar um perfil mais verossímil a realidade transmitida pelo *Jornal Nacional* durante os 31 dias de mundial e os 16 dias da competição olímpica, as 40 edições do programa televisionadas durante o período dos eventos – 12 de Junho de 2014 a 13 de Julho de 2014; 05 de agosto de 2016 a 21 de agosto de 2016 - foram analisadas para a criação de um perfil quantitativo do telejornal.

De acordo com um modelo de decupagem pré-estabelecido (ANEXO 3) todas as edições diárias dessa amostra passaram por um processo de divisão, que em primeiro plano pretendia analisar qual era o tempo de cada conteúdo produzido e a sua natureza (VT's, Vivos ou Notas/ Locoff's). Num segundo momento, essas categorias principais foram desmembradas para a classificação de sua temática, procurando entender qual era a mensagem transmita por determinado item (assunto ligado a Copa/Olimpíadas, Factual ou Outros). Por último, dentro das matérias que tinham como principal sentido a

---

<sup>70</sup> Nomes sugeridos pelo Chefe de Reportagem do Núcleo Copa, Armando Freitas, que mediou o acesso as informações pedidas para a pesquisa.

informação de notícias sobre a Copa do Mundo ou os Jogos Olímpicos, uma terceira subdivisão foi criada, para classificar tal produto de acordo com a sua abordagem jornalística (comportamento esportivo ou informação esportiva).

## 5.2 ANÁLISE QUALITATIVA

Com o objetivo de diariamente transmitir os melhores acontecimentos de ambos os megaeventos esportivos sediados no Brasil, o *Jornal Nacional* colocou no ar 40 edições durante os 47 dias no qual a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos aconteceram no país (31 dias do Mundial e 16 da Rio 2016). Nessa realidade, os fatos a serem noticiados e acompanhados pelos jornalistas da emissora estavam espalhados por todo o território nacional, exigindo uma logística de cobertura interna e extrema para que os trabalhos fossem eficientes e produtivos.

### 5.2.1 Estrutura de Cobertura

Quando analisamos o primeiro megaevento esportivo sediado no país, a Copa do Mundo, é de grande importância se fazer alguns apontamentos que ajudam a compreender a logística necessária para uma cobertura em nível nacional. Ao todo 12 cidades sedes espalhadas pela Brasil receberam partidas da Copa do Mundo (3 na região sudeste, 2 na região sul, 1 na região centro-oeste, 4 na região nordeste, 1 região norte e 1 no Distrito Federal), sendo que as 32 seleções que vieram para o Mundial tiveram seus Centros de Treinamentos espalhados em por várias cidades na região sul, sudeste e nordeste do país (75% dos times visitantes ficaram hospedados na região sudeste, com 15 deles no estado de São Paulo, 4 no estado do Rio de Janeiro, 3 em Minas Gerais e mais 2 no Espírito Santo<sup>71</sup>).

Somente na primeira fase da Copa do Mundo, realizada entre os dias 12 e 26 de junho de 2014, 48 jogos foram realizados nas arenas distribuídas pelo país. Com o desenvolver da competição, mais 16 partidas foram foco de atenção do público, que com a proximidade da final, realizada no dia 13 de julho, via seleções de renome e atletas de ponta permanecerem na competição.

Com o objetivo de ser um boletim diário com os melhores momentos do que estava acontecendo no país durante a Copa do Mundo, o *Jornal Nacional* tinha um

---

<sup>71</sup> Informação divulgada pela Fifa, disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/copa-2014/fifa-confirma-cts-das-selecoes-para-copa-conheca-lista-completa,8dc27ae4435d3410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>

objetivo enquanto conteúdos a serem colocados no ar como explica o chefe de reportagem do Núcleo Copa, Armando Freitas (APÊNDICE C)

Nós tínhamos um critério para o *Jornal Nacional*: teriam que ser feitas matérias ou “vivos” dos jogos do dia, que aconteceram antes do horário do jornal entrar no ar – em um esquema de VT’s bem curtinhos para entrar o máximo de conteúdo possível por edição; matérias das seleções que jogariam no dia seguinte a edição; além de alguma repercussão de um jogo ou fato que aconteceu no dia anterior. (FREITAS, Armando, APÊNDICE C)

Buscando atingir esse objetivo, uma estrutura específica foi pensada para à Cobertura do Mundial em 2014. Em termos de conteúdos jornalísticos ligados a editoria do esporte, Armando Freitas (APÊNDICE C), conta que uma solução foi pensada para cobrir parte dessa demanda.

Basicamente nós tínhamos um problema enorme na mão, porque uma Copa com 32 seleções demanda um número enorme de pessoas envolvidas para a realização de uma ampla cobertura, sendo que dentro dessa realidade nós ainda tínhamos a seleção brasileira que demanda sempre um número muito maior de profissionais, pela relevância e impacto para os nossos materiais – nós tínhamos mais profissionais envolvidos com a seleção do que o somatório de diversas outras seleções da competição. Para otimizar e também criar um grau de relevância nós decidimos fazer um mapeamento: quais outras seleções além da brasileira nós vamos seguir e acompanhar de perto. Após essa análise, nós decidimos por acompanhar outras sete seleções, sendo elas: Alemanha, Espanha, Itália, Argentina, Uruguai, Portugal e Holanda. A intenção era pegar essas sete seleções e fazer uma cobertura mais detalhada delas. (FREITAS, Armando, APÊNDICE C).

Depois que essas sete seleções foram definidas como principais para cobertura, o segundo passo foi designar os profissionais que trabalhariam com elas e criar uma logística estrutural para o trabalho deles.

[...] depois de mapear essas necessidades, nós começamos a pensar em infraestrutura. Onde essas seleções vão ficar durante a Copa? Com essa resposta definida nós designamos a equipe que ficaria responsável por aquela seleção. Essa equipe era composta de quatro profissionais: um repórter, um repórter cinematográfico, um produtor e um editor de imagem. Em termos de equipamento essas equipes tinham à disposição o “kit correspondente” que era um aparelho que permitia uma matéria ser feita, editada e enviada para a central de qualquer lugar. Então, em termos de pessoal envolvido, nós tínhamos 32 profissionais como “correspondentes” dessas seleções, sendo que eles ficavam municiando todos os telejornais da rede. A regra era a seguinte: onde aquela seleção fosse a equipe designada ia atrás. Vale destacar que, nesse esquema, conforme as seleções iam sendo eliminadas, as equipes eram realocadas para cobrir outros times ou dar suporte para seleções maiores que ganhavam relevância na disputa. (FREITAS, Armando, APÊNDICE C)

Essas equipes compostas por quatro profissionais e que acompanhavam as principais seleções da Copa do Mundo ficaram conhecidas como: equipes itinerantes. Carlos Gil (APÊNDICE D), repórter itinerante, disse que esse modelo de estrutura pensado para o Mundial do Brasil, nunca tinha sido visto daquela forma antes.

O modelo de cobertura, escolhendo algumas seleções principais e favoritas para se acompanhar o dia a dia, com uma equipe de jornalistas específica para ela foi uma novidade. Isso nunca tinha acontecido em outras Copas antes. Na África do Sul, por exemplo, eu não fui designado para cobrir uma seleção específica, eu fazia um jogo em uma cidade, e depois ia acontecer um jogo interessante daqui a dois dias e eu permanecia lá. Não havia uma seleção específica a se seguir. (GIL, Carlos, APÊNDICE D)

A escolha desses profissionais para participar das equipes itinerantes levou em conta alguns pontos específicos da carreira e da bagagem de cada um deles. Marcelo Courregue (APÊNDICE E) destaca que a concepção da cobertura itinerante já tinha sido usada outras vezes por ele e outros repórteres da Globo.

O grupo de repórteres que foi escolhido para participar das equipes itinerantes já era um grupo de profissionais acostumados com esse sistema de cobertura, principalmente porque já trabalhamos fora do Brasil. Na Copa, por mais que nós estivemos trabalhando no Brasil, o estilo de cobertura proporcionado pelo 'kit correspondente', que era o computador pelo qual nós enviávamos e editávamos as matérias, era o estilo de cobertura que nós usávamos quando trabalhávamos fora do país, como por exemplo, nas pré-temporadas de Fórmula 1. (COURREGUE, Marcelo, APÊNDICE E)

Outros fatores também foram levados em conta para a designação de uma profissional para determinada seleção, como no caso do repórter Carlos Gil (APÊNDICE D).

No meu caso no Mundial do Brasil, eu fui designado para cobrir a Itália porque eu sou fluente na língua do país e, também, porque eu cobri a seleção durante a Copa das Confederações, um ano antes, o que me possibilitou criar uma relação legal com os membros da confederação italiana e ter um acesso e contato com os próprios membros da imprensa de lá. (GIL, Carlos, APÊNDICE D)

Quando questionado sobre a logística estrutural para a cobertura no Brasil Guilherme Roseguine (APÊNDICE F), repórter itinerante, levanta como fundamental o trabalho do Núcleo Copa, porque muitos problemas puderam ser resolvidos antes mesmo de o Mundial começar.

O principal ponto a se destacar nessa estrutura de cobertura nossa é a logística impecável, tanto de equipamentos, planejamentos de viagem, estadia e até coisas que muita gente não leva em conta, mas fazem toda a diferença, como o tipo de internet do local para o qual nossa equipe está indo. Um exemplo disso para você ter noção é que nós mandávamos todo o material que era pedido para o nosso grupo via internet, então como a minha equipe itinerante ficou responsável pelo Uruguai, que ficou com o CT em uma cidade muito pequena, Sete Lagoas, em Minas Gerais, antes de a Copa começar uma equipe da Globo foi pra lá e constatou que a internet era muito ruim para o que precisávamos. Depois dessa constatação, eles construíram uma rede de internet que atendesse às nossas demandas só para a nossa equipe usar no hotel em que estávamos hospedados. Esse tipo de coisa funciona muito bem e dá a tranquilidade para que nós possamos focar exclusivamente no nosso trabalho jornalístico. Grande parte do sucesso de toda a nossa cobertura na Copa se deve a essa logística impecável que nos foi proporcionada. (ROSEGUINE, Guilherme, APÊNDICE F)

Ainda antes da Copa do Mundo começar essas equipes puderam viajar para os países de seleções que acompanhariam no Brasil. A intenção era produzir matérias para os jornais da Rede Globo, entre eles o *Jornal Nacional*, de forma que o Mundial já fosse sendo introduzido no cotidiano do brasileiro, antes mesmo dele começar.

Vale destacar que essa cobertura mais detalhada começou inclusive muito antes da Copa propriamente dita, porque nos amistosos que essas seleções faziam nós já acompanhávamos. O primeiro passo após isso foi definir quem cobriria aqui no Brasil essas seleções, sendo que na medida do possível nós mandávamos essas pessoas já fazer essas mesmas matérias preparativas. Por exemplo, o repórter que ia cobrir a Alemanha já tinha ido para lá fazer matéria sobre expectativa, jogadores do país e cultura. (FREITAS, Armando, APÊNDICE C).

Essa dedicação exclusiva para somente uma seleção, assim como as viagens anteriores ao início do Mundial, foram dois pontos elogiados pelos repórteres que trabalharam com as equipes itinerantes. Sobre esse aspecto, Pedro Bassan (APÊNDICE G), repórter itinerante, avalia a sua experiência pré-Copa como fundamental para o desenrolar da cobertura.

A nossa cobertura começou antes mesmo do Mundial ter início aqui no Brasil. Minha equipe inteira foi para a Espanha acompanhar a preparação do elenco para o Mundial lá no país natal deles. Nosso ponto de referência lá foi o Centro Nacional de Treinamentos da seleção espanhola, que fica nos arredores de Madri, e lá nós ficamos durante uma semana acompanhando a preparação do time. Depois nós fomos juntos com o time da Espanha para os Estados Unidos, onde eles ficaram uma semana em Washington fazendo adaptação ao fuso horário e só depois que nós viemos com eles para o Brasil, sendo que aqui eles se instalaram em Curitiba. [...] Entre todos os trabalhos que eu fiz eu acho que a viagem para a Espanha foi um momento bem legal dessa cobertura, porque foram duas semanas onde nós pudemos ficar conhecendo o elenco inteiro e construir um relacionamento com aquele time. Eu fui o único jornalista estrangeiro que viajou junto com a seleção da Espanha no avião da Federação. Esses momentos que nós dividimos antes do mundial geraram uma confiança para que eu pudesse fazer boas matérias e, até mesmo, adquirir conteúdos ‘exclusivos’ junto ao time de jornalistas e jogadores espanhóis para os jornais brasileiros. (BASSAN, Pedro, APÊNDICE G)

Outro repórter que também viajou para o país da seleção que iria acompanhar foi Guilherme Roseguine (APÊNDICE F), que foi realocado para cobrir o Uruguai durante o Mundial. Para ele, além da proximidade com o elenco e o próprio objeto de cobertura, esse foi um momento de entrosamento dos próprios profissionais que iriam trabalhar na equipe itinerante.

Desde a nossa cobertura de ‘aquecimento’ no Uruguai, nós começamos a pegar todos os esquemas de trabalho que cada um tinha. O tempo que cada profissional precisa para dar o seu melhor naquela matéria; qual é o ponto que eu posso destacar dentro da minha parcela da matéria para valorizar o trabalho dos demais; e esse tipo de coisa. (ROSEGUINE, Guilherme, APÊNDICE F)

Dentro dessa cobertura da Copa do Mundo, outros setores também fizeram parte das edições do *Jornal Nacional*. Para o Núcleo Copa, também ficou a responsabilidade de coordenar a produção de conteúdos feitos pelas 5 emissoras Globo no país (Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Brasília) e das 117 afiliadas distribuídas no território nacional.

Dentro desse universo nós também tínhamos as cidades e afiliadas que tinham equipes credenciadas para o evento, que também cobriam os times que estavam hospedados em suas regiões, mas que focavam muito mais no comportamento. Aquelas matérias de movimentação das cidades, encontro de culturas e torcida. (FREITAS, Armando, APÊNDICE C)

Figura 01 – Repórteres Itinerantes na Copa do Mundo



Repórteres responsáveis pelas equipes itinerantes (de cima para baixo da esquerda para direita): Carlos Gil (Itália); Ernesto Paglia (Portugal); José Roberto Burnier (Argentina); Guilherme Roseguini (Uruguai); Marcelo Courrege (Holanda); Pedro Bassan (Espanha) e Renato Ribeiro (Alemanha).

Nesse universo, Belo Horizonte foi uma das produtoras de conteúdo para o *Jornal Nacional* na Copa do Mundo. Com uma estrutura separada da logística nacional, a emissora contribuiu de diferentes formas para o desenrolar dos trabalhos ao longo do

mundial, como conta o chefe da redação esporte de Belo Horizonte, Armando Oliveira (APÊNDICE B).

A equipe de BH estava inserida na cobertura de rede que a Copa do Mundo demandou das cinco emissoras Globo (Rio, SP, BH, Brasília e Recife) e afiliadas. Tínhamos duas equipes completas credenciadas (Repórter, Produtor, Rep Cina e Auxiliar), dois repórteres Web, equipe de engenharia e ainda três equipes completas para cobertura do Chile, Argentina e Uruguai, que escolheram BH como sede. Além disso, parte da nossa equipe estava trabalhando para a produção e exibição das transmissões Globo e Sportv em BH. Na redação, todo o suporte foi dado. Posso dizer que estávamos todos, os 40 profissionais de Esporte da Globo Minas, envolvidos. Rogerio Correa, Bob Faria e Márcio Rezende viajaram o Brasil todo para as transmissões em rede dos jogos da Copa do Mundo. (OLIVEIRA, Armando, APÊNDICE B)

Figura 02 - Estúdio Copa



**Narrador Galvão Gueno (esquerda) e apresentadora Patrícia Poeta (direita) apresentam a edição do Jornal Nacional do dia 12/06 direto da Arena Corinthians.**

Como única repórter credenciada pela Editoria Rio para a cobertura da Copa do Mundo com foco no *Jornal Nacional*, a jornalista Lilia Teles conta que o seu acesso liberado a todos os espaços do Mundial facilitou o trabalho e permitiram uma melhor produção de conteúdos.

Eu era uma repórter credenciada, então eu tinha acesso ao Maracanã e com isso eu conseguia fazer uma cobertura mais local, ir até os jogos, assisti-los e gravar passagem tanto dentro quanto do lado de fora que a movimentação era enorme. A estrutura era composta de um cinegrafista, um operador e a equipe de geração que ficava do lado de fora. (TELES, Lilia, APÊNDICE H)

Uma terceira e última frente que trabalhou para municiar o *Jornal Nacional* com conteúdos da Copa do Mundo foi à redação da Granja Comary e o Estúdio Copa. Flávio Orro (APÊNDICE A), editor de esportes do *Jornal Nacional*, conta que ao todo eram três equipes completas que estavam à disposição para a produção diária de conteúdos para o JN na Granja Comary. “Normalmente qual era o esquema: dois ou três VT’s, um com o Tino Marcos, outro com o Mauro Naves e, eventualmente, um terceiro com o Eric Faria.” (ORRO, Flávio, APÊNDICE A). Além dessas equipes, o editor adjunto do telejornal, Luiz Fernando Ávila, dois ancoras e outros profissionais também trabalhavam com a redação para produzir cada edição do JN.

No caso da seleção brasileira, o editor adjunto, Ávila, ficava responsável por fazer as cabeças com os dois apresentadores, Patrícia e Galvão, focando sempre em cima de algo que nós não mostrávamos no VT, para a cabeça além de ser uma chamada, fosse também um complemento para a matéria. Os VT’s eram editados por mim e outros dois editores que estavam no local. E as cabeças eram sempre revisadas pelo Bonner que estruturava tudo no final junto com o espelho programado. (ORRO, Flávio, APÊNDICE A)

Figura 03 – Repórter responsável pela cobertura da seleção brasileira I



**Repórter Mauro Naves, um dos responsáveis pela cobertura da seleção brasileira durante o mundial.**

Figura 04 – Repórter responsável pela cobertura da seleção brasileira II



**Repórter Tino Marcos, um dos responsáveis pela cobertura da seleção brasileira durante o mundial.**

Figura 05 – Repórter responsável pela cobertura da seleção brasileira III



**Repórter Eric Faria, um dos responsáveis pela cobertura da seleção brasileira durante o mundial.**

Segundo todos os entrevistados, essas foram as três frentes que juntas iniciaram e realizaram a cobertura da Copa do Mundo no *Jornal Nacional*. Com estruturas paralelas, os profissionais de cada um desses setores eram os responsáveis por transmitir os fatos mais relevantes do mundial no JN. Mas a união de todos esses grupos dependia de uma rotina de trabalho que também precisou de organização.

Com um projeto de cobertura que teve seu início quatro anos antes das competições começarem, os Jogos Olímpicos demandaram uma estrutura totalmente

diferente por parte da emissora. Ocorrendo em uma única cidade, o Rio de Janeiro (com exceção do futebol que aconteceu em outras cincocapitais: São Paulo, Brasília, Belo Horizonte, Salvador e Manaus) a Rio 2016 contou com 306 disputas de medalhas em 28 esportes divididos em 42 modalidades.

Divididos ao longo de 16 dias de competição, alguns esportes tiveram as suas competições centradas na primeira e segunda semana do evento, como a natação e o atletismo, respectivamente. Além desses dois esportes, modalidades coletivas, como futebol, vôlei, vôlei de praia, handebol, pólo aquático e basquete tiveram jogos ao decorrer de toda a competição.

Em destaque dentro dessa realidade de provas, atletas de grande renome no esporte mundial também receberam uma atenção especial da imprensa pela sua relevância. Como exemplos podemos citar: Usain Bolt (que conquistou o tri-campeonato olímpico pela terceira olimpíada seguida), Simone Biles (ginasta americana que conquistou cinco medalhas olímpicas, sendo quatro de ouro, e superando a romena Nadia Comaneci) e Michael Phelps (maior medalhista olímpico da história que encerrou a sua carreira na Rio 2016).

Para realizar a cobertura de todo o evento, os trabalhos foram estruturados em torno do Núcleo Olímpico, coordenado pelo jornalista Renato Ribeiro. As equipes foram divididas em duas redações, uma situada no prédio da Central Globo de Jornalismo, no Jardim Botânico, e outra no Centro Internacional de Transmissão (IBC), no Parque Olímpico.

O repórter Pedro Bassan (APÊNDICE G) conta que essa estrutura teve que ser pensada com muita cautela para que tudo funcionasse da maneira correta.

Tudo teve que ser pensado nos mínimos detalhes. A maioria das equipes estava aqui no Rio de Janeiro, mas mesmo assim envolve um cuidado muito detalhado, por exemplo, a gente tinha duas redações, uma no IBC e a outra aqui no Jardim Botânico. Os repórteres estavam divididos por redação de acordo com a modalidade que estavam cobrindo. Eu mesmo pessoalmente acho que fui ao Parque Olímpico uma ou duas vezes no máximo durante as Olimpíadas em si, pois eu cobria o vôlei e meu percurso era sempre do Jardim Botânico para o Maracanãzinho. Ou seja, durante esse planejamento da logística foi pensando até a questão de deslocamento, que tinha que ser a menor possível, pois a gente não sabia como a cidade iria reagir ao evento. (BASSAN, Pedro, APÊNDICE G)

Diferente da Copa do Mundo, com partidas acontecendo em todas as regiões do país, os Jogos Olímpicos estavam concentrados em somente uma cidade, o Rio de Janeiro. Em termos de logística e produção de conteúdo, isso colocou uma nova perspectiva para os jornalistas, com impactos diretos no seu trabalho, como conta o repórter Marcelo Courrage (APÊNDICE E)

Na Copa do Mundo do Brasil, por exemplo, eu tive que me locomover muito e para diversas regiões acompanhando a Holanda (que realizou o número máximo de jogos possíveis, totalizando sete jogos) o que foi bem intenso e cansativo, atrapalhando muitas das vezes até mesmo nossa capacidade criativa. Já nas Olimpíadas, ocorre menos deslocamento e a qualidade da sua concentração criativa é muito maior também. (COURREGÉ, Marcelo, APÊNDICE E)

Com a estrutura pensada para cobrir o máximo de modalidades possíveis, alguns “setoristas” foram escalados para esportes que poderiam render medalhas e repercussão junto ao público, em um esquema semelhante às equipes itinerantes da Copa do Mundo.

Se na Copa fomos divididos por seleções a escolha para a Olimpíada foi por modalidade. Havia alguns repórteres que circulavam por diferentes esportes, acompanhando aqui e ali o que não estava coberto diretamente pelos “setoristas”. Mas nas principais modalidades havia repórteres dedicados exclusivamente. Se não esqueci nenhum a lista era: atletismo, natação, vôlei, vôlei de praia, ginástica artística, futebol, basquete, handebol e judô. Os demais foram sob demandas do dia a dia. Mas esses citados já tinham suas equipes fixas definidas com alguma antecedência, algo em torno de três a quatro meses antes. (GIL, CARLOS, APÊNDICE D)

Diferente de coberturas de megaeventos em outros países, quando somente um número específico de jornalistas são enviados para a produção de conteúdos, com as Olimpíadas acontecendo no Rio de Janeiro a própria estrutura da Globo na cidade pode ser usada, auxiliando os profissionais envolvidos no trabalho.

Eu já cobri seis Copas e seis Olimpíadas e essa, por ter sido no Brasil, eu senti uma carga de trabalho menor. O que também ajudou muito foi o fato da equipe ter sido muito grande, então, quando comparamos com os outros megaeventos que cobrimos antes, foi uma carga bem menor. (BASSAN, Pedro, APÊNDICE G)

Um fator limitador nesse quesito foi o número de credenciais liberadas. Permitindo o acesso de somente certo número de profissionais aos locais de competição e movimento do evento, como o Parque Olímpico, o trabalho ficava centrado nesses jornalistas que tinham o acesso irrestrito a determinados postos da Rio 2016, como conta a repórter Lilia Teles (APÊNDICE H).

A estrutura da Rede Globo no Rio de Janeiro implementou algumas mudanças relacionadas também ao número de profissionais envolvidos nas equipes de cobertura. Ao invés de quatro jornalistas irem para as ruas produzir os materiais para municiar os telejornais, uma função foi cortada durante a Rio 2016.

Sobre estrutura, tínhamos uma pessoa a menos na equipe durante a Olimpíada, o editor de imagens. No caso da Copa viajávamos em quatro. Na Olimpíada, a equipe tinha três componentes. No meu caso, especificamente, um pouco diferente porque éramos dois repórteres. Além de nós dois, o cinegrafista e as produtoras de natação e atletismo. Isso aconteceu porque, nos Jogos, tínhamos toda a estrutura do IBC, o centro de mídia, e da própria emissora. Então, não havia necessidade de mandar um editor conosco, na medida em que poderíamos voltar com o material para ser editado e finalizado num desses dois pólos. (GIL, Carlos, APÊNDICE D)

Se as equipes e profissionais apresentaram certas diferenças durante a cobertura dos dois megaeventos esportivos, uma coisa que foi semelhante em ambas as competições foi o período de preparação dos profissionais envolvidos. Para os jornalistas que trabalham diariamente com a produção de conteúdos relacionados ao esporte, a atualização constante de atletas e modalidades foi um esforço exigido durante o período pré olimpíadas.

Então, na verdade começa desde sempre. A gente tem que estar sempre se preparando e não deixar que esse estudo ocorra a partir de determinado período, porque assim você não vai conseguir um bom resultado. Você precisa estar sempre se informando, se atualizando e buscado estar por dentro das notícias esportivas, porque, ao contrário da Copa, nas Olimpíadas os outros esportes meio que somem, e nos dois anos após a Copa do Mundo, que a gente chama de ciclo olímpico, eles começam a ressurgir. Então, o segredo é estar sempre de olho no que está acontecendo e não deixar para última hora. (BASSAN, Pedro, APÊNDICE G)

Com a atualização constante sendo um esforço necessário para os profissionais envolvidos, a Rede Globo e o *Jornal Nacional*, investiram em conteúdos que fizessem uma ambientação do clima olímpico junto ao público do telejornal. Enviando repórteres especiais para visitar países e delegações com tradição em certas modalidades, o *Jornal Nacional* elaborou a série “Terras Olímpicas”

Um ou dois meses depois da Copa do Mundo já começaram a circular as ideias de pautas e séries especiais que faríamos para os Jogos do Rio. No fim de 2014 já tínhamos algumas linhas de trabalho. Foi nesse momento que me encomendaram a Série Terras Olímpicas, para o Jornal Nacional. Eu e o Guilherme Roseguini fomos a países com muita força e tradição em determinadas modalidades. Essa produção foi concretizada no primeiro semestre de 2015. Eu fiz China (tênis de mesa), Japão (judô) e Rússia (ginástica). Guilherme fez Jamaica (atletismo) e Estados Unidos (natação). Foi uma série premiada internamente e que deu o primeiro grande passo da cobertura. (GIL, Carlos, APÊNDICE D)

Poucos meses antes dos jogos começarem, repórteres “setoristas” foram enviados para os centros de treinamentos de certas modalidades. Marcelo Courrage (APÊNDICE E) conta que essa estratégia foi pensada para facilitar o relacionamento dos jornalistas no momento da produção de conteúdos para a emissora.

Em 2016 eu estava na minha última temporada de Fórmula 1 e faltando dois meses para as olimpíadas eu tive que sair para acompanhar mais de perto a preparação do time Masculino de Vôlei do Brasil, que era a minha missão nos Jogos Olímpicos. Eu tinha que trazer as melhores histórias e criar relacionamentos para conseguir acompanhar tudo de perto, trazendo notícias para o público durante as Olimpíadas. (COURREGÉ, Marcelo, APÊNDICE E)

Figura 06 - Repórteres setoristas responsáveis por modalidades específicas I



De cima para baixo da esquerda para direita: Mariana Beker (Ginástica Olímpica); Tino Marcos (Judô); Pedro Bassan (Vôlei feminino); Marcelo Courrage (Vôlei Masculino)

Figura 07 - Repórteres setoristas responsáveis por modalidades específicas II



De cima para baixo da esquerda para direita: Mauro Naves e Eric Faria (Futebol Masculino); Ernesto Paglia (Canoagem); Edson Viana (Vôlei de Praia); Carlos Gil e Guilherme Roseguini (Atletismo e Natação). Máira Lemos (Futebol Feminino) e Guilherme Pereira (Handebol).

Assim como nos conteúdos esportivos, matérias relacionadas à preparação comportamental da cidade também foram pensadas para ambientar o megaevento ao público da emissora, como conta a repórter responsável pela cobertura olímpica da Editoria Rio, Lilia Teles (APÊNDICE H)

Nas Olimpíadas o meu trabalho começou antes mesmo do evento, porque eu já fazia matérias, sobre as alterações que iriam acontecer no transporte, matéria pro fantástico e matérias pro jornal hoje mostrando como a cidade estava alterada diante as mudanças nos transportes públicos e toda a logística para atender as demandas das Olimpíadas. (TELES, Lilia, APÊNDICE H)

Figura 08 – Repórter responsável pela cobertura comportamental dos megaeventos



**Jornalista Lilia Teles foi a responsável pela cobertura dos Jogos Olímpicos para o Jornal Nacional pela Editoria Rio. O foco da repórter eram matérias de comportamento, que mostrassem como a cidade do Rio estava respondendo ao evento.**

Além de todo o investimento com equipes e redações voltadas para o trabalho nas Olimpíadas, a Rede Globo também construiu de um estúdio exclusivo para a apresentação de todos os seus telejornais, inclusive o *Jornal Nacional*. Localizado bem no centro do Parque Olímpico, o "Estúdio Olímpico", como ficou conhecido, contava com 500m<sup>2</sup> e três andares, nos quais se dividiam da seguinte forma: um primeiro andar voltado para o relacionamento de profissionais e entrevistado, o segundo andar para a SporTV (canal pago da emissora) e o terceiro andar para os conteúdos da Rede Globo.<sup>72</sup>

<sup>72</sup> Informações da Rede Globo, disponível em: <http://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/2016/07/globo-estrela-estudio-no-coracao-dos-jogos-olimpicos-no-domingo-dia-31.html>

Figura 09 – Estúdio Olímpico



**Figura 8 - Apresentadora Renata Vasconcelos (direita) e Narrador Galvão Gueno (esquerda) entrevistam a campeã olímpica Rafaela Silva e seu treinador, Geraldo Bernardes, na edição do Jornal Nacional do dia 08/08, direto do Parque Olímpico.**

Por fim, a Rede Globo investiu na formulação de um grupo de ex-atletas que se tornaram comentaristas nas transmissões olímpicas, bem como fontes para a maioria das materiais que trouxessem uma análise de determinada competição. Composto por Tande, Giba e Fabi no vôlei; Shelda e Emanuel, no vôlei de praia; Maurren Maggi, no atletismo; Gustavo Borges, na natação; Daiane dos Santos, na ginástica artística; Flávio Canto, no judô; Guga, no tênis; e Lars Grael, na vela, o grupo conhecido como "Time de Ouro" foi outro investimento estrutural pensado para os Jogos Olímpicos pela emissora.<sup>73</sup>

De modo geral foram essas as estruturas de trabalho pensadas para a cobertura de ambos os megaeventos esportivos. Para que toda essa estrutura funcionasse e todos os dias fossem colocados no ar todos os conteúdos previstos para aquela edição, uma rotina de trabalho também teve que ser elaborada para que nada saísse do planejado, como veremos no próximo tópico.

<sup>73</sup>Informações da Rede Globo, disponível em: <http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2014/08/time-de-ouro-saiba-os-ex-atletas-que-serao-comentaristas-na-rio-2016.html>

### 5.2.2 Rotina de Trabalho

Com edições do *Jornal Nacional* entrando no ar entre 20h e 21h em ambos os megaeventos esportivos, uma rotina de trabalho teve que ser estruturada para que tudo saísse como o planejado. Vale destacar neste momento que a Copa do Mundo foi a competição que demandou uma maior preparação e mudança na rotina de trabalho, porque os conteúdos dependiam de uma rede de comunicação muito complexa. Durante os Jogos Olímpicos, com toda a estrutura já centralizada na cidade em que as edições do JN são produzidas, as mudanças ficaram mais explicitadas no trabalho dos próprios profissionais, que tinham que se adaptar aos horários de competição de cada modalidade.

Falando exclusivamente do mundial da FIFA, uma rotina exclusiva para todas as equipes que estavam cobrindo a Copa do Mundo foi montada, com o objetivo de sistematizar de que forma os trabalhos poderiam funcionar ao longo do dia, além de estabelecer *deadlines* para a produção dos conteúdos de cada edição. Esse planejamento organizacional se dividiu em três frentes, sendo elas: a Redação do JN no Rio de Janeiro, Redação na Granja Comary e Núcleo Copa.

Na linha de partida dos trabalhos, estava a própria redação do *Jornal Nacional*, que em sua maioria se concentra no Jardim Botânico, no Rio de Janeiro. Normalmente, os trabalhos nesse local começavam às 07h00, quando os produtores/editores das diversas editorias começavam a chegar à redação e a atualizar os relatórios deixados pela equipe do dia anterior. Essa já era uma rotina tradicional das edições do *Jornal Nacional*, relatada pelo próprio editor chefe, William Bonner, no livro “*Jornal Nacional. Modo de Fazer*”.

Um produtor chega à sala da ‘mesa de produção de rede’, uma subdivisão do ambiente da redação. Ele verifica, no computador, uma espécie de relatório que foi deixado, na noite anterior, por colegas da mesa de produção. Esse relatório tem um formato padrão: siglas que designam cidades onde temos emissoras integrantes da Rede Globo são os títulos. Abaixo de cada uma, uma ‘retranca’. [...] Abaixo da retranca, textos curtos dão uma linha geral do material jornalístico que será preparado. [...] Em seguida ele passa os olhos sobre as páginas dos jornais com maiores tiragens [...] para avaliar, rapidamente, se a edição de véspera do *Jornal Nacional* tinha oferecido aos espectadores os assuntos que, hoje, estão destacados nas primeiras páginas. Também é o momento de saber se algum desses jornais trouxe um furo que mereça cobertura do JN por sua abrangência e relevância. (BONNER, 2009, p. 66, 67,68)

Outro ponto de destaque na rotina diária do *Jornal Nacional*, que também foi mantido durante a Copa do Mundo, foi o processo de “ronda”.

[...] nós chamamos de ‘ronda’ a sucessão de telefonemas feitos pela ‘mesa de produção’ a produtores de jornalismo das emissoras integrantes da rede. (...) Das sete da manhã até às onze horas, telefonemas, e-mails, conversas por rádio e muita leitura produzirão uma massa de informação jornalística de variadas origens, urgências e relevâncias. É assim que surge a o roteiro para a primeira reunião em um dia típico de trabalho no *Jornal Nacional*. (BONNER, 2009, p. 71, 72).

O que vale a pena se destacar em ambos os processos, é que a estrutura e logística se mantiveram em sua essência, mas agora as prioridades de informação a serem veiculadas nas edições do *Jornal Nacional* tinham como foco a Copa do Mundo. Pelos fatores de relevância, localidade e interesse, as diversas equipes do JN espalhadas pelo Brasil e pelo mundo repercutiam e sugeriam temas que estavam ligados ao mundial. Isso, em momento nenhum, implica em dizer que somente matérias que tratavam da Copa do Mundo ganhavam um espaço dentro do “espelho” do telejornal, afinal de contas o mundo não parou no tempo por causa do evento, mas sim, que as chances de se conseguir emplacar uma matéria durante esse período eram muito maiores com assuntos que abordassem ou repercutissem o Mundial.

Também no começo da manhã, uma reunião acontecia entre os profissionais que estavam na Granja Comary, com o intuito de se repassar todas as demandas do dia para quem trabalharia na cobertura da seleção brasileira, como contra editor de esportes do *Jornal Nacional*, Flávio Orro. "Nós sempre fazíamos uma reunião de manhã, em que o Ávila, que na época era o editor adjunto do *Jornal Nacional*, se reunia com o Bonner e definia qual seria o material que nós iríamos oferecer para a edição do dia." (ORRO, Flávio, APÊNDICE A)

Os trabalhos no núcleo Copa começavam por volta das nove da manhã e se dividiam ao longo do dia. Armando Freitas, chefe de reportagem, destaca que a sua primeira função ao chegar no trabalho era fazer contato com as equipes na rua.

[...] nós chegávamos todos os dias às nove da manhã aqui no Jardim Botânico e começávamos a ligar para todos os repórteres que iriam fazer matéria naquele dia, para saber o que ia ser feito e qual seria o deadline do material. O dia de trabalho acabava somente por volta das dez, onze da noite, porque aí teríamos terminado de concluir a logística de distribuição de matérias do dia para os jornais, além de já ter uma noção do que viria para o dia seguinte. (FREITAS, Armando, APÊNDICE C).

Ao longo do dia, três reuniões também eram realizadas com todas as principais praças envolvidas na cobertura do Mundial. Esse momento era conhecido com ‘Reunião de Guerra’.

A rede tinha uma reunião diária, em três horários, com todas as cidades sedes e cidades que receberam as seleções, para definir as pautas. O projeto de reunião de “guerra” começou dois anos antes da Copa. Nestas reuniões, todas as pautas eram oferecidas para todos os telejornais de rede e ali definidas as exibições. (OLIVEIRA, Armando, APÊNDICE B).

Essas reuniões aconteciam três vezes ao dia, sendo que “a primeira às nove da manhã, a segunda às duas e meia da tarde e a última às seis e meia da noite. Nessas reuniões, nós sempre atualizávamos os status de demandas e materiais sendo produzidos.” (FREITAS, Armando, APÊNDICE C).

Com todos os repasses já em mãos, o representante do Núcleo Copa podia finalmente conversar com os editores dos jornais da Rede Globo, entre eles o *Jornal Nacional*, para ‘vender’ os assuntos do dia.

Para nós que estamos no meio do jornalismo o termo “vender” é bem comum, mas nós literalmente tínhamos que fazer isso: vender a pauta como um comerciante para os editores e responsáveis pelos jornais. Por exemplo, em um treino: “olha durante as atividades da equipe hoje um jogador importante saiu de campo e pode estar fora da próxima partida”. Isso rendia a matéria principal. Aí, a gente partia para o secundário: “rolou mais alguma coisa?”. Com essa reposta do secundário, nós fazíamos outras matérias para os telejornais, sem esquecer também do fato principal, que tinha que ser citado nesse VT, porque se não os editores desses jornais não comprariam a matéria. Na minha opinião, esse era o trabalho maior, porque nós tínhamos que dar um ideia de “ineditismo” para cada um dos telejornais da nossa grade. Essa matéria principal sempre ia para o *Jornal Nacional* pela relevância e peso desse noticiário [...] (FREITAS, Armando, APÊNDICE C).

Cumpridas todas essas formalidades que caracterizam a construção de uma edição do *Jornal Nacional*, por volta das 11h00, chegava o momento de compilar todas essas informações reunidas durante o dia e realmente começar a dar uma “cara” para a edição daquele dia do telejornal. Tradicionalmente, esse momento é conhecido em um dia típico como a ‘reunião de caixa’.

[...] a reunião de caixa serve primordialmente para atualizar previsões, não para discutir pautas. [...] é um fórum para troca de ideias, o acerto de ponteiros e a chance do núcleo de comando do JN ter uma noção do ‘clima’ da edição daquele dia (BONNER, 2009, pag. 77, 81).

Depois dessa reunião, um ‘espelho’ para o Jornal era produzido pelo editor chefe e, dessa forma, os editores e repórteres já teriam uma noção melhor de como seria o material do dia para aquela edição do JN, como comenta Flávio Orro, editor de esportes do Jornal Nacional (APÊNDICE A).

Além disso, quem definia o tempo para todos os VT era o Bonner, sendo que ele saía dessa reunião da manhã e já fazia o “espelho” para determinar os tempos, por exemplo: o VT do Mauro vai ter dois minutos e o do Tino dois e trinta. Isso também variava de acordo com os acontecimentos do dia, sendo que nada era engessado. Durante a manhã ele podia nos definir um determinado tempo, mas se ao longo do dia a gente sentisse a necessidade de um tempo maior, nós negociávamos e tentávamos aumentar o tempo. (ORRO, Flávio, APÊNDICE A)

Diferente da rotina na redação que seguia um ciclo ao longo do dia, na rua os repórteres estavam sujeitos a diferentes condições de trabalho. Carlos Gil (APÊNDICE D), repórter itinerante, durante a cobertura da Itália tinha uma rotina tranquila por causa da logística da própria seleção que ele acompanhava.

No meu caso, por exemplo, a Itália sempre tinha os seus treinos na parte da manhã, então durante a tarde nós tínhamos o tempo para editar as matérias, rediscutir uma pauta e por aí vai. [...] as coletivas aconteciam sempre às 13h00, então depois desse momento nós já tínhamos todo o material que poderia ser usado no dia em mãos [...]. (GIL, Carlos, APÊNDICE D)

Já Pedro Bassan (APÊNDICE G), repórter itinerante, levanta a questão do horário como um fator de dificuldade e relembra a sua realidade vivida durante a cobertura do Chile, já na fase das oitavas de final.

Todos os dias de manhã nós tínhamos uma conversa entre nós quatro da equipe para discutir quais eram os aspectos mais importantes daquele dia, além de nos separarmos para cada um correr atrás de uma coisa para viabilizar sempre tudo dentro do *deadline* estipulado, porque aqui no Brasil nós não tínhamos a vantagem do fuso-horário jogando a nosso favor, pelo contrário, sem ele a nossa correria era muito maior e o nosso horário era muito apertado. O Chile, por exemplo, era uma equipe que sempre treinou às 19h00, então nós ficávamos lá na frente do CT o dia inteiro, mas como o JN entrava por volta das 20h30, o tempo hábil para fechar o material essencial do dia era muito pequeno. Então, essa sintonia e essa organização eram fundamentais para que tudo desse certo no pequeno tempo que nós tínhamos para fazer tudo acontecer. (BASSAN, Pedro, APÊNDICE G)

Em alguns casos extremos, como no caso da cobertura da Holanda e Alemanha, Marcelo Courregue (APÊNDICE E), repórter itinerante, e sua equipe chegaram a montar uma rotina de cobertura que durasse 24 horas.

No momento em que nós sentimos que a Holanda teria um sistema de concentração bem mais aberto do que os das demais seleções, coisa que já era esperada pela participação deles na Copa de 2010, nós criamos um esquema de plantão para não deixar simplesmente nada passar despercebido pela nossa cobertura. O hotel da seleção holandesa era na praia de Ipanema, no Rio de Janeiro, bem na Avenida Vieira Souto, e o nosso editor de imagens veio de São Paulo, então ao final da cobertura ele não tinha que voltar para casa, por isso, ele ficou hospedado no ‘Hotel Everest’, que ficava bem atrás do hotel da seleção holandesa. Era literalmente colado, parede com parede, então a gente sempre deixava alguém de plantão bem na porta da Holanda. Quando não era o nosso editor ou o cinegrafista, quem ficava era o produtor com uma câmera menor que nós tínhamos a disposição também. Tudo isso era para pegar o flagrante, porque eram esses fatos que rendiam os comportamentos que o JN tanto gosta. Esse mesmo esquema de plantão também foi usado lá na Bahia pelo Renato Ribeiro, que acompanhava a Alemanha. Lá rendeu bastante também. Vale destacar que esses flagrantes que o esquema de plantão rendeu, foram imagens que até mesmo marcaram o mundial no Brasil. (COURREGÉ, Marcelo, APÊNDICE E)

Por volta de 14h30 da tarde, uma nova reunião acontecia na redação do *Jornal Nacional* para receber retornos das matérias e definir assuntos pendentes na edição do dia. Depois disso, as matérias que vinham das equipes itinerantes ou das praças e afiliadas chegavam já praticamente prontas para irem ao ar. “Na reunião das duas e meia nós tínhamos um feedback de em que pé a matéria estava. E depois a matéria já chegava pronta para nossa última inspeção.” (FREITAS, Armando, APÊNDICE C).

Durante a Copa do Mundo o *Jornal Nacional* entrava no ar tradicionalmente por volta das 20h30. O “boa noite” de despedida, que marcava o fim de uma edição, não significava o fim dos trabalhos. Após esse ato simbólico, os próprios produtores, editores e outros envolvidos no trabalho faziam uma avaliação de tudo que foi ao ar naquela edição, além de já começar a construir aquele relatório que seria o ponto de partida para o recomeço do ciclo no dia seguinte.

Durante os Jogos Olímpicos, pouca coisa mudou na rotina de trabalho tradicional do *Jornal Nacional*, relatada acima. Com todas as competições centralizadas na cidade que já é a sede da Rede Globo e da redação do JN, os impactos aconteceram prioritariamente nas equipes que estavam nas ruas. Protocolos diários como a ronda, reunião de caixa, formulação do espelho, reunião de avaliação e produção do relatório foram os pontos de marcação no dia na redação.

A estrutura logística das Olimpíadas é muito diferente da Copa do Mundo, pois os jogos se concentram em um único lugar (Rio de Janeiro) com exceção do futebol que foi realizado também em outros estados. Eu acompanhei o Vôlei Masculino e fazia todas as transmissões mais ou menos fixa. A gente ia para o Maracanã todo dia, chegava cedo, fazia o pré-jogo, a transmissão do jogo, o pós-jogo, as entrevistas e preparava matérias para o dia seguinte. O vôlei funcionava mais ou menos numa escala de dia sim e dia não e alternado com os jogos femininos, no qual eu também escrevia matéria sobre. Nos outros dias eu cobri o tênis e a medalha de ouro da vela. (COURREGE, Marcelo, APÊNDICE E)

Trabalhando com modalidades pré-definidas, os repórteres e suas equipes se viram presos aos horários de transmissão de cada competição ou telejornal que teriam de participar. Em casos de modalidades com muitas competições, um esquema de dois repórteres foi pensado para a cobertura, como no caso do atletismo e natação, que ficaram sob a responsabilidade de Carlos Gil e Guilherme Roseguine.

Eu fui repórter dedicado à natação na primeira semana e ao atletismo na segunda semana. Como esses esportes têm eliminatórias e finais no mesmo dia eu e o Guilherme Roseguini (que dividiu comigo a cobertura, já que são modalidade muito importantes e com muitas provas) ficávamos dedicados às finais. Sempre na parte da tarde e noite. A Globo tinha posições de entradas ao vivo na zona mista, área de entrevistas. Eu fui escalado para essas entrevistas. Do início ao fim das provas não saía daquele cercadinho, onde os repórteres aguardam os atletas para as entrevistas. Também tinha a função de escrever reportagens. (GIL, Carlos, APÊNDICE D)

Com entradas ao vivo para modalidades de grande relevância junto ao público, muitas jornalistas tiveram que cumprir esse papel para atender as demandas de abrangência de esportes na cobertura do *Jornal Nacional*. Sofrendo influência também com relação à capacidade que a transmissão de determinada competição traria de audiência para a emissora, muitas vezes uma alteração na rotina de trabalho dos jornalistas acontecia, já que, em certos casos eles começavam suas atividades mais tarde durante a cobertura dos Jogos Olímpicos.

Colocando uma exceção para os dias de tênis, vela e natação, a rotina ficava em torno dos horários do vôlei, que na grade da Globo era sempre em horário nobre, pois é um esporte de muita audiência e adorado pelo público, então os jogos do Brasil aconteceram todos em torno de 21:50/22:00h da noite. Portanto, isso fazia com que o meu dia começasse mais tarde do que o restante das equipes e terminasse mais tarde também. (COURREGE, Marcelo APÊNDICE E)

Passando pela mesma situação, o repórter Carlos Gil também teve sua rotina atrelada as entradas ao vivo do *Jornal Nacional*, já que estava escalado para provas finais de natação e atletismo. “O JN trabalhou muito com entradas ao vivo. Especialmente no meu caso, já que as finais aconteciam à noite, quase que diariamente

eu entrava ao vivo no jornal para dar as informações daquele dia.” (GIL, Carlos, APÊNDICE D).

De maneira geral, os entrevistados que relataram que em termos de rotina, os Jogos Olímpicos foram mais tranquilos que a Copa do Mundo, como conta o repórter Pedro Bassan. “Na Copa você tem que viajar muito e na Olimpíada é uma rotina, todos os dias no mesmo lugar [...]. Em questão de tempo, a Copa é bem mais longa que a Olimpíada, portanto bem mais desgastante.”(BASSAN, Pedro, APÊNDICE G)

O desgaste provocado por deslocamentos excessivos tinha impactos sobre o trabalho dos profissionais durante o mundial, inclusive na parte criativa, como contou o repórter Marcelo Courrage, em parte já citada de sua entrevista. A distância de casa por um longo período de tempo também foi um ponto destacado como diferenciador na cobertura dos dois megaeventos, como relatou Carlos Gil. “A maior diferença foi o deslocamento. Na Copa eu passei um mês fora de casa, não cobri nenhum jogo no Rio de Janeiro. Nos Jogos Olímpicos eu trabalhei muito, mas sempre voltava para dormir na minha casa.” (GIL, Carlos, APÊNDICE D).

### **5.2.3 Linguagem Abordada**

Outro aspecto que a pesquisa buscou analisar foi o trabalho com a linguagem usada nas matérias feitas durante a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos para o *Jornal Nacional*. Nesse ponto, o enfoque das perguntas ficou relacionado aos conteúdos que traziam como principal temática os próprios megaeventos esportivos, porque para a cobertura de factuais e de matérias com outras abordagens, a linguagem que se usava no JN era a mesma de suas edições do dia a dia.

Quando questionado se houve alguma preparação ou mesmo indicação específica para a linguagem a ser usada nas matérias do Mundial pelos repórteres, Flávio Orro (APÊNDICE A), editor de esportes do *Jornal Nacional*, afirma que em nenhum momento ocorreu uma reunião ou foi passado um modelo para os profissionais, porque isso já é uma preocupação constante da emissora.

Sentar e conversar não foi preciso, é uma coisa que está praticamente no “chip” do repórter que trabalha com esporte. [...] Como estávamos na TV aberta, que tem um público muito heterogêneo, que é muito diferente do público da TV fechada, que é mais segmentado - por exemplo o telespectador da SPORTV tinha um conhecimento prévio sobre o assunto, o interesse dele era despertado muito mais fácil do que o da TV aberta – para os jornais de rede (Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo), independente de ser em período de Copa ou não, a gente tem a preocupação com a linguagem. Por ser uma TV aberta, nós temos uma preocupação de fazer com que a linguagem usada seja atraente para o cara que é fissurado; para aquele que gosta, mas não é fanático; e também para aquele que não acompanha e não tem conhecimento do esporte. Então de maneira geral esse é um comportamento que já é padrão para esses profissionais. (ORRO, Flávio, APÊNDICE A)

Ainda sobre esse assunto, Flávio Orro destaca que a Copa do Mundo foi um fator que aumentou os cuidados usados com a linguagem, já presente no dia a dia dos profissionais da emissora.

O que aconteceu na Copa é que esse panorama foi potencializado, porque a Copa é o maior evento esportivo do planeta, então só por isso ela já fisga esse público que não gosta de esporte. É um evento que acontece somente de quatro em quatro anos e representa o “filet mignon” do esporte, então mal ou bem as pessoas sabem que aquilo é a “Disneylândia” do esporte. Para aumentar ainda mais esse fator “potencializador”, a Copa estava acontecendo no Brasil, então mesmo aquela pessoa que não ligava para a Copa, agora acompanhava porque estava envolvendo a sua realidade. Esses dois elementos, o evento pelo evento e o fator da localidade, gerou o desafio para os repórteres de construir textos que não deixassem que o público se dispersasse: tentar falar para a sua mãe de uma maneira que ela ficasse “amarradona” e prendesse a atenção dela por um determinado tempo. (ORRO, Flávio, APÊNDICE A).

Na mesma linha de pensamento, Pedro Bassan (APÊNDICE G), repórter itinerante, destaca que o público heterogêneo do telejornal sempre foi uma de suas maiores preocupações na hora de montar uma matéria para o *Jornal Nacional*, principalmente quando o assunto foi a Copa do Mundo ou os Jogos Olímpicos.

Existia todo tipo de cuidado possível. Um dos nossos desafios na TV aberta é falar para um público que muitas das vezes não gosta de esporte, então, tem que haver uma preocupação de como contar e falar sobre essas matérias de forma interessante para atraí-lo, o que é um grande desafio para nós enquanto repórteres. (BASSAN, Pedro, APÊNDICE G)

Carlos Gil (APÊNDICE D), repórter itinerante, levanta que a linguagem usada nas matérias de um telejornal sofre outras influências, como, por exemplo, a editoria de cada um e até mesmo o editor chefe.

O fato de trabalhar há algum tempo na casa te leva a conhecer um pouco o perfil de cada telejornal e de cada editor chefe. Você identifica dentro do seu dia a dia qual matéria tem o perfil do *JN*, qual tem o perfil do *Bom Dia Brasil*. E a ideia do Jornal Nacional era trazer algo mais coloquial, não deveria existir uma formalidade no texto até porque os eventos e a cobertura não pediam isso. (GIL, Carlos, APÊNDICE D).

Marcelo Courrege (APÊNDICE E), repórter itinerante, que já trabalha para o JN desde 2008, destaca que a própria editoria esportiva tem uma maior liberdade com a linguagem no *Jornal Nacional*, o que serviu como um ponto de partida para os seus trabalhos.

Vale destacar que o esporte sempre teve uma liberdade para ir um pouco além nessa linguagem do texto no Jornal Nacional, então para atrair o público eu busquei sempre focar muito no comportamento, nos bastidores. O esforço da equipe era muito grande para pegar uma imagem diferente, uma sonora diferente e seguir nesse caminho. Nos períodos pré e pós-jogo nós gostávamos muito de fazer matérias sobre o embalo da torcida; a concentração da Holanda e outras curiosidades. (COURREGE, Marcelo, APÊNDICE E)

Já o repórter itinerante Guilherme Roseguine (APÊNDICE F) destaca que uma das alternativas de linguagem usadas durante as coberturas foi a de deixar o texto com uma pegada de entretenimento.

Eu sempre tentava usar uma linguagem que deixasse o texto com uma pegada entre o entretenimento e a informação, sem exagerar muito para nenhum dos dois lados. Essa lógica eu usava porque eu sabia que parte do público assistia as notícias somente como uma diversão, para relaxar de problemas do dia a dia, então essa pegada mais leve e mais solta tinha que estar presente, mas ao mesmo tempo, tinha uma coisa muito importante em jogo nesses eventos, uma Copa não é como um jogo qualquer de futebol, então essa era uma disputa que mexia com muito dinheiro, muita gente e, também, muita paixão, logo eu tinha que tratar o assunto também com a seriedade que ele merece. Nessa metade mais 'séria' eu usava como trunfo sempre a precisão de informação, porque o aficionado pelo esporte entende quando aquela matéria está trazendo uma informação relevante e coisa do tipo. (ROSEGUINE, Guilherme, APÊNDICE F).

Sobre esse aspecto do entretenimento enquanto parte do texto jornalístico, Carlos Gil (APÊNDICE D), relembra de um caso que ilustra bem as dúvidas e questionamentos a respeito dos limites desse recurso em uma matéria para o Jornal Nacional.

Eu me lembro de uma matéria que nós fizemos e eu cheguei a ficar meio receoso com a questão de um trocadilho, principalmente porque existe uma linha muito tênue entre a pessoa rir de um trocadilho, ou achar ele uma completa bobeira. Durante aqueles dias antes da Copa em que a seleção italiana já estava no Brasil, o Balotelli estava sendo meio questionado pela imprensa italiana, e o substituto imediato dele era o Immobile. Na concentração da Itália, nós tínhamos a ‘cazaazzurra’, que era um lugar para imprensa ficar descontraída durante os treinos e tudo mais e, nesse local, eles tinha colocado umas mesas de totó. Na hora de eu fazer a passagem sobre essa possível mudança na seleção italiana, eu coloquei uma *GoPro* dentro do golzinho dessa mesa de totó. Durante a passagem eu mexia com o bonequinho e fazia um trocadinho com a questão do nome do jogador Immobile, que quando traduzido para o português é o mesmo que ‘imóvel’, com o fato dele não ser uma piada pronta e estar com vontade de jogar. E nós ficamos com o dilema de mandar ou não para o JN porque era uma coisa bem mais descontraída, mas decidimos mandar e o editor passou o texto comigo, corrigiu algumas coisinhas, mas no fim das contas foi pro ar com louvor e eu cheguei a receber um recado que o pessoal do JN tinha adorado a matéria. (GIL, Carlos, APÊNDICE D)

De maneira geral, todos os entrevistados declararam apresentar uma preocupação grande com o texto de qualquer matéria que fosse para o ar no *Jornal Nacional*. A linguagem usada era um fator determinante na compreensão da informação pelo telespectador, assim como o seu engajamento com aquele material que estava sendo apresentado pelo telejornal. Assim como a linguagem, outro fato que também tinha impacto direto sobre o público que assistia ao JN era o foco dado aos fatos cobertos durante os megaeventos esportivos.

#### **5.2.4 Enfoque das Matérias**

Assim como no estudo da linguagem utilizada para as matérias da Copa e das Olimpíadas, nesse momento vamos abordar prioritariamente aquelas matérias que tratam somente dos megaeventos esportivos, porque os conteúdos factuais e ligados a outras editorias, tinham o seu enfoque mantido nos meus padrões das edições tradicionais do *Jornal Nacional*.

Neste tópico, assim como fizemos na estrutura e na rotina de trabalho, faremos uma análise separada entre os dois megaeventos, principalmente porque os entrevistados citaram a grande diferença de cobrir uma Copa do Mundo e Olimpíadas. Sem analisar a linguagem, nesse momento buscamos entender junto aos entrevistados qual era o encaminhamento editorial que eles buscavam dar para as suas matérias, sendo que os caminhos trilhados na produção de cada conteúdo poderiam sofrer influências de outros fatores, como o tempo e fatos inesperados.

Começando pela Copa do Mundo de 2014, quando questionados sobre o enfoque dado aos conteúdos que produziram ao longo do Mundial, todos os repórteres disseram ter levado em conta enfoques comportamentais em suas matérias, mesmo naquelas em que o ponto de partida se tratava prioritariamente de uma informação esportiva. Para o repórter itinerante Pedro Bassan (APÊNDICE G), a separação desses dois pontos é algo quase que impossível em uma cobertura como a que o Jornal Nacional se propôs a fazer.

A informação esportiva e o comportamento/entretenimento são coisas inseparáveis às vezes quando você está cobrindo um evento como a Copa do Mundo. Nós já tínhamos percebido isso na cobertura anterior de outros mundiais, mas aqui no Brasil, como aquele evento estava mudando a realidade de todos nós, afinal éramos nós que estávamos recebendo esses turistas e todo o evento junto com eles, era impossível fazer uma matéria somente focando no treino ou na bola, era necessário contextualizar. Nesse sentido as matérias em si cumpriam com um vetor de informação esportiva, mas não deixavam de mostrar toda a atmosfera que estava em volta daquela informação. (BASSAN, Pedro, APÊNDICE G).

Concordando com Bassan, Marcelo Courregge (APÊNDICE E), defende que o comportamento deveria estar presente nas matérias, mas que a informação também nunca deveria ser deixada de lado, pela questão da relevância.

Resumindo, o importante era você conseguir juntar esse comportamento curioso para toda a população com as informações esportivas e jornalísticas necessárias, afinal de contas, a sua matéria também tinha que ser relevante para entrar na edição do JN, não podia ser só brincadeira, porque durante o período da Copa era uma briga muito grande para você conseguir um espaço no telejornal. (COURREGGE, Marcelo, APÊNDICE E)

Guilherme Rossegui (APÊNDICE F) afirma que muitas vezes o estilo de cada profissional também era um fator que influenciava na hora de se produzir uma matéria para o JN.

De uma forma geral você tem que jogar de acordo com a situação do dia a dia. Obviamente a formação e o estilo que o repórter cria ao longo de sua carreira também influencia, já que nós temos repórteres que pendem mais para o entretenimento, outros que evidenciam mais a informação, mas isso vai de acordo com a visão pessoal de cada um sobre o fato. O grande 'x' da questão nessas situações é você fazer com que na sua matéria não seja somente o seu ponto de vista a ser mostrado, você tem que pensar que você está fazendo um conteúdo para determinado público, não para satisfazer somente as suas demandas pessoais. Antes de qualquer matéria era essa a pergunta que eu me fazia: o que o público precisa saber disso daqui? [...] Eu sempre buscava isso: o que é relevante entre o que está acontecendo aqui para um público amplo de TV aberta, que não acompanha somente o Uruguai, ou que mesmo não conhecer a história desse time? Nesse sentido eu sempre buscava pegar o que era necessariamente fundamental no dia para a matéria do JN. Aquilo que o telespectador de casa precisa entender enquanto notícia nesse 1 minuto, 1 minuto e meio que eu tenho para passar. A partir daí é que eu dava o encaminhamento para os meus conteúdos para o Jornal Nacional. (ROSEGUINE, Guilherme, APÊNDICE F)

Também destacando o tempo como fator importante para o encaminhamento pensado para as matérias, o repórter itinerante Carlos Gil (APÊNDICE D), conta que esse quesito chegou a gerar até uma brincadeira interna entre eles.

Nós tínhamos uma brincadeira dentro da nossa equipe de cobertura, principalmente entre os repórteres itinerantes, que fazer matéria para o JN na Copa do Mundo era o 'show do minuto'. Como no início da Copa eram várias seleções, a ideia era que todas as equipes itinerantes entrassem com pelo menos um material por dia no Jornal Nacional, isso para marcar a presença constante dessas equipes no telejornal e, ao mesmo tempo, dar a ideia de que o JN estava presente e cobrindo todas as seleções de relevância durante o Mundial com um setorista específico. Toda essa cobertura muito abrangente fazia com que todos os dias quando nós ligássemos para a redação perguntando o tempo que tínhamos para a matéria do JN à resposta era quase sempre a mesma: 1 minuto. Isso era todo dia mesmo, por isso, a brincadeira do 'show do minuto' entre nós. Agora em termos práticos fazer as matérias com esse tempo foi um grande trabalho de concisão, porque nós tínhamos que contar tudo que estava acontecendo em um minuto, mas principalmente tentar extrair de tudo que nós víamos ao longo do dia na cobertura o que era o mais interessante para o público brasileiro. Vale destacar ainda que o público do JN é muito diferente de quem assiste um canal segmentado, como no caso da Sportv. Eles tinham mais espaço para fazer as matérias e usavam uma abordagem bem diferente da nossa. Para quem assiste ao JN não interessa tanto se o lateral esquerdo da Itália está gripado e é dúvida para o jogo, coisa que interessa mais para nós que cobrimos o futebol diariamente ou para aquele aficionado. Com somente um minuto o legal era então extrair do dia a dia o que realmente seria interessante para todo o público brasileiro. (GIL, Carlos, APÊNDICE D)

Segundo o repórter Guilherme Roseguine (APÊNDICE F), o tempo das matérias foi a única demanda editorial imposta para a cobertura e que também influenciou no enfoque que os repórteres davam as suas matérias.

A única orientação que você tem no caso de uma cobertura grande como essa é a questão do tempo. O tempo é extremamente escasso, porque o jornal tem que cobrir muita coisa. Imagina o Jornal Nacional, que não é o telejornal com maior tempo de produção diária da Globo, ou mesmo não tem um público específico como outros, já que, ele tinha que cobrir outros assuntos além da Copa nesse período, ter que acompanhar ainda um evento do porte da Copa do Mundo no seu país diariamente, você tem que ser conciso. Nesse caso eu retorno a questão da relevância ser um fator fundamental para as notícias que entram no JN, porque você precisa escolher precisamente o que você que falar e transmitir aquela mensagem para o público sem enrolar ou titubear demais. (ROSEGUINE, Guilherme, APÊNDICE F).

Também dentro da parte editorial, Armando Freitas (APÊNDICE C), chefe de reportagem Núcleo Copa, explica que, mesmo levando em conta pontos comportamentais, existia uma diferenciação entre matérias informativas e comportamentais. Em nenhum momento foi citado que uma dessas abordagens era mais importante e que os repórteres deveriam seguir ela, mas mesmo assim elas eram colocadas em categorias diferentes pelos líderes da cobertura.

Esse tipo de matéria que não é focado no campo e bola, nós chamamos aqui de matéria said, mas que com certeza gera uma entrada no JN pela irreverência dela. E nós aqui do Núcleo Copa cumpríamos um papel fundamental para esse tipo de matéria emplacar, porque pra o editor comprar ela nós tínhamos que vender muito bem toda a história que estava envolta dela. Eu tinha que fazer o editor sentir a vontade de saber o que era aquela história, assim como o público em casa gostaria de saber. (FREITAS, Armando, APÊNDICE C).

Como os trabalhos para a cobertura da seleção brasileira aconteciam separados das demais coberturas na Copa, já que, existia uma redação fixa na Granja Comary para produzir os conteúdos do Brasil, Flavio Orro (APÊNDICE A), editor de esportes do *Jornal Nacional*, contou em seu depoimento qual era a logística da cobertura nesse setor.

Nós tínhamos dois desafios diários que eram o seguinte: o primeiro é porque nós tínhamos 1000 jornalistas cobrindo a Granja Comary, ou seja, credenciados para acompanhar a seleção. Esse número é muito grande e ele significava que eram 1000 jornalistas brigando pela mesma notícia, o que tornava as coisas muito complicadas. Além disso, o ambiente da seleção brasileira era sempre muito reservado...fechado... então era sempre bem difícil trabalhar ali, onde você não tinha acesso a todos os jogadores na hora que você quer ou precisa. Normalmente era sempre no esquema de uma coletiva e a gente tinha que colocar a câmera lá parada e mandar ver; ou o treino, que era um trabalho coletivo: você tem obviamente o talento de um repórter como o Tino Marcos, mas ele não conseguia trabalhar sem um contato direto com o repórter cinematográfico mostrando o que ele está pegando de imagens para o VT. E nesses casos uma boa matéria tinha que ter aquele “sobe som” especial, onde eles pegam o Felipão falando: “Pô atenção aí nessa bola que o México costuma fazer gol assim!”. Então de uma forma geral era um pouco isso, mostrar o bastidor, aquilo que normalmente não aparece e nós enquanto repórteres, produtores e editores no local conseguíamos pegar: uma imagem diferenciada, uma entrevista exclusiva e um sobe som interessante. É claro, que se tratando de seleção brasileira, nós tínhamos também aqueles personagens essenciais. O Neymar é um cara que é super popular, então uma pauta com ele sempre é um foco da equipe. Tudo que acontecia com ele já interessava o público de antemão, porque ele era o grande ídolo do time e de certa forma a “esperança” brasileira. Um exemplo para você ter ideia é que o Neymar era sempre um dos nossos pontos de partida em matéria, porque no começo do dia nós tínhamos que saber: ele vai falar hoje? Tem alguma novidade sobre ele? O que que ele fez? E falando sobre esse jornalismo de bastidor, como a CBF tornava aquele espaço um ambiente muito fechado, mas mesmo assim eles produziam conteúdos exclusivos para a “TV ONLINE” deles, nós sempre procurávamos usar esses materiais. Resumindo então, as matérias partiam sempre do princípio de uma coisa de bastidor, ou de algo diferente, na intenção de sair da tradicional coletiva que os 1000 jornalistas credenciados também teriam acesso. Era tentar dar uma cara de novo e diferente para o material final. (ORRO, Flávio, APÊNDICE A)

Assim como Flávio Orro citou o grande trabalho para se conseguir um material diferente e, assim, valorizar as matérias produzidas, os repórteres que estavam acompanhando outras seleções dizem que isso só era possível pela grande integração que existia entre os membros da equipe. Com membros que trabalhavam em diferentes setores da TV Globo na rotina tradicional, Carlos Gil (APÊNDICE D), conta que essa mistura muitas vezes também foi produtiva para se definir como as matérias eram fechadas para o Jornal Nacional.

Juntos nós, inclusive, experimentamos momentos de tentar ver até onde nós podíamos trazer nossas bagagens de outros telejornais, muitas vezes com uma pegada mais descontraída, para o telejornal de maior audiência da casa, que era o JN. Porque muitas vezes nós fazemos uma autocensura, porque você vai fazer a matéria para o Jornal Nacional e você pensa ‘opa deixa eu fazer mais formal e tudo porque é o que o jornal pede’, mas muitas vezes os editores queriam mesmo era algo mais descontraído. (GIL, Carlos, APÊNDICE D)

Ocorrendo em um esquema totalmente diferente da Copa do Mundo, os Jogos Olímpicos demandaram enfoques diferentes dos repórteres envolvidos na cobertura. Não se tratando de uma competição que envolvia a modalidade que é febre nacional no país, o futebol, um cuidado extra foi necessário para os profissionais. Cobrir atletas que não são conhecidos pelo público, esportes com regras muito diferentes e uma movimentação enorme de turistas em uma só cidade, impôs desafios aos profissionais, como conta Carlos Gil.

Nem todos aqueles super atletas são tão conhecidos do público quanto são os jogadores de futebol, de um modo geral. Há a questão das regras dos esportes. Nem todas as pessoas - eu diria até que a minoria delas - estão familiarizadas com as regras de modalidades que não são transmitidas ou acompanhadas de perto fora daquele período. Dessa vez eu segui dois esportes que são até mais conhecidos. A natação não tem muitos mistérios em termos de regulamento. Mas no caso do Thiago Braz, novamente, foi um desafio explicar como ele tinha feito uma aposta de risco, dentro das regras do salto com vara, para tentar ganhar a medalha de ouro. Funcionou e ele conquistou. Mas foi uma jogada estratégica muito inteligente, que forçou o adversário ao erro. Explicar isso numa reportagem é difícil. (GIL, Carlos, APÊNDICE D)

Ainda dentro desse universo de adversidades impostas pela cobertura olímpica, Pedro Bassan comenta que, mesmo sendo um desafio profissional, a experiência te reconecta com as bases do próprio jornalismo: as de explicar e informar.

É muito legal, porque é quando você tem a oportunidade de realmente explicar de fato o que está acontecendo no momento, que é a principal função do jornalismo em si. Eu me senti muito realizado, porque eu tinha que explicar todos os esportes (fazer um campo maior de pesquisa) e ao mesmo tempo explicar o papel dos ídolos daquele esporte e o que fazia deles atletas destacados dos demais. Eu vejo as Olimpíadas como um respiro para falarmos de esportes diferentes que não seja somente o futebol, que já é muito comentado. (BASSAN, Pedro, APÊNDICE G)

Mais do que durante a cobertura do Mundial, os repórteres envolvidos na cobertura olímpica demonstram um cuidado grande no momento de formulação de seus conteúdos para o *Jornal Nacional*. Nas olimpíadas, é necessário fazer uma mistura muito mais precisa entre o lado humano do atleta que está em campo com a informação jornalística que precisa ser passada, como conta o repórter Carlos Gil.

O principal eu acho que é estar muito atento aos dados, aos números. Checar e recheckar para não errar o tempo, a distância, a pontuação, por exemplo. E, além disso, tentar equilibrar informação e emoção. Porque os Jogos Olímpicos não combinam com a frieza dos números. Eles, os números, os resultados, são importantes, claro. Mas o lado humano é que faz o torcedor se arrepiar, chorar, vibrar, viver intensamente aqueles dias. A gente não pode ser piegas mas não pode ignorar o choro, o desabafo, a dor. E tem que dar a informação correta sem ser apenas técnico e frio. (GIL, Carlos, APÊNDICE D)

Para atingir esse objetivo, o repórter Marcelo Courrage defende uma fórmula de trabalho que privilegia certos aspectos de uma matéria, deixando o produto final muito próximo a uma linguagem que agrada o público da televisão aberta e passe todas as informações com precisão.

Eu tenho um conceito de reportagem para a televisão que eu uso muito em todos os jornais, até no Jornal Nacional que exige um pouco mais de precisão. Eu tento manter sempre esse modelo, que é: privilegiar imagens e boas entrevistas durante uma reportagem, ou seja, personagens, imagens e boas entrevistas. Às vezes quando você tem um minuto e meio a tendência é você contar o máximo de detalhes sobre aquele jogo/partida/prova e eu não concordo muito com esse modelo. Na minha opinião você deve ser mais sucinto. Escolher e linkar um tema mais interessante para aquele público e dentro desse tema se aproveitar do acesso aos personagens para que eles dêem a visão deles, deixando o material ainda melhor. (COURREGÉ, Marcelo APÊNDICE E)

Seguindo na mesma linha de raciocínio, o repórter Pedro Bassan defende que a humanização das informações esportivas deve ser feita através dos próprios atletas, deixando de lado somente a dureza dos números e estatísticas.

Isso é o principal, mas, por exemplo, no jogo de vôlei não adianta eu querer na TV aberta falar sobre todas as estatísticas do jogo: quem fez mais defesa, como é que está o bloqueio e o desenho tático dele - apesar do vôlei ser bem mais emblemático para quem gosta e entende do esporte. [...] Então, o meu principal objetivo é passar a informação esportiva, como resultados e destaque das partidas, ou seja falar sobre o jogo em si, sobre o placar dele, o adversário, mas para tornar aquele material atrativo para todos os públicos eu tendo humanizar essa informação, buscando um foco diferente, que muitas vezes está nos próprios atletas presentes na partida, no público, ou em um técnico. (BASSAN, Pedro, APÊNDICE G)

Neste sentido, tornou-se um padrão de resposta entre os entrevistados que a contextualização do atleta olímpico e seus feitos é o principal enfoque necessário durante esse tipo de cobertura. O repórter Carlos Gil explica que isso é necessário para se estabelecer um vínculo emocional entre a reportagem e o público, mostrando que aquele competidor também é uma pessoa “normal”.

De maneira geral a preocupação era apresentar aquelas pessoas ao telespectador. Quem são? Por que são fenomenais? Que grandes conquistas tiveram? Quando você personifica o herói olímpico cria uma empatia maior com a audiência. Além disso, é preciso dosar questões técnicas da prova - que são importantes - com dados humanos. Mostrar a emoção do atleta e não só as razões de sua boa performance. Um bom exemplo foi o ouro do Thiago Braz no salto com vara. O Brasil não o conhecia. Ele era um cara em quem estávamos de olho, pelas marcas que possuía, era um candidato a medalha, mas não uma figura super próxima do público. Quando ganhou era preciso mostrar o tamanho desse feito. Tanto tecnicamente falando quanto do ponto de vista emocional, de ganhar um ouro em casa. (GIL, Carlos, APÊNDICE D)

A superação é o fator chave nesse processo de personalização do herói olímpico, como conta o repórter Pedro Bassan.

O que eu acho que sempre atrai o público de forma geral é buscar sempre a superação do atleta, ou seja, histórias mais humanas que interessam para todo mundo. Um exemplo de pessoa que eu acho que faz isso muito bem é o Tadeu Schmidt. Os gols do Fantástico são apenas pretextos para contar grandes histórias. Já quando você está falando para um público específico, como no caso do Globo Esporte, você tem que falar para o “heavy user” e pensar em uma linguagem específica, como o fã do esporte está acostumado. (BASSAN, Pedro, APÊNDICE G)

Se o atleta olímpico devia ser o enfoque jornalístico durante a produção dos VT's do megaevento, Carlos Gil explica que as entradas ao vivo tinham outro foco: a programação de transmissão da emissora.

Nas entradas ao vivo a única orientação era chamar a atenção para as principais provas da noite, aquelas que transmitiríamos, que valiam mais a pena de serem observados de perto. Ou as que tinham brasileiros. Dar um panorama da participação brasileira nos Jogos. (GIL, Carlos, APÊNDICE D)

Já para as matérias que tinham como principal mote um comportamento sobre o megaevento, Lilia Teles comenta que o enfoque deveria ser diferente, tentando trazer aquela movimentação na cidade carioca para o mais próximo do público possível.

O encaminhamento e o nosso foco eram muito mais a cidade do Rio de Janeiro e os turistas de todos os lugares que estavam aqui presentes, fazendo uma festa gigantesca e deixando de lado até mesmo as críticas iniciais que, principalmente, a Copa sofreu muito. Eu fazia matérias nos estádios e também fazia pela cidade, em Copacabana principalmente. Nas Olimpíadas a gente ficava praticamente o tempo todo lá dentro da cidade olímpica, mas eram sempre matérias mostrando como aquele megaevento estava engrandecendo a cidade e é claro alguns problemas também, mas principalmente dando voz ao torcedor que estava lá com a gente. (TELES, Lilia, APÊNDICE H)

Ainda sobre os comportamentos, Lilia Teles destaca que um cuidado extra foi necessário, porque o enfoque de sua matéria não poderia ir de encontro com nenhuma das demais que tinha como foco uma informação esportiva, já que se isso acontecesse, o editor do jornal tenderia a tirar a sua matéria daquela edição.

Eu era a repórter do Jornal Nacional da Editoria Rio e o Marcelo Moreira que era o editor responsável. A gente pensava no dia-a-dia, o que poderíamos oferecer e o que era mais interessante para aquele público específico do Jornal Nacional e o Marcelo era quem fazia essa mediação com os editores do telejornal e com o esporte, pois nossas matérias não podiam coincidir muito com as matérias do esporte, era realmente uma pegada mais comportamental. (TELES, Lilia, APÊNDICE H)

Por fim, a última ponderação feita sobre o enfoque das matérias na cobertura olímpica também diz respeito à competição de espaço no espelho diário do *Jornal Nacional*. Carlos Gil comenta que era necessário para o repórter estar ligado em tudo que estava acontecendo no evento além da sua modalidade de cobertura, já que em dias muito movimentados, se o seu conteúdo não tivesse uma pegada de ineditismo e relevância, provavelmente ele não entraria na edição.

Numa Olimpíada você fica muito concentrado naquele esporte que você está cobrindo. E, claro, para você muitos acontecimentos são importantes e merecedores de destaque. Mas é preciso ter a consciência de que outros grandes momentos históricos podem estar - e estão acontecendo - paralelamente. Assim, no mesmo dia em que houve um recorde da natação pode ter havido também uma vitória suada do vôlei, uma derrota inesperada no basquete, uma medalha para o Brasil na canoagem. Nem sempre você terá o tempo que você imaginou para contar aquela história. E precisa se virar para tirar dali o melhor possível, o mais concisamente possível, sem perder o molho, o charme de uma reportagem olímpica. (GIL, Carlos, APÊNDICE D)

A partir dos depoimentos colhidos pelo estudo, podemos entender de maneira panorâmica como era construída uma edição do *Jornal Nacional* durante a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. Estrutura, rotina, linguagem e enfoque dos conteúdos foram pontos pensados e colocados em prática durante os trabalhos realizados nestes megaeventos esportivos.

Toda essa preparação serviu para nortear a construção dos conteúdos veiculados pelo JN durante as 43 edições de nossa análise. Na próxima parte deste estudo vamos ter uma visão mais ampla sobre esses materiais produzidos, averiguando que mensagens o telejornal de maior audiência da emissora enviou para os seus telespectadores.

### 5.3 ANÁLISE QUANTITATIVA

Na segunda parte deste estudo de caso, vamos abordar os dados quantitativos referentes à pesquisa realizada sobre o *Jornal Nacional* no período da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos. Durante o dia 12 de junho de 2014 (abertura do mundial) até 12 de julho de 2014 (final do mundial), o JN colocou no ar um total de 27 edições. Já entre o período de 05 a 21 de agosto de 2016, época dos Jogos Rio 2016, um total de 13 edições foram produzidas pelo telejornal. Seguindo um modelo de documento pré-estabelecido (ANEXO 3), todas essas edições passaram por um processo de decupagem, que buscou desmembrar os programas de acordo com os conteúdos produzidos e os seus tempos de duração no ar em cada telejornal.

Após esse primeiro momento, todos os conteúdos presentes em uma edição do jornal passaram processo de classificação em três diferentes aspectos, sendo eles: natureza (VT's, VIVOS e NOTA/LOCOFF'S); temática (COPA/OLIMPÍADAS, FACTUAL e OUTROS); e, em especial para os produtos que tratavam essencialmente de algum dos megaeventos, abordagem jornalística (COMPORTAMENTO ESPORTIVO e INFORMAÇÃO ESPORTIVA). Com esse processo, o objetivo central é poder se ter um panorama sobre qual a mensagem que o Jornal Nacional enviou para os seus telespectadores durante a Copa do Mundo, refletindo todo o planejamento, preparação e execução dos trabalhos que vimos na análise qualitativa anteriormente.

#### 5.3.1 Dados Gerais

A amostra de estudo para o processo de decupagem das edições do *Jornal Nacional* foi um total de 40 programas, televisionados durante os dias 12/06/2014 a 12/07/2014 (tempo do mundial no Brasil) e 05/08/2016 e 21/08/2016 (tempo dos Jogos Olímpicos no Brasil). Ao todo, a Copa do Mundo e as Olimpíadas duraram um total de 47 dias de eventos, mas como o JN só vai ao ar de segunda a sábado, a quantidade de edições nesse intervalo foi de 40.

##### 5.3.1.1 –Dados Gerais Copa do Mundo

Com 27 edições produzidas pelo Jornal Nacional durante a Copa do Mundo, o telejornal passou um tempo total de 18 horas 57 minutos e 18 segundos no ar durante o mundial. A média de duração de cada edição foi de 42 minutos e 12 segundos, sendo que era quase sempre por volta da 20h30 da noite que o jornal começava. Ainda nesse

universo do tempo de duração, vale destacar que o tempo total que o JN passou no ar não significa o tempo total de conteúdos produzidos para cada edição e contabilizados durante as decupagens. Entre cada matéria, nota ou vivo existiam escaladas, passagens de blocos, comentários e ‘cabeças de VT’s’, sendo que esses aspectos consumiam grande parte do tempo total de cada telejornal.

No Quadro 1 e Gráfico 1 estão apresentados os valores totais de conteúdo no ar, de acordo com o tempo, além da especificação que cada um deles de acordo com a sua natureza. Os valores estão apresentados em números absolutos e porcentagem.

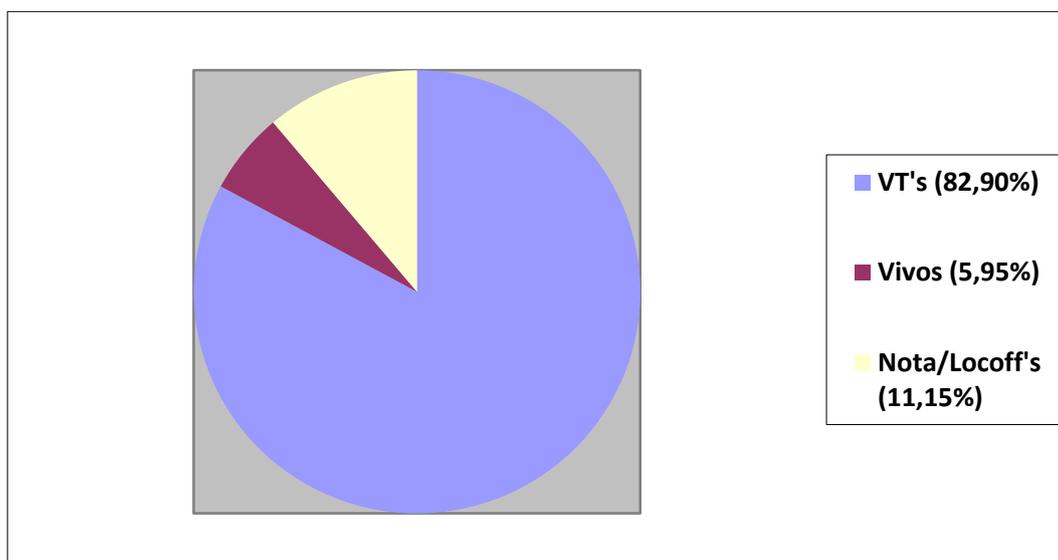
QUADRO 1 – NATUREZA DOS CONTEÚDOS PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR COPA DO MUNDO.<sup>74</sup>

<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>NÚMEROS ABSOLUTOS</b>
VT's	11 horas 52 minutos e 35 segundos.
Vivos	51 minutos e 15 segundos.
Nota/Locoff	1 hora e 35 minutos.
Total	14 horas 19 minutos e 25 segundos.

FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

<sup>74</sup>Tempo total de conteúdos produzidos para cada edição do JN, o que excluem escaladas, passagens de blocos, comentários e ‘cabeças de VT’s’, sendo que esses aspectos consumiam grande parte do tempo total de cada telejornal.

GRÁFICO 1 – PORCENTAGEM DA NATUREZA DOS CONTEÚDOS PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR COPA DO MUNDO.



FONTE: Dados da pesquisa, 2019.

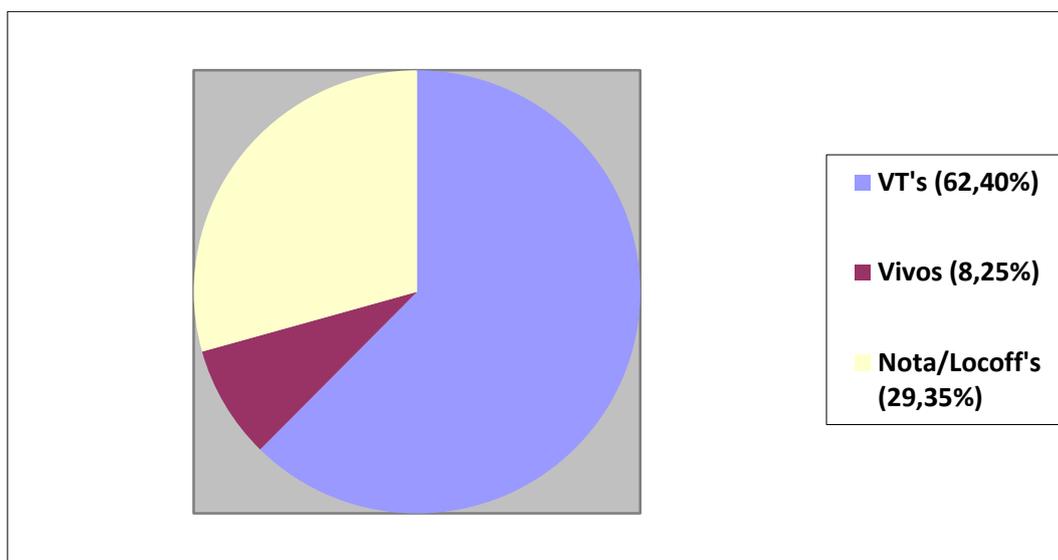
Analisando o mesmo objeto, mas levando em conta agora a quantidade total de conteúdos produzidos pelo Jornal Nacional, sem considerar o tempo de cada um deles no ar, mas sim a frequência de vezes em que eles aparecem ao longo das 27 edições, os dados se apresentam da seguinte maneira.

QUADRO 2 – NATUREZA DOS CONTEÚDOS PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS NA COPA DO MUNDO.

CLASSIFICAÇÃO	NÚMEROS ABSOLUTOS
VT's	453
Vivos	60
Nota/Locoff	213
Total	726

FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

GRÁFICO 2 – PORCENTAGEM DA NATUREZA DOS CONTEÚDOS PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS NA COPA DO MUNDO.



FONTE: Dados pesquisa, 2019.

#### 5.3.1.2 - DADOS GERAIS OLIMPÍADAS.

Em 13 edições produzidas pelo *Jornal Nacional* durante os Jogos Olímpicos Rio 2016, o telejornal passou um tempo total de 9 horas 57 minutos e 32 segundos no ar. A média de duração de cada edição foi de 45 minutos e 57 segundos, sendo que era quase sempre por volta da 20h10 da noite que o jornal começava. Assim como nos dados apresentados da Copa do Mundo, vale destacar que o tempo total que o JN passou no ar não significa o tempo total de conteúdos produzidos para cada edição e contabilizados durante as decupagens, já que existiam aspectos que consumiam grande parte do tempo total de cada telejornal.

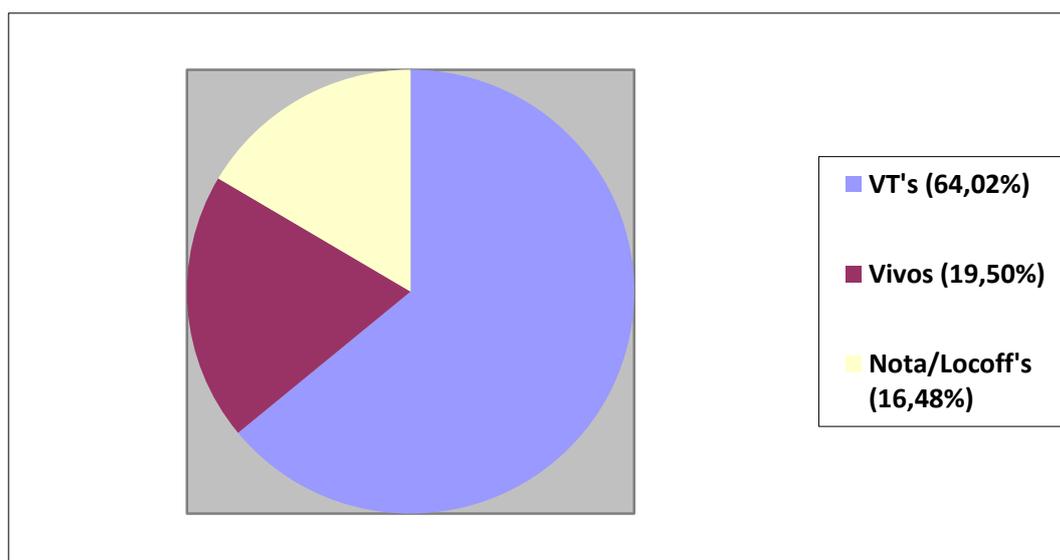
No Quadro 3 e Gráfico 3 estão apresentados os valores totais de conteúdo no ar, de acordo com o tempo, além da especificação que cada um deles de acordo com a sua natureza. Os valores estão apresentados em números absolutos e porcentagem.

QUADRO 3 – NATUREZA DOS CONTEÚDOS PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR NAS OLIMPIADAS.

CLASSIFICAÇÃO	NÚMEROS ABSOLUTOS
VT's	5 horas 20 minutos e 50 segundos.
Vivos	1 hora 37 minutos e 46 segundos.
Nota/Locoff	1 hora 22 minutos e 31 segundos.
Total	8 horas 21 minutos e 7 segundos.

FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

GRÁFICO 3 – PORCENTAGEM DA NATUREZA DOS CONTEÚDOS PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR / OLIMPIADAS.



FONTE: Dados da pesquisa, 2019.

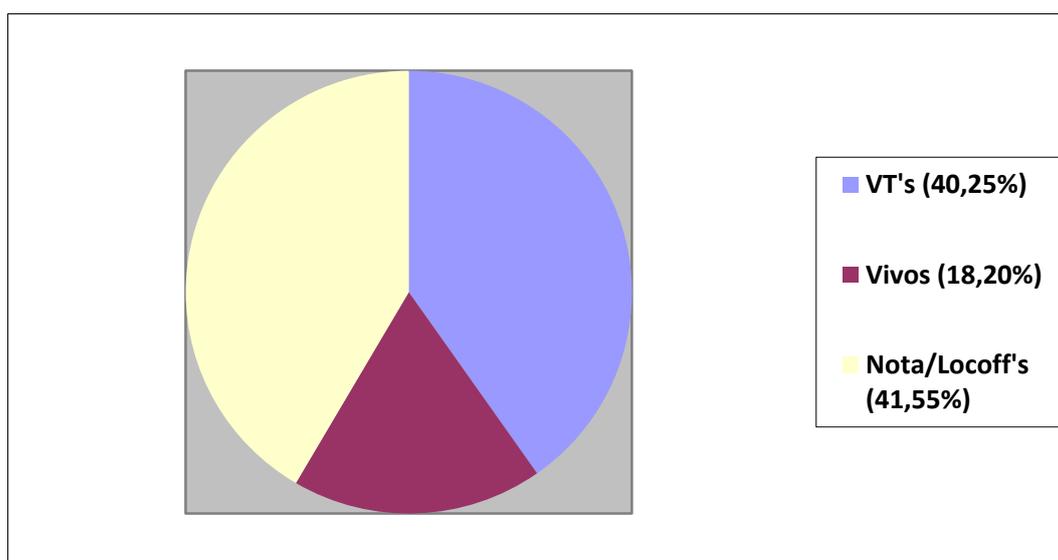
Observando agora a quantidade total de conteúdos produzidos pelo *Jornal Nacional*, sem considerar o tempo de cada um deles no ar, mas sim a frequência de vezes em que eles aparecem ao longo das 13 edições, os dados se apresentam da seguinte maneira.

QUADRO 4 – NATUREZA DOS CONTEÚDOS PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS NAS OLIMPIADAS.

<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>NÚMEROS ABSOLUTOS</b>
VT's	157
Vivos	71
Nota/Locoff	162
Total	390

FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

GRÁFICO 4 – PORCENTAGEM DA NATUREZA DOS CONTEÚDOS PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS NAS OLIMPIADAS.



FONTE: Dados pesquisa, 2019

Com o conhecimento das informações mostradas nos quadros e gráficos anteriores, o estudo dividiu-se de acordo com a natureza dos produtos veiculados no Jornal Nacional, para mostrar de que forma cada um deles se comportou ao longo das edições.

### 5.3.2 Dados de VT's

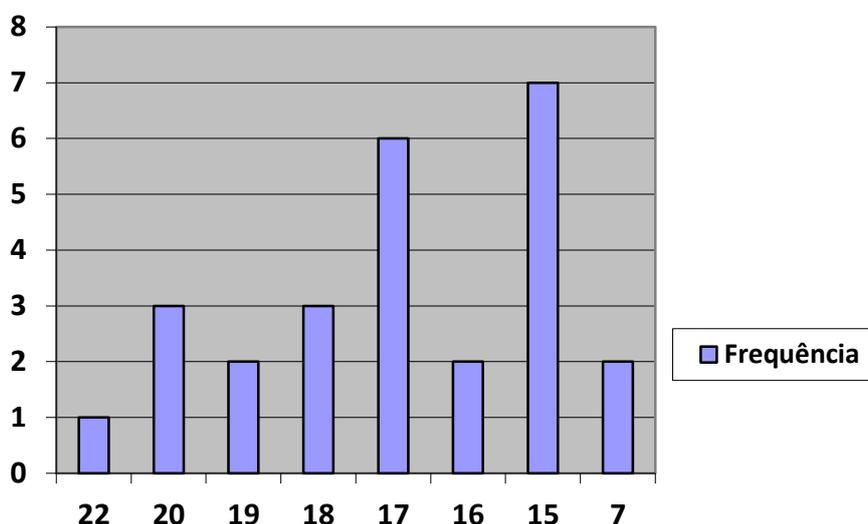
Representando o formato que permaneceu mais tempo no ar durante o período de ambas as coberturas dos megaeventos esportivos, os videoteipes traziam histórias de todos os cantos do país relacionado tanto aos eventos esportivos, como de fatos que mereciam destaque dentro do maior telejornal do país naquele dia.

Abaixo apresentamos os dados desse material jornalístico em ambas às competições, assim como algumas informações que ajudam a compreender de maneira mais ampla os números.

#### 5.3.2.1 Dados de VT's na Copa do Mundo

Dominando 82,90% do tempo total de conteúdos veiculados no *Jornal Nacional* durante o Mundial, foram produzidos 453 VT's (*videoteipes*) para as edições da amostra. A média de matérias por edição nesse período foi de aproximadamente<sup>75</sup> dezessete, sendo que elas se dividiram da seguinte maneira de acordo com a frequência.

GRÁFICO 5 – FREQUÊNCIA DO NÚMERO TOTAL DE VT'S POR EDIÇÃO.



FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

<sup>75</sup>Número exato de VT's por edição pela média seria de 16,7.

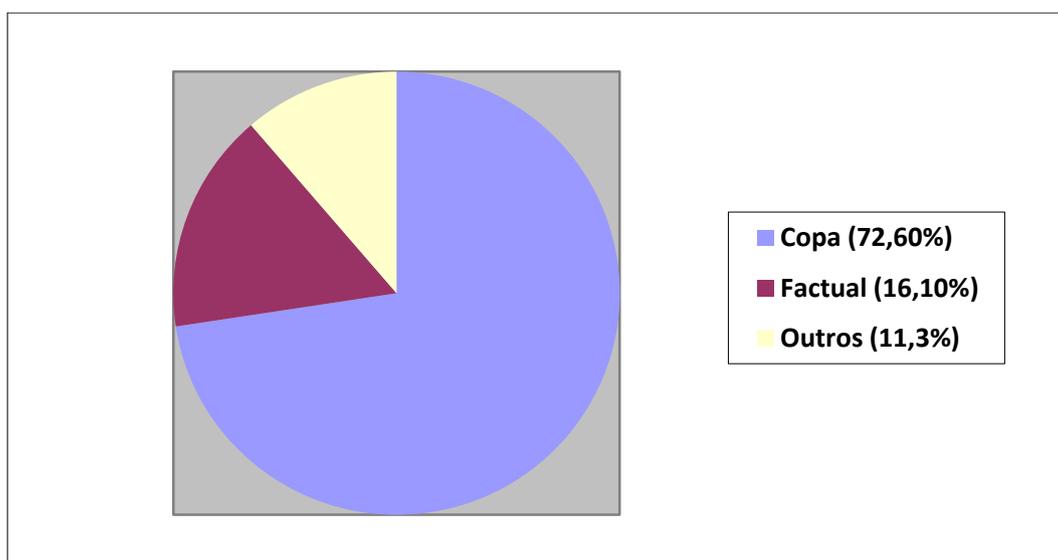
Essas matérias produzidas ao longo das edições também foram subdividas de acordo com a temática principal, sendo que elas podiam tratar prioritariamente sobre um assunto ligado a COPA, FACTUAL ou OUTROS. Os dados estão apresentados em números absolutos e porcentagem.

QUADRO 5 – TEMÁTICA DOS VT'S PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.

CLASSIFICAÇÃO	NÚMEROS ABSOLUTOS
Copa	329
Factual	73
Outros	51
Total	453

FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

GRÁFICO 6 – PORCENTAGEM DA TEMÁTICA DOS VT'S PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.



FONTE: Dados pesquisa, 2016.

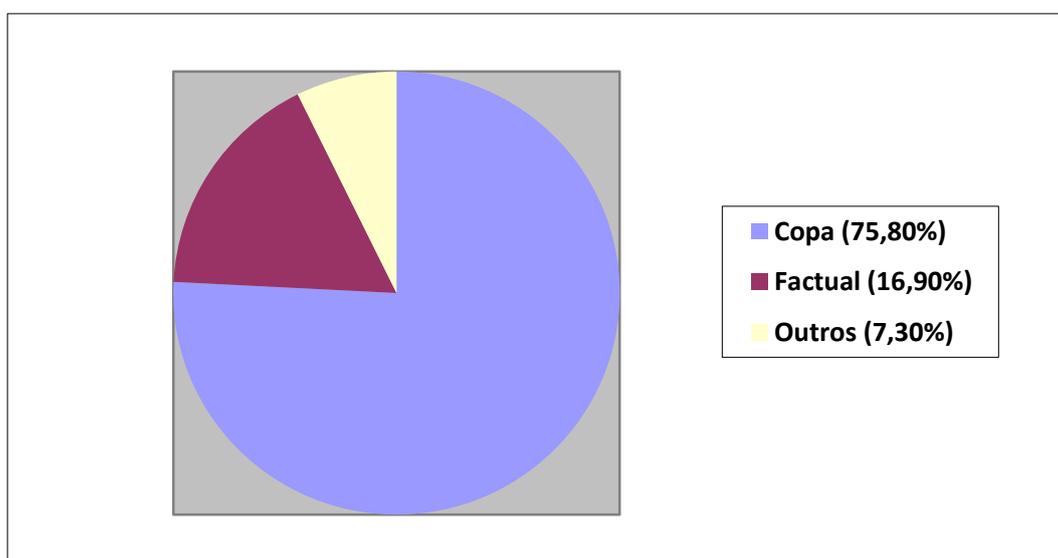
A fim de avaliar a real dimensão que cada uma dessas temáticas apresentou dentro dos VT's produzidos pelo *Jornal Nacional*, os próximos gráficos mostram qual foi o tempo que cada um desses assuntos ficou no ar nessa subdivisão.

QUADRO 6 – TEMÁTICA DOS VT'S PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR.

CLASSIFICAÇÃO	NÚMEROS ABSOLUTOS
Copa	8 horas 58 minutos e 22 segundos.
Factual	1 hora 59 minutos e 54 segundos.
Outros	51 minutos e 21 segundos.
Total	11 horas 52 minutos e 35 segundos.

FONTE: Dados da Pesquisa, 2016.

GRÁFICO 7 – PORCENTAGEM DA TEMÁTICA DOS VT'S PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR.



FONTE: Dados pesquisa, 2016.

É interessante fazer alguns apontamentos sobre os números apresentado, uma vez que quando analisados de forma mais ampla, trazem para o estudo um ponto de

vista que ajuda a complementar a pesquisa. Assim como dito pelos entrevistados, bem como por conhecimentos acerca de valores notícias, a Copa do Mundo se colocava no período de sua realização no país como um forte chamariz para o trabalho jornalístico.

Matérias sobre as partidas realizadas entre grandes seleções, jogadores de destaque mundial que estavam jogando na Copa, bem como a movimentação nas cidades com turistas interagindo com tudo que o Brasil tinha para oferecer, são tipos de conteúdos de videoteipes com a temática COPA produzidos para o Jornal Nacional neste período.

Exemplos destes podem ser observados no ANEXO 4, no dia de abertura do Mundial, 12 de junho de 2014, no qual Brasil e Croácia realizaram a primeira partida da Copa do Mundo. A repórter Lilia Telles trouxe para o telespectador em seu VT um panorama de como os brasileiros assistiram ao primeiro jogo da Copa do Mundo pelo país; o repórter Tiago Eltz mostrou como se comportou o coração de um torcedor que assistiu ao jogo entre Brasil e Croácia; na mesma edição o jornalista Pedro Bassan mostrou como foram os treinos da atual campeã mundial na época, a Espanha; e o repórter Tino Marcos trouxe os melhores momentos da partida entre Brasil e Croácia.

Durante os 31 dias de mundial, o Brasil e seus moradores, bem como agentes políticos e sociais, continuaram a realizar atividades que iam além da Copa do Mundo. Por mais que o país estivesse muito envolvido com o megaevento, fatos de destaque também aconteceram nesse período e mereceram destaque no espelho do telejornal. Quando um fato se impunha também pela sua força de existência naquele momento, um VT com a temática FACTUAL era produzido.

Um exemplo claro desse videoteipe factual pode ser encontrado no ANEXO 22, do dia 03 de julho de 2014. Após a queda de um viaduto na cidade de Belo Horizonte, três pessoas morreram e outras 20 ficaram feridas. O primeiro material veiculado na edição daquele dia do *Jornal Nacional* foi uma reportagem do jornalista Ismar Madeiro, com todas as informações sobre o fato. A queda do viaduto era um fato jornalístico que estava desvinculado da Copa do Mundo, mas ganhou espaço na edição do Jornal Nacional pela sua importância enquanto notícia.

Por fim, videoteipes que não tinham uma emergência para veiculação do fato jornalístico, nem mesmo uma ligação com a Copa do Mundo também ganharam um

pequeno espaço durante a cobertura com a categoria OUTROS. Com destaque para esse segmento deixamos as entradas com previsão do tempo, que na época eram gravadas e não eram constantes nas edições do JN, assim como a matéria do Repórter JulioMosquera, no dia 11 de julho de 2014 (ANEXO 29), no qual o repórter conta como uma criança que aparentemente tinha se ‘curado’ da AIDS, nos Estados Unidos, voltou a apresentar a doença.

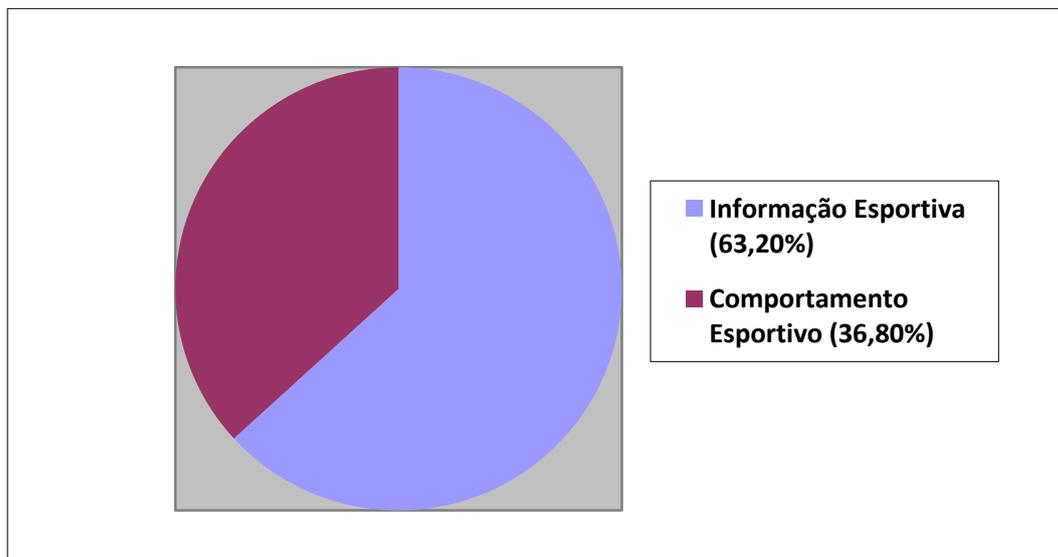
Na análise dos VT’s ligados somente a Copa do Mundo, uma terceira subdivisão levantou os dados a respeito da abordagem jornalística presente em cada um deles. Podendo ser considerados com um COMPORTAMENTO ESPORTIVO ou uma INFORMAÇÃO ESPORTIVA, os dados em números absolutos são:

**QUADRO 7 – ABORDAGEM JORNALÍSTICA DOS VT’S COPA PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.**

<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>NÚMEROS ABSOLUTOS</b>
Informação Esportiva	208
Comportamento Esportivo	121
Total	329

FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

GRÁFICO 8 – PORCENTAGEM DA ABORDAGEM JORNALÍSTICA DOS VT’S COPA PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.



FONTE: Dados pesquisa, 2019.

Aqui cabe uma ressalva no que tange a diferenciação dos tipos de conteúdos que tratam a respeito da Copa do Mundo bem como Olimpíadas. Com o objetivo de descobrir qual é o principal enfoque dado à cobertura destes megaeventos, essa categoria tem como princípio entender se o que motivou a construção daquele conteúdo foi à transmissão de uma informação esportiva ou um comportamento.

Com predominância dos videoteipes que traziam como mote uma informação esportiva, temos como exemplo algumas matérias, com destaque para quando o repórter Carlos De Lannoy mostrou a repercussão da suspensão que a FIFA estipulou para o jogador Luís Suárez, do Uruguai, após a mordida do jogador contra o italiano Chiellini, na partida pela fase de grupo entre ambas as seleções (ANEXO 16); os principais trechos da coletiva de imprensa do técnico brasileiro, Felipão, após a derrota contra a Alemanha nas semifinais (ANEXO 26); e a preparação final das seleções da Argentina e Alemanha na véspera da final da Copa do Mundo (ANEXO 30).

Mostrando de que maneira brasileiros, turistas e, também, atletas estavam vivenciando a experiência da Copa do Mundo no Brasil, alguns videoteipes trouxeram como enfoque comportamentos esportivos. Alguns exemplos destes conteúdos são: a matéria feita pela repórter Renato Ribeiro mostrando como os jogadores da Alemanha

aprenderam a sambar com os moradores de Santa Cruz de Cabrália (ANEXO 9); a reportagem do jornalista Bruno Laurence que mostrou a ansiedade dos chilenos em Santiago na véspera da partida pelo Brasil nas oitavas-de-final (ANEXO 17); quando a repórter Graziela Azevedo mostrou brasileiros de várias partes do país mandando recados de força e autoestima para o jogador Neymar, após a sua saída da Copa depois da falta sofrida na partida contra a Colômbia nas quartas de final (ANEXO 24); e a história de JoedirBelmont, que tinha um ingresso para acompanhar a final da Copa do Mundo em 1950, mas deixou de ir ao jogo porque sua mãe estava doente. Agora, ao saber da história, a FIFA decidiu dar um par de ingressos para a final da Copa do Mundo de 2014 para o brasileiro ir acompanhar o jogo no Maracanã (ANEXO 29).

Os dados acima mostrados apresentam de que maneira o segmento dos videoteipes foi usado durante a cobertura do *Jornal Nacional* na Copa do Mundo. Segmento de maior abrangência dentro da cobertura, os quadros e tabelas detalham de que forma o que foi pensado e idealizado acabou sendo transmitido para os telespectadores.

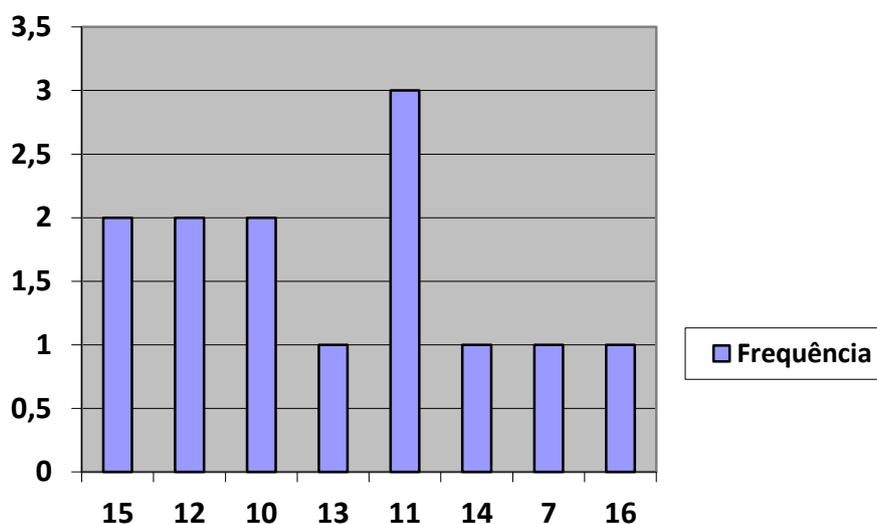
#### **5.3.2.2** *Dados de VT's Olimpíadas*

Representando 64,02% do tempo total de conteúdos veiculados no Jornal Nacional durante as Olimpíadas, foram produzidos 157 VT's (*videoteipes*) para as edições da amostra. A média de matérias por edição nesse período foi de doze<sup>76</sup>, sendo que elas se dividiram da seguinte maneira de acordo com a frequência.

---

<sup>76</sup>Número exato de VT's por edição pela média seria de 12,07.

GRÁFICO 9 – FREQUÊNCIA DO NÚMERO TOTAL DE VT'S POR EDIÇÃO OLIMPIADAS.



FONTE: Dados pesquisa, 2019.

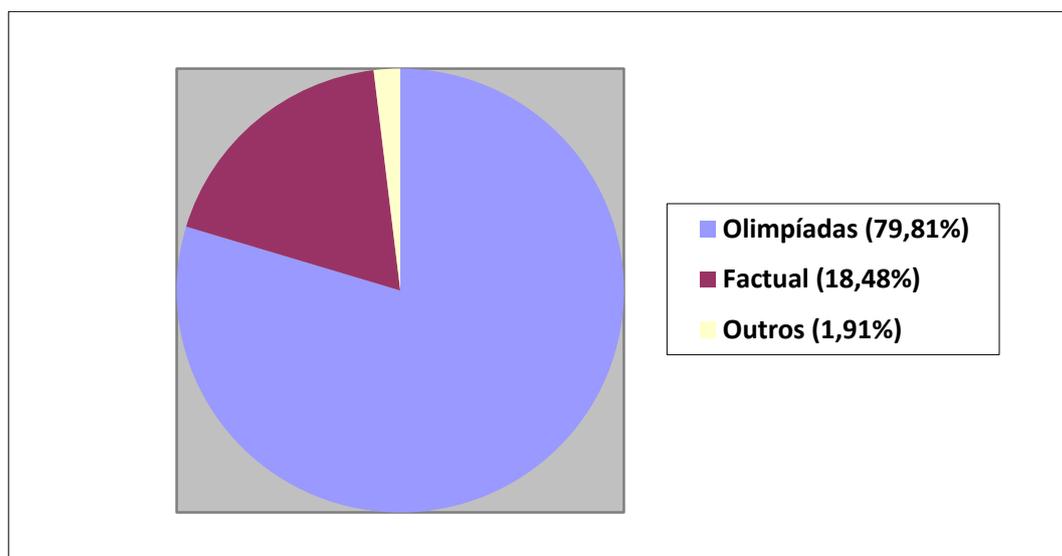
Essas matérias produzidas ao longo das edições também foram subdividas de acordo com a temática principal, sendo que elas podiam tratar prioritariamente sobre um assunto ligado a OLIMPIADAS, FACTUAL ou OUTROS. Os dados estão apresentados em números absolutos e porcentagem.

QUADRO 8 – TEMÁTICA DOS VT'S PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS OLIMPIADAS.

CLASSIFICAÇÃO	NÚMEROS ABSOLUTOS
Olimpíadas	125
Factual	29
Outros	3
Total	157

FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

GRÁFICO 10 – PORCENTAGEM DA TEMÁTICA DOS VT’S PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS OLIMPIADAS.



FONTE: Dados pesquisa, 2019.

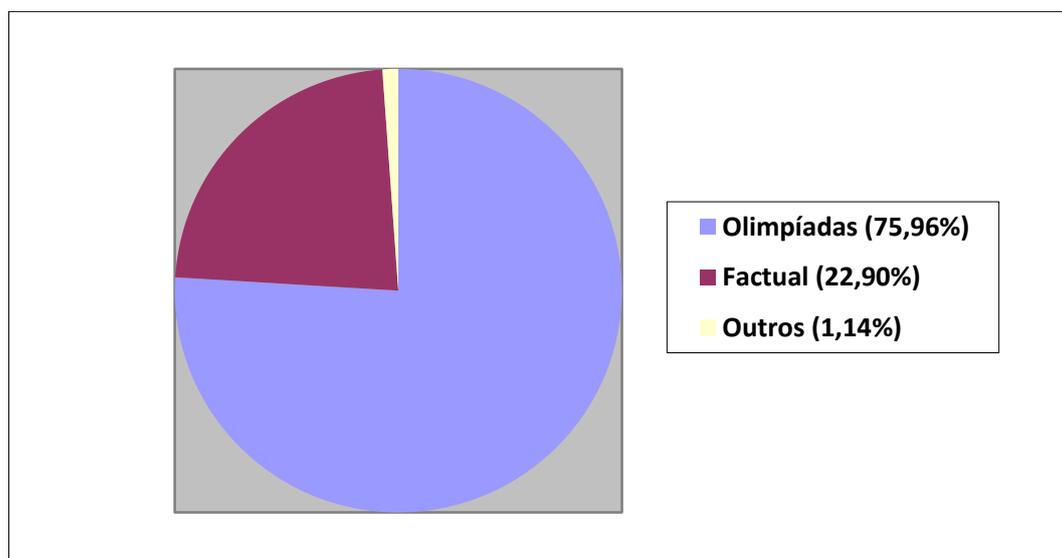
A fim de avaliar a real dimensão que cada uma dessas temáticas apresentou dentro dos VT's produzidos pelo Jornal Nacional nas Olimpíadas, o próximo quadro egráfico mostram qual foi o tempo que cada um desses assuntos ficou no ar nessa subdivisão.

QUADRO 9 – TEMÁTICA DOS VT’S PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR OLIMPIADAS.

CLASSIFICAÇÃO	NÚMEROS ABSOLUTOS
Olimpíadas	4 horas 03 minutos e 43 segundos.
Factual	1 hora 13 minutos e 28 segundos.
Outros	3 minutos e 39 segundos.
Total	5 horas 20 minutos e 50 segundos.

FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

GRÁFICO 11 – PORCENTAGEM DA TEMÁTICA DOS VT’S PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR NAS OLIMPÍADAS.



FONTE: Dados pesquisa, 2019.

Assim como feito com os materiais analisados da Copa do Mundo, separamos alguns conteúdos que exemplificam de maneira bem clara a abordagem dessas temáticas nos videoteipes veiculados pelo *Jornal Nacional* durante do Jogos Rio 2016.

Com grande predominância de matérias que traziam como temático os Jogos Olímpicos, temos diferentes abordagens sobre o assunto aparecendo nas edições do JN, como por exemplo: o balanço final de moradores, turistas, atletas e autoridades sobre os Jogos Rio 2016, apresentado pelo repórter Paulo Renato Soares no dia 20 de agosto, véspera da cerimônia de encerramento (ANEXO 43); o VT com a conquista da primeira medalha brasileira no boxe, quando o jornalista José Roberto Burnier mostrou os detalhes do ouro olímpico de Robson Conceição (ANEXO 39); e a matéria do repórter Tino Marcos abrindo a edição do dia 08 de agosto DE 2016 com o ouro Olímpico da judoca Rafaela Silva (ANEXO 32).

Ocorrendo em um momento conturbado da política nacional, videoteipes factuais com a repercussão sobre o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, bem como outros assuntos importantes de conjuntura nacional e global foram matérias no Jornal Nacional durante o período. Exemplos disso podem ser encontrados nos seguintes VT's: matéria do repórter JulioMosquera no dia 10 de agosto de 2016, trazendo todas as informações sobre a sessão de pronuncia, na qual por 59 a 21 votos os senadores brasileiros aceitaram as acusações de responsabilidade fiscal contra a

presidenta Dilma Rousseff (ANEXO 34); a atualização da corrida presidencial nos Estados Unidos, quando Hillary Clinton e Donald Trump trocaram acusações graves no dia 12 de agosto de 2016 (ANEXO 36); e o caso de polícia envolvendo a mentira sobre um assalto a nadadores norte-americanos que foi furo de reportagem no JN do dia 16 de agosto (ANEXO 39).

Com as participações da previsão do tempo não acontecendo através de videoteipes durante as Olimpíadas, o número de VT's com a temática OUTROS sofreu uma grande redução. A matéria que demonstra melhor esse segmento no período foi a que trouxe uma nova tecnologia de transmissão japonesa para campeonatos esportivos, veiculada na edição do dia 15 de agosto de 2016 (ANEXO 38).

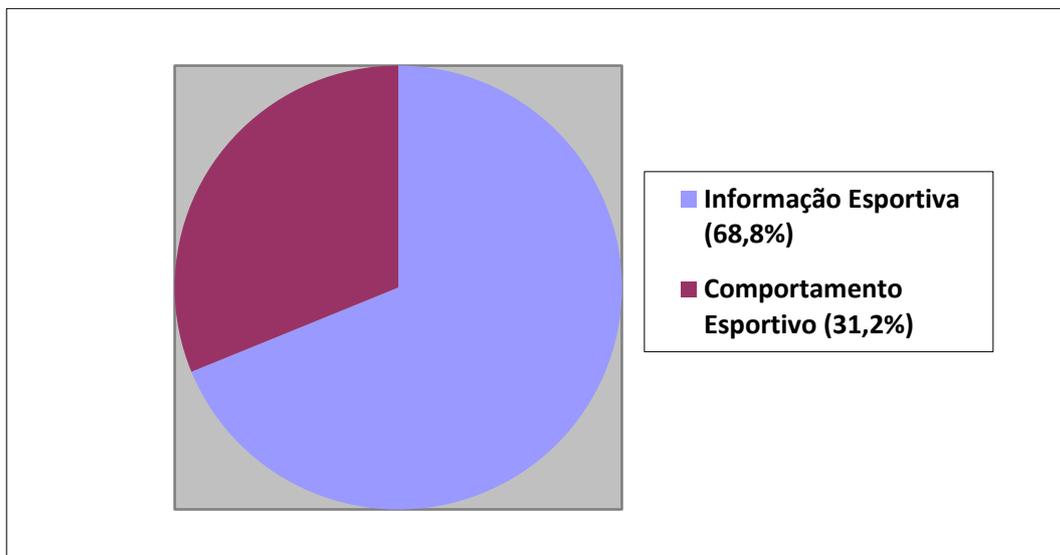
Na análise dos VT's ligados somente às Olimpíadas, uma terceira subdivisão levantou os dados a respeito da abordagem jornalística presente em cada um deles. Podendo ser considerados com um COMPORTAMENTO ESPORTIVO ou uma INFORMAÇÃO ESPORTIVA, os dados em números absolutos são:

**QUADRO 10 – ABORDAGEM JORNALÍSTICA DOS VT'S OLIMPÍADAS  
PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.**

<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>NÚMEROS ABSOLUTOS</b>
Informação Esportiva	86
Comportamento Esportivo	39
Total	125

FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

GRÁFICO 12 – PORCENTAGEM DA ABORDAGEM JORNALÍSTICA DOS VT’S OLIMPIADAS PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.



FONTE: Dados pesquisa, 2019.

Novamente com uma predominância dos VT's que traziam como foco uma informação esportiva, temos como destaque nesse segmento os seguintes materiais: a reportagem do jornalista Carlos Gil, que trouxe na véspera da cerimônia de encerramento um balanço com a participação dos super atletas Michael Phelps, UsainBolt e Simone Biles na Rio 2016 (ANEXO 43); a matéria sobre a conquista da primeira medalha brasileira nos Jogos Olímpicos do Rio, quando o repórter Clayton Conservani mostrou a conquista da prata pelo atleta do tiro Felipe Wu (ANEXO 31); e a matéria de Ernesto Paglia, contando a conquista histórica de Isaquias Queiroz para o esporte brasileiro, se tornando o primeiro atleta a ganhar três medalhas em uma única edição dos Jogos Olímpicos (ANEXO 43).

Entre as matérias que traziam o comportamento dos atores envolvidos com a Rio 2016 e a realidade brasileira, o destaque fica para os seguintes conteúdos: a reportagem de Sônia Bridi com os bastidores da cerimônia de abertura das Olimpíadas (ANEXO 31); a matéria de Hélder Duarte mostrando como a execução do hino nacional brasileiro em uma versão mais curta está confundindo atletas e torcedores nas Olimpíadas (ANEXO 35); e o videoteipe da jornalista Lilia Telles mostrando como está acontecendo o funcionamento do Parque Olímpico que atrai milhares de turistas diariamente (ANEXO 31).

### 5.3.3 Dados Vivos

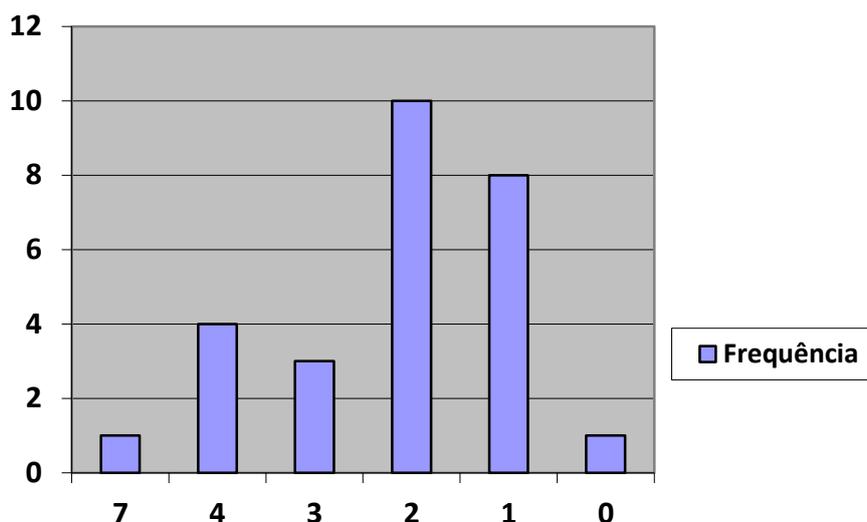
Com o objetivo de ofertar para o público que assistia ao *Jornal Nacional* uma experiência de imediatismo com relação a diversos acontecimentos que estavam se desenrolando durante o próprio tempo daquela edição telejornal, as entradas ao vivo levavam repórteres direto para o local do acontecimento. Com muitos jogos e competições importantes acontecendo em ambos os eventos durante o horário de 20h00 às 22h00, a melhor alternativa para atualizar o telespectador sobre esse tipo de fato e outros eram o ao vivos.

Abaixo apresentamos os dados desse material jornalístico em ambas às competições, assim como algumas informações que ajudam a compreender de maneira mais ampla os números.

#### 5.3.3.1 Dados de Vivos na Copa do Mundo

Representando 5,95% do tempo de conteúdo veiculado no JN durante o Mundial, ao todo foram 60 entradas ao vivo no período. A média de vivos por edição nessa amostra foi de aproximadamente<sup>77</sup> dois, sendo que eles se dividiram da seguinte maneira de acordo com a frequência por edição.

GRÁFICO 13 – FREQUÊNCIA DO NÚMERO TOTAL DE VIVOS POR EDIÇÃO NA COPA DO MUNDO.



FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

<sup>77</sup>Número exato de VIVOS por edição pela média seria de 2,2.

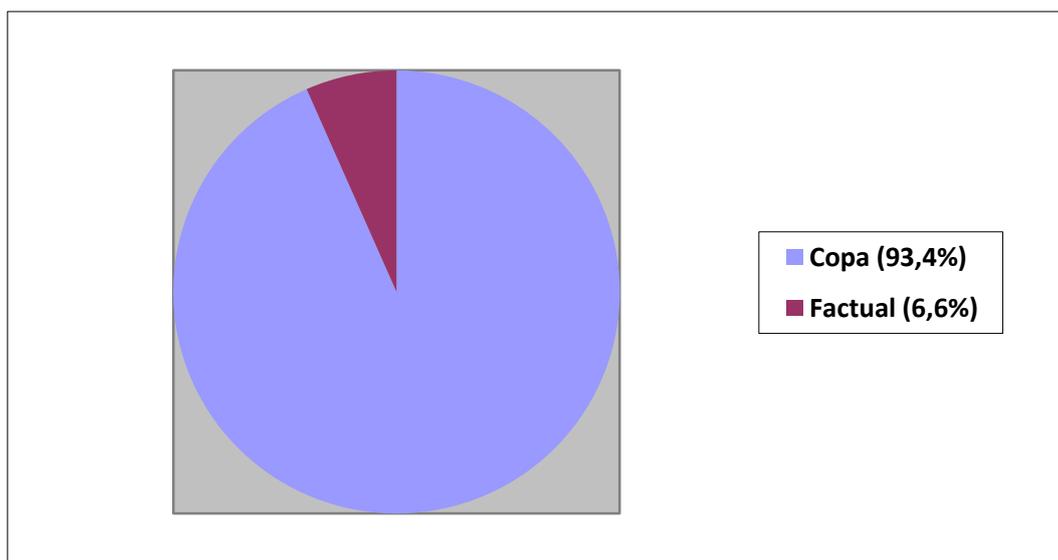
Quando analisados de acordo com a sua temática principal, os VIVOS apresentaram os seguintes valores:

QUADRO 11 – TEMÁTICA DOS VIVOS PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS NA COPA.

<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>NÚMEROS ABSOLUTOS</b>
Copa	56
Factual	4
Outros	0
Total	60

FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

GRÁFICO 14 – PORCENTAGEM DA TEMÁTICA DOS VIVOS PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS NA COPA.



FONTE: Dados pesquisa, 2019.

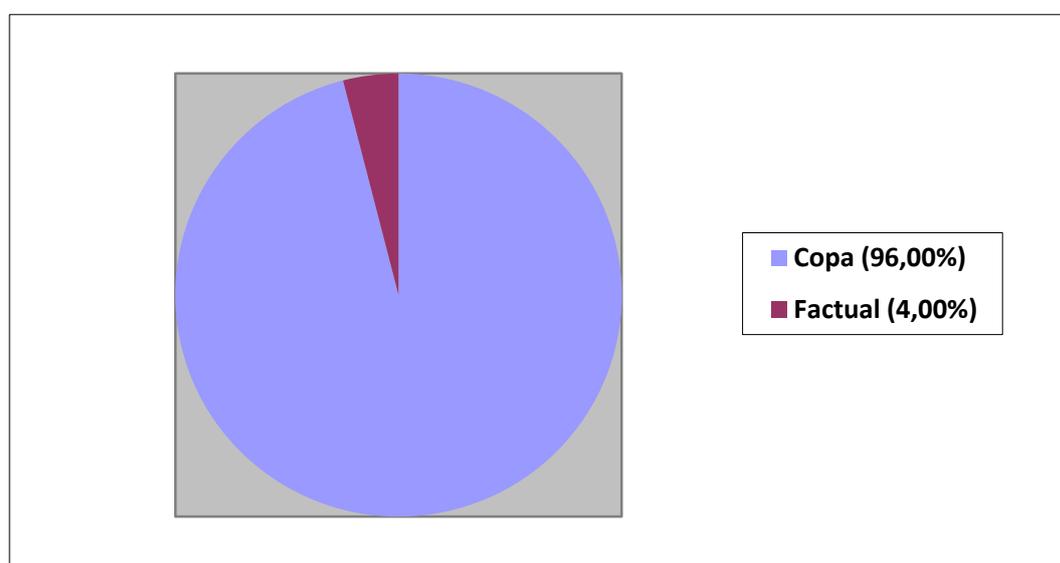
Dimensionando os valores acima apresentados com relação ao tempo de duração em cada um dos casos, as subdivisões de VIVOS ficaram da seguinte maneira:

QUADRO 12 – TEMÁTICA DOS VIVOS PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR NA COPA.

CLASSIFICAÇÃO	NÚMEROS ABSOLUTOS
Copa	49 minutos e 12 segundos
Factual	2 minutos e 03 segundos
Outros	-----
Total	51 minutos e 15 segundos.

FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

GRÁFICO 15 – PORCENTAGEM DA TEMÁTICA DOS VIVOS PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR COPA.



FONTE: Dados pesquisa, 2019.

Sem nenhuma entrada ao vivo que caracterizasse o grupo OUTROS, os 51 minutos e 15 segundos de da categoria foram divididos entre assuntos factuais ou

ligados ao mundial. Com um total de 56 vivos com a temática da Copa do Mundo, exemplos que caracterizam esse formato são: quando o repórter Carlos Gil, no dia 13 de junho, trouxe ao vivo as informações sobre o treino da seleção da Itália, que tinha acabado de fazer o treino de reconhecimento de campo na Arena Amazônia (ANEXO 5); as informações sobre a situação emocional dos jogadores brasileiro às vésperas da partida das oitavas de final contra o Chile, que o jornalista Mauro Naves apurou com familiares de última hora e passou ao vivo no *Jornal Nacional* (ANEXO 17); e a atualização ao vivo, direto do hospital, da situação de saúde do jogador Neymar após a sua saída da Copa por uma lesão na partida contra a Colômbia (ANEXO 23).

Somente em quatro ocasiões entradas ao vivo que não estavam relacionadas à Copa do Mundo ganharam espaço nas edições do *Jornal Nacional* dentro da amostra. As mais representativas pelo seu grande apelo de imediatismo e que demonstram a necessidade de estarem ali presentes, foram: a atualização da jornalista Liliana Junger sobre os feridos, na queda do viaduto em Belo Horizonte, direto da porta do hospital para onde alguns deles foram levados (ANEXO 22); o ao vivo com a repórter Camila Bomfim, de Brasília, trazendo as informações do Supremo Tribunal Federal, que derrubou a determinação da justiça que mudava o número de deputados federais em 13 estados do país (ANEXO 9); e quando o repórter César Galvão atualizou as informações ao vivo, do Globocop, sobre o protesto que aconteceu na tarde da quinta-feira em São Paulo (ANEXO 10).

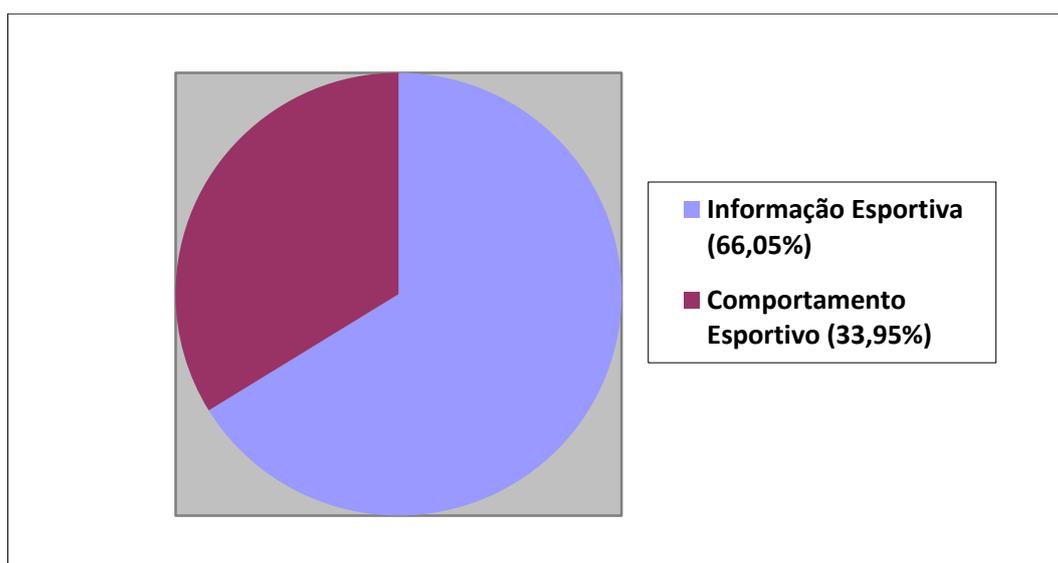
Já quando avaliados de acordo com a abordagem jornalística dos vivos feitos especificamente sobre a Copa do Mundo, os dados em números absolutos e porcentagem se dividiram da seguinte forma:

QUADRO 13 – ABORDAGEM JORNALÍSTICA DOS VIVOS COPA PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.

CLASSIFICAÇÃO	NÚMEROS ABSOLUTOS
Informação Esportiva	37
Comportamento Esportivo	19
Total	56

FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

GRÁFICO 16 – PORCENTAGEM DA ABORDAGEM JORNALÍSTICA DOS VIVOS COPA PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.



FONTE: Dados pesquisa, 2019.

Com informações esportivas sendo apuradas muito próximas à entrada das edições do *Jornal Nacional*, bem como com fatos do próprio mundial acontecendo durante as edições do telejornal, os vivos com informações esportivas representam 66,05% da categoria. Exemplos desse tipo de conteúdo são: quando os próprios narradores e comentaristas da Rede Globo entravam ao vivo no começo das edições do JN para passar informações sobre partidas que tinham acabado de acontecer (ANEXOS 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13); quando após a derrota por 7x1 o repórter Mauro Naves

entrevista ao vivo o capitão da seleção, Thiago Silva, na zona mista do Mineirão (ANEXO 26); e às vésperas de partidas do Brasil quando repórteres traziam informações da agenda e treinos da seleção (ANEXOS 17, 22, 25, 28).

Trazendo a emoção de torcidas durante todo mundial, entradas ao vivo também eram comuns dentro do *Jornal Nacional*, representado a categoria dos COMPORTAMENTOS ESPORTIVOS. Elas aconteciam principalmente após as partidas do Brasil, quando repórteres de todo o país traziam as comemorações nas FIFAS FAN FESTS das cidades sedes do mundial (ANEXO 4, 13, 18, 23). Outro exemplo desses vivos com comportamentos esportivos foi quando o repórter Ernesto Paglia passou as informações sobre a aceitação do futebol e da Copa do Mundo entre os jovens americanos de dentro de uma festa da federação dos Estados Unidos em Nova York (ANEXO 12).

Os números apresentados nesse item dizem respeito aos vivos produzidos pelo Jornal Nacional durante o período de cobertura da Copa do Mundo. Esse foi o segmento de menor representatividade dentro daqueles que abordam a natureza dos conteúdos, por consequência, foi aquele que menos tempo ficou no ar durante a cobertura.

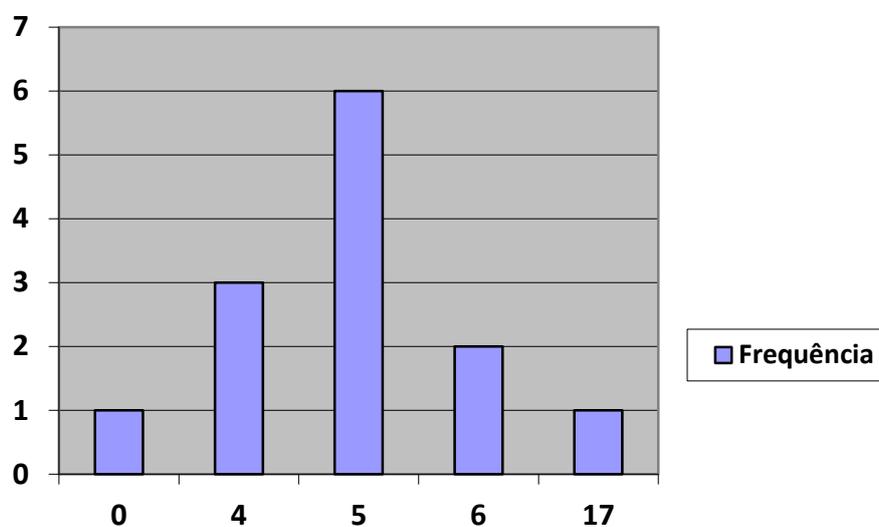
#### **5.3.3.2 *Dados de Vivos Olimpíadas***

Representando 16,40% do tempo de conteúdo veiculado no JN durante os Jogos Olímpicos Rio 2016, ao todo foram 71 entradas ao vivo no período. A média de vivos por edição nessa amostra foi de aproximadamente<sup>78</sup> cinco, sendo que eles se dividiram da seguinte maneira de acordo com a frequência por edição.

---

<sup>78</sup>Número exato de VIVOS por edição pela média seria de 5,5.

GRÁFICO 17 – FREQUÊNCIA DO NÚMERO TOTAL DE VIVO POR EDIÇÃO OLIMPIADAS.



FONTE: Dados pesquisa, 2019.

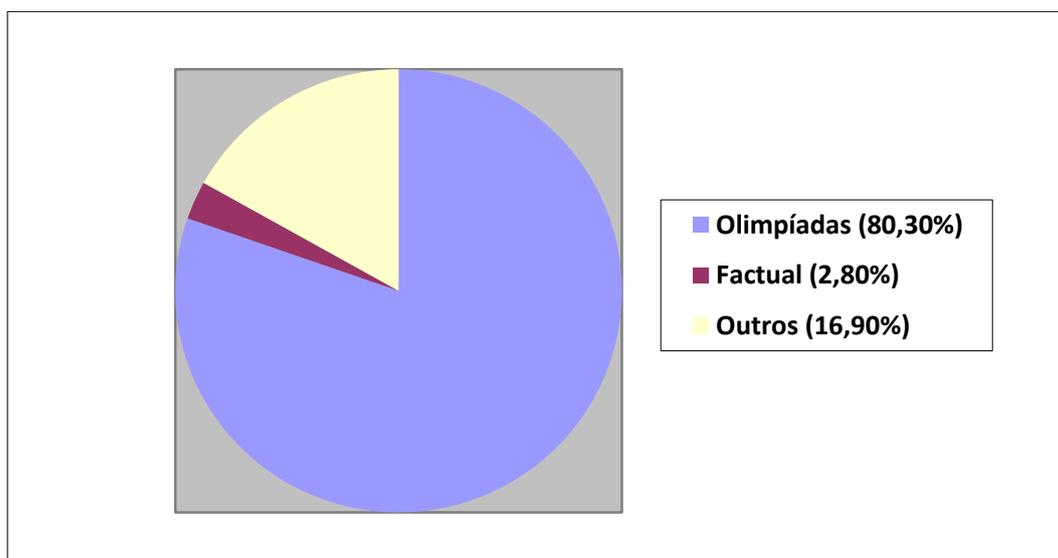
As entradas ao vivo que aconteceram ao longo da Rio 2016 também foram subdivididas de acordo com a temática principal, sendo que elas podiam tratar prioritariamente sobre um assunto ligado a OLIMPÍADAS, FACTUAL ou OUTROS. Os dados estão apresentados em números absolutos e porcentagem.

QUADRO 14 – TEMÁTICA DOS VIVOS PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS OLIMPÍADAS.

CLASSIFICAÇÃO	NÚMEROS ABSOLUTOS
Olimpíadas	57
Factual	2
Outros	12
Total	71

FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

GRÁFICO 18 – PORCENTAGEM DA TEMÁTICA DOS VIVOS PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS OLIMPIADAS.



FONTE: Dados pesquisa, 2019.

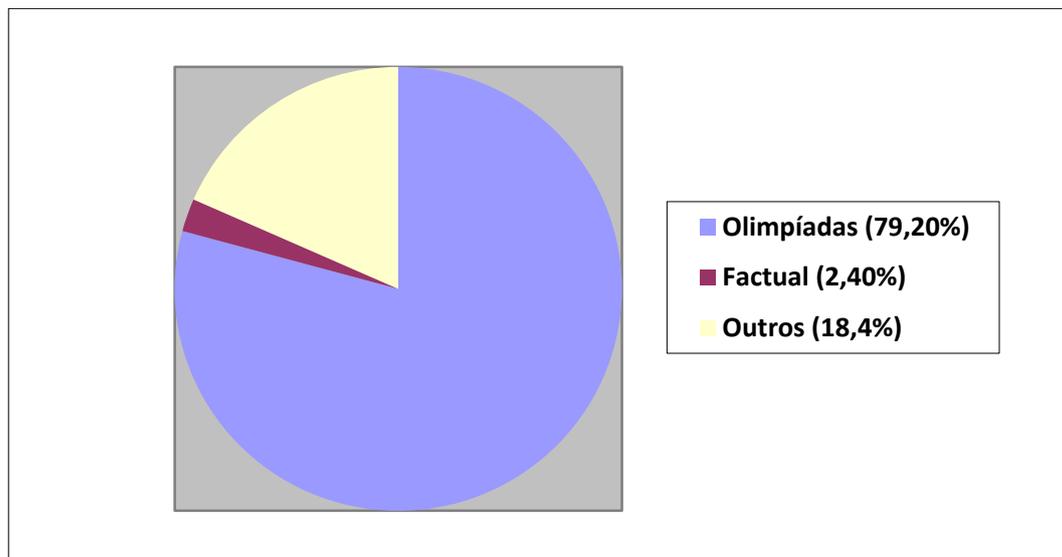
Buscando a real dimensão que cada uma dessas temáticas apresentou dentro dos VIVOS produzidos pelo *Jornal Nacional*, os próximos gráficos mostram qual foi o tempo que cada um desses assuntos ficou no ar nessa subdivisão.

QUADRO 15 – TEMÁTICA DOS VIVOS PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR OLIMPIADAS.

CLASSIFICAÇÃO	NÚMEROS ABSOLUTOS
Olimpíadas	1 hora 17 minutos e 27 segundos.
Factual	2 minutos e 20 segundos.
Outros	17 minutos e 59 segundos.
Total	1 hora 37 minutos e 46 segundos.

FONTE: Dados da Pesquisa, 2019

GRÁFICO 19 – PORCENTAGEM DA TEMÁTICA DOS VIVOS PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR OLIMPIADAS.



FONTE: Dados pesquisa, 2019.

Assim como na Copa do Mundo, durante os Jogos Olímpicos o megaevento mostrou-se como a fonte de conteúdo que mais levou entradas ao vivo para o Jornal Nacional. Consumindo quase 80% do tempo de conteúdo da 1 hora 37 minutos e 46 segundos que todos os vivos tiveram de duração, a categoria OLIMPIADAS teve destaque na amostra. Como a disputa de competições em modalidades com ampla visibilidade aconteciam próximas ou durante as edições do JN, era comum repórteres entrarem ao vivo com destaques do dia, como quando o repórter Pedro Bassan trouxe as atualizações sobre o time feminino de vôlei no dia 10 de agosto, quando a equipe enfrentaria o Japão dentro de 1 hora (ANEXO 34), ou quando o jornalista Guilherme Roseguine apontou os destaques para a prova dos 200 metros quatro estilos, que aconteceria no dia 11 de agosto, às 22 horas, com a presença de Thiago Silva e Michael Phelps (ANEXO 35).

Contando somente com 2 entradas ao vivo para se tratar de assuntos factuais, os conteúdos que ocuparam esse espaço estavam relacionados a crise política que acontecia no país. Eles aconteceram quando a repórter Zileide Silva trouxe as informações do Senado sobre a sessão de pronúncia, que ainda continuava a acontecer na casa Parlamentar até o momento, aceitando as acusações de crime de responsabilidade fiscal contra a presidenta Dilma Rousseff (ANEXO 33); e quando o

jornalista Vladimir Neto trouxe informações de Brasília onde o ministro do STF, Teori Zavascki, decidiu abrir inquérito contra o ex-presidente, Luiz Inácio Lula de Silva, e a presidenta afastada, Dilma Rousseff, por obstrução de justiça no caso da nomeação de Lula para um ministério em março.

Diferente da Copa do Mundo, quando as entradas da previsão do tempo aconteciam através de videoteipes gravados de São Paulo, nas Olimpíadas essas informações eram transmitidas ao vivo, diretamente de um link estabelecido com a jornalista Maria Julia Coutinho. Esses conteúdos representam os vivos da categoria OUTROS, sendo que eles não foram considerados FACTUAIS, por não entrarem com periodicidade no telejornal.

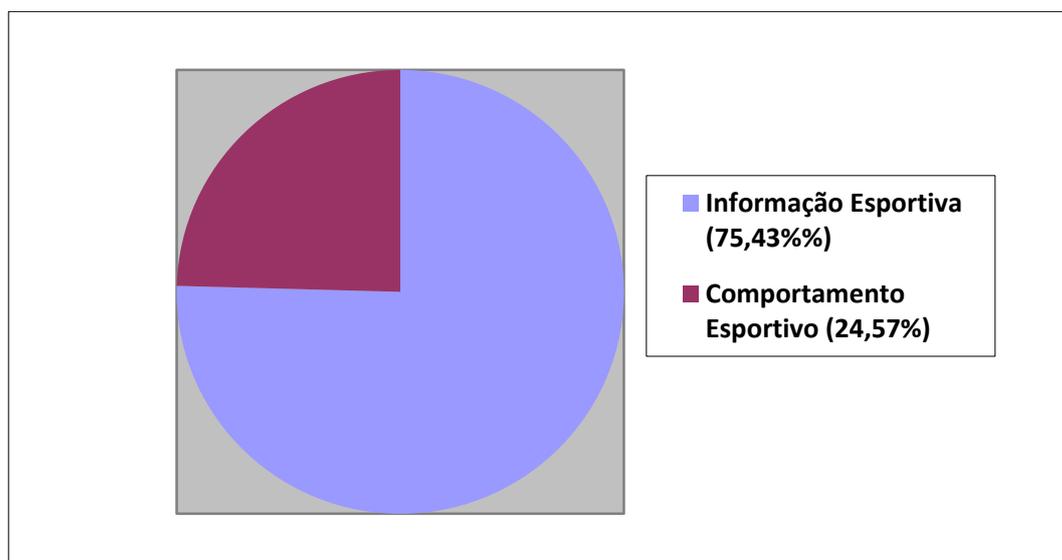
Na análise dos VIVOS ligados somente as Olimpíadas, uma terceira subdivisão levantou os dados a respeito da abordagem jornalística presente em cada um deles. Podendo ser considerados com um COMPORTAMENTO ESPORTIVO ou uma INFORMAÇÃO ESPORTIVA, os dados em números absolutos e porcentagem são:

**QUADRO 16 – ABORDAGEM JORNALÍSTICA DOS VIVOS OLIMPIADAS  
PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.**

<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>NÚMEROS ABSOLUTOS</b>
Informação Esportiva	43
Comportamento Esportivo	14
Total	57

FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

GRÁFICO 20 – PORCENTAGEM DA ABORDAGEM JORNALÍSTICA DOS VIVOS PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS OLIMPIADAS.



FONTE: Dados pesquisa, 2019.

Novamente com uma predominância dos VIVOS que traziam como foco uma informação esportiva, temos como destaque nesse segmento os materiais que traziam essas informações de competições que estavam acontecendo próximas ou durante o Jornal Nacional. Na edição do dia 20 de agosto, data na qual a seleção masculina ganhou o ouro olímpico, o repórter Eric Faria realizou diversas entradas ao vivo no JN entrevistando os jogadores responsáveis pela conquista, entre eles Neymar (ANEXO43). Ainda na edição do dia 20 de agosto, o narrador Rembrandt Junior mostra ao vivo durante o JN a final do taekwondo masculino, categoria até 80kg, na qual o brasileiro Maicon de Andrade conquistou a medalha de bronze (ANEXO 43).

Tornou-se comum nas edições do *Jornal Nacional* que os apresentadores do estúdio Olímpico, Renata Vasconcelos e Galvão Bueno, entrevistassem ao vivo todos os atletas brasileiros que conquistassem uma medalha Olímpica. Com entrevistas que giravam em torno da emoção, superação e história de vida dos atletas, esses são conteúdos que caracterizam de maneira clara a categoria dos COMPORTAMENTOS ESPORTIVOS entre os vivos. Entre elas damos destaque à conversa com a judoca Rafael Silva (ANEXO 36), após a conquista do ouro olímpico; bem como a entrevista com o atleta Thiago Silva, minutos antes do seu pódio pelo ouro olímpico na prova do salto com vara (ANEXO 39).

### 5.3.4 Dados de Notas/Locoff's

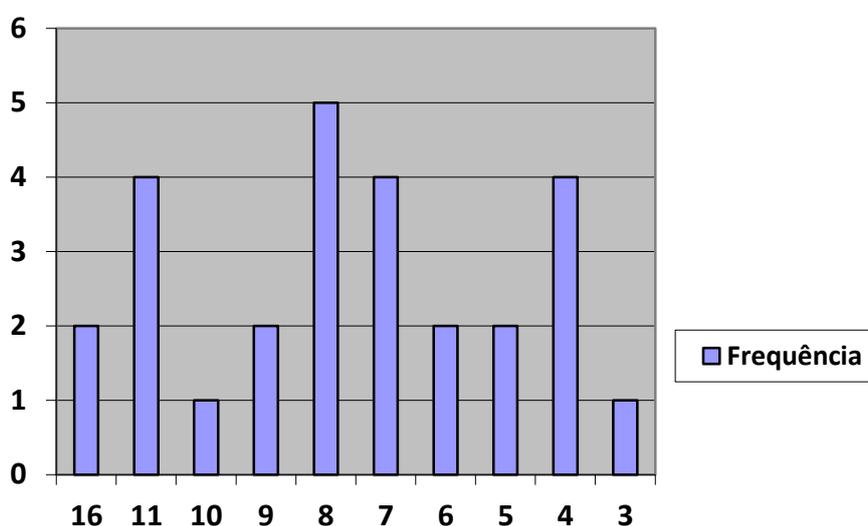
Cumprindo o objetivo de transmitir uma informação de maneira rápida, ou mesmo completar um VT ou VIVO com mais alguma informação ou imagem, em termos numéricos as NOTAS/LOCOFF's apareceram com grande relevância dentro de ambas as competições esportivas.

Abaixo apresentamos os dados desse material jornalístico em ambas às competições, assim como algumas informações que ajudam a compreender de maneira mais ampla os números.

#### 5.3.4.1 Dados de Notas/Locoff's na Copa do Mundo

Com 11,15% do tempo total de conteúdos veiculados no *Jornal Nacional* durante o Mundial, foram produzidas 213 Notas ou *Locoff's*<sup>79</sup> para as edições dentro do período analisado. A média de Notas ou *Locoff's* produzidas por programa nesse período foi de aproximadamente<sup>80</sup> oito, sendo que elas se dividiram da seguinte maneira de acordo com a frequência a cada edição.

GRÁFICO 21 – FREQUÊNCIA DO NÚMERO TOTAL DE NOTAS/LOCOFF'S POR EDIÇÃO COPA.



FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

<sup>79</sup> Nota Coberta.

<sup>80</sup> Número exato de VT's por edição pela média seria de 7,88.

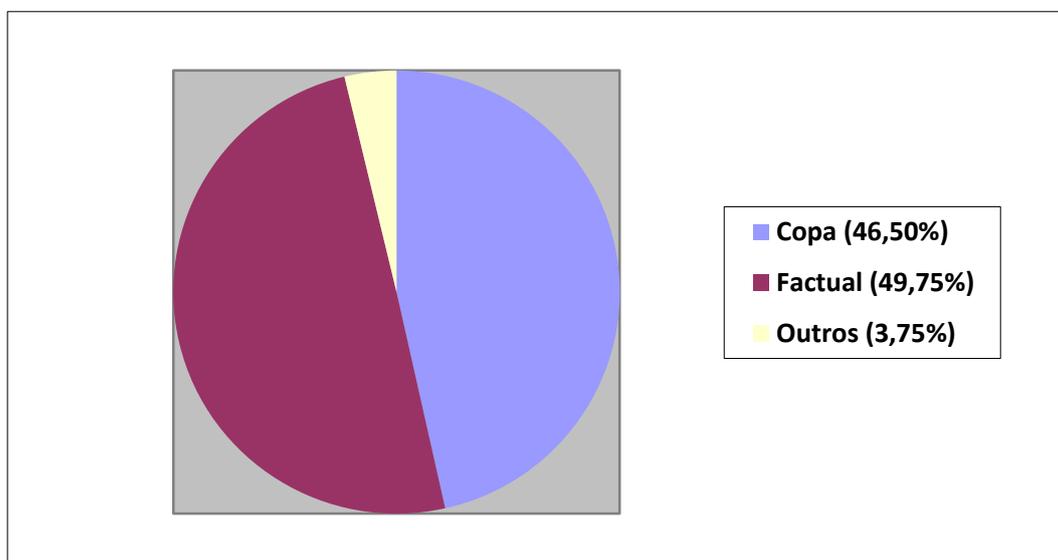
Os dados de NOTAS/LOCOFF'S de acordo com a temática principal apresentaram os seguintes valores em números absolutos:

QUADRO 17 – TEMÁTICA DAS NOTAS/LOCOFF'S PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS COPA.

CLASSIFICAÇÃO	NÚMEROS ABSOLUTOS
Copa	99
Factual	106
Outros	8
Total	213

FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

GRÁFICO 22 – PORCENTAGEM DA TEMÁTICA DOS NOTAS/LOCOFF'S PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS COPA.



FONTE: Dados pesquisa, 2019.

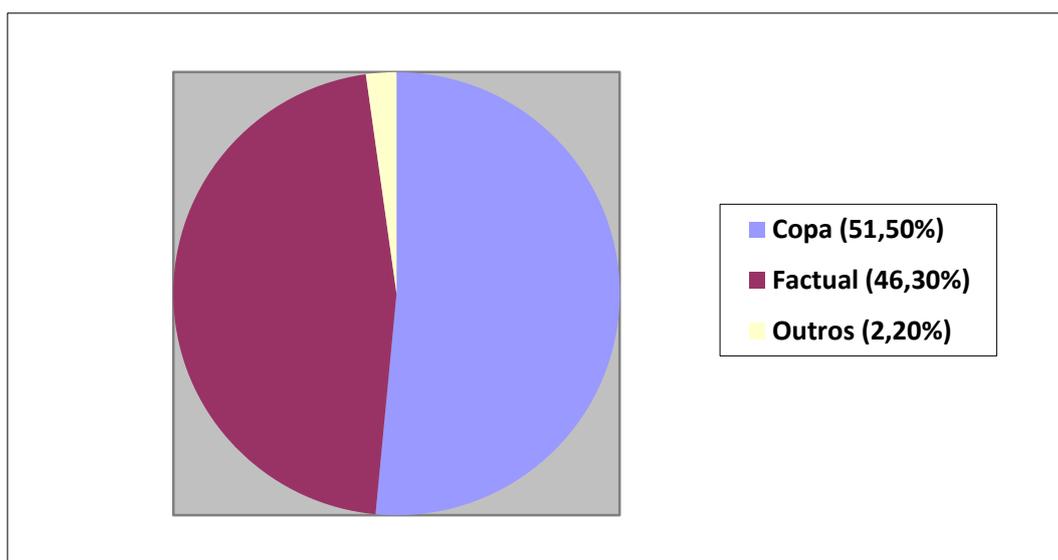
Essas mesmas NOTAS/LOCOFF's quando analisadas pelo tempo de duração enquanto conteúdo do *Jornal Nacional* apresentaram os seguintes valores:

QUADRO 18 – TEMÁTICA DAS NOTAS/LOCOFF’S PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR COPA.

CLASSIFICAÇÃO	NÚMEROS ABSOLUTOS
Copa	49 minutos e 15 segundos.
Factual	44 minutos e 27 segundos.
Outros	2 minutos e 8 segundos.
Total	1 hora e 35 minutos e 50 segundos.

FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

GRÁFICO 23 – PORCENTAGEM DA TEMÁTICA DAS NOTAS/LOCOFF’S PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR NA COPA.



FONTE: Dados pesquisa, 2019.

Representando 46,50% dos materiais produzidos no formato de notas ou locoff's, o Mundial também dominou esta categoria quando analisamos o tempo destes conteúdos no ar (49 minutos e 15 segundos). Durante as edições do telejornal era comum se acrescentar informações sobre partidas que tinham acabado de acontecer, como imagens dos gols e atletas que marcaram nas partidas (ANEXOS 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13). Além disso, outros materiais que também demonstram bem o estilo

desses tipos de conteúdo são: quando a edição do *Jornal Nacional* do dia 02 de julho de 2014 foi aberta com imagens e informações da chegada do avião que levava os jogadores da seleção brasileira para Fortaleza, onde disputam a partida pelas quartas de final da Copa do Mundo contra a Colômbia (ANEXO 21); e quando foi lida uma nota publicada pelo Papa Francisco em uma rede social, elogiando a Copa no Brasil e a união que o esporte traz para a humanidade (ANEXO 30).

Sendo a temática que mais teve produtos produzidos na categoria (106 notas/locoff's), os FACTUAIS ocuparam a segunda posição quando consideramos o tempo de permanência no ar durante as edições (44 minutos e 27 segundos). Como grande parte do tempo total do Jornal estava sendo consumido pelos assuntos ligados a Copa, foi através de notas e locoff's que o noticiário internacional e a editoria de economia ganharam espaço durante o mundial no JN. Exemplos destes conteúdos são: a nota oficial da Anistia Internacional e da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e TV repudiando o uso de violência por parte dos policiais para conter os manifestantes no país no dia 12 de junho de 2014. Em sequência as notas da Polícia Militar de São Paulo e de Minas Gerais sobre a atuação dos policiais no serviço dessa quinta, além do posicionamento da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo explicando o porquê alguns jornalistas ficaram feridos durante os embates entre PMs e manifestantes no dia (ANEXO 4); imagens e informações sobre o desabamento de dois prédios na Índia, que deixou 16 mortos e dezenas de pessoas soterradas (ANEXO 18); informações e imagens sobre o possível pedido de renovação do asilo político de Edward Snowden para continuar por mais tempo na Rússia (ANEXO 20).

Com somente oito conteúdos produzidos na categoria outros, eles estavam relacionados a notas que de alguma forma complementavam informações sobre um conteúdo que não estava conectado a nenhuma das demais categorias (COPA e FACTUAIS). Exemplos destes conteúdos são: a arte com números extras sobre o ENEM 2014 (ANEXO 7); imagens e informações sobre o jogador de basquete Thiago Splitter, que se tornou o primeiro brasileiro campeão da NBA (ANEXO 8); nota de rodapé sobre a pesquisa feita com uma avaliação do governo de Dilma Rousseff (ANEXO 10).

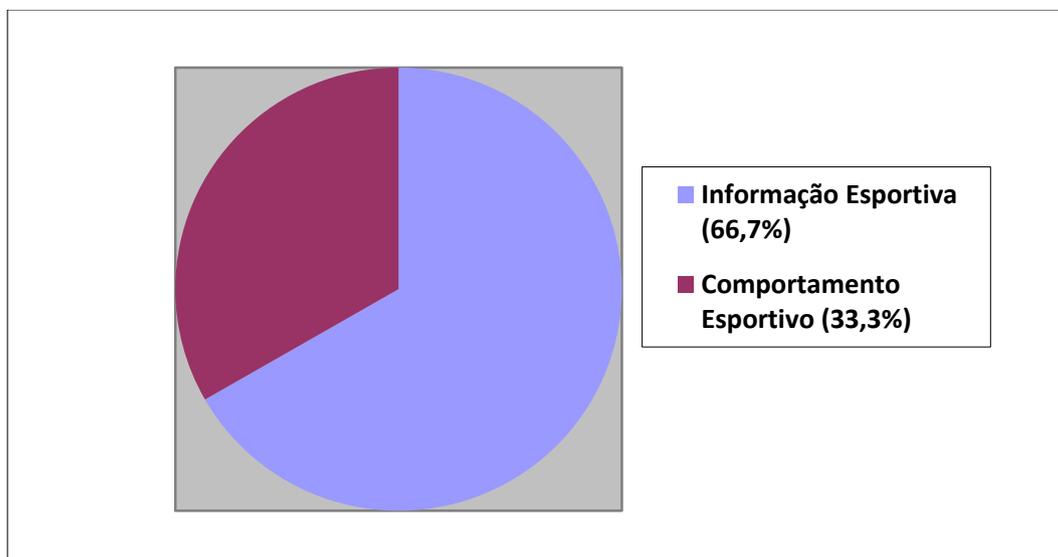
Já quando analisamos abordagem jornalística das NOTAS/LOCOFF'S feitas especificamente sobre a Copa do Mundo, os dados em números absolutos e porcentagem se mostram assim:

QUADRO 19 – ABORDAGEM JORNALÍSTICA DAS NOTAS/LOCOFF'S COPA PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.

<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>NÚMEROS ABSOLUTOS</b>
Informação Esportiva	66
Comportamento Esportivo	33
Total	99

FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

GRÁFICO 24 – PORCENTAGEM DA ABORDAGEM JORNALÍSTICA DAS NOTAS/LOCOFF'S COPA PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.



FONTE: Dados pesquisa, 2019.

Novamente com uma predominância dos conteúdos que traziam como foco uma informação esportiva, temos como destaque nesse segmento os seguintes materiais: as

artes complementadas com informações diárias sobre as partidas que aconteceriam pelo mundial no dia seguinte: (ANEXO 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12); e as informações de Galvão Bueno sobre o corte de Neymar da seleção brasileira após o jogo contra a Colômbia, quando o brasileiro sofreu uma falta e fraturou a terceira vertebra lombar. Também rodam imagens da falta que levou ao corte do jogador brasileiro da seleção (ANEXO 23).

Trazendo conteúdos ligados ao mundial, mas que tinham como foco assuntos mais relacionados a comportamentos, trinta e três notas/locoff's foram produzidos. Talvez a mais emblemática delas e que demonstre de maneira completa a categoria, seja o locoff que encerrou a edição do *Jornal Nacional* do dia 24 de junho de 2014. Nele, Patrícia Poeta e Galvão Bueno trazem imagens e informações sobre a nova chuteira do jogador Neymar. O locoff é preenchido com informações sobre o design da chuteira, significados e nomes que foram dados a cada um dos pés (ANEXO 14).

Os números apresentados nesse item dizem respeito as notas/locoff's produzidos pelo Jornal Nacional durante o período de cobertura da Copa do Mundo. Esse foi o segmento com a segunda maior representatividade dentro daqueles que abordam a natureza dos conteúdos.

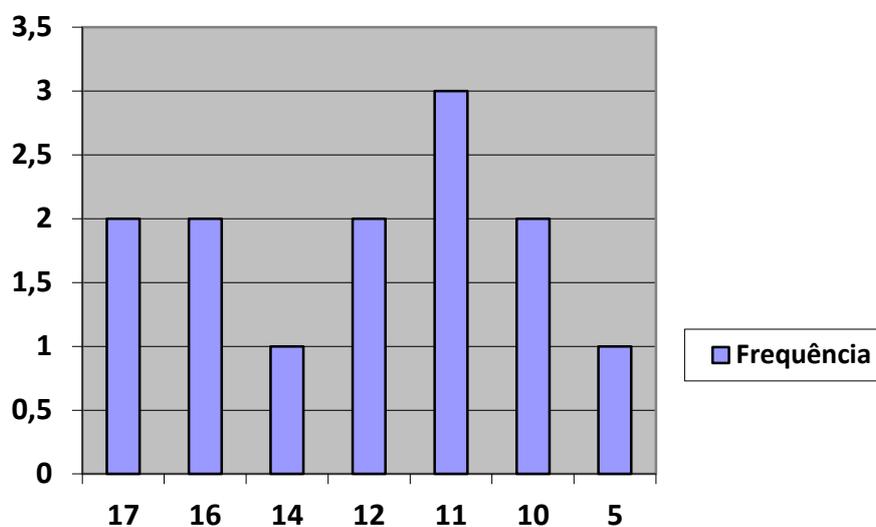
#### **5.3.4.2 Dados de Notas/Locoff's nas Olimpíadas**

Representando 16,48% do tempo total de conteúdos veiculados no Jornal Nacional durante as Olimpíadas, foram produzidos 162 NOTAS/LOCOFF's para as edições da amostra. A média de matérias por edição nesse período foi de oito<sup>81</sup>, sendo que elas se dividiram da seguinte maneira de acordo com a frequência.

---

<sup>81</sup>Número exato de VT's por edição pela média seria de 12,07.

GRÁFICO 25 – FREQUÊNCIA DO NÚMERO TOTAL DE NOTAS/LOCOFF’S POR EDIÇÃO NAS OLIMPIADAS.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

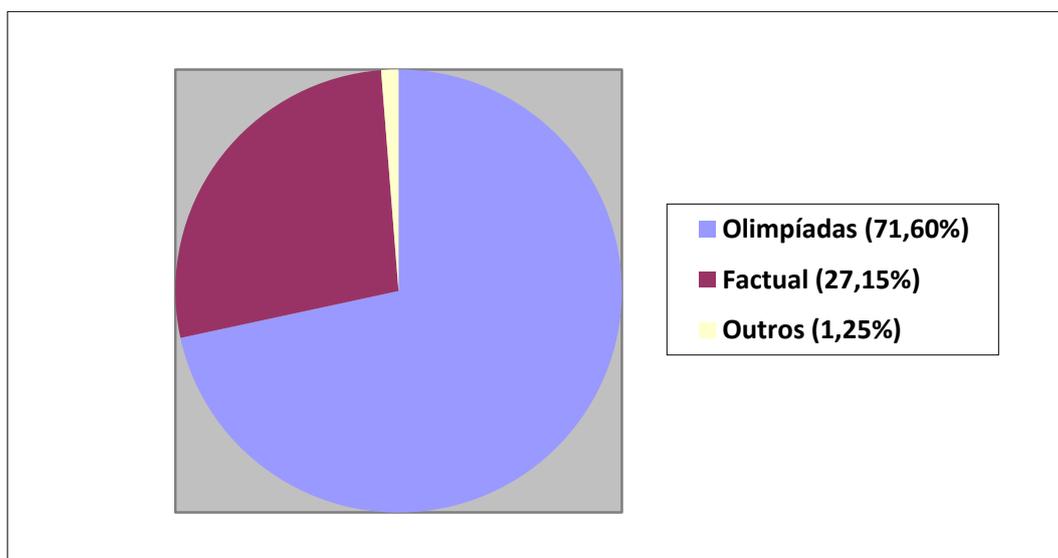
Os dados de NOTAS/LOCOFF’S de acordo com a temática principal durante as Olimpíadas apresentaram os seguintes valores em número absolutos e porcentagem:

QUADRO 20 – TEMÁTICA DAS NOTAS/LOCOFF’S PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS OLIMPIADAS.

<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>NÚMEROS ABSOLUTOS</b>
Olimpíadas	116
Factual	44
Outros	2
Total	162

FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

GRÁFICO 26 – PORCENTAGEM DA TEMÁTICA DOS NOTAS/LOCOFF’S PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS OLIMPIADAS.



FONTE: Dados pesquisa, 2019.

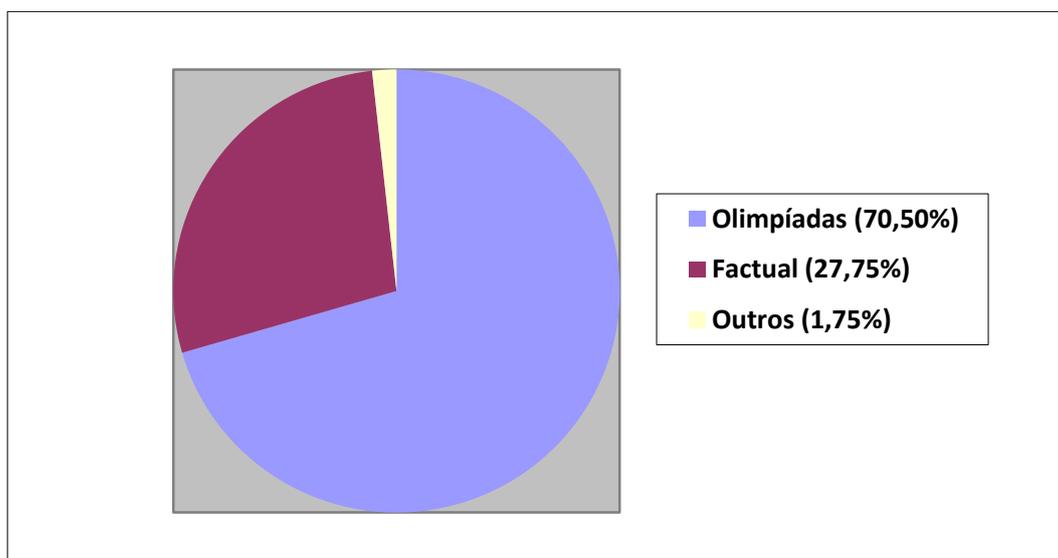
Para avaliar a real dimensão que cada uma dessas temáticas apresentou dentro da categoria, o próximo quadro e gráfico mostram qual foi o tempo que cada um desses assuntos ficou no ar nessa subdivisão:

QUADRO 21 – TEMÁTICA DAS NOTAS/LOCOFF’S PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR OLIMPIADAS.

CLASSIFICAÇÃO	NÚMEROS ABSOLUTOS
Olimpíadas	58 minutos e 12 segundos.
Factual	22 minutos e 53 segundos.
Outros	1 minutos e 26 segundos.
Total	1 hora e 22 minutos e 31 segundos.

FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

GRÁFICO 27 – PORCENTAGEM DA TEMÁTICA DAS NOTAS/LOCOFF’S PRODUZIDOS EM TEMPO NO AR OLIMPIADAS.



FONTE: Dados pesquisa, 2019.

Com um total de 70,5% do tempo total das notas/locoff's no ar, os Jogos Olímpicos foram o assunto que dominou a categoria durante as edições da amostra. Foi através desse tipo de material que informações sobre o desempenho brasileiro em modalidades não tão conhecidas chegavam ao público, bem como a complementação de sobre partidas e atletas entrava no telejornal. Essa era uma forma de diversificar abrangência do telejornal com relação a certas modalidades esportivas, já que aquelas que já eram conhecidas pelo público, entravam em sua maioria em VT's ou VIVOS. Alguns exemplos que apresentam esse tipo de conteúdo são: imagens e informações sobre a vitória da seleção feminina de handebol do Brasil contra Angola no dia 12 de agosto de 2016 (ANEXO 36); imagens e informações do pódio de Michael Phelps pela conquista da prata nos 100 metros borboleta (ANEXO 37); imagens e informações sobre a eliminação da brasileira Fabiana Muller da prova de Salto com Vara feminino (ANEXO 39); e imagens e informações da prova dos 800 metros rasos feminino, no qual a atleta sul africana, CasterSemanya, conquistou o ouro olímpico (ANEXO 43).

Com outras atividades acontecendo no país durante os Jogos Olímpicos, as notas e locoff's também foram usadas para trazer informações factuais para os telespectadores do *Jornal Nacional*. Por estar passando por um momento político conturbado, a maioria dos conteúdos estava relacionada a crise política, como por exemplo: as imagens e

informações sobre a manifestação de Centrais Sindicais contra a reforma da previdência e pela manutenção de direitos trabalhistas em 20 estados brasileiros. (ANEXO 39); e a nota sobre o pedido de explicações da Comissão Interamericana de Direitos Humanos acerca do processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff (ANEXO 41).

Com somente dois conteúdos se enquadrando na categoria OUTROS, sendo eles: uma nota de rodapé informando quem eram os concorrentes da Rede Globo no prêmio Emmy 2016 (ANEXO 33); e quando a apresentadora Renata Vasconcellos conversa com Tadeu Schmit e Poliana Abrita sobre os destaques do Fantástico do próximo Domingo (ANEXO 43).

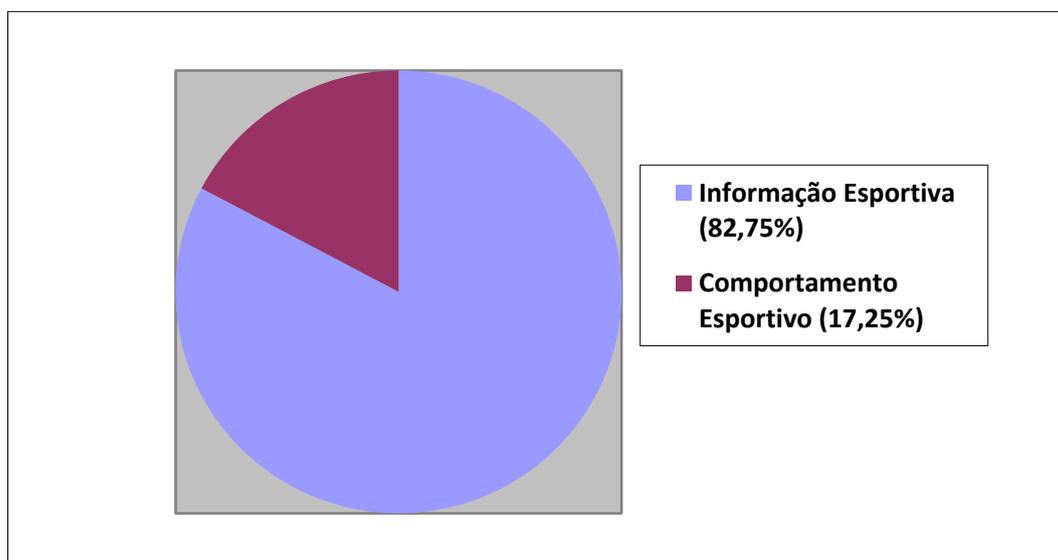
Quando avaliamos as notas e locoffsde acordo com a abordagem jornalística dos feita especificamente sobre as Olimpíadas, os dados em números absolutos e porcentagem se apresentam da seguinte forma:

**QUADRO 22 – ABORDAGEM JORNALÍSTICA DAS NOTAS/LOCOFF’S OLIMPÍADAS PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.**

<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>NÚMEROS ABSOLUTOS</b>
Informação Esportiva	96
Comportamento Esportivo	20
Total	116

FONTE: Dados da Pesquisa, 2019.

GRÁFICO 28 – PORCENTAGEM DA ABORDAGEM JORNALÍSTICA DAS NOTAS/LOCOFF’S OLIMPIADAS PRODUZIDOS EM NÚMEROS ABSOLUTOS.



FONTE: Dados pesquisa, 2018.

Representando a maioria dos assuntos relacionados às Olimpíadas dentro da categoria, a informação esportiva também prevaleceu como motivadora para elaboração destes conteúdos. Em todas as edições do Jornal Nacional, o Quadro de Medalhas dos Jogos era atualizado ao vivo, assim como os apresentadores repassavam a agenda de transmissão para a noite daquele telejornal, bem como para o dia seguinte. Além disso, informações sobre diversas modalidades também eram passadas através de notas e locoff's, por exemplo: quando a eliminação da seleção brasileira masculina de basquete foi repassada em um locoff no dia 15 de agosto de 2016 (ANEXO 38); quando os apresentadores do telejornal atualizaram as informações sobre as piscinas de competição dos saltos ornamentais, que estavam verdes (ANEXO 35); e quando um locoff mostrou imagens e informações sobre o judoca capixaba, Luís Nascif, que defendia o Líbano nas Olimpíadas, e se negou a cumprimentar e aceitar a sua desclassificação durante a competição (ANEXO 33).

Mostrando para o público do JN fatos que aconteciam nas Olimpíadas, mas não estavam relacionadas a informações esportivas, algumas notas trouxeram comportamentos sobre o megaevento para o telejornal. Exemplos destes conteúdos são: quando imagens e informações mostraram a melhora no serviço de venda de alimentos no Parque Olímpico depois de reclamações dos visitantes (ANEXO 33); quando a

edição do último Jornal Nacional Olímpico trouxe imagens das equipes da rede globo trabalhando no megaevento esportivo (ANEXO 43); e quando imagens mostraram a emoção de Artur Zanetti esperando o lançamento da nota de sua apresentação após a competição nas argolas (ANEXO 38).

Sendo o segundo segmento de maior representatividade dentro das edições do Jornal Nacional, os dados acima apresentados demonstram os números das NOTAS/LOCOFF'S durante essa cobertura.

Os dados levantados nesse estudo quantitativo cumprem o papel de análise das mensagens abordadas e as formas de entrega desses conteúdos aos telespectadores do Jornal Nacional durante o período da Copa do Mundo e das Olimpíadas. Somado aos depoimentos da parte qualitativa, o objetivo deste estudo de caso foi o de apresentar dados coletados sobre a abordagem do maior telejornal em audiência do Brasil a respeito da cobertura de dois megaeventos esportivos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando como base as reflexões teóricas e a análise dos apresentados nesta pesquisa (levantamento histórico, entrevistas e dados quantitativos), podemos apresentar algumas ponderações acerca da cobertura dos megaeventos esportivos na mídia brasileira. A partir deste estudo, também é possível se fomentar o debate sobre outros aspectos vinculados ao trabalho do próprio profissional da área jornalística e da mídia enquanto palco de representação social no mundo atual.

Primeiramente, é de grande importância destacar que o trabalho teve como objetivo contribuir para o debate de um tema que está em constante crescimento dentro do cenário acadêmico no país: a relação entre o jornalismo e o esporte. Focando nas estratégias que o maior conglomerado de comunicação do Brasil, Rede Globo, utilizou para a cobertura destes marcos da história esportiva nacional, a pesquisa se insere em um conjunto de estudos que vêm sendo feitos por todo o país para dimensionar o impacto destas celebrações mundiais na realidade brasileira.

As contribuições aqui colocadas constituem incentivos para um debate mais profundo, buscando que, dentro de uma visão mais ampla e geral, os megaeventos possam ser entendidos muito além do ato das competições esportivas em si. Longe de encerrar as discussões, este trabalho objetiva incentivar ainda mais outras pesquisas e conversas sobre o assunto.

Nossa primeira contribuição está relacionada ao próprio entendimento dos megaeventos esportivos como campo rico para o estudo das sociedades. Assim como BOURDIEU (1990), HORNE & MAZENRAITER (2006); ZIRIN (2014); GURGEL (2008) e outros autores apontaram em seus estudos, os dados e depoimentos apresentados pela pesquisa demonstram que, por meio destas celebrações mundiais, é possível se fazer apontamentos significativos sobre a sociedade moderna através da comunicação. São megaeventos cada vez mais interligados ao poder midiático de dar visibilidade aos esportes num ambiente de uma cultura planetária e cosmopolita.

Quando tomamos como base a área do jornalismo (campo estudado na pesquisa), com suas premissas sociais, é possível se analisar pontos e aspectos do país no qual este megaevento esportivo se insere através dos produtos veiculados na mídia daquela nação.

Um exemplo prático disto, é que, através desses conteúdos, foi possível observar claramente a relevância que o esporte apresenta enquanto valor de aglutinação social no Brasil, ideia amplamente defendida por autores como HELAL (1997), DAMATTA (...) e GUERRA (2012). Com matérias, vivos e notas que enalteciam a seleção brasileira enquanto a mesma conquistava vitórias na Copa do Mundo, bem como os atletas brasileiros que eram elevados ao patamar de heróis da nação durante as Olimpíadas, o país era apresentado como fonte de orgulho para os telespectadores durante os megaeventos esportivos. Isso, sem dúvida, tem a ver com uma série de tradições que reforçam a importância do esporte na constituição da identidade brasileira. A simpatia e a boa acolhida da população eram destaque frente aos outros países que sediaram as competições anteriormente, transformando a Copa de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, na "Copa das Copas" e na "Olimpíada das Olimpíadas". A própria eliminação da seleção brasileira por 7x1 contra a Alemanha, nas semifinais do Mundial, ajudam a entender essa relevância, já que, com o ego altamente ferido, a nação pareceu perder em grande parte as características que eram enaltecidas no discurso criado sobre os megaeventos até então, retomando a posição do "complexo de vira-lata".<sup>82</sup>

Outro exemplo é a confirmação de um processo de espetacularização na mídia brasileira. Os apontamentos feitos pelos profissionais que atuaram na cobertura da Copa e das Olimpíadas, demonstrando uma intenção de personalizar o atleta como um "herói nacional", que vence as mais difíceis adversidades para chegar ao seu ápice nessas competições, reafirma teorias como a do autor francês Edgar Morin<sup>83</sup> (1997). Narrativas elaboradas no *Jornal Nacional* para esportistas como Thiago Braz e Isaquias Queiroz, demonstram a intencionalidade de se criar essa "áurea" do herói entorno de uma pessoa comum, que passou por diversas dificuldades, mas que através do esforço alcançou o patamar medalhista olímpico. Esse artifício fomenta o processo de "vedetismo" em torno das narrativas jornalísticas, bem como faz parte do espetáculo descrito por Guy Debord (1967) na obra "A Sociedade do Espetáculo".

Quando focamos mais precisamente no objeto de estudo e amostra desta dissertação, conseguimos, por meio dos dados levantados, responder a alguns

---

<sup>82</sup> Termo elaborado pelo jornalista Nelson Rodrigues para simbolizar o ato da sociedade brasileira de se colocar em um patamar de inferioridade perante outras nações e povos.

<sup>83</sup> O autor francês defende a ideia de "Novos Olímpianos", que seria personagens com *humantouch* transformados em vedetes da sociedade moderna, transitando entre uma natureza humana e, ao mesmo tempo, sobre-humana contribuindo para a dramatização midiática em uma sociedade marcada pelo espetáculo.

questionamentos que serviram como ponto de partida para a compreensão da cobertura midiática em megaeventos esportivos.

Com uma grande infraestrutura e logística destinadas à preparação e à execução dos trabalhos realizados pelas equipes de jornalistas da Rede Globo na cobertura de ambos os megaeventos esportivos, é possível concluir que o capital financeiro e a hegemonia deste conglomerado de comunicação frente às demais empresas do ramo no país, foram um diferencial essencial na construção de todos os materiais apresentados no *Jornal Nacional* durante o Mundial e os Jogos Olímpicos. Isso ficou evidente, por meio dos dados, nas diferentes fases do processo de produção da notícia para o telejornal, desde a forma como a equipe era distribuída, as rotinas de apuração até o processo de edição e veiculação do material, que apontava para uma grande profissionalização na elaboração do produto jornalístico.

Ter a sua disposição acesso a bastidores, rede de infraestrutura bem montada e uma logística inteiramente pensada para a execução mais fácil das tarefas diárias, colocou os jornalistas da emissora em posições muito confortáveis para a realização de seus trabalhos. A preocupação exclusiva com a produção de conteúdos, sendo que em alguns casos mais de um jornalista estava alocado para dividir as mesmas funções, permitiu a todos os envolvidos uma capacidade criativa essencial para o bom resultado dos materiais apresentados.

Quando profissionais da área comentam em seus depoimentos que este foi um destaque do seu trabalho frente aos demais colegas de profissão, torna-se imperativo comentar que a rotina de trabalho em redações pelo país impõe aos jornalistas uma cobrança que vai muito além da exclusiva execução das tarefas jornalísticas. Ter que se preocupar somente com aspectos ligados à apuração e construção de conteúdos é algo elevado à categoria de "privilegio", o que demonstra um processo de precarização das condições trabalhistas no meio.

Ainda falando sobre a estrutura disponível para os trabalhos realizados na cobertura destes megaeventos, é importante destacar a influência que as afiliadas da Rede Globo forneceram para o material final apresentado, principalmente na Copa do Mundo. Com 117 afiliadas espalhadas por todo o país, os repórteres e profissionais que prepararam os telejornais tiveram a sua disposição informações e profissionais em praticamente todas as cidades de relevância do Brasil. A disputa interna da emissora, na

qual essas sedes competem para ganhar um espaço no telejornal de maior audiência do país, *Jornal Nacional*, através da “venda” de conteúdos nas reuniões de guerra, elevou a qualidade das produções e colaborou para a construção de sentimento de cobertura ampliada que chegou a todos os cantos do Brasil.

Por fim, a logística também se mostrou como um ponto fundamental para a boa execução das atividades jornalísticas destes profissionais. Com um setor inteiramente destinado a pensar previamente a assuntos ligados à gestão e organização destes trabalhos<sup>84</sup>, ter claro como funcionária o dia-a-dia durante os megaeventos proporcionou uma facilidade aos jornalistas envolvidos, principalmente quando destacamos o sistema de repórteres itinerantes na Copa do Mundo e a divisão de redações e modalidades nos Jogos Olímpicos.

Exemplos disso na Copa do Mundo podem ser vistos nos depoimentos dos jornalistas Guilherme Roseguine e Armando Freitas. No primeiro caso, uma rede própria de internet foi criada no Centro de Treinamentos do Uruguai para atender às demandas daquela cobertura meses antes dos trabalhos começarem. Já no segundo, os testes com relação às reuniões de guerra e atividades distribuídas ao longo do dia se mostraram fundamentais para o tramite correto de informações e venda de matérias para os telejornais da emissora.

Já nos Jogos Olímpicos, a divisão de repórteres por modalidades permitiu um acesso fundamental aos personagens de matérias, bem como uma rotina de trabalho fluída para os profissionais. As duas redações (Jardim Botânico e IBC), também proporcionaram uma produção de materiais mais ágil e eficaz durante a competição.

Quando analisamos os depoimentos apresentados pelos jornalistas envolvidos na cobertura dos megaeventos, é interessante destacar que ainda existe uma predominância forte de teorias jornalísticas que dizem respeito sobre o próprio fazer da profissão. Pegando como base o pensamento de TUCHMAN (1980), com a teoria Etnoconstrucionista, aspectos ligados à “tirania do fator tempo”<sup>85</sup> se mostram mais fortes ainda na cobertura de megaeventos esportivos. A partir do “show do minuto”

---

<sup>84</sup> A jornalista Joana Thimoteo foi a responsável por coordenar o planejamento de cobertura para ambos os megaeventos esportivos, sendo que em depoimento para o site memória globo, a produtora destaca que em 2012 começou a elaboração dos trabalhos para a Copa do Mundo e em 2014 para as Olimpíadas. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/profissionais/joana-thimoteo/joana-thimoteo-trajetoria.htm>

<sup>85</sup> Para a teoria etnoconstrucionista, os jornalistas vivem sob a tirania do fator tempo. O seu desafio cotidiano é ter elaborado um produto final (notícia, jornal, telejornal etc). O trabalho jornalístico é uma atividade prática e cotidiana orientada para cumprir as horas de fecho.

descrito pelos profissionais envolvidos na cobertura do *Jornal Nacional*, é possível se reafirmar todos os aspectos ligados a construção de uma rede noticiosa e suas estratégias para cobrir à imposição do fator tempo, como: a ordem no espaço (territorialidade geográfica, especialização organizacional e especialização em termos e temas) e a ordem no tempo. São fatores que foram importantes para demonstrar que o processo de produção da notícia é bastante complexo e envolve uma série de variáveis, como recursos disponíveis, logística e estrutura, fator tempo, rede noticiosa, critérios de noticiabilidade, linha editorial e a própria dimensão espetacular da notícia, entre outros fatores.

A linguagem utilizada na produção de todo o conteúdo noticioso do *Jornal Nacional* durante a cobertura da Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 também se mostrou como uma rica fonte de análise para o trabalho. Desde a sua criação, em 1969, o *Jornal Nacional* despontou com um dos mais tradicionais e, também, acompanhados programas da televisão aberta brasileira. Para uma grande parte da população do país, mais do que uma fonte de informação, o JN é parte do seu cotidiano. São pessoas e famílias que diariamente se reúnem para saber quais foram os fatos marcantes do país e no mundo; as notícias do esporte; e fatos curiosos e diferentes do Brasil.

Este perfil de público impõe um árduo trabalho para os profissionais envolvidos na execução de materiais para o *Jornal Nacional*: conversar com um público extremamente heterogêneo e amplo. Em seus depoimentos, os jornalistas citaram uma pré-seleção para os jornalistas que podem produzir conteúdos para o JN. Conhecidos como os repórteres de rede, eles são capazes de alcançar um “padrão de qualidade” que atende as demandas do editor chefe do Jornal. William Bonner.

Entre as características necessárias para chegar nessa categoria eles citam a capacidade de diálogo e construção de texto que misture a qualidade de informação com uma linguagem inclusiva. Para a cobertura destes megaeventos esportivos, todos esses cuidados foram exponenciados com o objetivo de que o público não fosse afastado da televisão pela falta de compreensão, ou mesmo, interesse. Em se tratando de um fato que abrangia mais do que somente a editoria esportiva, o Mundial e os Jogos Olímpicos movimentaram o país com os turistas, investimentos e outros fatores que foram alvo de cobertura por parte do *Jornal Nacional*. O segredo para que nesse período tudo fosse

absorvido da melhor maneira pelo público, foi o cuidado primordial com a linguagem empregada nas matérias, notas ou vivos. Os conteúdos foram feitos com base em um texto leve, que incorporasse como fator principal e fundamental a informação. Tal cuidado conferia credibilidade e relevância para as matérias - ao inusitado e divertido – o que, por sua vez, trazia um tom leve de comportamento para os fatos. Todo conteúdo que é feito para o *Jornal Nacional* deve dialogar com um público extremamente heterogêneo, com diferenças financeiras, de escolaridade de contextos sociais e até demandas distintas enquanto telespectadores do jornal.

Todo o investimento em estrutura, rotina de trabalho e enfoque de matérias/linguagem culminou na produção das 40 edições do *Jornal Nacional* analisadas nesta dissertação. Esses telejornais elaborados durante os megaeventos esportivos tiveram como objetivo levar para o telespectador os principais fatos do Mundial e das Olimpíadas, junto com outras matérias que pela sua relevância ganharam destaque nas edições do *Jornal Nacional*.

Ao se impor como um forte foco de cobertura, a Copa do Mundo foi o fato mais noticiado durante o período de 12 de junho e 13 de julho de 2014, com o domínio de mais de 50% de tempo no ar de todos os conteúdos produzidos para o *Jornal Nacional*. Pela proximidade e pela própria proeminência natural em si, o destaque ainda fica para as abordagens jornalísticas pensadas para cada material, sendo que em todos os segmentos que tratavam sobre a Copa do Mundo (VT's, Vivos ou Notas) a informação esportiva prevaleceu como ponto de partida de mais de 60% dos casos em todas as áreas.

Seguindo a mesma linha de cobertura, os Jogos Olímpicos também foram o assunto mais noticiado pelo telejornal no período de 5 a 21 de agosto de 2016, com predominância de mais de 70% de tempo no ar de todos os materiais produzidos para o JN. Quando analisamos a abordagem dos conteúdos que trataram sobre a este megaevento, em todos eles (VT's, Vivos e Notas) a informação jornalística prevaleceu como foco de mais de 65% dos casos, chegando a atingir a 82% na categoria das Notas/Locoff's.

Esses dados mostram que a editoria esportiva em grandes telejornais, assim como os seus conteúdos, não depende do entretenimento ou da banalização do texto para a compreensão por parte do público. A informação esportiva ainda é o fator que

mais motiva a produção de material jornalístico nesses casos, sendo que a escolha de palavras e a contextualização com o universo são fatos que podem trazer leveza para matérias, sem fazer com que elas percam relevância de informação para o público.

Mesmo que se tratando da análise de uma cobertura específica do *Jornal Nacional* (Copa do Mundo e Olimpíadas), durante visitas a redação e conversas com profissionais que trabalham no telejornal diariamente, foi possível entender que essa é uma realidade empregada na rotina de trabalho de todos que ajudam a construir as edições diárias desse programa. A habilidade de criar conteúdos jornalísticos onde a informação é o fator motivador daquela cobertura, mas o público deve ser aproximado daquela realidade através de uma linguagem ou contextualização mais elaborada, é um processo usado em outras coberturas especiais, como eleições norte-americanas, eleições nacionais, campeonatos de Fórmula 1 e outros casos.

Em termos de narrativas criadas ao longo das edições é de grande relevância contextualizar de que forma cada conteúdo foi empregado nas duas coberturas. Na Copa do Mundo a média de cada um dos segmentos divididos por sua natureza em telejornais no período (17 VT's; 2 Vivos; e 7 Notas) mostra também uma superioridade massiva dos videoteipes como forma de conteúdo presente durante o mundial. Grande parte disso se cabe ao fato de que essa é a melhor forma para se contar uma história com começo, meio e fim de forma jornalística, além de permitir uma melhor adaptação dos fatos, unindo notícia e comportamento, em somente um conteúdo. O baixo número de vivos por edição mostra que eles só se impunham enquanto forma de transmissão de mensagem no telejornal pelos fatores do extremo imediatismo, quando um fato estava acontecendo necessariamente enquanto o jornal estava no ar, ou quando existia uma falta de imagem ou tempo para que determinado fato fosse repassado ao telespectador através de uma matéria.

Nas Olimpíadas, o panorama mostrou-se um pouco diferente quando analisamos alguns destes aspectos. A média de cada um dos segmentos divididos por sua natureza em telejornais no período (12 VT's; 5 Vivos; e 8 Notas) mostra também uma grande predominância dos videoteipes como principais conteúdos elaborados, seguindo a mesma ordem casual explicada acima para a Copa, mas a cobertura utilizou de mais vivos e notas. Isso aconteceu porque existiam muitas competições acontecendo no momento dos telejornais ou logo em seguida. Então, o *Jornal Nacional* tornou-se um

palco de chamada para a programação de transmissão da própria emissora, com repórteres entrando ao vivo para falar das competições que iriam seguir ao longo da noite, como no caso da natação, vôlei, atletismo e futebol. Isso demonstra uma ligação direta entre o jornalismo e os interesses comerciais da Rede Globo, uma vez que a informação se torna gancho para manutenção de audiência na grade de programação.

Em relação ao universo em que estava inserida a cobertura, vale apontar que o principal foco de todas as edições da amostra aponta para um domínio grande das matérias que tratavam sobre os megaeventos, seguidas das factuais e, por último, aquelas que não tinham nenhuma relação com esses dois pontos citados. O peso disso está na reafirmação destas competições como fonte rica de estudos para o campo do jornalismo, comunicação e sociedade. Os olhos de jornalistas do mundo inteiro estão voltados para os atletas, competições e países sedes destes eventos, com a construção de diferentes narrativas sobre o mesmo fato.

Por meio da observação destas competições, assim como a feita neste trabalho, é possível se identificar as muitas histórias que rodeiam o campo dos megaeventos esportivos no mundo atual. Com impactos sociais, econômicos e políticos para todos os envolvidos, é de grande relevância dissecar os mais diversos aspectos destas celebrações mundiais para uma compreensão ampla de seus impactos.

Esta pesquisa se coloca como mais uma contribuição para a área, reunindo um material rico de registro histórico (através das entrevistas e dados) capaz de fomentar outros trabalhos envolvendo os mais diversos pontos da cobertura jornalística. Desta forma, esta dissertação não pode ser vista como um ponto final nos estudos da cobertura de megaeventos esportivos, mas sim como um ponto de partida para o aprofundamento dos estudos neste campo que é rico para toda a comunidade acadêmica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÉRICO, Marcos. O Jornalismo Esportivo Transmídia no Ecosistema dos Esportes Eletrônicos (E-Sports). In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**. v. 11, n. 2. São Paulo: UNESP, 2014.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. 1ºEd. Rio de Janeiro: Joger Zahar Editor, 2001

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. 1ºEd. Rio de Janeiro: Joger Zahar Editor, 1998.

BARROS, Clóvis de Barros. “**A sociologia de Pierre Bourdieu e o campo da comunicação**”: Uma proposta de investigação teórica sobre a obra de Pierre Bourdieu e suas ligações conceituais e metodológicas com o campo da comunicação. Tese de doutorado, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2003.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social de realidade**. 20ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

BONNER, William. **Jornal Nacional: modo de fazer**. 1. ed. São Paulo: Globo, 2009. 244p.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da Arte**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **Usos Sociais da ciência**. Unesp, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Programme for asociology of sports**. in P. Bourdieu In Other Words Cambridge. Polity pp. 156-167

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

DAMATA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DEL PRIORE, M. e MELO, V. A. de (orgs.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Ed UNESP, 2009.

ENNE, Ana Lúcia S. À perplexidade, a complexidade: a relação entre consumo e identidade nas sociedades contemporâneas. In: **Comunicação, Mídia e Consumo**. Vol.03nº7. São Paulo: ESPM, 2006. p11-29.

- ESTEVEES, João Pissarra. **Os media e a questão da identidade:** Sobre as leituras pós-modernas do fim do sujeito. Universidade Nova Lisboa: Março 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organização e Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FRANZINI, Fabio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: DEL PRIORE, M. e MELO, V. A. de (orgs.). **História do esporte no Brasil:** do Império aos dias atuais. São Paulo: Ed UNESP, 2009.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala.** São Paulo: Editora Record, 2001, 42<sup>a</sup> ed.
- GOMES, Itania Maria Mota. **Modo de Endereçamento no Telejornalismo do Horário Nobre Brasileiro:** o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão. In: V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, Grupo Comunicação Audiovisual, Rio de Janeiro, 2005. 15f.
- GUERRA, Márcio. **Rádio x TV: O jogo da narração.** A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. 1 ed. Juiz de Fora: Editora Juizforana, 2012.
- GUERRA, Márcio. **Você, ouvinte, é a nossa meta:** A importância do rádio no imaginário do torcedor do futebol. 1. ed. Rio de Janeiro: Etc Editora, 2002.
- GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil:** uma história da maior expressão do popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2006.
- HALL, C. M. Urban entrepreneurship, corporate interests and sports mega-events: the thin policies of competitiveness within the hard outcomes of neoliberalism. In: HORNE, J; MANZENREITER, W. (Ed.). **Sports Mega-Events: social scientific analyses of a global phenomenon.**(Special Issue: The Sociological Review Monograph Series) V. 54, Issue Supplement s2, December 2006. p. 59-70.
- HELAL, Ronaldo. **Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil.** Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes. 1997
- HEINZE, G. Wolfgang: **VerkehrskonzeptevonMega-Events** (Berichtfür das 122. Roundtable der EuropäischenVerkehrsministerkonferenz [CEMIT] zumThema**Transport and Exceptional Public Events**“ am 7.-8. März 2002 in Paris)
- HOBBSAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** Rio de Janeiro: José Olympo, 1978.
- HORNE, John. Sports mega-events: Mass media and symbolic contestation. In: **Sport, Media and Mega-Events.** Taylor & Francis, United Kingdom, 2017. pp. 88-99.
- HORNE, John. e MANZENREITER, Wolfram. **An introduction to the sociology of sports mega-events.**Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

HORNE, John; MANZENREITER, Wolfram. An introduction to the sociology of sports megaevents. In: HORNE, J; MANZENREITER, W. (Ed.). **Sports Mega-Events: Social Scientific Analyses of a Global Phenomenon**. (Special Issue: The Sociological Review Monograph Series) V. 54, Issue Supplement 2, December 2006. p. 1-24.

**JORNAL NACIONAL 35 ANOS**. William Bonner, Rio de Janeiro: Globo Video, 2004, 300min.

KOVACH, Bill; ROSENTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. 2.ed. São Paulo: Geração, 2004.

LIMA, Denise. **Campo do poder, segundo Pierre Bourdieu**. Cogito, nº11, 2010.

MASCARENHAS, Fernando et al. O bloco olímpico: Estado, organização esportiva e mercado na configuração da agenda Rio 2016. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)**, v. 2, n. 2, 2012.

MASCARENHAS, Gilmar; Desenvolvimento urbano e grandes eventos esportivos: o legado olímpico nas cidades. In: MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco; SÁNCHEZ, Fernanda; (Org.). **O Jogo Continua: megaeventos esportivos e cidades** 1ª. ed. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

MASCARENHAS, Gilmar. Globalização e espetáculo: o Brasil dos megaeventos esportivos. In: DEL PRIORE, M. e MELO, V. A. de (orgs.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Ed UNESP, 2009.

MAZONI, Tommaso. **História do Futebol no Brasil**. São Paulo: Leia. 1950.

MELO, Vitor. Das Touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: DEL PRIORE, M. e MELO, V. A. de (orgs.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Ed UNESP, 2009.

Memória Globo. **Eventos e Coberturas**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/eventos-e-coberturas.htm>>. Acesso em 17 de janeiro de 2016.

Memória Globo. **Jornal Nacional**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornalnacional.htm>>. Acesso em 13 de janeiro de 2016.

MORELLI, Felipe. O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil. **Projeto História**. São Paulo, n. 49, pp. 445-453, 2014.

NEGREIROS, Plínio. O Brasil no cenário internacional: Jogos Olímpicos e Copas do Mundo. In: DEL PRIORE, M. e MELO, V. A. de (orgs.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Ed UNESP, 2009.

POIT, Davi Rodrigues. **Organização de Eventos Esportivos**. São Paulo: Phorte Editora Ltda. 2004.

RADNEDGE, Keir. **Tesouros da Copa do Mundo**. Barueri: Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda. 2012

REBUSTINE, Flávio. Novas mídias no esporte: um olhar sobre o twitter. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. São Paulo, Vol.11, n.5, 2012.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHE, M. **Mega-events and modernity**. London: Routledge. 2000

RUBIO, Katia. **O Atleta e o mito do herói**. 2ed., São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

RUBIO, Katia. **Os Jogos olímpicos e a transformação das cidades: os custos sociais de um megaevento**. Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, v. IX, n. 194 (85), 1 ag. 2005. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-85.htm> [ISSN: 1138-9788]. Acesso em 11 de dezembro de 2018.

S/A. **Jornal Nacional: a notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, 406p.

SÁNCHEZ, Fernando; BIENENSTEIN, Glauco. Jogos Panamericanos de 2007: um balanço multidimensional. In: MASCARENHAS, Gilmar;BIENENSTEIN, Glauco; SÁNCHEZ, Fernanda; (Org.). **O Jogo Continua: megaeventos esportivos e cidades** 1ª. ed.Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

SÁNCHEZ, Fernanda; BIENENSTEIN, Regina; MASCARENHAS, Gilmar; OLIVEIRA, Alberto. Megaeventos e Metrôpoles. Insumos do Pan-2007 e as perspectivas para as Olimpíadas de 2016. In: OLIVEIRA, Fabrício Leal de; CARDOSO, Adauto Lúcio; COSTA, Heloisa Soares de Moura; VAINER, Carlos Bernardo. (Org.). **Grandes projetos metropolitanos. Rio de Janeiro e Belo Horizonte**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

SÁNCHEZ, Fernanda ;BIENENSTEIN, Glauco; OLIVEIRA, Alberto; CRUZ, Marcus; GUTERMAN, Bruna; SANTOS, Rosane; SOUZA, Renata. Jogos Pan Americanos Rio 2007: um balanço multidimensional. In: MASCARENHAS, Gilmar;BIENENSTEIN, Glauco; SÁNCHEZ, Fernanda; (Org.). **O Jogo Continua: megaeventos esportivos e cidades** 1ª. ed.Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

SILVEIRA, Bianca; **A materialização midiática da brasilidade: a cobertura do Jornal Nacional sobre a seleção de futebol e a narrativa da identidade brasileira**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, p.155, 2010.

SILVERSTONE, Roger. **Porque estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SOARES, A. J. **Futebol raça e nacionalidade no Brasil**: releitura da história oficial. 1998. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

SOARES, Antonio; VAZ, Alexandre. Esporte, globalização e negócios: o Brasil dos dias de hoje. In: DEL PRIORE, M. e MELO, V. A. de (orgs.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Ed UNESP, 2009.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura – A comunicação e seus produtos**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

SOUZA, J. & RITO, Lucia & LEITÃO, Sergio. **Futebol-Arte a Cultura e o Jeito Brasileiro de Jogar**. São Paulo: Senac-SP, 1998

STYCER, Maurício. **História do Lance! – Projeto e prática do jornalismo esportivo**. São Paulo: Alameda, 2009. 323p.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, Volume I: Porque as notícias são como são. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2005.

**TV GLOBO 50 ANOS DE JORNALISMO**. William Bonner, Rio de Janeiro: Som Livre, 2015, 120 min.

ZIRIN, Dave; **O Brasil dança com o Diabo**. 1ª. ed. São Paulo: Editora Afiliada, 2014.

WOODWARD, Kathryn “**Conceptsofidentityanddifference**”. In: Woodward, K. (ed.). 1997

WOODWARD, Kathryn. **Identity and difference**, Londres, Sage/The Open University (Livro 3 destasérie).1997

**APÊNDICE**  
**Decupagens das Entrevistas.**

## **APÊNDICE A – ENTREVISTA FLÁVIO ORRO, EDITOR DE ESPORTES DO JORNAL NACIONAL**

### **1) Como funcionou a estrutura de jornalismo aqui no Jornal Nacional para a cobertura da Copa? E como foi feita a cobertura da seleção brasileira?**

Basicamente para explicar o que a gente fazia eu vou pegar o exemplo de Teresópolis. Nos sempre fazíamos uma reunião de manhã, em que o Ávila, que na época era o editor adjunto do Jornal Nacional, se reunia com o Bonner e definia qual seria o material que nós iríamos oferecer para a edição do dia. Normalmente qual era o esquema: dois ou três VT's, um com o Tino Marcos, outro com o Mauro Naves e, eventualmente, um terceiro com o Eric Faria. Então a gente vendia mais ou menos sempre esse cardápio: o VT do Tino era aquela matéria onde ele tentava fisgar o público que não é tão apaixonado pelo futebol, como sua mãe ou a minha mãe, e dava uma cara mais leve, tentando focar em coisas que iam além do treino, tudo para tentar atrair esse público. O VT do Mauro era um VT mais de futebol, com o linguajar “futebolês” mesmo, para satisfazer o apetite daquele cara que é apaixonado e entende, como você e eu, ou seja, nós também contemplávamos esse público. E o terceiro, do Eric, quando eles aceitavam, pegava uma curiosidade ou um fato mais relevante, jornalisticamente falando, naquele determinado dia. Então a gente oferecia basicamente esse cardápio, tentando emplacar sempre os três VT's todos os dias, mas isso variava de acordo com os acontecimentos do dia mesmo. Às vezes o Bonner tinha espaço e comprava os três, outras vezes não, mas isso quem definia era o próprio Bonner nessa reunião da manhã.

Além disso, quem definia o tempo para todos os VT era o Bonner, sendo que ele saía dessa reunião da manhã e já fazia o “espelho” para determinar os tempos, por exemplo: o VT do Mauro vai ter dois minutos e o do Tino dois e trinta. Isso também variava de acordo com os acontecimentos do dia, sendo que nada era engessado. Durante a manhã ele podia nos definir um determinado tempo, mas se ao longo do dia a gente sentisse a necessidade de um tempo maior, nos negociávamos e tentávamos aumentar o tempo.

**2) Vocês estavam produzindo um jornal para um público muito heterogêneo, desde pessoas que eram fanáticas pelo futebol, até aqueles que não entendiam nada. Era**

**o jornal de maior audiência, que conversava com classes sociais diferentes, públicos diferentes e tudo mais. Foi dada alguma orientação para os repórteres com relação à linguagem a ser usada e na estruturação das matérias veiculadas no JN?**

Sentar e conversar não foi preciso, é uma coisa que está praticamente no “chip” do repórter que trabalha com esporte. É claro que no “Globo Esporte” você não precisa tanto disso, mas já é uma coisa que vem sendo feita lá. Como estávamos na TV aberta, que tem um público muito heterogêneo, que é muito diferente do público da TV fechada, que é mais segmentado - por exemplo o telespectador da SPORTV tinha um conhecimento prévio sobre o assunto, o interesse dele era despertado muito mais fácil do que o da TV aberta – para os jornais de rede (Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo), independente de ser em período de Copa ou não, a gente tem a preocupação com a linguagem. Por ser uma TV aberta, nós temos uma preocupação de fazer com que a linguagem usada seja atraente para o cara que é fissurado; para aquele que gosta, mas não é fanático; e também para aquele que não acompanha e não tem conhecimento do esporte. Então de maneira geral esse é um comportamento que já é padrão para esses profissionais.

O que aconteceu na Copa é que esse panorama foi potencializado, porque a Copa é o maior evento esportivo do planeta, então só por isso ela já fisga esse público que não gosta de esporte. É um evento que acontece somente de quatro em quatro anos e representa o “filet mignon” do esporte, então mal ou bem as pessoas sabem que aquilo é a “Disneylândia” do esporte. Para aumentar ainda mais esse fator “potencializador”, a Copa estava acontecendo no Brasil, então mesmo aquela pessoa que não ligava para a Copa, agora acompanhava porque estava envolvendo a sua realidade. Esses dois elementos, o evento pelo evento e o fator da localidade, gerou o desafio para os repórteres de construir textos que não deixassem que o público se dispersasse: tentar falar para a sua mãe de uma maneira que ela ficasse “amarradona” e prendesse a atenção dela por um determinado tempo.

**3) Pelo ponto de vista da produção, o que você e os outros produtores tentavam emplacar enquanto “pauta” no Jornal Nacional? Em termos jornalísticos, quais eram os critérios de noticiabilidade para cobertura do JN na Copa?**

Nós tínhamos dois desafios diários que eram o seguinte: o primeiro é porque nós tínhamos 1000 jornalistas cobrindo a Granja Comary, ou seja, credenciados para acompanhar a seleção. Esse número é muito grande e ele significava que eram 1000 jornalistas brigando pela mesma notícia, o que tornava as coisas muito complicadas. Além disso, o ambiente da seleção brasileira era sempre muito reservado...fechado... então era sempre bem difícil trabalhar ali, onde você não tinha acesso a todos os jogadores na hora que você quer ou precisa.

Normalmente era sempre no esquema de uma coletiva e a gente tinha que colocar a câmera lá parada e mandar ver; ou o treino, que era um trabalho coletivo: você tem obviamente o talento de um repórter como o Tino Marcos, mas ele não conseguia trabalhar sem um contato direto com o repórter cinematográfico mostrando o que ele está pegando de imagens para o VT. E nesses casos uma boa matéria tinha que ter aquele “sobe som” especial, onde eles pegam o Felipão falando: “Pô atenção aí nessa bola que o México costuma fazer gol assim!”. Então de uma forma geral era um pouco isso, mostrar o bastidor, aquilo que normalmente não aparece e nós enquanto repórteres, produtores e editores no local conseguíamos pegar: uma imagem diferenciada, uma entrevista exclusiva e um sobe som interessante.

É claro, que se tratando de seleção brasileira, nós tínhamos também aqueles personagens essenciais. O Neymar é um cara que é super popular, então uma pauta com ele sempre é um foco da equipe. Tudo que acontecia com ele já interessava o público de antemão, porque ele era o grande ídolo do time e de certa forma a “esperança” brasileira. Um exemplo para você ter ideia é que o Neymar era sempre um dos nossos pontos de partida em matéria, porque no começo do dia nós tínhamos que saber: ele vai falar hoje? Tem alguma novidade sobre ele? O que que ele fez? E falando sobre esse jornalismo de bastidor, como a CBF tornava aquele espaço um ambiente muito fechado, mas mesmo assim eles produziam conteúdos exclusivos para a “TV ONLINE” deles, nós sempre procurávamos usar esses materiais.

Resumindo então, as matérias partiam sempre do princípio de uma coisa de bastidor, ou de algo diferente, na intenção de sair da tradicional coletiva que os 1000 jornalistas credenciados também teriam acesso. Era tentar dar uma cara de novo e diferente para o material final.

**4) Existia sempre uma estrutura para o Jornal de cada dia, que partia daquele espelho que o Bonner estruturava no final da manhã, mas imprevistos sempre acontecem. Dois exemplos claros disso foram o famoso 7x1 no jogo contra a Alemanha e a contusão do Neymar no jogo contra a Colômbia. Como era repensar um Jornal Nacional com poucos minutos de diferença entre o fato e a notícia?**

Acho que esse é o grande barato da profissão. É a essência do jornalismo em si, onde o inesperado acontece e você tem que se readaptar a uma realidade que não era programada, tentando dar o melhor de si dentro daquela situação. Um exemplo muito bacana dessa “mudança” total foi a contusão do Neymar, que aconteceu bem no finzinho do jogo, talvez se tivesse acontecido logo no início a gente teria uma margem maior para fazer outras coisas, mas aconteceu no finzinho do jogo e ela saiu com uma contusão que inclusive tirou ele da Copa. O Neymar saiu do estádio e foi direto para o hospital, então o Eric foi encaminhado direto para esse hospital para fazer um material dos exames, mas a gente não estava nem um pouco preparado para um fato daquela magnitude. Então o bacana foi ter que reestruturar e pensar um Jornal novo de uma hora para a outra. O primeiro passo foi tentar botar uma estrutura de vivo funcionando direto do hospital para onde ele tinha sido transferido, mas não deu tempo porque foi bem no fim do jogo, com menos de uma hora de diferença da contusão para a entrada do Jornal Nacional no ar, mas nós sabíamos que um fato daquele com certeza era uma informação que tinha que abrir a edição, mas a solução que arrumamos foi apurar inicialmente a distância. Para você ter noção a notícia mais quente, que no caso era a que o Neymar estava fora da Copa pela lesão, foi confirmada somente 5 minutos antes de o jornal entrar no ar, por fontes pessoais do Galvão Bueno que também parou tudo que estava fazendo para ajudar a equipe na apuração. E esse é um exemplo claro de um fato que nos fez repensar todo o jornal de última hora, porque era inadmissível a gente não focar todas as informações para aquilo que todos queriam saber: o que vai ser do Neymar? Nós não deixamos de mostrar matérias já previstas como o resumo do jogo, mas foi necessário focar esse VT para a contusão já que aquela era a prioridade, porque o craque da seleção a partir de então estava fora da Copa. Para você ter noção também da velocidade e da estrutura dessa rede de comunicação, fomos inclusive nós que repassamos para os outros jogadores da seleção, na “zona mista”, a informação que o Neymar estava fora dos jogos restantes. O Fred ficou sabendo durante a entrevista coletiva. Foi legal poder mostrar ao vivo toda essa repercussão.

Então no fundo eu acredito que todo jornalista, que gosta mesmo da profissão, curte esses momentos, onde o novo e o surpreendente acontecem e você tem que se virar nos trinta para fazer algo legal e bacana. Foi o que aconteceu no dia do Neymar e no dia do 7x1 contra a Alemanha, onde nós inclusive tivemos ótimos índices de audiência.

**5) Falando sobre a Cobertura do Jornal Nacional, nós tínhamos outras seleções instaladas no país que produziam conteúdos e interagiam com as estruturas e mesmo com a população do país. Como era feita a cobertura dessas outras seleções? O que entrava enquanto matéria e conteúdo dessas outras seleções no JN?**

Então o esquema foi montado com bastante antecedência, onde as pessoas que estavam coordenando esse núcleo pensaram em um sistema em que as seleções campeãs mundiais e as favoritas - como, por exemplo, a Holanda que não tinha um título mas era muito cotada - elas seriam acompanhadas durante todo o mundial. Então basicamente nós tínhamos matéria das seleções campeãs mundiais (Uruguai, Argentina, França, Inglaterra, Alemanha, Itália, além da Holanda que era bem cotada) em cada edição teria a disposição esse cardápio. Então os jornais da casa eram sempre alimentados com materiais dessas seleções.

Nós estávamos cobrindo essas seleções pela importância, história e tradição, além, é claro, porque a chance do título acabar com uma delas era bem grande. Mas ao mesmo tempo cada uma delas ia produzindo conteúdos interessantes para o JN pela sua peculiaridade, focando sempre naquele público bem heterogêneo que a gente conversou antes. Por exemplo: a Alemanha foi um foco muito grande dos nossos jornais, não só pelo fato dela vir apresentando um futebol muito forte, mas porque o centro de treinamento deles produzia conteúdos interessantes diariamente. Os jogadores se comportavam de uma maneira inusitada, diferente do tradicional. E o apelo era tão grande que as matérias conversavam com quem não gostava de esporte, mas também com os conhecedores e apaixonados, que achavam curioso o treino de uma grande seleção acontecer um dia acontecer em um barco.

Outro exemplo legal foi à Holanda, que ficou aqui no Rio e era um pouco diferente da Alemanha, que estava na Bahia quase que em uma ilha isolada de tudo. Aqui eles estavam em contato com uma cidade grande, cheia de atrativos culturais e

naturais também, sendo que o regime de concentração deles era totalmente diferente: eles iam para a praia, jogavam bobinho com os frequentadores de Ipanema, faziam selfie e até caíram na noite carioca. Isso tudo sem aquele esquema de mega segurança onde você não vê e tem acesso a nada. De maneira geral isso também foi conquistando o público que passou a querer ver no Jornal Nacional essas seleções e esse tipo de comportamento.

Acho que de maneira geral era isso, já que, nós tínhamos que mostrar as seleções mais fortes, mas também ao mesmo tempo, elas mesmas, com o seu dia-a-dia, foram conquistando o seu espaço no Jornal e na graça dos telespectadores.

**6) O Brasil foi eliminado da Copa bem pro finalzinho, na penúltima fase, mas mesmo depois da eliminação ainda aconteceram quatro dias de competição. Como foi manter o interesse e, por consequência, a audiência do jornal em alta, depois de uma eliminação como aquela?**

Depois de uma derrota complicada como aquele, onde a seleção foi eliminada vergonhosamente perdendo por um placar de 7x1, e mesmo com a seleção jogando mal as pessoas ainda mantinham uma esperança de título, sair da competição daquela forma tornou as coisas um pouco mais complicadas para nós.

O nosso primeiro grande desafio foi mostrar para o torcedor que ainda existia um jogo pela disputa de terceiro lugar, mesmo que para grande parte do público o terceiro lugar e o último estão no mesmo patamar, na Copa isso ainda é importante. Então a gente tentava mostrar isso para o grande público.

Outro ponto foi também tentar explicar um pouco o que aconteceu, porque mesmo com uma derrota muito dolorosa, eram quatro seleções muito bem qualificadas e com categoria que chegaram até as semifinais. Mesmo com o Brasil não chegando lá, a final do evento também valeria muito a pena, afinal Alemanha e Argentina iam se enfrentar. E para chamar atenção a gente usa de vários recursos, como por exemplo: será que a Argentina vai ganhar a Copa logo no Brasil? Era tentar exteriorizar o sentimento que os brasileiros estavam sentindo no momento.

Basicamente foi isso, tentar mostrar que mesmo com a eliminação vergonhosa, o evento em si ainda valia muito a pena. Ainda tinha muita coisa boa acontecendo nas cidades sedes.

**7) Em termos de “espelho” como esse Jornal Nacional era pensado com tantas equipes soltas e materiais sendo produzidos simultaneamente?**

A reunião de manhã, onde todos os correspondentes conversavam diretamente com a direção, definia o que o Bonner ia querer enquanto material para o dia. No caso da seleção o editor adjunto, Ávila, ficava responsável por fazer as cabeças com os dois apresentadores, Patrícia e Galvão, focando sempre em cima de algo que nós não mostrávamos no VT, para a cabeça além de ser uma chamada, fosse também um complemento para a matéria. Os VT's eram editados por mim e outros dois editores que estavam no local. E as cabeças eram sempre revisadas pelo Bonner que estruturava tudo no final junto com o espelho programado.

## **APÊNDICE B - ENTREVISTA ARMANDO OLIVEIRA, CHEFE DE REDAÇÃO ESPORTE BELO HORIZONTE**

**1)Qual foi a estrutura oferecida pela equipe de Belo Horizonte durante cobertura da Copa do Mundo para os jornais de rede? Em especial para o JN, vocês tinham equipes específicas?**

A equipe de BH estava inserida na cobertura de rede que a Copa do Mundo demandou das cinco emissoras Globo (Rio, SP, BH, Brasília e Recife) e afiliadas. Tínhamos duas equipes completas credenciadas (Repórter, Produtor, Rep Cina e Auxiliar), dois repórteres Web, equipe de engenharia e ainda três equipes completas para cobertura do Chile, Argentina e Uruguai, que escolheram BH como sede. Além disso, parte da nossa equipe estava trabalhando para a produção e exibição das transmissões Globo e Sportv em BH. Na redação, todo o suporte foi dado. Posso dizer que estávamos todos, os 40 profissionais de Esporte da Globo Minas, envolvidos. Rogerio Correa, Bob Faria e Márcio Rezende viajaram o Brasil todo para as transmissões em rede dos jogos da Copa do Mundo.

**2)Como era feita a seleção de temas que vocês “venderiam” enquanto pauta para os Jornais da Rede? Algum tema ou abordagem era pensado especificamente para o JN?**

A rede tinha uma reunião diária, em três horários, com todas as cidades sedes e cidades que receberam as seleções, para definir as pautas. O projeto de reunião de “guerra” começou dois anos antes da Copa. Nestas reuniões, todas as pautas eram oferecidas para todos os telejornais de rede e ali definidas as exibições.

**3)Qual era o fluxo de demandas que a rede passa para a equipe de Belo Horizonte, sendo que a cidade foi uma das maiores sedes do evento no país?**

Não há como medir fluxo. Vivemos a Copa 24 horas por dia durante dois meses pelo menos.

**4)Um dos grandes destaques para a cobertura do Jornal Nacional durante a Copa foi a irreverência das materiais e a linguagem usada nos VT's, que transformam**

**um assunto obvio em algo atrativo e novo para o público. Vocês destacam algum trabalho dentro da cobertura que Belo Horizonte realizou para o JN como bem inusitado ou diferente? Como foi o trabalho de produção, reportagem e edição envolvido nele?**

Este inusitado ficou por conta da geral que cobriu tudo o que não era demanda de futebol. Não foi uma Copa descontraída por causa das ameaças de confrontos por causa das manifestações. Ainda sim, a presença dos torcedores estrangeiros rendeu boas histórias que foram contadas durante toda a competição. Destaque para a festa dos argentinos e colombianos em BH. A cidade virou a capital da América do Sul.

**5) Belo Horizonte recebeu grandes equipes, como a Argentina, e também foi sede de grandes partidas, sendo inclusive palco de dois jogos da seleção brasileira, como o famoso 7x1 contra a Alemanha. Como funcionava o trabalho de setorização das equipes para a cobertura dessas demandas?**

As demandas passavam pelos acessos que cada credencial permitia.

**6) Existiu algum processo de treinamento e estudo com os profissionais envolvidos na cobertura desse evento?**

A cobertura foi planejada com 4 anos de antecedência e todos os envolvidos receberam informações e participaram de reuniões que mostraram a complexidade de todo o trabalho. Estudo faz parte da preparação individual de cada profissional. Todos receberam um manual geral com informações sobre a Copa e ainda tínhamos um site interno, atualizado, com infos sobre a competição e as equipes.

## **APÊNDICE C – ARMANDO FREITAS, CHEFE DE REPORTAGEM DO NÚCLEO COPA DA REDE GLOBO.**

### **1) Qual era a estrutura que a Rede Globo e, nesse caso, o Núcleo Copa ofereceram para a cobertura da Copa no Brasil?**

Basicamente nós tínhamos um problema enorme na mão, porque uma Copa com 32 seleções demanda um número enorme de pessoas envolvidas para a realização de uma ampla cobertura, sendo que dentro dessa realidade nós ainda tínhamos a seleção brasileira que demanda sempre um número muito maior de profissionais pela relevância e impacto para os nossos materiais – nós tínhamos mais profissionais envolvidos com a seleção do que o somatório de diversas outras seleções da competição. Para otimizar e também criar um grau de relevância nós decidimos fazer um mapeamento: quais outras seleções além da brasileira nós vamos seguir e acompanhar de perto.

Após essa análise nós decidimos por acompanhar outras oito seleções, sendo elas: Alemanha, Espanha, Itália, Argentina, Uruguai, Portugal, Inglaterra e Holanda. A intenção era pegar essas oito seleções e fazer uma cobertura mais detalhada delas. Vale destacar que essa cobertura mais detalhada começou inclusive muito antes da Copa propriamente dita, porque nos amistosos que essas seleções faziam nós já acompanhávamos.

O primeiro passo após isso foi definir quem cobriria aqui no Brasil essas seleções, sendo que na medida do possível nós mandávamos essas pessoas já fazer essas mesmas matérias preparativas. Por exemplo, o repórter que ia cobrir a Alemanha já tinha ido para lá fazer matéria sobre expectativa, jogadores do país e cultura. Nesse sentido nós fizemos várias séries para vários telejornais com essa temática de preparativo, sempre com uma pegada diferente para cada Jornal. Sempre pensávamos antes de fazer essas séries em um temática que se enquadrava no “Jornal da Globo”, outra que se enquadrasse no “Jornal Nacional”, outra para o “Bom Dia Brasil”, “Globo Esporte” e por aí vai. A intenção era fazer um “leque” enorme para o público que nos assistia. Nós fizemos, por exemplo, para o JN, uma série sobre “Os grandes camisas 10” das seleções da Copa. Nós pegamos os destaques das oito grandes seleções que estávamos cobrindo e apresentamos para o telespectador. Essas eram pautas que já iam aquecendo a competição. Nós tínhamos um orçamento somente para viajar o mundo e

fazer essas matérias de preparação. Em alguns casos os correspondentes que estavam perto de determinado país faziam essas matérias e mandavam para a gente, mas nesses casos eles não eram os responsáveis por aquela seleção na cobertura da Copa propriamente dita. Isso acontecia muitas vezes pela questão do orçamento, já que, era mais barato enviar o correspondente do que deslocar alguém daqui para o país.

Esse trabalho de aquecimento nosso foi super elogiado e também teve uma grande aceitação pelos jornais de rede. Sendo que a nossa base eram sempre essas oito seleções que nós cobríamos. Paralelamente a isso, nós estávamos sempre muito atento a tudo que estava acontecendo. Por exemplo uma coisa que rendia matéria: olha saiu as primeira seleções classificadas na África e as primeiras na Ásia. Outro exemplo eram as contusões de jogadores, como foi o caso do colombiano Falcão Garcia. Nós estávamos sempre muito ligado a tudo que não dizia respeito à seleção para essa cobertura.

Voltando um pouco para essas seleções principais, agora durante a Copa, depois de mapear essas necessidades, nós começamos a pensar em infraestrutura. Onde essas seleções vão ficar durante a Copa? Com essa resposta definida nós designamos a equipe que ficaria responsável por aquela seleção. Essa equipe era composta de quatro profissionais: um repórter, um repórter cinematográfico, um produtor e um editor de imagem. Em termos de equipamento essas equipes tinha a disposição o “kit correspondente” que era um aparelho que permitia uma matéria ser feita, editada e enviada para a central de qualquer lugar. Então em termos de pessoal envolvido, nós tínhamos 32 profissionais como “correspondentes” dessas seleções, sendo que eles ficavam municiando todos os telejornais da rede. A regra era a seguinte: onde aquela seleção fosse à equipe designada ia atrás. Vale destacar que nesse esquema, conforme as seleções iam sendo eliminadas, as equipes eram realocadas para cobrir outros times ou dar suporte para seleções maiores que ganhavam relevância na disputa.

Então de maneira resumida esse foi o nosso conceito para a cobertura desse evento no Brasil. Dentro desse universo nós também tínhamos as cidades e afiliadas que tinham equipes credenciadas para o evento, que também cobriam os times que estavam hospedados em suas regiões, mas que focavam muito mais no comportamento. Aquelas matérias de movimentação das cidades, encontro de culturas e torcida. Então dessa forma nos estabelecemos um parâmetro para os jornais da rede: as matérias de seleções

que fazia eram as nossas equipes, já as matérias de comportamento e cidade eram feitas pelas equipes locais.

## **2) Como todo esse material que era produzido e pensado por esses profissionais era vendido pra os jornais de redes?**

Nós tínhamos diariamente três reuniões que serviam para vendermos para os responsáveis por esses jornais de rede o material produzido pelas equipes que estavam pelo Brasil afora. Nós tínhamos um planejamento enorme para produzir somente aquilo que era interessante de ser transmitido, sendo por consequência mais fácil de ser vendido em uma reunião, mas isso não implica necessariamente que todas as matérias feitas pelas equipes na rua eram aceitas pelos jornais.

Para nós que estamos no meio do jornalismo o termo “vender” é bem comum, mas nós literalmente tínhamos que fazer era isso: vender a pauta como um comerciante para os editores e responsáveis pelos jornais. Por exemplo, em um treino: “olha durante as atividades da equipe hoje um jogador importante saiu de campo e pode estar fora da próxima partida”. Isso rendia a matéria principal. Aí a gente partia para o secundário: “rolou mais alguma coisa?”. Com essa resposta do secundário nós fazíamos outras matérias para os telejornais, sem esquecer também do fato principal, que tinha que ser citado nesse VT, porque se não os editores desses jornais não comprariam a matéria. Na minha opinião esse era o trabalho maior, porque nós tínhamos que dar um ideia de “ineditismo” para cada um dos telejornais da nossa grade. Essa matéria principal sempre ia para o Jornal Nacional pela relevância e peso desse noticiário, mas os outros editores sempre perguntavam: “a mais e aquela contusão do tal jogador eu quero para o meu jornal”. Nós tínhamos que responder que aquilo seria o destaque do JN, mas que para o seu jornal nós vamos mostrar essa história, além da história de um torcedor que acompanha a seleção do coração há 10 Copas sem perder nenhuma. A matéria era feita em cima desse torcedor, mas a gente também citava o fato principal. Então esse era realmente o nosso trabalho do QG no Núcleo Copa: vender matérias para todos os telejornais como se aquilo fosse o fato mais novo que estava acontecendo.

No total eram cinco telejornais para a nossa equipe produzir conteúdo: Bom Dia Brasil, Globo Esporte, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo. Como a demanda era grande nós contávamos também com as equipes locais para promover conteúdo para esses jornais. Nós produzíamos praticamente VT's de todas as seleções

em um dia, mas isso não significa que determinado telejornal ia entrar com conteúdo de todos os times, nós revezávamos. Em termos de relevância nós tínhamos que priorizar sempre as matérias que tratavam dos times que jogavam ou jogaram naquele dia e daquelas seleções que iam jogar no dia seguinte. Uma seleção só entrava com material em situações fora dessa realidade se a notícia fosse bem relevante e interessante.

Um exemplo para você ter noção dessa divisão de produção entre os conteúdos feitos pelo Núcleo Copa e os conteúdos feitos pelas afiliadas locais seria assim: hoje a Itália participa de um jogo importante, então o nosso repórter vai fechar VT para dois jornais e o repórter local vai fechar VT para outros dois jornais.

### **3) Existiam demandas específicas para cada jornal da rede?**

As prioridades em temas de telejornais a serem supridos eram o “Jornal Nacional” e o “Bom Dia Brasil”. O repórter do Núcleo Copa normalmente estava designado para suprir esses jornais, sendo que o repórter local normalmente fazia matérias para os outros três: Globo Esporte, Jornal Hoje e Jornal da Globo. De vez em quando os editores desses últimos reclamavam e a gente trocava um pouquinho, mas a regra era normalmente essa. A única exceção nesses casos era o Jornal Nacional, que pediu sempre o repórter número um no local, o titular, até porque eles sempre aprovam o repórter antes dele entrar no ar, por isso, somente esses melhores podiam fazer as matérias para eles.

O Carlos Lannoy, por exemplo, era um que ficou responsável por acompanhar todas as matérias da instituição FIFA. Era um repórter que nem ligado à área de esporte, mas que por uma demanda da rede foi enviado para essa cobertura. Nesse sentido nós também tínhamos repórteres de editoria “nacional” e “cidade” que foram mandados para a cobertura pela nossa equipe do Núcleo, também por essa demanda de qualificação da rede.

### **4) Você falou um pouco sobre esse relacionamento do Núcleo da Copa com os demais jornais da rede, mas como funcionou a logística interna de vocês?**

Todos os dias nós tínhamos uma reunião entre os representantes do Núcleo Copa com os produtores e editores nas praças, além da presença dos chefes desses jornais da rede. Dentro do núcleo nós dividíamos essas seleções que estávamos cobrindo entre dois chefes de reportagem, no caso eu e a Carla, além de contar também com a ajuda do

chefe de produção, o Barra, que auxiliava em tudo. Nesse esquema eu e Carla dividíamos: eu cuidava de quatro das oito seleções e você pega as outras quatro.

A logística em si era uma loucura: nós chegávamos todos os dias às nove da manhã aqui no Jardim Botânico e começávamos a ligar para todos os repórteres que iriam fazer matéria naquele dia, para saber o que ia ser feito e qual seria o *deadline* do material. O dia de trabalho acabava somente por volta das dez, onze da noite, porque aí teríamos terminado de concluir a logística de distribuição de matérias do dia para os jornais, além de já ter uma noção do que viria para o dia seguinte.

Também durante o decorrer do dia nós fazíamos uma reunião com cerca de outras quinze cidades que tinham afiliadas e mantinham um movimento de seleções na Copa, além daquelas outras oito, porque a logística necessária era enorme. Sempre um chefe de reportagem dessa afiliada estava em contato com a gente para manter essas demandas. Por exemplo, em um dia de jogo da Itália nós fazíamos a matéria com melhores momentos e a reação da torcida, com o nosso repórter, para o Jornal Nacional e o Bom Dia Brasil, mas o chefe de reportagem de lá mandava um repórter credenciado deles para fazer uma curiosidade e o movimento do jogo para o Globo Esporte e o Jornal da Globo. Outro exemplo dessa logística necessária eram as seleções que estavam fora dessas oito com cobertura completa, mas que tinham material noticiado nos jornais de rede pelo trabalho das equipes locais com a nossa supervisão: Camarões estava em Alagoas e a Grécia estava no Sergipe, mas mesmo assim tiveram matérias nos jornais da rede.

Resumindo então, o nosso trabalho era basicamente ficar supervisionando todos os materiais que eram produzidos pelas equipes pelo Brasil, além de ajudar a pautar os nossos oito repórteres principais.

Para você ter noção também de rotina, nós tínhamos três reuniões ao longo do dia: a primeira às nove da manhã, a segunda às duas e meia da tarde e a última às seis e meia da noite. Nessas reuniões nós sempre atualizávamos os status de demandas e materiais sendo produzidos.

**5) Existe uma estimativa da quantidade de matérias produzidas durante esses dias da Copa do Mundo? Como vocês lidavam com todo o conteúdo?**

Nesse dinamismo todo de saber o que estava sendo produzido pelas praças e mandar esses conteúdos para os jornais, nós tínhamos contato com cerca de 70 a 80 matérias diárias passando pelo Núcleo Copa.

Em termos estruturais era impossível absorver todos esses conteúdos, então nós sempre pedíamos VT's bem curtos, com um minuto e trinta segundos, dois minutos, para dessa forma tentar sempre usar a maioria das matérias. O aviso era claro: “se fizer matéria grande não vai emplacar”.

Com os assuntos já estabelecidos nós vendíamos as matérias para os editores que diziam o “sim” ou “não”. Além disso, nós também esclarecíamos as dúvidas dos editores sobre essa movimentação de informação, para eles saberem se aquilo valia ou não para o jornal do dia deles.

Era literalmente uma grande teia de informação, muito firme, que estava ligada nessa produção de conteúdo. Foram trinta dias intensos, sem ninguém folgar nem um deles sequer, para passar informação com a melhor qualidade para o telespectador.

#### **6) Qual era o tipo de matéria que com certeza iria emplacar em uma edição do Jornal Nacional?**

O Jornal Nacional é sem sombra de dúvidas o jornal mais importante da casa. Sem dúvida também, nós mobilizamos todos os nossos esforços para que nas matérias do Jornal Nacional nós tivéssemos nossa melhor produção; o nosso melhor repórter possível; as melhores imagens feitas e, com certeza, a melhor história a ser contada naquele dia. Tudo isso tinha que convergir para uma matéria que o Núcleo Copa estava produzindo para o Jornal Nacional. Depois que o JN foi ao ar a gente até podia aproveitar aquela imagem em outro jornal, mas a prioridade era sempre dele.

Nós tínhamos um critério para o Jornal Nacional: teriam que ser feitas matérias ou “vivos” dos jogos do dia, que aconteceram antes do horário do jornal entrar no ar – lembrando sempre naquele esquema de VT's bem curtos para entrar o máximo de conteúdo possível por edição; matérias das seleções que jogariam no dia seguinte a edição; além de alguma repercussão de um jogo ou fato que aconteceu no dia anterior.

Das oito seleções que nós acompanhávamos sempre tinha pelo menos um material de cada uma delas para oferecer para o JN diariamente. O Bonner enquanto

editor chefe era quem definia qual deles iria entrar na edição daquele dia, sendo que de forma geral, ele seguia quase sempre aquele critério que eu expliquei. Vale destacar também que tudo é sempre uma grande negociação, porque talvez a Alemanha não seguia o padrão de jogar no dia da edição ou no dia seguinte, mas tinha uma material mega diferente do treino, então dava para emplacar no JN.

Então o editor do JN sempre tinha a disposição um VT de cada uma dessas seleções principais, mas muitas vezes o material caía, mesmo os VT's sempre sendo produzidos naquele padrão curtinho de um minuto e trinta segundos. Quando esse material do JN caía começa um efeito em cascata: a material do JN normalmente ia para o “Jornal da Globo”, a do Jornal da Globo ia para o “Bom Dia Brasil” e por aí vai.

Então, de uma forma geral, durante o nosso trabalho no Núcleo Copa a gente pode resumir o JN em uma palavra: prioridade. Os critérios eram sempre aqueles que eu te expliquei, mas independente desses, se a gente tinha uma história bacana, bem marcante e diferente ela era encaminhada para o Jornal Nacional. Por exemplo: se um atleta durante o treino recebeu uma delegação de alunos em cadeiras de rodas e deu uma atenção legal, essa vai ser uma matéria do JN. Nesse caminho seguiu a seleção da Alemanha, que praticamente todos os dias tinha uma matéria no JN porque se integrou muito bem com a comunidade brasileira por onde passava.

Era nosso objetivo sempre vender as histórias diferentes primeiro para o JN, depois iriam para os outros telejornais. E dentro dessa venda sempre tinha que estar envolvido aqueles tópicos que eu citei essenciais para uma matéria do Jornal Nacional: o melhor repórter, a melhor imagem, a melhor sonora e por aí vai.

Um exemplo disso era que nós tínhamos o Carlos Gil acompanhando a Itália. Ele ficava o dia inteiro por conta da seleção da Itália. Aonde a seleção ia ele tinha que ir atrás. No caso eles ficaram em Mangaratiba, então ele ficava lá o dia inteiro. Quando a Itália viajava quem ia era ele. E mesmo assim, nesse esquema dele ficar por conta de uma seleção, ele também tinha o suporte de outras equipes caso ele precisasse. Se a Itália pegou o voo em Jacarepaguá e ele acha que o voo dele não vai chegar a tempo para fazer as imagens do time chegando em Salvador, ele ligava e nós deslocamos uma equipe da afiliada de Salvador para fazer essas imagens essenciais para o texto dele.

**7) Quando nós falamos do Jornal Nacional nós estamos falando sobre o jornal de maior audiência do país. É um público extremamente heterogêneo. Existiu alguma determinação com relação à linguagem a ser usada nas matérias do telejornal?**

A orientação propriamente dita não existe, porque todas as pessoas que a essa altura do campeonato foram selecionadas para fazer a Copa do Mundo, acompanhando essas grandes seleções, já estão carecas de saber o que é trabalhar com o Jornal Nacional. A importância e a relevância desse produto da casa. Tem que ter um texto muito bem trabalhado, bem amarrado e acima de tudo minuciosamente apurado. Quando falamos do JN não pode ter um ruído de comunicação. Por isso, todos são repórteres muito experientes que já sabem dessas “regras”.

O time era de primeira linha, então nós chegávamos e falamos: “olha hoje vai rolar JN” e a partir dessa frase ele já sabia qual era o encaminhamento que ele tinha que dar. Então não tem essa “aula” de como fechar o VT especificamente. Salve conduto em alguns dias especiais em que a exigência de algo partia diretamente da direção do JN: “O Bonner quer que você lembre na sua matéria a participação do Pirlo na Copa do Mundo de 2010”. Aí o repórter vai colocar porque um editor chefe quer.

Mas de maneira geral a equipe (produtor, repórter, cinegrafista e editor) já sabe como funciona o esquema do JN, então eles são muito entrosados no trabalho e conscientes do que tem que fazer.

**8) Como tornar atraente para o público do JN o dia a dia de 32 seleções que estavam competindo na Copa? Se você pensar no Brasil e nessas outras oito seleções acompanhadas durante a Copa, elas se destacam pela relevância, mas e outros times como o Irã, que em tese não tem algo tão relevante para ser trabalhado, como era pensado o conteúdo dessas seleções?**

O inusitado. Esse era o nosso ponto de partida para trabalhar essas seleções menores. O iraniano que vem para cá e tem um regime especial de comida rende uma matéria interessante para o Jornal Nacional. Eles têm que trazer um cozinheiro porque não comem a comida que tradicionalmente é servida no Brasil. Ir acompanhar a rotina desse cozinheiro gera uma matéria super diferente para o JN. Nessa pegada do iraniano ainda nós temos o sábado que é um dia de folga sagrado para eles, então enquanto todo

mundo está treinando eles estão descansando. Isso tudo gera matéria para esse jornal de maior relevância pelo inusitado.

Esse é o tipo de matéria que não é focado no campo e bola, nós chamamos aqui de matéria *said*, mas que com certeza gera uma entrada no JN pela irreverência dela. E nós aqui do Núcleo Copa cumpríamos um papel fundamental para esse tipo de matéria emplacar, porque pra o editor comprar ela nós tínhamos que vender muito bem toda a história que estava envolta dela. Eu tinha que fazer o editor sentir a vontade de saber o que era aquela história, assim como o público em casa gostaria de saber. Você chega e fala: “Olha eu tenho uma torcedora do Irã que vai levar a filha para casar durante um treino da seleção, porque a filha é fissurada com o esporte e ela quer como pano de fundo dessa data marcante na sua vida o treino do time”. Esse é o tipo de história tão diferente que vai com certeza emplacar no JN.

Então esse olhar do diferenciado é a matéria pro Jornal Nacional sempre. O diferente, mas que enche os olhos de quem está em casa vendo.

#### **9) Todas as matérias que não tratavam sobre o futebol propriamente dito passavam por vocês?**

Sim. Todas as matérias que eram vendidas para a rede passavam por nós. A diferença é que das oito equipes que nós tínhamos com o “kit correspondente”, a produção partia também do Núcleo Copa. As outras matérias eram vendidas para nós naquelas três reuniões diárias que eu te falei e nós repassávamos para os editores chefes de jornais da rede. A produção nesse caso partia das praças que vendiam as matérias para nós. Nosso trabalho nesses casos era a administração desse conteúdo.

Eventualmente nós tínhamos representantes daqueles cinco telejornais da rede nas reuniões, para eles já comprarem uma matéria direto das praças, ou mesmo para tirarem dúvidas e pensarem os jornais. Quando os jornais não mandavam nenhum representante nós já tínhamos também o olhar de saber qual era o perfil de cada jornal para encaminhar as matérias.

Na primeira reunião de nove horas nós pegamos os assuntos para vender para o JN. Aí com esses assuntos prospectados nos ligávamos para o editor e vendíamos a pauta. Com o “ok” do editor nós retornávamos para a praça falando da aprovação da matéria e dando as indicações de tempo de demandas específicas. Na reunião das duas e

meia nós tínhamos um *feedback* de em que pé a matéria estava. E depois a matéria já chegava pronta para nossa última inspeção. Acontecia de essa matéria chegar e não entrar no ar também, mas isso era uma determinação editorial de tempo e tudo mais, então não estava na nossa alçada.

**10) Nós falamos do diferencial da linguagem para a aprovação no JN, mas o tempo de cada matéria também era um fator determinante?**

Com certeza. A regra geral eram VT's de um minuto e trinta no máximo. Essa foi a determinação para a maioria das matérias, mas sempre tinha aquela negociação ou choradinha no tempo com o Bonner. Talvez se nós tínhamos uma matéria muito boa para vender, mas o volume de conteúdo naquele dia já era bem grande, então nós guardávamos para o dia seguinte, porque se não as matérias prevista para aquele dia iam todas cair para a entrada dessa que era muito boa, mas fria.

Como eram muitos temas para entrar, a determinação era ser sucinto no tempo para dar oportunidade de uma cobertura bem ampla. E essa era uma determinação para outros telejornais da rede além do JN.

Esses tempos curtos de VT's também permitiram uma produção muito extensa de conteúdos pelo Núcleo Copa. Em um levantamento rápido nosso aqui, para você ter noção da média de matérias produzidas pelo nosso grupo durante os dias de Copa, foram cerca 2200 matérias que passaram pela nossa supervisão. Quando você divide isso pelos jornais e seus *feeds* de tempo no ar você tem um média de 440 VT's por jornal da rede. Dentro da realidade total de produção nós conseguíamos emplacar 70% de tudo que era feito pelas nossas equipes na rua.

Esses tempos curtos de VT's permitiam o JN dar todo o dia pelo menos umas seis daquelas oito seleções, mais três VT's da seleção, além de umas quatro matérias de comportamento. No total são 13 matérias da Copa mais ou menos por dia. Todas elas passando pela nossa supervisão.

**11) As entradas ao vivo e *flashes* também quem organizava eram vocês ou eram os próprios jornais que demandavam das praças?**

Era nosso trabalho oferecer também. O vivo sempre entrava quando algo acontecia muito perto da entrada do JN, o que justificaria o fato de não termos uma

matéria fechada. Era sempre o repórter ou o narrador no local do fato, tentando mostrar para o telespectador de casa o que estava acontecendo no momento.

## **APÊNDICE D – ENTREVISTA CARLOS GIL, REPÓRTER DO NÚCLEO COPA E OLÍMPICO.**

### **1) Qual era a sua estrutura para fazer a cobertura da seleção para o qual você foi designado enquanto repórter itinerante?**

Primeiro de tudo, é legal destacar que essa foi uma Copa diferente de todas as outras, porque como o evento aconteceu no Brasil, então de antemão algumas matérias que nós costumávamos fazer quando o evento acontecia em outros países para mostrar a carga cultural e histórica do evento, não foram necessárias. Por exemplo, na África do Sul, nós fizemos matérias para falar que essa era a primeira vez que o evento estava no continente africano, além de uma série de reportagens fora do esporte em si, mas que nós acabamos fazendo para todos os telejornais, inclusive o Jornal Nacional que não é um telejornal esportivo em sua essência. Nesse mundial de 2010 eu lembro que eu fiz uma matéria antes do mundial começar propriamente dito nas minas de diamante da África do Sul, que era um dos maiores países exportador da joia para o mundo. Fiz também uma sobre um santuário de macacos no país, onde eles protegiam os macacos que eram capturados na selva para não serem traficados. Ou seja, normalmente nós produzimos um grande número de matérias para contextualizar aquele evento, mas no mundial de 2014, que aconteceu no Brasil, isso não foi necessário, porque vivemos a nossa realidade cultural todos os dias. Foi o momento de a imprensa estrangeira cumprir esse papel de “apresentação”.

O modelo de cobertura, escolhendo algumas seleções principais e favoritas para se acompanhar o dia a dia, com uma equipe de jornalistas específica para ela foi uma novidade. Isso nunca tinha acontecido em outras Copas antes. Na África do Sul, por exemplo, eu não fui designado para cobrir uma seleção específica, eu fazia um jogo em uma cidade, e depois ia acontecer um jogo interessante daqui a dois dias e eu permanecia lá. Não havia uma seleção específica a se seguir.

No meu caso no mundial do Brasil, eu fui designado para cobrir a Itália porque eu sou fluente na língua do país e, também, porque eu cobri a seleção durante a Copa das Confederações, um ano antes, o que me possibilitou criar uma relação legal com os

membros da confederação italiana e ter um acesso e contato com os próprios membros da imprensa de lá.

A estrutura em si da equipe itinerante era formada por quatro profissionais, sendo eles: um produtor, um cinegrafista e um editor de imagem. Além disso, nós viajamos com um computador que continha o programa que nós chamamos de “kit correspondente”. Esse é um programa capaz de a gente transferir via internet imagem e áudio, além de nós podermos editar todo o conteúdo produzido pela nossa equipe.

**2) Dentro da relação com o Núcleo Copa e as próprias outras Redes afiliadas que produziam conteúdo para o JN, como foi pensada a divisão do trabalho?**

Para que um número maior de pessoas pudesse também participar da cobertura da Copa, ficou meio que decidido algumas regras. No meu caso e do Marcelo Courrage, que acompanhou a Holanda, as duas seleções estavam no Rio de Janeiro, então nosso caso era meio que particular, porque nossa equipe também produziu conteúdo para os jornais locais do Rio de Janeiro, o RJTV. Então durante o período pré-copa ou nos momentos em que as seleções estavam nos seus CTs, nós alimentávamos sempre os telejornais de rede e também o telejornal local. O RJTV sempre deu bastantes matérias sobre Itália, Holanda e do Brasil, porque eles estavam em Teresópolis. Quando a Copa começou e nós tínhamos um volume de matérias muito maior a ser feito, a editoria local passou a mandar repórteres para produzir conteúdos e desafogar um pouco nossa equipe itinerante, que ficava somente realocada para os jornais de rede.

Todos os dias nós produzíamos conteúdo para o *Jornal Nacional*. Por mais que nós não entrássemos, nós sempre fazíamos. Quando a Itália passou a jogar em outras cidade, ficou acordado que os repórteres locais credenciados fariam as demandas locais mais matérias de comportamento para alguns jornais da rede e, a equipe itinerante, no meu caso com a Itália, ficaria responsável pela matéria do *Jornal Nacional* e de mais algum outro telejornal da rede, normalmente *Bom Dia Brasil* ou *Globo Esporte*.

**3) Você foi designado para cobrir a Itália, uma equipe que foi eliminada na primeira fase da competição. O que aconteceu com a sua equipe após a eliminação?**

Originalmente eu tinha sido designado para cobrir a Itália. Quando a equipe foi eliminada, ainda na primeira fase, eu fui mudando de equipe de acordo com as demandas que eram apresentadas pelo próprio Núcleo Copa.

A ordem das equipes que eu trabalhei ficou mais ou menos assim: quando a Itália saiu eu fui designado para cobrir o México. O México perdeu nas oitavas de final e, como a Holanda era um time que já estava com uma equipe itinerante, com o Marcelo Courge, eu fui mandado para cobrir a partida entre Bélgica e Estados Unidos, em Salvador. Nesse caso o que pesou mais para eu cobrir esses jogos foi à logística, porque eu estava no Ceará na partida entre México e Holanda e esse novo confronto foi em Salvador, então pela proximidade eles acharam melhor eu ir para esse jogo. A Bélgica ganhou a partida e foi jogar em São Paulo, mas como o Guilherme Roseguine, que estava acompanhando o Uruguai, ficou livre depois das oitavas de final, quem acompanhou a Bélgica foi ele e me mandaram cobrir a Costa Rica, que naquele momento já tinha se tornado um fenômeno da Copa e também iria jogar no Nordeste, então mais uma vez a logística influenciou. Nas semifinais eu fui mandado para acompanhar a Argentina junto com o José Roberto Burnier. Na final, como não era necessário que todo mundo trabalhasse, por justiça quem ficou responsável pelos VT's de Alemanha e Argentina foram o Renato Ribeiro e o José Roberto Burnier, que desde o começo eram os repórteres designados como equipe itinerante das respectivas as seleções. Outros dois repórteres também entraram na cobertura que eram o Marcos Uchoa e o Pedro Bassan.

Vale destacar que já quando eu fui para cobrir a Argentina nas semifinais eu já era quase como que um terceiro repórter, porque o volume de matérias para ser feito era muito grande. O Burnier era o titular porque desde o começo estava com aquela seleção; o Uchoa deixou a seleção brasileira, não fez o jogo de terceiro lugar, e foi para São Paulo cobrir a Argentina; e eu fui para dar um apoio. Quando a Argentina classificou para a final eu fui mandado de volta para o Rio fazer algumas outras matérias e na final do Mundial eu consegui ir ver o jogo como um torcedor no Maracanã.

**3) Falando especificamente do Jornal Nacional, que tem um publico muito heterogêneo e é a maior audiência em telejornal do Brasil, qual o encaminhamento que você buscava dar para as suas matérias no JN?**

Nós tínhamos uma brincadeira dentro da nossa equipe de cobertura, principalmente entre os repórteres itinerantes, que fazer matéria para o JN na Copa do Mundo era o ‘show do minuto’. Como no início da Copa eram várias seleções, a ideia era que todas as equipes itinerantes entrassem com pelo menos um material por dia no Jornal Nacional, isso para marcar a presença constante dessas equipes no telejornal e, ao mesmo tempo, dar a ideia de que o JN estava presente e cobrindo todas as seleções de relevância durante o Mundial com um setorista específico. Toda essa cobertura muito abrangente fazia com que todos os dias quando nós ligássemos para a redação perguntando o tempo que tínhamos para a matéria do JN à resposta era quase sempre a mesma: 1 minuto. Isso era todo dia mesmo, por isso, a brincadeira do ‘show do minuto’ entre nós.

Agora em termos práticos fazer as matérias com esse tempo foi um grande trabalho de concisão, porque nós tínhamos que contar tudo que estava acontecendo em um minuto, mas principalmente tentar extrair de tudo que nós víamos ao longo do dia na cobertura o que era o mais interessante para o público brasileiro.

Vale destacar ainda que o público do JN é muito diferente de quem assiste um canal segmentado, como no caso da Sportv. Eles tinham mais espaço para fazer as matérias e usavam uma abordagem bem diferente da nossa. Para quem assiste ao JN não interessa tanto se o lateral esquerdo da Itália está gripado e é dúvida para o jogo, coisa que interessa mais para nós que cobrimos o futebol diariamente ou para aquele aficionado. Com somente um minuto o legal era então extrair do dia a dia o que realmente seria interessante para todo o público brasileiro.

Um exemplo perfeito dessa síntese foi um dia que estávamos no CT da Itália e os jornalistas italianos estavam me contando que o Pirlo escreveu na autobiografia dele, que a sua inspiração para bater faltas era o Juninho Pernambucano. Durante uma coletiva eu já tinha perguntado isso para o Pirlo e ele tinha confirmado, então eu sugeri para o nosso produtor ligar para o Juninho Pernambucano e conversar com a assessoria da Itália para a gente promover o encontro dos dois, afinal de contas ia ser super legal mostrar os dois conversando sobre como bater falta. Incrivelmente nós conseguimos esse encontro. Não da forma aberta como queríamos, por influência de questões contratuais da Federação Italiana com a Reik, a rede de TV da Itália que tem os direitos sobre a seleção, mas no final das contas deu certo porque o Pirlo recebeu o Juninho, eles

conversaram e nós pudemos usar as fotos desse encontro que a filha do Juninho tirou e cedeu para nós. No final o Juninho conversou com a nossa equipe e, como já antes acordado com a Federação Italiana, o Pirlo foi quem deu a coletiva de imprensa nesse dia, já que nossa equipe não pode entrar para registrar com a nossa câmera o encontro. Nesse caso a imprensa italiana também usou o material, o que não era um problema para nós, mas os nossos concorrentes, que tinham telejornais com horário antes do JN, não usaram porque o Juninho agora era um comentarista contratado da Globo e estava com a nossa camisa de cobertura. Eu lembro que a matéria entrou no dia 11 de junho de 2014.

O esquema foi mais ou menos esse mesmo, sendo que antes da Copa prevaleceram muito as matérias de comportamento e entusiasmo, porque era o que chamava a atenção do público. Já quando o mundial começou, o mais importante era trazer as informações da partida e preparação. No caso da Itália nós ainda caímos em um grupo que gerou grandes clássicos e repercussões, já que: tínhamos um clássico europeu entre Itália e Inglaterra na chave; a Itália perdeu para a Costa Rica e a ‘zebra’ sempre gera matérias excelentes para os telejornais porque o brasileiro gosta de apoiar esses times mais fracos que crescem com a competição; e também tivemos o caso bizarro do Luís Suárez mordendo o Chiellini.

#### **4) Existia alguma orientação específica para fazer uma matéria para o Jornal Nacional?**

Não, nós sempre tivemos uma liberdade muito grande de propor e executar as pautas. A figura de um produtor presente junto a cada equipe itinerante também permitia essa maior liberdade, já que, ele estava sempre em contato constante com o Núcleo Copa e participava das ‘reuniões de guerra’, dessa forma ficando sempre ciente de tudo aquilo que o editor do telejornal pensou e queria para aquele dia. Nessa realidade o produtor funcionava como um ‘para raio’, filtrando as demandas e mantendo o contato com os editores e chefes no Rio ou São Paulo, porque se todos eles ligassem direto para mim para resolver pendências e passar demandas eu não conseguiria trabalhar. Isso inclusive também foi algo planejado com antecedência porque muitas vezes eu e o cinegrafista tínhamos acesso a somente 15 minutos de treino aberto, então nesse tempo nós tínhamos que fazer tudo sem ser atrapalhado.

Mas intervenção ou orientação específica nós não tivemos nenhuma não.

**5) Como funcionou o sistema de apurar e vender matérias para o Jornal Nacional? Você enquanto repórter também participou ou era um trabalho exclusivo para o produtor?**

A venda de pautas funcionava através do Núcleo Copa. No meu caso, por exemplo, a Itália sempre tinha os seus treinos na parte da manhã, então durante a tarde nós tínhamos o tempo para editar as matérias, rediscutir uma pauta e por aí vai. Eu e meu produtor, João Paulo, ficamos sabendo antes que íamos acompanhar a Itália, então fizemos nosso dever de casa e já chegamos ao Mundial munidos de muita informação e, também, várias ideias de pauta. Ser informado e poder cobrir a Itália um período antes do Mundial, me ajudou a criar contatos dentro da Federação Italiana e com os próprios jornalistas italianos, o que me ajudou a ter mais ideias e, também, pegar opiniões com eles. Um exemplo disso foi em um dia que o Chiellini deu entrevista e eu sabia que ele era formado em estatística, porque pesquisei antes, e construí uma matéria inteiras falando sobre o baixo número de gols que a Itália recebia criando a relação com essa formação de um de seus zagueiros.

Mas vender as pautas dependia também muito do dia, de quem ia falar e do que a coletiva rendia. No caso da Itália as coletivas aconteciam sempre às 13h00, então depois desse momento nós já tínhamos todo o material que poderia ser usado no dia em mãos, por isso, já podíamos vender para o JN falando: ‘olhar hoje aconteceu isso, isso e aquilo e vamos fechar um VT desse jeito para vocês’. No geral por já conhecer o perfil do jornal e dos editores tudo o que nós sugeríamos era aceito.

**6) Qual era a linguagem que você buscava usar no seu texto para o JN? Como você buscava construir um VT para esse telejornal?**

Acho que a questão principal do Jornal Nacional é que o foco dele não é o público ‘boleiro’. O fato de trabalhar a algum tempo na casa te leva a conhecer um pouco o perfil de cada telejornal e de cada editor chefe. Você identifica dentro do seu dia a dia qual matéria tem o perfil do *JN*, qual tem o perfil do *Bom Dia Brasil*. E a ideia do Jornal Nacional era trazer algo mais coloquial, não deveria existir uma formalidade no texto até porque o evento e a cobertura não pediam isso.

Eu me lembro de uma matéria que nós fizemos e eu cheguei a ficar meio receoso com a questão de um trocadilho, principalmente porque existe uma linha muito tênue entre a pessoa rir de um trocadilho, ou achar ele uma completa bobeira. Durante aqueles

dias antes da Copa em que a seleção italiana já estava no Brasil, o Balotelli estava sendo meio questionado pela imprensa italiana, e o substituto imediato dele era o Immobile. Na concentração da Itália nós tínhamos a ‘cazaazzurra’, que era um lugar para imprensa ficar descontraída durante os treinos e tudo mais e, nesse local, eles tinham colocado umas mesas de totó. Na hora de eu fazer a passagem sobre essa possível mudança na seleção italiana, eu coloquei uma *GoPro* dentro do golzinho dessa mesa de totó. Durante a passagem eu mexia com o bonequinho e fazia um trocadinho com a questão do nome do jogador Immobile, que quando traduzido para o português é o mesmo que ‘imóvel’, com o fato dele não ser uma piada pronta e estar com vontade de jogar. E nós ficamos com o dilema de mandar ou não para o JN porque era uma coisa bem mais descontraída, mas decidimos mandar e o editor passou o texto comigo, corrigiu algumas coisinhas, mas no fim das contas foi pro ar com louvor e eu cheguei a receber um recado que o pessoal do JN tinha adorado a matéria.

**7) O pré-requisito para uma matéria entrar no Jornal Nacional é a qualidade do material nas mais diversas partes: imagem, sonora, texto. Como funcionou a sua integração com os demais profissionais da equipe para amarrar todos esses pontos e emplacar os seus VT's?**

Acho que de uma forma geral o nosso relacionamento foi muito bom e funcionou de maneira simples. O Rogério, que foi o cinegrafista, era de São Paulo e tem o costume de trabalhar para o *Fantástico*, *Globo Repórter* tem anos de experiência com o Jornal Nacional, então trabalhar ali não era nenhum mistério para ele. O João Paulo, que foi o produtor, no dia a dia ele é editor de texto para os jornais e, inclusive, já chegou a cobrir férias como editor de esportes no JN, então ele conhecia as reuniões de pauta e também a cabeça do próprio Bonner. O Eric que foi o editor de imagem é um talento da nossa nova geração de jornalista e já edita matérias para todos os telejornais da casa. Nesse sentido, nós mesmos já sabemos pensar com a cabeça de cada jornal então nós sabíamos qual era o caminho das pedras e não tinha muito mistério.

Juntos nós inclusive experimentamos momentos de tentar ver até onde nós podíamos trazer nossas bagagens de outros telejornais, muitas vezes com uma pegada mais descontraída, para o telejornal de maior audiência da casa, que era o JN. Porque muitas vezes nós fazemos uma autocensura, porque você vai fazer a matéria para o Jornal Nacional e você pensa ‘opa deixa eu fazer mais formal e tudo porque é o que o jornal pede’, mas muitas vezes os editores queriam mesmo era algo mais descontraído.

**8) Quando e como se iniciaram as atividades de preparação para a cobertura da Olimpíada Rio 2016 para você?**

Um ou dois meses depois da Copa do Mundo já começaram a circular as ideias de pautas e séries especiais que faríamos para os Jogos do Rio. No fim de 2014 já tínhamos algumas linhas de trabalho. Foi nesse momento que me encomendaram a Série Terras Olímpicas, para o Jornal Nacional. Eu e o Guilherme Roseguini fomos a países com muita força e tradição em determinadas modalidades. Essa produção foi concretizada no primeiro semestre de 2015. Eu fiz China (tênis de mesa), Japão (judô) e Rússia (ginástica). Guilherme fez Jamaica (atletismo) e Estados Unidos (natação). Foi uma série premiada internamente e que deu o primeiro grande passo da cobertura.

**9) Como funcionou a estrutura logística para a cobertura das Olimpíadas? Na Copa foi elaborado o esquema dos repórteres itinerantes, para esse segundo megaevento existiu algo semelhante?**

Existiu. Se na Copa fomos divididos por seleções a escolha para a Olimpíada foi por modalidade. Havia alguns repórteres que circulavam por diferentes esportes, acompanhando aqui e ali o que não estava coberto diretamente pelos “setoristas”. Mas nas principais modalidades havia repórteres dedicados exclusivamente. Se não esqueci nenhuma a lista era: atletismo, natação, vôlei, vôlei de praia, ginástica artística, futebol, basquete, handebol e judô. Os demais foram sob demandas do dia a dia. Mas esses citados já tinham suas equipes fixas definidas com alguma antecedência (algo em torno de três a quatro meses antes).

**10) Em termos estruturais, qual era a logística de equipamentos e pessoal envolvidos na atividade de cobertura com você?**

Todas as equipes dedicadas eram formadas por um repórter, um produtor e um repórter cinematográfico (cinegrafista). Não era possível ter equipes maiores que isso devido ao limite no número de credenciais. Equipamentos da Globo Rio foram reforçados por São Paulo, Recife e Belo Horizonte. Mas entre 80% e 90% dos credenciados foram profissionais da Globo Rio.

**11) Como funcionou a sua rotina de trabalho durante a cobertura das Olimpíadas Rio 2016?**

Eu fui repórter dedicado à natação na primeira semana e ao atletismo na segunda semana. Como esses esportes têm eliminatórias e finais no mesmo dia eu e o Guilherme Roseguini (que dividiu comigo a cobertura, já que são modalidades muito importantes e com muitas provas) ficávamos dedicados às finais. Sempre na parte da tarde e noite. A Globo tinha posições de entradas ao vivo na zona mista, área de entrevistas. Eu fui escalado para essas entrevistas. Do início ao fim das provas não saía daquele cercadinho, onde os repórteres aguardam os atletas para as entrevistas. Também tinha a função de escrever reportagens. Mas numa quantidade menor do que de costume em outros eventos - quando não tínhamos acesso tão direto aos atletas. O Roseguini ficou mais encarregado do material gravado enquanto eu fazia o ao vivo. Durante os Jogos também pude narrar alguns eventos, uma experiência nova. Narrei um dia de eliminatórias da natação, um dia de eliminatórias do atletismo, um dia de lutas dos brasileiros no judô (sem decisão de medalhas) e a cerimônia de encerramento na plataforma digital (globoesporte.com)

**12) Pensando na cobertura específica para o Jornal Nacional, como funcionava o relacionamento para a oferta de materiais para esse telejornal? O Núcleo responsável pela cobertura fazia a mediação? Vocês tinham contato direto com editores do telejornal? Era um trabalho conjunto da equipe ou responsabilidade do produtor?**

O JN trabalhou muito com entradas ao vivo. Especialmente no meu caso, já que as finais aconteciam à noite. Então, quase que diariamente eu entrava ao vivo no jornal para dar as informações daquele dia. E as matérias sobre o que havia acontecido na noite anterior ou expectativas para aquela noite eram do Roseguini. Um ou outro dia eu até fiz reportagens também. Casos da medalha de ouro do Thiago Braz, do Bolt, um especial com a equipe americana de natação. Havia uma equipe de editores que trabalhavam para abastecer os telejornais de rede. Entre eles, o Jornal Nacional. A definição das pautas, como acontece de modo geral, nasce de uma troca de ideias e sugestões entre editores, produtores e o repórter.

**13) Qual foi a maior diferença entre os dois megaeventos esportivos para você em termos de estrutura de trabalho e logística?**

A maior diferença foi o deslocamento. Na Copa eu passei um mês fora de casa, não cobri nenhum jogo no Rio de Janeiro. Nos Jogos Olímpicos eu trabalhei muito, mas sempre voltava para dormir na minha casa. Sobre estrutura, tínhamos uma pessoa a menos na equipe durante a Olimpíada. O editor de imagens. No caso da Copa viajávamos em quatro. Na Olimpíada, a equipe tinha três componentes. No meu caso, especificamente, um pouco diferente porque éramos dois repórteres. Eu e o Guilherme Roseguini, como expliquei anteriormente. Além de nós dois, o cinegrafista e as produtoras de natação e atletismo. Isso aconteceu porque, nos Jogos, tínhamos toda a estrutura do IBC, o centro de mídia, e da própria emissora. Então, não havia necessidade de mandar um editor conosco, na medida em que poderíamos voltar com o material para ser editado e finalizado num desses dois pólos.

**14) Falando especificamente do Jornal Nacional, que tem um público muito heterogêneo e é a maior audiência entre os telejornais do Brasil, qual o encaminhamento que você buscava dar para as suas matérias no JN?**

De maneira geral a preocupação era apresentar aquelas pessoas ao telespectador. Quem são? Por que são fenomenais? Que grandes conquistas tiveram? Quando você personifica o herói olímpico cria uma empatia maior com a audiência. Além disso, é preciso dosar questões técnicas da prova - que são importantes - com dados humanos. Mostrar a emoção do atleta e não só as razões de sua boa performance. Um bom exemplo foi o ouro do Thiago Braz no salto com vara. O Brasil não o conhecia. Ele era um cara em quem estávamos de olho, pelas marcas que possuía, era um candidato a medalha, mas não uma figura super próxima do público. Quando ganhou era preciso mostrar o tamanho desse feito. Tanto tecnicamente falando quanto do ponto de vista emocional, de ganhar um ouro em casa.

**15) Existia alguma orientação específica para fazer uma matéria para o Jornal Nacional?**

Além dessas já citadas, não. Nas entradas ao vivo a única orientação era chamar a atenção para as principais provas da noite, aquelas que transmitiríamos, que valiam mais a pena de serem observados de perto. Ou as que tinham brasileiros. Dar um panorama da participação brasileira nos Jogos.

**16) Qual era a linguagem que você buscava usar no seu texto para o JN? Como você buscava construir um VT para esse telejornal?**

Não existe uma fórmula mágica. O principal eu acho que é estar muito atento aos dados, aos números. Checar e recheckar para não errar o tempo, a distância, a pontuação, por exemplo. E, além disso, tentar equilibrar informação e emoção. Porque os Jogos Olímpicos não combinam com a frieza dos números. Eles, os números, os resultados, são importantes, claro. Mas o lado humano é que faz o torcedor se arrepiar, chorar, vibrar, viver intensamente aqueles dias. A gente não pode ser piegas mas não pode ignorar o choro, o desabafo, a dor. E tem que dar a informação correta sem ser apenas técnico e frio.

**17) Diferente da Copa do Mundo, que estava envolvendo o esporte de maior paixão nacional, a olimpíada trazia diferentes modalidades para a competição. Isso em algum momento foi um desafio?**

É um desafio sim. Nem todos aqueles super atletas são tão conhecidos do público quanto são os jogadores de futebol, de um modo geral. Há a questão das regras dos esportes. Nem todas as pessoas - eu diria até que a minoria delas - estão familiarizadas com as regras de modalidades que não são transmitidas ou acompanhadas de perto fora daquele período. Dessa vez eu segui dois esportes que são até mais conhecidos. A natação não tem muitos mistérios em termos de regulamento. Mas no caso do Thiago Braz, novamente, foi um desafio explicar como ele tinha feito uma aposta de risco, dentro das regras do salto com vara, para tentar ganhar a medalha de ouro. Funcionou e ele conquistou. Mas foi uma jogada estratégica muito inteligente, que forçou o adversário ao erro. Explicar isso numa reportagem é difícil.

**18) O pré-requisito para uma matéria entrar no Jornal Nacional é a qualidade do material nas mais diversas partes: imagem, sonora, texto. Como funcionou a sua integração com os demais profissionais da equipe para amarrar todos esses pontos e emplacar os seus VT's?**

Num evento como os Jogos Olímpicos é um pouco diferente essa relação. Não é que não exista esmero ou cuidado. Pelo contrário. Esse cuidado com a informação é até redobrado. Mas quando eles escalam uma determinada equipe para determinadas funções você já sabe que sua matéria vai entrar. Não é uma questão de emplacar, de

convencer algum editor. O repórter escalado para aquela função é alguém que já tem uma espécie de trânsito livre no telejornal. Obviamente, não vai entrar qualquer coisa, feita de qualquer jeito. Não é isso. É apenas a confiança de que daquele grupo de profissionais vai sair uma boa história. E naturalmente ela vai ocupar um espaço no jornal. O que se discutia mais era a questão do tempo.

Numa Olimpíada você fica muito concentrado naquele esporte que você está cobrindo. E, claro, para você muitos acontecimentos são importantes e merecedores de destaque. Mas é preciso ter a consciência de que outros grandes momentos históricos podem estar - e estão acontecendo - paralelamente. Assim, no mesmo dia em que houve um recorde da natação pode ter havido também uma vitória suada do vôlei, uma derrota inesperada no basquete, uma medalha para o Brasil na canoagem. Nem sempre você terá o tempo que você imaginou para contar aquela história. E precisa se virar para tirar dali o melhor possível, o mais concisamente possível, sem perder o molho, o charme de uma reportagem olímpica.

## **APÊNDICE E – ENTREVISTA MARCELO COURREGÉ, REPÓRTER DO NÚCLEO COPA E OLÍMPICO.**

### **1) Qual foi a estrutura oferecida para os trabalhos com a equipe durante a cobertura do mundial?**

A minha equipe era composta por quatro integrantes: um repórter, um produtor, um cinegrafista e um editor de imagem. O curioso e diferente nessa estrutura é que como era a cobertura de uma Copa do Mundo, que é um evento que naturalmente já envolve a empresa inteira, os membros dessa equipe não eram pessoas que já trabalhavam no esporte, como é o meu caso no Rio de Janeiro. Esse foi um pouco do perfil de todas as equipes itinerantes da cobertura, sendo que ao todo eram sete delas, mais três equipes completas para acompanhar a seleção brasileira.

A minha equipe em particular tinha o editor de imagem Joel Carneiro, que trabalhar em São Paulo, na editoria de esporte de lá; o produtor era o Rafael Pio, do Rio de Janeiro, sendo que aqui ele trabalha com o esporte também; e o cinegrafista era o Fernando Calixto, que é um cinegrafista aqui do Rio de Janeiro, mas que trabalha na editoria geral e normalmente cobre mais assuntos de cidade, políticas e economia. Como ele é um funcionário que se destaca no trabalho dele durante todo o tempo, ele foi selecionado para participar dessa equipe itinerante e cobrir a Holanda com a gente.

Em termos de logística sempre que a Holanda viajava nós íamos juntos para acompanhar todos os passos dessa seleção. Quando eles estavam aqui no Rio de Janeiro nosso trabalho era acompanhar os treinos e ficar na porta do hotel de plantão para fechar as reportagens. A cobertura era tão intensa que durante os revezamentos nós chegamos a ficar quase que 24 horas por dia acompanhando o time.

### **2) Falando especificamente do Jornal Nacional, que tem um público muito heterogêneo e é a maior audiência em telejornal do Brasil, qual o encaminhamento que você buscava dar para as suas matérias no JN?**

Eu busquei na maioria das vezes trazer um enfoque de comportamento para as matérias que eu fazia para o Jornal Nacional. Eu já faço matéria para o JN há alguns anos, desde 2008, então com o tempo você meio que naturalmente já pega a ‘mão’ para escrever um texto para o Jornal Nacional. Nesse ano nós tivemos uma abertura bem

maior inclusive no formato do texto, sendo que antes, o formato era meio que ‘quadrado’, mas agora a liberdade é bem maior.

Vale destacar que o esporte sempre teve uma liberdade para ir um pouco além nessa linguagem do texto no Jornal Nacional, então para atrair o público eu busquei sempre focar muito no comportamento, nos bastidores dos jogadores da Holanda. O esforço da equipe era muito grande para pegar uma imagem diferente, uma sonora diferente e seguir nesse caminho. Nos períodos pré e pós-jogo nós gostávamos muito de fazer matérias sobre o embalo da torcida; a concentração da Holanda e outras curiosidades.

Resumindo, o importante era você conseguir juntar esse comportamento curioso para toda a população com as informações esportivas e jornalísticas necessárias, afinal de contas, a sua matéria também tinha que ser relevante para entrar na edição do JN, não podia ser só brincadeira, porque durante o período da Copa era uma briga muito grande para você conseguir um espaço no telejornal. Nesse sentido eu ainda destaco outro fator fundamental: trabalhar sempre abaixo do tempo. Essa foi uma ideia do nosso produtor que entendeu muito bem o sistema, sendo que se o QG me dissesse que eu tinha 1 minuto e 30 segundos de VT, eu faria ele com 1 minuto e 10 segundos. Isso fez com que nós entrássemos com uma grande frequência dentro do JN, porque na ‘bola dividida’, quando precisava cair com uma matéria no meio do jornal, o nosso se garantia porque tinha um tempo menor.

### **3) Existia alguma orientação específica para fazer uma matéria para o Jornal Nacional?**

Em alguns momentos nós recebíamos as demandas de tentar fazer as matérias mais voltadas para o comportamento mesmo. O que aconteceu também foi que em VT’s um pouco maiores, principalmente aqueles de crônica de jogos, a instrução era fazer eles voltados mais para o comportamento, e um texto quase que opinativo, montado em cima das imagens disponíveis e tudo mais. Esse já é o perfil clássico do Jornal Nacional: matérias curtas e precisas, você não tem muito tempo para florear as coisas, mas o texto pede aquele floreio de linguagem. Não pode ser algo técnico, por isso não é algo muito difícil do repórter fazer.

**4) Como funciona o sistema de apurar e vender matérias para o Jornal Nacional? Você enquanto repórter também participou ou era um trabalho exclusivo para o produtor?**

Vender matéria para o JN é sempre com o tom de uma curiosidade do dia a dia. Nós não podíamos sugerir para o Jornal Nacional uma matéria que traz com ela somente informação esportiva pura, como nós fazemos para o Globo Esporte, por exemplo. Esse tipo de matéria interessa mais para o público ‘boleiro’. Para o Jornal Nacional, por exemplo, o que era interessante era mostrar que as famílias dos jogadores da Holanda estavam aqui e acompanhavam todos os passos dos jogadores. Nós fizemos até uma matéria assim, quando os jogadores foram para o ‘Clube Caiçaras’ e passaram o dia de folga com as famílias, em um sistema de concentração bem diferente do que as outras seleções estavam. Eu lembro que nós convencemos um sócio do clube de fazer umas imagens com o celular dele, então o VT ficou muito legal. O diferente de ver um jogador de futebol durante uma Copa do Mundo nesse esquema era algo que chamava atenção e emplacava no JN.

Eu lembro de outra matéria que ficou muito legal e entrou no JN foi no segundo dia deles em concentração no Rio de Janeiro, porque eles pegaram e foram todos para a praia. Foi um alvoroço de fãs correndo para pegar autografo, era aniversário do Sneijder no dia também e eu na minha passagem entrei no mar de roupa para poder fazer uma entrevista com ele. Essa foi uma matéria que ficou bem legal e foi marcante.

Esse tipo de abordagem fez com que nós entrássemos várias vezes no JN durante o Mundial, até mais do que seleções que estavam programadas para entrar e render mais VT’s para o JN que a própria Holanda. Você vender uma curiosidade, que saísse um pouco daquela rotina de campo/bola, chamava muita atenção e rendia muito no Jornal Nacional.

**5) Existiu alguma preparação específica para vocês repórteres trabalharem na Copa?**

Uma preparação específica não. O grupo de repórteres que foi escolhido para participar das equipes itinerantes já era um grupo de profissionais acostumados com esse sistema de cobertura, principalmente porque já trabalhamos fora do Brasil. Na Copa, por mais que nós estivemos trabalhando no Brasil, o estilo de cobertura

proporcionado pelo ‘kit correspondente’, que era o computador pelo qual nós enviávamos e editávamos as matérias, era o estilo de cobertura que nós usávamos quando trabalhávamos fora do país, como por exemplo, nas pré-temporadas de Fórmula 1.

Nesse sentido de preparação, talvez o destaque fique para o momento em que alguns repórteres itinerantes viajaram para os países das seleções que iriam cobrir na intenção de poder fazer um esquentar e se acostumar com aquela cultura e seleção. Eu como cobri a temporada da Fórmula 1 quase até que no início da Copa do Mundo, entrei nessa cobertura na última semana antes do evento começar mesmo, então nós não tivemos essa preparação ‘editorial’ que as outras tiveram. No meu caso eu tive que estudar e procurar informação por fora antes mesmo, principalmente aquelas ligadas ao *staff* e a assessoria de imprensa da equipe.

O contato anterior com essas pessoas dos bastidores da seleção foi muito proveitoso para a produção dos nossos conteúdos, porque eles sempre se mostraram muito amigáveis com a nossa equipe. Eles perceberam que a nossa intenção não era produzir materiais agressivos contra a equipe, mas sim mostrar como eles estavam ficando aqui no Brasil. Essa relação era diferente com a própria imprensa holandesa, porque eles eram muito agressivos na cobertura, então várias vezes nós fomos privilegiados pela assessoria de imprensa da Holanda com entrevistas fora de hora; imagens exclusivas e informações.

**6) O inesperado é sempre algo que influencia durante uma cobertura de um grande evento como a Copa do Mundo. A Holanda foi uma das seleções que mais se destacou dentro do Mundial nesse sentido. Como você aproveitou esses momentos para produzir materiais para o Jornal Nacional?**

No momento em que nós sentimos que a Holanda teria um sistema de concentração bem mais aberto do que os das demais seleções, coisa que já era esperada pela participação deles na Copa de 2010, nós criamos um esquema de plantão para não deixar simplesmente nada passar despercebido pela nossa cobertura. O hotel da seleção holandesa era na praia de Ipanema, no Rio de Janeiro, bem na Avenida Vieira Souto, e o nosso editor de imagens veio de São Paulo, então ao final da cobertura ele não tinha que voltar para casa, por isso, ele ficou hospedado no ‘Hotel Everest’, que ficava bem atrás do hotel da seleção holandesa. Era literalmente colado, parede com parede, então a

gente sempre deixava alguém de plantão bem na porta da Holanda. Quando não era o nosso editor ou o cinegrafista, quem ficava era o produtor com uma câmera menor que nós tínhamos a disposição também. Tudo isso era para pegar o flagrante, porque eram esses fatos que rendiam os comportamentos que o JN tanto gosta. Esse mesmo esquema de plantão também foi usado lá na Bahia pelo Renato Ribeiro, que acompanhava a Alemanha. Lá rendeu bastante também.

Vale destacar que esses flagrantes que o esquema de plantão rendeu, foram imagens que até mesmo marcaram o mundial no Brasil.

**7) O pré-requisito para uma matéria entrar no Jornal Nacional é a qualidade do material nas mais diversas partes: imagem, sonora, texto. Como funcionou a sua integração com os demais profissionais da equipe para amarrar todos esses pontos e emplacar os seus VT's?**

A gente trabalhava muito em conjunto e, o principal, nós debatíamos também muito as coisas que nós íamos fazer. Eu tive a sorte e o privilégio de trabalhar com um produtor que é muito talentoso e, também, é meu amigo pessoal. Isso facilitou em muito o diálogo sobre tudo que nós pensávamos em fazer para o Jornal Nacional. E essa discussão constante entre os profissionais, levando em cada os diferentes aspectos da matéria, como texto, imagem, produção e edição, levou os nossos conteúdos a atingir um nível de excelência que o JN pede.

O trabalho com o cinegrafista já flui naturalmente. Eu sempre tenho o cuidado de quando faço uma matéria para a TV perguntar para o cinegrafista se ele tem alguma imagem excepcional ou de destaque, porque caso tenha, com certeza esse vai ser o destaque da minha matéria. O Calixto que trabalhou comigo é um profissional excelente e diversas vezes ele me deu uma imagem para abrir ou fechar o VT, porque nessa estrutura curta de matéria que o JN pediu as melhores imagens tem que ficar em um desses dois extremos.

O Joel, que foi nosso editor de imagem, é um profissional muito sensível que também conseguiu dar cara a tudo o que nós tínhamos pensado antes.

Como as matérias do Jornal Nacional tinham que ser muito curtas, coisa de 1 minutos, 1 minutos e 20 segundos, escolher uma sonora com relevância, uma imagem marcante e o texto que amarre tudo isso era fundamental.

### **8) Quando e como se iniciaram as atividades de preparação para a cobertura da Olimpíada Rio 2016 para você?**

Bom, para ser literal, as atividades das Olimpíadas começaram para mim em 2008, no dia do anúncio em que tivemos definitivamente o Brasil (Rio de Janeiro) como sede olímpica. Eu estava no evento montado em Copacabana no qual as pessoas estavam ansiosas para a escolha definitiva e foi uma vibração enorme. Naquele lugar, todos lá presentes, já podiam imaginar os momentos históricos que viriam e o que cada um seria capaz de viver nessa oportunidade, principalmente na nossa cidade do Rio de Janeiro. Eu estava cobrindo para a TV Globo, no dia entrei ao vivo no Globo Sport e dali em diante foi uma expectativa muito grande, muitas coisas aconteceram na minha carreira, eu cobri o Vôlei por muito tempo, depois F1.

Em 2016 eu estava na minha última temporada de F1 e faltando dois meses eu tive que sair para acompanhar mais de perto a preparação do time Masculino de Vôlei do Brasil, que era a minha missão nos Jogos Olímpicos. Eu tinha que trazer as melhores histórias e criar relacionamentos para conseguir acompanhar tudo de perto, trazendo notícias para o público durante as Olimpíadas. Eu fiz outros esportes também durante os Jogos, mas durante dias que não tínhamos os jogos masculinos de vôlei do Brasil.

### **9) Como funcionou a estrutura logística para a cobertura das Olimpíadas? Na Copa foi elaborado o esquema dos repórteres itinerantes, para esse segundo megaevento existiu algo semelhante?**

A estrutura logística das Olimpíadas é muito diferente da Copa do Mundo, pois os jogos se concentram em um único lugar (Rio de Janeiro) com exceção do futebol que foi realizado também em outros estados. Eu acompanhei o Vôlei Masculino e fazia todas as transmissões mais ou menos fixa. A gente ia para o Maracanã todo dia, chegava cedo, fazia o pré-jogo, a transmissão do jogo, o pós-jogo, as entrevistas e preparava matérias para o dia seguinte. O vôlei funcionava mais ou menos numa escala de dia sim e dia não e alternado com os jogos femininos, no qual eu também escrevia matéria sobre. Nos outros dias eu cobri o tênis e a medalha de ouro da vela (que foi muito legal de acompanhar, foi uma vitória sensacional e ver aquilo de perto, especialmente sendo amigo das atletas, o que me passou uma vibração enorme).

**10) Em termos estruturais, qual era a logística de equipamentos e pessoal envolvidos na atividade de cobertura com você?**

Em termos de equipamento trabalhávamos com uma equipe normal. Uma câmera e seu cinegrafista, um operador técnico, uma produtora para as entradas ao vivo e outra produtora para as reportagens, e às vezes tinha outro cinegrafista para a câmera do ao vivo. Equipamentos normais como, microfone e luz (que não é tão necessário nas Olimpíadas porque o próprio HB fornece isso).

**11) Como funcionou a sua rotina de trabalho durante a cobertura das Olimpíadas Rio 2016?**

Colocando uma exceção para os dias de tênis, vela e natação, a rotina ficava em torno dos horários do vôlei, que na grade da Globo era sempre em horário nobre, pois é um esporte de muita audiência e adorado pelo público, então os jogos do Brasil aconteceram todos em torno de 21:50/22:00h da noite. Portanto, isso fazia com que o meu dia começasse mais tarde do que o restante das equipes e terminasse mais tarde também.

**12) Pensando na cobertura específica para o Jornal Nacional, como funcionava o relacionamento para a oferta de materiais para esse telejornal? O Núcleo responsável pela cobertura fazia a mediação? Vocês tinham contato direto com editores do telejornal? Era um trabalho conjunto da equipe ou responsabilidade do produtor?**

Em relação ao Jornal Nacional não muda muito, o processo é mais ou menos o mesmo, o repórter dá uma idéia, troca com o produtor e confirma com o editor de texto do Jornal Nacional se essa idéia está dentro dos parâmetros do editor chefe (no caso o William Bonner e na época o Luiz Fernando Ávila). Às vezes o que muda é que durante um grande evento como as Olimpíadas, a participação no espelho do jornal é muito maior por ser um assunto que monopoliza atenções, então, diariamente eu tinha VT no Jornal Nacional, o que é raro e somente acontece realmente em grandes eventos da área esportiva.

**13) Qual foi a maior diferença entre os dois megaeventos esportivos para você em termos de estrutura de trabalho e logística?**

Na minha opinião, com certeza foi o deslocamento. Na Copa do Mundo do Brasil, por exemplo, eu tive que me locomover muito e para diversas regiões acompanhando a Holanda (que realizou o número máximo de jogos possíveis, totalizando sete jogos) o que foi bem intenso e cansativo, atrapalhando muitas das vezes até mesmo nossa capacidade criativa. Já nas Olimpíadas, ocorre menos deslocamento e a qualidade da sua concentração criativa é muito maior também. Atualmente nessa Copa da Rússia teve um modelo diferente de cobertura, em que existiram poucos repórteres itinerantes e muitos repórteres de sede, ou seja, cada cidade sede tinha seu repórter especializado e foi muito mais tranquilo para mim.

**14) Falando especificamente do Jornal Nacional, que tem um público muito heterogêneo e é a maior audiência entre os telejornais do Brasil, qual o encaminhamento que você buscava dar para as suas matérias no JN?**

O encaminhamento de VT para o Jornal Nacional não muda muito conforme a modalidade. A gente pensa exatamente no público, pensa em ser mais didático para ter uma maior capacidade de absorção e também ao mesmo tempo puxar para as relações humanas, ou seja, conseguir trazer uma história mais humana dos jogadores presentes dentro daqueles grandes times e números. É sempre um desafio grande, mas é algo que marcou muito a minha carreira, porque eu sempre fui mais associado aos jornais de rede da Globo, então eu desenvolvi esse esquema muito cedo e eu consigo ter a capacidade de entender bem o que funciona ou não no Jornal Nacional.

**15) Existia alguma orientação específica para fazer uma matéria para o Jornal Nacional?**

Não, nenhuma orientação. Na verdade com experiência de muito tempo produzindo essas matérias para o Jornal Nacional a gente acaba ganhando bastante autonomia por parte dos chefes de reportagem que nos escalam, até mesmo na questão das matérias serem pouco cortadas ou modificadas.

**16) Qual era a linguagem que você buscava usar no seu texto para o JN? Como você buscava construir um VT durante as Olimpíadas para esse telejornal?**

Eu tenho um conceito de reportagem para a televisão que eu uso muito em todos os jornais, até no Jornal Nacional que exige um pouco mais de precisão. Eu tento manter sempre esse modelo, que é: privilegiar imagens e boas entrevistas durante uma

reportagem, ou seja, personagens, imagens e boas entrevistas. Às vezes quando você tem um minuto e meio a tendência é você contar o máximo de detalhes sobre aquele jogo/partida/prova e eu não concordo muito com esse modelo. Na minha opinião você deve ser mais sucinto. Escolher e linkar um tema mais interessante para aquele público e dentro desse tema se aproveitar do acesso aos personagens para que eles dêem a visão deles, deixando o material ainda melhor.

**17) Diferente da Copa do Mundo, que estava envolvendo o esporte de maior paixão nacional, a olimpíada trazia diferentes modalidades para a competição. Isso em algum momento foi um desafio?**

Com certeza costuma ser um desafio para quem cobre esportes menos populares, como, tiro, por exemplo. Esse não foi o meu caso. Com o vôlei que é um esporte popular e adorado pelos brasileiros, existiu uma menor explicação técnica.

**18) O pré-requisito para uma matéria entrar no Jornal Nacional é a qualidade do material nas mais diversas partes: imagem, sonora, texto. Como funcionou a sua integração com os demais profissionais da equipe para amarrar todos esses pontos e emplacar os seus VT's?**

Como eu falei não muito diferente do que já era feito. A confiança no meu trabalho foi bem grande e eu pude produzir as matérias sem muita intervenção dos editores. Os VT's eram muito pequenos e foi bem tranquilo essa adequação de conteúdo para o Jornal Nacional.

**19) Na cobertura da Copa do Mundo você destacou alguns momentos que mostraram toda essa integração, linguagem e destaque para a produção dos materiais do JN, como o próprio esquema de concentração mais aberto da Holanda que permitiu a produção de diversas matérias mais descontraídas. Nas olimpíadas você lembra de algum momento de destaque como esse?**

Nas Olimpíadas eu cobri um time que eu conhecia muito melhor e que meu acesso aos personagens era muito maior também, porque foi uma geração que eu vinha acompanhando há muito tempo e eu consegui todas as entrevistas que foram necessárias, inclusive com os jogadores estrangeiros e é muito legal poder trazer essas palavras para o grande público do Jornal Nacional, mas não teve momentos pitorescos e curiosos como com a Holanda na Copa do Mundo de 2014.

**20) Para você, em termos gerais, quais foram as maiores diferenças na cobertura desses dois megaeventos esportivos?**

Certamente as principais diferenças foram causadas pelo deslocamento, que gerou uma melhor qualidade e estrutura para o trabalho no caso das Olimpíadas, nos capacitando de escrever e realizar matérias mais qualificadas para o público.

**APÊNDICE F – ENTREVISTA GUILHERME ROSEGUINE, REPÓRTER  
ITINERANTE DO NÚCLEO COPA**

**1) Qual foi a estrutura oferecida para os trabalhos com a equipe durante a cobertura do mundial?**

A estrutura para a nossa cobertura foi muito boa. Essa estrutura inteira também é um diferencial para o nosso trabalho enquanto jornalistas. Para a Copa nós tínhamos a mesma infraestrutura que eu uso em grandes coberturas internacionais, desde 2007.

O principal ponto a se destacar nessa estrutura de cobertura nossa é a logística impecável, tanto de equipamentos, planejamentos de viagem, estadia e até coisas que muita gente não leva em conta, mas fazem toda a diferença, como o tipo de internet do local para o qual nossa equipe está indo. Um exemplo disso para você ter noção é que nós mandávamos todo o material que era pedido para o nosso grupo via internet, então como a minha equipe itinerante ficou responsável pelo Uruguai, que ficou com o CT em uma cidade muito pequena, Sete Lagoas, em Minas Gerais, antes de a Copa começar uma equipe da Globo foi pra lá e constatou que a internet era muito ruim para o que precisávamos. Depois dessa constatação, eles construíram uma rede de internet que atendesse as nossas demandas só para a nossa equipe usar no hotel em que estávamos hospedados.

Esse tipo de coisa funciona muito bem e dá à tranquilidade para que nós possamos focar exclusivamente no nosso trabalho jornalístico. Grande parte do sucesso de toda a nossa cobertura na Copa se deve a essa logística impecável que nos foi proporcionada.

**2) Como funcionou o trabalho da sua equipe em especial durante a cobertura do evento? Por onde você passou? Quais experiências mais chamaram sua atenção durante os trabalhos?**

Todas as equipes itinerantes tinham o mesmo organograma para trabalhar, sendo que elas eram compostas por: um repórter, um produtor, um editor de imagem e um cinegrafista. Para onde quer que nós fôssemos mandado quem ia eram esses quatro profissionais.

A nossa cobertura começou bem cedo, nós fomos acompanhar o Uruguai lá no próprio Uruguai, antes deles virem para o Brasil. Isso foi possível porque se tratava de uma viagem mais barata do que para outros países, onde as passagens aéreas ficariam muito caras e os gastos tornariam a estadia no local exorbitante. Como para o Uruguai os preços eram bem em conta, quase que os valores pagos em um deslocamento nacional, nós fomos para lá antes deles virem para o Brasil. Nosso primeiro destino foi Montevideu, onde ficamos lá acompanhando a preparação da seleção e, depois, nós viemos para o CT no Brasil, em Sete Lagoas, Minas Gerais. Depois disso nós passamos a nos deslocar com a equipe uruguaia conforme ela viajava para cumprir sua agenda de partidas dentro do Mundial.

Todo esse acompanhamento periódico traz uma proximidade muito grande entre nós jornalistas e o elenco da seleção, então nos conseguimos fazer uma cobertura melhor nesse esquema, porque volta e meia você com os seus contatos acaba conseguindo uma informação privilegiada, uma imagem legal para o VT e por aí vai.

Entre os meus trabalhos na Copa eu destaco o fato de que nós não podemos depender somente das fontes oficiais de uma Federação de Futebol ou dos jogadores. Nesse período que ficamos em Montevideu todos os treinos da seleção uruguaia foram fechados, então eu dependia das apurações em *off*, de conversa com pessoas ligadas ao elenco e esse tipo de coisa para fechar materiais relevantes para o telespectador brasileiro que estava aguardando aquela informação.

Depois da eliminação do Uruguai eu fiquei dependendo das demandas da casa para me deslocar, sendo que eles sempre levavam em consideração a proximidade da equipe itinerante do fato que deveria ser coberto. Meu primeiro trabalho depois da eliminação do Uruguai foi um jogo entre Argentina e Bélgica em Brasília, pelas quartas de final. Logo depois o Neymar sofreu aquela lesão na partida contra a Colômbia e eu fui realocado para o setor que eu mais cubro no dia a dia mesmo em São Paulo, que é a editoria de 'ciência do esporte'. A partir desse momento meus trabalhos foram todos voltados para essa parte da cobertura, até porque é uma coisa que eu estou acostumado a lidar mais no meu trabalho diário na redação.

Dentro da minha cobertura em específico eu destaco o fato de um jogador especial que tinha na minha seleção, o Luís Suárez. Só por ser quem ele é o Suárez já é notícia. Antes da Copa ele estava se recuperando de uma lesão no joelho, então nós

ficamos em cima dele para saber se ele ia ou não jogar no Mundial. Para todos os jornalistas que cobriam o Uruguai era papel fundamental entender aquela figura emblemática para a equipe, por isso, antes da Copa, eu mesmo pesquisei tudo que eu podia saber sobre ele para tentar desconstruir esse personagem midiático que é o Luís Suárez. Quando o Suárez resolveu morder o Chiellini no jogo contra a Itália, aquilo não me surpreendeu. Eu pelas minhas pesquisas de arquivo e, também, *in loco* no Uruguai, sabia que o Suárez era um cara capaz de fazer aquilo, então quando aquilo aconteceu, o mais legal de tudo era que nós estávamos preparados. Eu sabia o que fazer; nós sabíamos que não era a primeira vez; nós sabíamos quem nós tínhamos que ouvir para as matérias; ou seja, tínhamos tudo esquematizado já. A preparação previa de um repórter entra nesse momento, quando um fato que na maioria das vezes arranca o cabelo de quase todos os jornalistas é algum natural e comum para você. Quem tá com informação na mão sabe o que fazer.

**3) Falando especificamente do Jornal Nacional, que tem um público muito heterogêneo e é a maior audiência em telejornal do Brasil, qual o encaminhamento que você buscava dar para as suas matérias no JN?**

Quando eu ia fazer uma matéria para o JN eu pensava e resumia todo o meu raciocínio em uma palavra só: relevância. Eu sempre buscava isso: o que é relevante entre o que está acontecendo aqui para um público amplo de TV aberta, que não acompanha somente o Uruguai, ou que mesmo não conhecer a história desse time?

Nesse sentido eu sempre buscava pegar o que era necessariamente fundamental no dia para a matéria do JN. Aquilo que o telespectador de casa precisa entender enquanto notícia nesse 1 minuto, 1 minuto e meio que eu tenho para passar. A partir daí é que eu dava o encaminhamento para os meus conteúdos para o Jornal Nacional.

**4) Existia alguma orientação específica para fazer uma matéria para o Jornal Nacional?**

Orientação específica não. A única orientação que você tem no caso de uma cobertura grande como essa é a questão do tempo. O tempo é extremamente escasso, porque o jornal tem que cobrir muita coisa. Imagina o Jornal Nacional, que não é o telejornal com maior tempo de produção diária da Globo, ou mesmo não tem um público específico como outros, já que, ele tinha que cobrir outros assuntos além da

Copa nesse período, ter que acompanhar ainda um evento do porte da Copa do Mundo no seu país diariamente, você tem que ser conciso. Nesse caso eu retorno a questão da relevância ser um fator fundamental para as notícias que entravam no JN, porque você precisa escolher precisamente o que você que falar e transmitir aquela mensagem para o público sem enrolar ou titubear demais.

**5) Como funciona o sistema de apurar e vender matérias para o Jornal Nacional? Você enquanto repórter também participou ou era um trabalho exclusivo para o produtor?**

Foi um sistema muito bem estruturado antes de a cobertura começar. Com a nossa equipe a logística pensada funcionou muito bem. Era responsabilidade minha e do produtor passar os produtos feitos ao longo do dia para o Núcleo Copa, que fazia toda a intermediação com o Jornal Nacional. Lá no JN eles tinham o tramite interno deles que aprovava ou não o material que nós vendíamos/produzíamos. Daí o Núcleo Copa fazia o contato falando da aprovação e deixava o gancho para que nós a partir de então passássemos a lidar diretamente com o editor de texto responsável pela Copa no JN.

**6) Qual era a linguagem que você buscava usar no seu texto para o JN? Como você buscava construir um VT para esse telejornal?**

Eu sempre tentava usar uma linguagem que deixasse o texto com uma pegada entre o entretenimento e a informação, sem exagerar muito para nenhum dos dois lados. Essa lógica eu usava porque eu sabia que parte do público assistia as notícias da Copa somente como uma diversão, para relaxar de problemas do dia a dia, então essa pegada mais leve e mais solta tinha que estar presente, mas ao mesmo tempo, tinha uma coisa muito importante em jogo nesse evento, uma Copa não é como um jogo qualquer de futebol, então essa era uma disputa que mexia com muito dinheiro, muita gente e, também, muita paixão, logo eu tinha que tratar o assunto também com a seriedade que ele merece. Nessa metade mais ‘séria’ eu usava como trunfo sempre a precisão de informação, porque o aficionado pelo esporte entende quando aquela matéria está trazendo uma informação relevante e coisa do tipo.

**7) Como você buscava dosar a quantidade de informação esportiva e entretenimento durante uma matéria sua para o JN?**

Isso vai muito da percepção do dia a dia e do enfoque que a sua pauta vai ter. Por exemplo, no dia em que o Luís Suárez mordeu o Chiellini o ‘futeboles’ fica um pouco de lado porque o fato é tão bizarro que a curiosidade ganha o enfoque do fato. Naquele dia o personagem Luís Suárez estava se impondo de maneira muito evidente, então a pegada tinha que ser quase toda nessa onda.

De uma forma geral você tem que jogar de acordo com a situação do dia a dia. Obviamente a formação e o estilo que o repórter cria ao longo de sua carreira também influencia, já que nós temos repórteres que pendem mais para o entretenimento, outros que evidenciam mais a informação, mas isso vai de acordo com a visão pessoal de cada um sobre o fato. O grande ‘x’ da questão nessas situações é você fazer com que na sua matéria não seja somente o seu ponto de vista a ser mostrado, você tem que pensar que você está fazendo um conteúdo para determinado público, não para satisfazer somente as suas demandas pessoais. Antes de qualquer matéria era essa a pergunta que eu me fazia: o que o público precisa saber disso daqui?

**8) O pré-requisito para uma matéria entrar no Jornal Nacional é a qualidade do material nas mais diversas partes: imagem, sonora, texto. Como funcionou a sua integração com os demais profissionais da equipe para amarrar todos esses pontos e emplacar os seus VT’s?**

Isso é algo bem básico dentro da nossa própria rotina de trabalho: televisão é trabalho de equipe. Não adianta o repórter dar o seu melhor durante uma cobertura se o cinegrafista não se dedicar também, assim como o editor de imagem e o produtor. Se o conteúdo não está redondinho, com o melhor em ambos os aspectos da matéria, a matéria não vai entrar no Jornal Nacional. Você precisa ter um time muito bem integrado para emplacar VT’s no JN e isso era uma coisa que nós tivemos ao longo da Copa do Mundo.

Desde a nossa cobertura de ‘aquecimento’ no Uruguai, nós começamos a pegar todos os esquemas de trabalho que cada um tinha. O tempo que cada profissional precisa para dar o seu melhor naquela matéria; qual é o ponto que eu posso destacar dentro da minha parcela da matéria para valorizar o trabalho dos demais; e esse tipo de coisa.

Com televisão é sempre assim, você costumar valorizar demais o repórter porque é ele que aparece no vídeo, mas fundamentalmente o meu trabalho depende dps demais profissionais para ser bem executado. É trabalho de equipe.

Dentro dessa realidade eu até cito dois trabalhos que foram bem legais e mostraram a integração da nossa equipe. O primeiro foi lá na nossa cobertura anterior no Uruguai. O grande chamariz dessa seleção para ter junto a ela uma equipe itinerante foi porque eles ganharam a Copa de 1950 aqui no Brasil. E por umas apurações nossas a gente acabou descobrindo que os jogadores da seleção assistiram as partidas do time uruguaio de 1950, mas a intenção não era exaltar aquele elenco e sim exorcizar a presença daquele elenco nas suas histórias, meio que bancando ‘nós não somos aquele time e não estamos indo para o Brasil repetir esses passos, nós vamos fazer a nossa própria trajetória’. Quando nós contamos essa história no JN foi um retorno muito legal do público, porque eles esperavam que fosse totalmente o contrário. O segundo foi quase no final da Copa do Mundo, com a Alemanha e a Argentina já definidas na final do Mundial, foi bem legal também, porque o Estúdio da Copa já tinha acabado, a Patrícia estava de volta a bancada tradicional e para entrar com qualquer material no jornal tinha que ser algo bem diferente, porque a venda de matérias abriu para quase que o país todo, já que só restavam duas seleções a serem acompanhadas. Em uma pesquisa minha eu acabei descobrindo que a Argentina e a Alemanha eram as seleções que tinham o melhor retrospecto do Mundial em cobranças de pênaltis, então conseguimos fechar uma matéria muito legal para o JN.

## **APÊNDICE G – ENTREVISTA PEDRO BASSAN, REPÓRTER ITINERANTE DO NÚCLEO COPA E OLÍMPICO.**

### **1) Qual foi a estrutura oferecida para os trabalhos com a equipe durante a cobertura do mundial?**

Ao todo nós éramos quatro membros na equipe, assim como em todas as equipes itinerante foram. Entre esses quatro profissionais nós tínhamos um repórter, um produtor de jornalismo, um editor de imagem e um cinegrafista. No caso da minha equipe eu era o repórter, o Marcel Lins era o produtor de jornalismo, o Sérgio Neves editor de imagem e o Wanderlei Cebonquine o cinegrafista.

Além disso, nós tínhamos sempre total apoio do setor de produção fixo aqui na redação do Núcleo Copa, que cuidava também dos nossos deslocamentos, da logística, que sempre é uma parte muito complicada em um grande evento como esse, e administrando todas as equipe itinerantes pelo país, além das ofertas de outras praças que também vendiam matérias com assuntos relacionados à Copa.

### **2) Como funcionou o trabalho da sua equipe em especial durante a cobertura do evento? Por onde você passou? Quais experiências mais chamaram sua atenção durante os trabalhos?**

Nós começamos com a Espanha. Antes mesmo do Mundial começar o QG dessa cobertura decidiu por investir na produção de conteúdo diário de algumas seleções, se não me engano foram sete ao todo. Essas sete seleções foram escolhidas por serem apontadas como favoritas ou trazerem na sua história algo que fosse render boas histórias para os jornais da casa. Por exemplo Portugal, ela não era uma das seleções que despontava como grande concorrente da Copa, mas dentro do seu elenco ela tinha o Cristiano Ronaldo, que era um figura que com certeza iria ser um dos centros de atenção da Copa, por isso, uma equipe itinerante acompanhou os trabalhos daquele grupo. No meu caso eu fui escalado para acompanhar a Espanha, que era a atual campeã e também era apontada como uma das grandes forças a disputar o título aqui no Brasil.

A nossa cobertura começou antes mesmo do Mundial ter início aqui no Brasil. Minha equipe inteira foi para a Espanha acompanhar a preparação do elenco para o

Mundial lá no país natal deles. Nosso ponto de referência lá foi o Centro Nacional de Treinamentos da seleção espanhola, que fica nos arredores de Madri, e lá nós ficamos durante uma semana acompanhando a preparação do time. Depois nós fomos juntos com o time da Espanha para os Estados Unidos, onde eles ficaram uma semana em Washington fazendo adaptação ao fuso horário e só depois que nós viemos com eles para o Brasil, sendo que aqui eles se instalaram em Curitiba.

A nossa ideia era que nós íamos ficar boa parte da Copa do Mundo em Curitiba, porque achamos que a Espanha seria uma das seleções que ia longe no Mundial, mas isso não se concretizou porque a Espanha foi embora muito cedo, se não me engano a Espanha foi a primeira seleção a oficialmente estar eliminada da Copa do Mundo, porque no terceiro jogo da primeira fase ela já não tinha mais chance nenhuma. O tempo então que nós ficamos em Curitiba foi somente no intervalo entre os dois primeiros jogos da primeira fase.

Depois disso, nós passamos a ser realocados para acompanhar equipes que antes não estavam naquele grupo que despontava como favoritas ou boas produtoras de conteúdo. No meu caso eu acabei pegando logo em seguida os adversários do Brasil nas duas primeiras partidas da fase eliminatória: Chile e Colômbia. Depois eu fui realocado para ajudar o Renato Ribeiro na cobertura da Alemanha e lá fiquei até o final da Copa. Vale destacar que essas decisões de mudança na cobertura eram tomadas pelas nossa base aqui no Rio de Janeiro, porque daqui eles tinha a capacidade de levar em conta outros fatores que são importantes nesse caso, como: deslocamento, gastos de manutenção e agenda de cobertura. Assim que a seleção que nós estávamos acompanhando era eliminada, nós já ficamos de prontidão esperando a ligação para saber qual era o nosso novo foco de cobertura.

Entre todos os trabalhos que eu fiz eu acho que a viagem para a Espanha foi um momento bem legal dessa cobertura, porque foram duas semanas onde nós pudemos ficar conhecendo o elenco inteiro e construir um relacionamento com aquele time. Eu fui o único jornalista estrangeiro que viajou junto com a seleção da Espanha no avião da Federação. Esses momentos que nós dividimos antes do mundial geraram uma confiança para que eu pudesse fazer boas matéria e, até mesmo, adquirir conteúdos ‘exclusivos’ junto ao time de jornalistas e jogadores espanhóis para os jornais brasileiros.

**3) Falando especificamente do Jornal Nacional, que tem um público muito heterogêneo e é a maior audiência em telejornal do Brasil, qual o encaminhamento que você buscava dar para as suas matérias no JN?**

Fazer matéria para o Jornal Nacional tem uma regra dentro da cobertura: vamos pegar a principal informação do dia para esse VT. Nesse sentido as entrevistas mais impactantes, as imagens mais marcantes e os ‘sobe sons’ mais relevantes iam todos para a matéria do JN. Resumindo, não é muito difícil você selecionar qual é o conteúdo que você vai usar no Jornal Nacional, o material se auto seleciona porque aquele é o maior jornal da casa, então o melhor dos nossos esforços tem que estar ali.

O desafio dos VT’s do JN eram mais em outra pegada, porque o público que assiste ao jornal é muito grande e pouquíssimo uniforme, então nosso trabalho era sempre tentar fugir do ‘jargão’ e não usar termos típicos do futebol que somente quem acompanha o esporte diariamente vai entender. Nossa missão era sempre ampliar o público que seria atingido pelas nossas matérias. Falar para aquela pessoa que não acompanha o futebol, mas que acabou se engajando com a Copa porque aquele evento mudou também a sua realidade. Essa é uma preocupação que nós já temos quando fazemos uma matéria para o JN, mas como a Copa também fazia parte de uma editoria específica do jornal, essa atenção foi redobrada.

Outro desafio também era a questão do tempo, mas no meu caso eu sempre gostei de tentar fazer as coisas o mais curto possível. O exercício de sintetizar os fatos de um dia inteiro em uma matéria de um minuto e pouco é algo desafiador para muita gente. Mas aí eu pego uma frase que sempre me guiou na profissão: ‘escrever um texto com 300 palavras é fácil, quero ver escrever um com 30’. Então nós até tínhamos uma brincadeira entre nós, porque era necessário resumir ao máximo tudo que aconteceu no dia sem perder qualidade de informação e o atrativo do entretenimento, sendo que sua história tinha que ter começo, meio e fim, ou seja, era o ‘Show do Minuto’.

**4) Existia alguma orientação específica para fazer uma matéria para o Jornal Nacional?**

As pautas sempre são muito conversadas, sendo que nós recebíamos demanda e feedbacks dos chefes aqui no Rio, mas também tínhamos total liberdade para oferecer e opinar sobre as decisões, era como uma avenida de mão-dupla. Na prática nós sempre

fomos conversando e acertando as demandas que chegavam com o que nós realmente conseguiríamos colocar em prática na rua. No meu caso por exemplo, eu recebi um pedido específico do JN para fazer uma matéria sobre o técnico do Chile, Jorge Sampaoli antes do Brasil enfrentar a equipe nas oitavas de final. Se eu tivesse que sistematizar essa relação acho que ela se divide em 50% e 50%, sendo que 50% das pautas nos oferecemos e os outros 50% eles nos pedem para fazer.

**5) Como funciona o sistema de apurar e vender matérias para o Jornal Nacional? Você enquanto repórter também participou ou era um trabalho exclusivo para o produtor?**

Tudo necessariamente tinha que passar pelo Núcleo Copa. Quem eram os encarregados do relacionamento dos telejornais com os conteúdos produzidos eram os cabeças desse Núcleo. Esse é um sistema de cobertura que inclusive preserva as equipes que estão na rua fazendo matéria, porque você imagina, se cada telejornal da Globo faz um pedido diferente para mim, só o tempo que eu gastaria no telefone falando com cada um dos produtores e editores desses jornais consumiria grande parte do dia. Por isso, sempre que um mega evento vai ser coberto pela Globo o relacionamento dos telejornais passa pelo Núcleo responsável por aquela cobertura. Isso evita também constrangimentos como superposição de pautas, trabalho repetido e desencontros.

**6) Qual era a linguagem que você buscava usar no seu texto para o JN? Como você buscava construir um VT para esse telejornal?**

Eu estou completando agora quase 20 anos de TV Globo e a linguagem das matérias sempre foi uma das minhas maiores preocupações enquanto repórter dessa emissora. Como nós somos uma TV aberta, nós não podemos segmentar demais o nosso público, pelo contrário, nós temos sempre é que ampliar o público das matérias que nós fazemos. Então no caso do JN eu sempre tive muito isso em mente, porque seja um VT de Esporte, seja um VT policial ou qualquer outro, nossa missão é sempre sair do jargão e da linguagem técnica de cada editoria e transformar a reportagem em uma história que todo o brasileiro que esteja na frente da TV naquele momento entenda. Esse posicionamento para mim vale em qualquer momento que eu esteja fazendo uma matéria para o JN.

Na Copa especificamente nós tinha que tomar o cuidado de não afastar aquele telespectador que não gosta do futebol. Nós tínhamos que levar o evento para esse publico de uma maneira que eles entendessem a sua importância e, ao mesmo tempo, curtissem com o desenrolar da edição tudo que estava acontecendo no Brasil. Vale lembrar que a história ainda continua tendo que ser universal, porque junto daqueles que não gostam de futebol, também tinham aqueles que eram aficionados. Eu acho que esse é sempre o nosso objetivo, mesmo que as vezes nós não consigamos cumprir ele da melhor maneira possível.

**7) Como você buscava dosar a quantidade de informação esportiva e entretenimento durante uma matéria sua para o JN?**

O ambiente em que uma seleção está vivendo eu acho que é algo que desperta o interesse do telespectador quase que de maneira imediata. Em uma Copa no Brasil, saber como os estrangeiros estavam vivendo aquele momento e interagindo com as pessoas e locais por onde passavam era algo curioso. Todos esses momentos fora do campo também impactavam de forma direta no desempenho das equipes dentro de campo. Ao longo do mundial nós pudemos perceber isso. Os alemães depois do título disseram que o relacionamento que eles construíram em Cabralia, na Bahia, foi fundamental para a conquista do título e da forma que eles viveram o mundial no Brasil.

A informação esportiva e o comportamento/entretenimento são coisas inseparáveis as vezes quando você esta cobrindo um evento como a Copa do Mundo. Nós já tínhamos percebido isso na cobertura anterior de outros mundiais, mas aqui no Brasil, como aquele evento estava mudando a realidade de todos nós, afinal éramos nós que estávamos recebendo esses turistas e todo o evento junto com eles, era impossível fazer uma matéria somente focando no treino ou na bola, era necessário contextualizar. Nesse sentido as matérias em si cumpriam com um vetor de informação esportiva, mas não deixavam de mostrar toda a atmosfera que estava em volta daquela informação.

**8) O pré-requisito para uma matéria entrar no Jornal Nacional é a qualidade do material nas mais diversas partes: imagem, sonora, texto. Como funcionou a sua integração com os demais profissionais da equipe para amarrar todos esses pontos e emplacar os seus VT's?**

No caso da minha equipe nós já tínhamos trabalhado juntos na Copa das Confederações e em outras oportunidade em que eu tinha sido correspondente da Globo em Portugal e na China. Nosso caso em particular era quase que estranho, porque a nossa comunicação se dava quase que pelo olhar. Com aquela olhada um já sabia exatamente o que o outro queria em termos de trabalho e tudo mais. Acho que essa integração foi fundamental para todo o sucesso que nós tivemos na cobertura. Fazendo a analogia, é como um treino de futebol mesmo que quanto mais entrosado o time for, melhor.

Todos os dias de manha nós tínhamos uma conversa entre nós quatro para discutir quais eram os aspectos mais importantes daquele momento, além de nos separarmos para cada um correr atrás de uma coisa para viabilizar sempre tudo dentro do *deadline* estipulado, porque aqui no Brasil nós não tínhamos a vantagem do fuso-horário jogando a nosso favor, pelo contrário, sem ele a nossa correria era muito maior e o nosso horário era muito apertado. O Chile, por exemplo, era uma equipe que sempre treinou as 19h00, então nós ficávamos lá na frente do CT o dia inteiro, mas como o JN entrava por volta das 20h30, o tempo hábil para fechar o material essencial do dia era muito pequeno. Então essa sintonia e essa organização eram fundamentais para que tudo desse certo no pequeno tempo que nós tínhamos para fazer tudo acontecer.

**9) No seu caso quando se iniciaram as atividades de preparação para a cobertura das Olimpíadas no Rio de Janeiro?**

Então, na verdade começa desde sempre. A gente tem que estar sempre se preparando e não deixar que esse estudo ocorra a partir de determinado período, porque assim você não vai conseguir um bom resultado. Você precisa estar sempre se informando, se atualizando e buscado estar por dentro das notícias esportivas, porque, ao contrário da Copa, nas Olimpíadas os outros esportes meio que somem, e nos dois anos após a Copa do Mundo, que a gente chama de ciclo olímpico, eles começam a ressurgir. Então, o segredo é estar sempre de olho no que está acontecendo e não deixar para última hora. Pra mim, em especial no caso das Olimpíadas do Rio de Janeiro, eu estive desde o início no anúncio, depois eu mudei pra o Rio e pude acompanhar também a preparação da cidade em si, então digamos que eu me preparei junto com a cidade.

**10) Na Copa existiu o sistema das equipes itinerantes. Logisticamente como é que foi pensar na estrutura de cobertura das olimpíadas para vocês enquanto repórteres?**

Tudo teve que ser pensado nos mínimos detalhes. A maioria das equipes estava aqui no Rio de Janeiro, mas mesmo assim envolve um cuidado muito detalhado, por exemplo, a gente tinha duas redações, uma no IBC e a outra aqui no Jardim Botânico. Os repórteres estavam divididos por redação de acordo com a modalidade que estavam cobrindo. Eu mesmo pessoalmente acho que fui ao Parque Olímpico uma ou duas vezes no máximo durante as Olimpíadas em si, pois eu cobria o vôlei e meu percurso era sempre do Jardim Botânico para o Maracanãzinho. Ou seja, durante esse planejamento da logística foi pensando até a questão de deslocamento, que tinha que ser a menor possível, pois a gente não sabia como a cidade iria reagir ao evento. Outro fator que também ajudou muito foi à experiência do Pan, claro que guardada as devidas proporções de tamanho, mas ajudou muito.

**11) De que forma o Pan ajudou vocês a se prepararem para a cobertura das Olimpíadas? Porque como você mesmo falou, não são eventos com a mesma proporção, mas são semelhantes por tratarem de diferentes modalidades e estarem centrados numa única cidade.**

Foi uma grande experiência, pois a gente pode perceber mais ou menos como é que a cidade iria funcionar, montamos as estruturas de modo geral (em termos logísticos) e elas foram bastante parecidas.

**12) Cada repórter ficou com uma modalidade durante as Olimpíadas?**

De modo geral sim. Claro que sempre tem ajuste, mas de modo geral tudo já estava pré-definido, e aqueles que não tinham essa pre-definição sabiam que teriam que fazer de tudo um pouco ou investir mais em matérias de comportamento. Eu fiquei com a modalidade do Vôlei.

**13) Em termos de logística também e equipe, vocês saiam sempre com uma equipe definida como na Copa?**

Sim, era sempre tudo definido. Claro que nessas situações sempre ocorre algo fora do esperado. Teve um dia que eu fui sair de manhã e minha câmera já estava sendo

usada lá no Parque Olímpico e ninguém sabe por que, mas todos já sabiam seu papel e função a ser cumprida

**14) Em questão de rotina, como funcionou o seu trabalho durante esse período?**

Para ser bem sincero, eu já cobri seis Copas e seis Olimpíadas e essa, por ter sido no Brasil, eu senti uma carga de trabalho menor. O que também ajudou muito foi o fato da equipe ter sido muito grande, então, quando comparamos com outros megaeventos que cobrimos antes, foi uma carga bem menor. Eu cobria os jogos de Vôlei, escrevia matérias sobre eles tinha o ao vivo no Jornal Nacional.

**15) Falando especificamente sobre o Jornal Nacional, que é um telejornal que tem um público muito heterogêneo, já que você não está falando com um público somente da editoria esportiva, o encaminhamento das suas matéria para o JN envolvia algum cuidado maior?**

Existia todo tipo de cuidado possível. Um dos nossos desafios na TV aberta é falar para um público que muitas das vezes não gosta de esporte, então, tem que haver uma preocupação de como contar e falar sobre essas matérias de forma interessante para atraí-lo, o que é um grande desafio para nós enquanto repórteres.

O que eu acho que sempre atrai o público de forma geral é buscar sempre a superação do atleta, ou seja, histórias mais humanas que interessam para todo mundo. Um exemplo de pessoa que eu acho que faz isso muito bem é o Tadeu Schmidt. Os gols do Fantástico são apenas pretextos para contar grandes histórias. Já quando você está falando para um público específico, como no caso do Globo Esporte, você tem que falar para o “heavy user” e pensar em uma linguagem específica, como o fã do esporte está acostumado.

**16) Como vocês dosam a quantidade de informação e comportamento esportivo em uma matéria? Uma linguagem mais coloquial ajuda neste trabalho?**

Sim, claro. Isso é o principal, mas, por exemplo, no jogo de vôlei não adianta eu querer na TV aberta falar sobre todas as estatísticas do jogo: quem fez mais defesa, como é que está o bloqueio e o desenho tático dele - apesar do vôlei ser bem mais emblemático para quem gosta e entende do esporte. Na transmissão dos jogos de vôlei ocorre até mesmo um erro, para quem realmente gosta do esporte a melhor forma de

assisti-lo seria posicionando a câmera no fundo da quadra e essa transmissão ocorre de lado.

Então, o meu principal objetivo é passar a informação esportiva, como resultados e destaque das partidas, ou seja falar sobre o jogo em si, sobre o placar dele, o adversário, mas para tornar aquele material atrativo para todos os públicos eu tendo humanizar essa informação, buscando um foco diferente, que muitas vezes está nos próprios atletas presentes na partida, no público, ou em um técnico.

**17) Durante as Olimpíadas existiu alguma orientação sobre o encaminhamento das matérias ou vocês tinham uma liberdade para a criação delas?**

A gente tem uma liberdade grande. Esse treinamento ele vem de sempre quando queremos emplacar uma matéria no Jornal Nacional, ele não foi feito especificamente para as Olimpíadas. Os repórteres que estavam lá digamos que já estavam e estão habituados a esse tipo de enfoque que é necessário ter e passar para o público.

**18) Diferente da Copa do Mundo na qual você estava lidando com a modalidade que é febre no Brasil, nas Olimpíadas existem diferentes modalidades, com diferentes enfoques e até mesmo atletas que chamavam mais atenção que a própria modalidade. Isso em algum momento trás alguma perspectiva nova para vocês repórteres?**

Com certeza, o que é muito legal, porque é quando você tem a oportunidade de realmente explicar de fato o que está acontecendo no momento, que é a principal função do jornalismo em si. Para mim em específico o evento mais interessante que eu fiz até hoje foram as Olimpíadas de inverno de 2006, em Turim. Eu me senti muito realizado, porque eu tinha que explicar todos os esportes (fazer um campo maior de pesquisa) e ao mesmo tempo explicar o papel dos ídolos daquele esporte e o que fazia deles atletas destacados dos demais. Eu vejo as Olimpíadas como um respiro para falarmos de esportes diferentes que não seja somente o futebol, que já é muito comentado.

**19) Teve algum fato que você considera de destaque dentro da sua atuação nas Olimpíadas de 2016? Como algum material que você gostou muito de fazer ou até mesmo alguma matéria específica e por quê?**

Então, na verdade, teve uma que eu gostei muito de fazer, ela foi ao ar três semanas antes das Olimpíadas e foi o perfil dos atletas, contando os principais destaques dos atletas brasileiros, suas conquistas e objetivos. Para isso, a gente foi atrás de descobrir a história de vida de cada um e foi fascinante realmente mergulhar na vida deles.

**20) Em termos profissionais, você estava no seu país e em uma cidade que você já estava habituado. Isso trás alguma perspectiva nova para você enquanto profissional?**

Sim, com certeza. Foi incrível para mim como jornalista que já acompanhou tantas Copas e Olimpíadas em outros países. Foi maravilhoso ver tudo aquilo acontecendo no meu país e ver ele se transformado num local Olímpico durante alguns dias e o mundo inteiro vindo pra cá ou de olho nele. Com isso, eu também fui capaz de ter um senso de proporção bem maior (se estava tudo sendo bem organizado ou não), o que eu já adianto que sim, todos gostaram de estar aqui e tudo funcionou muito bem. Claro que erros acontecem, mas isso ocorre em todos os lugares.

**21) Em termos gerais, para você como profissional, quais foram as diferenças da Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016 em questão de cobertura?**

Primeiramente uma diferença logística, na Copa você tem que viajar muito e na Olimpíada é uma rotina, todos os dias no mesmo lugar. Em termos de conteúdo para mim não teve tanta diferença porque eu cobri o vôlei que é um esporte cujo brasileiro já está mais habituado também. Em questão de tempo, a Copa é bem mais longa que a Olimpíada, portanto bem mais desgastante. Já o clima em geral foi bem parecido, as pessoas muito receptivas e com orgulho do seu país.

## **APÊNDICE H – ENTREVISTA LILIA TELLES, REPÓRTER EDITORIA RIO PARA COBERTURAS NA COPA E OLIMPIADAS.**

### **1) Qual foi a estrutura oferecida para a sua equipe na cobertura da Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos Rio 2016?**

A estrutura para a Copa não foi muito diferente da do meu dia-a-dia. Eu era uma repórter credenciada, então eu tinha acesso ao Maracanã e com isso eu conseguia fazer uma cobertura mais local, ir até os jogos, assisti-los e gravar passagem tanto dentro quanto do lado de fora que a movimentação era enorme. A estrutura era composta de um cinegrafista, um operador e a equipe de geração que ficava do lado de fora (o que era um problema, pois eles não tinham acesso tão facilmente). Já nas Olimpíadas tudo foi “mega” porque com o credenciamento você tinha acesso a realmente tudo e todos os locais com exceção das arenas, o que facilitou muito o nosso trabalho e as matérias eram em grande parte para não falar sempre, de comportamento.

### **2) Você ficou com a responsabilidade de quais conteúdos durante as olimpíadas e copa? Como sua rotina se estruturava de acordo com essa cobertura?**

A minha matéria era basicamente de comportamento, a gente fazia tudo que era relacionado a comportamento dentro da cidade olímpica, inventava pauta junto com o Marcelo Moreira que era o coordenador da Editoria Rio para o Jornal Nacional e foi tudo super bacana, uma experiência muito legal, porém trabalhoso, eu chegava lá cedo e saía de lá à noite com uma mudança de temperatura que estava intensa na época.

### **3) Qual era a logística de trabalho para sua equipe em ambos os eventos?**

Nas Olimpíadas o meu trabalho começou antes mesmo do evento, porque eu já fazia matéria, como por exemplo, as alterações que iriam acontecer no transporte, matéria pro fantástico e matérias pro jornal hoje mostrando como a cidade estava alterada diante as mudanças nos transportes públicos e toda a logística para atender as demandas das Olimpíadas.

### **4) Pensando na cobertura específica para o Jornal Nacional, como funcionava o relacionamento para a oferta de materiais para esse telejornal? O Núcleo responsável pela cobertura fazia a mediação? Vocês tinham contato direto com**

**editores do telejornal? Era um trabalho conjunto da equipe ou responsabilidade do produtor?**

Eu era a repórter do Jornal Nacional da Editoria Rio e o Marcelo Moreira que era o editor responsável. A gente pensava no dia-a-dia, o que poderíamos oferecer e o que era mais interessante para aquele público específico do Jornal Nacional e o Marcelo era quem fazia essa mediação com os editores do telejornal e com o esporte, pois nossas matérias não podiam coincidir muito com as matérias do esporte, era realmente uma pegada mais comportamental.

**5) Ainda falando sobre o JN, que tem um público muito heterogêneo e é a maior audiência entre os telejornais do Brasil, qual o encaminhamento que você buscava dar para as suas matérias nesse telejornal?**

O encaminhamento e o nosso foco eram muito mais a cidade do Rio de Janeiro e os turistas de todos os lugares que estavam aqui presentes, fazendo uma festa gigantesca e deixando de lado até mesmo as críticas iniciais que, principalmente, a Copa sofreu muito. Eu fazia matérias nos estádios e também fazia pela cidade, em Copacabana principalmente. Nas Olimpíadas a gente ficava praticamente o tempo todo lá dentro da cidade olímpica, mas eram sempre matérias mostrando como aquele megaevento estava engrandecendo a cidade e é claro alguns problemas também, mas principalmente dando voz ao torcedor que estava lá com a gente.

**6) Quais foram as principais diferenças em ambas as coberturas para você?**

A maior diferença nas coberturas foi a estrutura. A estrutura da Copa do Mundo ainda foi totalmente voltada para a Editoria Rio, pois tudo funcionava lá. Já nas Olimpíadas houve uma mega estrutura, com tudo já montado lá dentro da cidade olímpica o que facilitou muito o trabalho, ajudando até mesmo na criatividade.

**7) Você se lembra de alguma história marcante em ambos os eventos que transmite bem como foram os trabalhos nessas coberturas?**

A gente estava fazendo uma matéria sobre os estrangeiros na cidade do Rio de Janeiro (que tinha sido extremamente criticada antes dos eventos por ser muito perigosa) para saber como eles estavam se virando e o que eles estavam achando da cidade e também da estrutura da Olimpíada. Então, eu encontrei um árabe que morava

em Londres e ele estava com uma canga do Brasil na cabeça como se fosse um turbante e ele me disse que estava extremamente encantado e que muitos amigos não tinham vindo por medo e que estavam arrependidos. Nesse VT eu precisava usar fotos que os turistas me mandavam e eu dei meu telefone para ele e pedi que se fosse possível para ele me mandar algumas fotos. Uns dias depois ele me mandou uma história falando que após a entrevista para o Jornal Nacional ele estava sendo reconhecido por todo mundo na rua e adorado por onde passava, e essa história me marcou muito, pois mostra exatamente o carisma e carinho que nos brasileiros temos.